

O *BESTSELLER* INTERNACIONAL

A VIDA DEPOIS DA QUASE MORTE

HISTÓRIAS REAIS MILAGROSAS
DE CURA E DE TRANSFORMAÇÃO

A prova de que existe vida do outro lado
Os dons extraordinários de quem regressou

Debra
Diamond



O *BESTSELLER* INTERNACIONAL

A VIDA DEPOIS
DA
QUASE
MORTE

HISTÓRIAS REAIS MILAGROSAS
DE CURA E DE TRANSFORMAÇÃO

A prova de que existe vida do outro lado
Os dons extraordinários de quem regressou

Debra
Diamond



alma
dos
livros

DEBRA DIAMOND

A VIDA DEPOIS DA QUASE-MORTE

Histórias reais milagrosas
de cura e de transformação

Tradução de
Carla Ribeiro

alma
dos
livros

FICHA TÉCNICA

info@almadoslivros.pt

www.almadoslivros.pt

facebook.com/almadoslivrospt

instagram.com/almadoslivros.pt

Copyright © 2016 Debra Diamond

© 2020

Direitos desta edição reservados
para Alma dos Livros

Título: *A vida depois da quase-morte*

Título original: *Life After Near Death*

Autora: Debra Diamond

Tradução: Carla Ribeiro

Revisão: Silvina de Sousa

Paginação: Maria João Gomes

Capa: Patrícia Silva/Alma dos Livros

Imagens de capa: Freepik e Shutterstock

Impressão e acabamento: Multitipo — Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-8999-22-1

1.^a edição em papel: março de 2020

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão
por escrito do proprietário legal, salvo as exceções
devidamente previstas na lei.

Prefácio

Evelyn Carleton não vê o mundo da mesma forma que as outras pessoas.

Aos trinta e seis anos, Evelyn teve uma experiência de quase-morte que alterou a sua vida para sempre.

Tinha passado o dia a ver pessoas a casar-se no Templo Bahai em Wilmette, Illinois. Na altura, como ela disse, «vivía na faixa mais rápida», trabalhando para uma agência de gestão de talentos enquanto mulher solteira em Chicago. Sozinha no templo, questionava o futuro e preocupava-a a relação com o namorado.

O seu percurso de vida parecia-lhe incompleto. Nessa tarde, postou-se à entrada do templo e exigiu: «Deus, se existe mais alguma coisa, mostra-me. Não darei nem mais um passo até obter algumas respostas.»

Nesse dia, Evelyn teve a sua EQM (experiência de quase-morte), em resultado de pedra num rim que desencadeou uma paragem cardíaca, apesar de até então gozar de perfeita saúde. Foi levada para o hospital de urgência.

«Alguém encheu-me de gelo. Comecei a percorrer um túnel e abandonei o corpo físico», referiu Evelyn mais tarde. «Assim que cheguei ao outro lado, deixei de sentir dor.» Evelyn encontrou uma luz branca e foi-lhe fornecida informação sobre os mistérios do universo. Pôde escolher entre regressar ou ficar, mas depois foi sugada de volta ao seu corpo. «Meses depois, tudo o que eu pensava ser importante parecia não ter qualquer significado», confessou. «Estava diferente e sabia que jamais voltaria a ser a mesma.» Se esse tivesse sido o fim da história de Evelyn, já seria significativo, mas os acontecimentos mais profundos estavam para vir.

Pouco depois da estada no hospital, Evelyn começou a receber misteriosas descargas de equações matemáticas e fórmulas de física quântica. Uma força desconhecida fornecia-lhe espontaneamente essas fórmulas e códigos num processo incontrolável.

Decorridos alguns anos, ouviu falar na minha investigação e contactou-me para partilhar a sua experiência. Quando conversámos, ela estava desesperada. Não entendia a informação, mas esta continuava a chegar-lhe. Passava os dias a registar esses códigos e fórmulas — e tinha *trinta e duas pastas cheias deles*. Ao longo dos últimos vinte anos, Evelyn compilou as fórmulas em cadernos, que mantém enfiados em caixotes nos seus armários.

O que significam esses códigos? Resultarão da sua experiência médica? Psicose? Uma condição neurológica?

Após a sua experiência, mudou-se para o Texas e trabalhou como assistente pessoal. Hoje, vive sozinha num apartamento com jardim, está semirreformada e pergunta-se o que é suposto fazer com os dons. Serão as fórmulas de Evelyn decifradas por cientistas? Será que algum dia desvendarão um grande mistério?

Tony Woody, de vinte e quatro anos, era engenheiro de voo com uma autorização de segurança de alto nível quando se viu envolvido numa colisão quase fatal num jato de treino. Pouco depois, acordou a meio da noite e deu por si a ser transportado para outra dimensão. Viu uma luz brilhante e formas geométricas que eram mais do que tridimensionais, não havia duas iguais. Tony teve vontade de se fundir com a luz. O amor que sentiu era incondicional e sabia que não se tratava de um sonho.

«É tão avassalador que nos domina», diz ele. «Estas experiências foram as mais reais que alguma vez me aconteceram.»

Após o evento, Tony ficou acordado a olhar para a energia residual, para a cintilante luz branca. «O que devia eu fazer?», perguntou ao contar-me a sua história e o inesperado milagre.

Tony debatia-se com muitas perguntas: quem sou e em que estou a tornar-me? Porque tive esta experiência? Passou anos à procura das respostas — estudando princípios espirituais e religiões, incluindo o cristianismo, o sufismo, o zoroastrismo e o budismo em centenas de livros. Eventualmente, concluiu que as respostas estavam para lá das fronteiras da religião ou da teologia.

Embora seja licenciado em tecnologias da informação, desde a sua experiência, Tony é incapaz de utilizar um computador; os computadores reiniciam ou avariam quando ele está por perto. A sua proximidade física faz com que bombas de gasolina avariem e nem sequer pode usar relógio. A sua sensibilidade tornou-se soberana, para lá das avarias de equipamento normal. O filho, que tinha apenas dois anos e meio e dormia no quarto ao lado na altura da experiência de Tony, tem agora vinte e seis anos e também ele é, até hoje, incapaz de usar relógio.

O que aconteceu a Tony? Porque tem esta sensibilidade elétrica que provoca a avaria das máquinas? Com que contactou? E o que tem o local para onde viajou que o fez parecer mais real do que a própria realidade? Estaria «ligado» de alguma forma única?

Jessica Haynes tinha vinte e sete anos e era gerente de uma galeria de arte em Carmel, Califórnia, quando esteve envolvida num terrível acidente de automóvel e sofreu ferimentos letais. Os médicos não achavam que recuperasse ou voltasse a andar.

Até ao acidente, Jessica dedicava-se ao trabalho e ao namorado. A vida era difícil e ela sentia-se incapaz de sair da caixa apertada em que o seu mundo se tornara.

Após o acidente, o resto da vida de Jessica desabou. Viu-se desempregada. O namorado deixou-a. Ficou com o rosto desfigurado, as vértebras da coluna esmagada e os ossos dos pés estilhaçados. Não se mexia abaixo da cintura e as dores eram excruciantes.

Estou morta, pensou ainda deitada na cama do hospital.

Durante a EQM, deu por si num lugar escuro enquanto ondas de energia rolavam por cima dela. Viveu aspetos da infância e da carreira profissional uma e outra vez, e foram-lhe mostradas alternativas para dali em diante.

Ao fim de seis meses, Jessica estava totalmente recuperada do acidente — tanto que corria longas distâncias, apesar de ser suposto usar cinta lombar durante pelo menos seis meses.

Hoje, é artista, vive no Norte da Califórnia, tem um casamento feliz e sente-se completa.

O que curou Jessica? Foi, de algum modo, escolhida por precisar de uma segunda oportunidade na vida? Terá a sua EQM sido a chave para desbloquear o potencial de autocura do corpo? O que trouxe quando foi devolvida que era tão maior do que aquilo que possuía antes do acidente?

DO NORMAL AO EXTRAORDINÁRIO

Como milhões de outros, Evelyn, Tony e Jessica tiveram experiências de quase-morte — *acontecimentos transformadores que os fizeram reexaminar a vida*. Mais importante, eles não regressaram apenas com uma nova perspetiva. A aproximação à morte deixou-lhes dons extraordinários. Poderes especiais. Capacidades que não possuíam antes das respetivas EQM. Estas pessoas normais tornaram-se extraordinárias.

Regressaram os três da experiência de quase-morte com *efeitos secundários* específicos cognitivos, fisiológicos e psicológicos — de uma extensão sem precedentes. E que são permanentes. Os efeitos secundários produziram mudanças radicais na sua vida, incluindo um leque de talentos, dons e capacidades dos quais antes não tinham o mínimo indício. Estes efeitos transformaram-nos em pessoas irreconhecíveis perante os antigos seres.

O que aconteceu a Evelyn, Tony e Jessica para os dotar de poderes aparentemente sobre-humanos? No entanto, nem todos os que passam por uma EQM recebem estes efeitos específicos. A alguns são-lhes concedidas outras características, como sensibilidade química ou sensibilidade à luz, e efeitos psicológicos, por exemplo, espiritualidade aumentada ou um amor profundo pela humanidade.

VIDA DEPOIS DA QUASE-MORTE

Neste livro encontra perfis de uma dúzia de indivíduos que entrevistei, de um universo de cerca de cinquenta pessoas com efeitos secundários de EQM. Cada um tem aquilo a que chamo «efeitos secundários de uma experiência de quase-morte». Estes efeitos não discriminam. Os indivíduos variam amplamente em idade,

localização, estatuto socioeconómico, religião e contexto profissional. Têm entre vinte e sessenta anos, entre desempregados e profissionais de sucesso, entre a costa leste, a costa oeste e o estrangeiro. Incluem homens e mulheres. Um antigo CEO e cientista, depois de quase ter morrido, cria compulsivamente arte durante meses seguidos; um ciberintuitivo comunica com máquinas; uma terapeuta cujo QI subiu ao nível MENSA¹; e um professor universitário cuja visão foi corrigida para um nível mais que perfeito.

Ao longo de três anos, atravessei o país para entrevistar estes homens e mulheres, tentando desvendar o sentido por trás das suas experiências de quase-morte e efeitos secundários. As histórias são verdadeiras e os nomes de quem as experienciou foram incluídos com a sua autorização, exceto três pseudónimos: Evelyn, Marissa e Lyla. Diferentes como são, partilham uma transformação — a qual, para muitos, foi tão complexa, desorientadora e confusa como a experiência de quase-morte que deu início à sua jornada.

Também eu fiquei desorientada da primeira vez que me deparei com uma experiência de quase-morte, e quis imediatamente entendê-la melhor. Explorá-la deixou-me mais perguntas do que respostas. Após ter entrevistado estas pessoas que passaram por EQM, uma série de temas coerentes veio à superfície para desvendar um entendimento mais profundo do fenómeno para lá da experiência de quem a tem. E agora trago-lhe essa informação.

A maioria dos livros sobre a vida depois da morte gira em torno de perguntas como «Voltarei a ver os meus entes queridos?» e «Encontrar-me-ei com Deus ou com o meu mestre espiritual?» Contudo, estas perguntas são apenas o início do que discuto em *A Vida Depois da Quase-Morte*.

Este livro examina as histórias de uma dúzia de indivíduos que voltaram transformados das suas experiências. Mas é também a história de todos nós e da nossa relação com o universo, a realidade e a consciência. E ajuda-nos a entender a natureza energética essencial do universo para esclarecer o sentido da nossa vida.

É essa a história que aqui apresento. Não é fácil explicar os mistérios do universo. Não tem de acreditar nisto, mas eu acredito que é verdade.

Esta obra está dividida em cinco partes. Na Parte I, exploro o meu contexto e as definições básicas da EQM. Na II, examino histórias de pessoas que viveram transformações milagrosas em resultado das suas EQM. Na Parte III, volto atrás e analiso a realidade da EQM e questões sobre como as pessoas que as têm lidam com as repercussões. Na IV, apresento casos mais complexos de efeitos secundários das experiências de quase-morte. E na Parte V, abordo as implicações da experiência de quase-morte para todos nós e para o nosso planeta.

L Sociedade composta por membros cujo QI se situa nos dois por cento mais altos da população geral e que promove o intercâmbio intelectual entre os seus membros. *(N. da T.)*

Introdução

O que é uma experiência de quase-morte? Um delírio? Um desequilíbrio neuroquímico? O resultado de um cérebro moribundo? Ou outra coisa — algo inefável, uma viagem a um reino indescritível que pode transformar para sempre quem a vive?

Em 1975, Raymond Moody criou o termo *experiência de quase-morte* no seu revolucionário livro *Vida depois da vida*, no qual delineou nove elementos da EQM, incluindo uma recapitulação da vida, uma experiência fora-do-corpo, encontros com entes queridos falecidos e uma decisão de regressar ao corpo. Oito anos depois, Bruce Greyson, professor na Universidade da Virgínia, expandiu a lista para abranger dezasseis elementos, englobando uma percepção súbita, a vivência de cenas do futuro e a chegada ao ponto de não retorno.

Segundo a maior parte da literatura, os elementos comuns de uma EQM envolvem uma experiência fora-do-corpo, uma sensação de paz com o universo, um sentimento de amor profundo e uma ligação a uma brilhante luz branca. (O apêndice A fornece uma lista completa e definições de todos os elementos que a compõem.)

Independentemente dos elementos comuns, continua a existir falta de consenso numa definição única para a experiência de quase-morte. Pode-se recapitular vidas inteiras, encontrar seres falecidos e receber dons, tudo no espaço de segundos ou minutos de tempo terreno. A intensidade emocional de uma EQM é diferente de qualquer outra experiência com que uma pessoa se pode deparar na Terra. Mas há muito que continua desconhecido.

A maioria das pessoas pensa que é preciso «morrer» e «voltar» para ter uma EQM. Não é necessário ser-se declarado clinicamente morto, ainda que muitas experiências de quase-morte resultem de acidentes, ataques cardíacos e acontecimentos semelhantes que são muitas vezes, mas nem sempre, fatais.

Também não é fulcral ter os nove elementos de Moody, ou sequer mais que um punhado, para viver uma experiência de quase-morte. Segundo o ACISTE (Centro Americano para a Integração de

Experiências Espiritualmente Transformadoras) e a IANDS (Associação Internacional de Experiências de Quase-Morte), a chave não reside em quantos elementos se experimentam, mas antes que regresse *permanentemente transformado*, incapaz de voltar à vida anterior. Concordo com estas definições sobre a natureza das EQM.

Estas não são invulgares. De acordo com uma sondagem da Gallup de 1992, cerca de treze milhões de americanos dizem ter tido uma EQM. O número pode ser maior, pois muitos recusam-se a discutir a experiência por medo do ridículo e da vergonha.

COMO VÊ A CIÊNCIA A EXPERIÊNCIA DE QUASE-MORTE?

O que tem a comunidade científica a dizer sobre a experiência de quase-morte? Serão as EQM consequência da hiperventilação? Resultado de falta de oxigénio ou de decréscimo na irrigação sanguínea? Ou há uma explicação sobrenatural para o fenómeno?

A ciência continua a acolher a questão da EQM, aliás, da psi (todos os assuntos parapsicológicos), com uma dose saudável de ceticismo. De acordo com o pensamento científico atual, o estado de quase-morte é um delírio causado pela hipóxia (oxigénio reduzido) no cérebro, o que resulta em alucinações. Os especialistas acreditam que o cérebro se desliga entre vinte a trinta segundos depois de o coração deixar de bater, e a partir daí não é possível estar consciente. O pensamento atual alega não existir base para a crença de que sobrevivemos à morte física.

Mas, enquanto a ciência exprime o seu ceticismo, há cada vez mais pessoas que as experimentaram a avançar com testemunhos no YouTube e apresentações no *Dr. Oz* e no *Today*. Parece ser altura de reexaminarmos o significado da EQM e a forma como abordamos a morte e a vida depois da morte.

Quando comecei a percorrer o caminho da exploração da EQM, defini o meu processo da forma delineada no apêndice II, saltei para o desconhecido e dei início ao meu trabalho.

EFEITOS SECUNDÁRIOS DA EQM

O reino da EQM intrigava-me, mas foram os efeitos secundários que me fascinaram.

Estes — o comportamento duradouro que fica terminada a EQM — são transformações permanentes ainda menos compreendidas do que a própria EQM. Não foram amplamente estudados e, na nossa nomenclatura, são muitas vezes vistos como milagres dos tempos modernos. Os efeitos secundários podem ser perturbadores e disruptivos. E não são iguais em todas as pessoas. Tal como cada EQM é única, também o é cada versão dos efeitos secundários.

Certas pessoas voltam à vida com atributos que lhes eram completamente estranhos ou com dons sobrenaturais, como um conhecimento aumentado e capacidades sensoriais pouco convencionais. Algumas exprimem-se como compulsões. Muitos efeitos secundários não têm um escape de expressão na Terra, como a sensibilidade química aumentada ou a capacidade de saber o que perfeitos estranhos estão a pensar ou a sentir. Os efeitos secundários da EQM têm consequências em muitos domínios, do cognitivo e fisiológico ao social e psicológico.

Os efeitos secundários sociais e psicológicos, como a espiritualidade aumentada e o melhoramento da capacidade psíquica, são difíceis de medir e de verificar. Depressa passei além desses efeitos para examinar os mais tangíveis dons cognitivos e fisiológicos — capacidades que podiam ser medidas e verificadas. Ainda que todos os efeitos secundários exijam uma maior investigação, os aspetos cognitivos e fisiológicos, que não tinham sido atentamente examinados, exigiam uma investigação mais profunda. Estava particularmente interessada neles, pois são irrefutáveis e demonstráveis.

EFEITOS SECUNDÁRIOS COGNITIVOS E FISIOLÓGICOS

Os efeitos cognitivos e fisiológicos de uma experiência de quase-morte não se manifestam apenas como talentos invulgares, podem tornar-se obsessões que dominam por completo a vida de quem teve a experiência. Para que fique claro, aquilo a que me refiro não é uma simples questão de martelar determinadas teclas num piano ou de pegar por acaso num pincel para improvisar uma aquarela. As pessoas ficam totalmente focadas nas suas recém-descobertas

capacidades, levando muitas vezes à exclusão de tudo e todos. Dan Rhema (ver capítulo 6) e Ana Callan (ver capítulo 15) não podem desligar o seu fluxo de inspiração. Interfere com a sua vida e com a sua existência quotidiana. Uma força maior — o poder para lá do físico — assumiu o controlo. As pessoas que as viveram são transformadas em artistas, escritores, músicos e matemáticos após a sua EQM.

Os efeitos secundários fisiológicos são ainda mais bizarros: audição aumentada, visão melhorada, QI florescente, robusta capacidade atlética, cura espontânea. Alguns tornam-se assustadores e podem ser perigosos, como o aumento da sensibilidade elétrica. Esses efeitos não devem ser vistos como panaceia ou como a muito procurada resposta para uma vida estagnada. Saiba isto: *os efeitos secundários da EQM vêm com um preço elevado.*

Geralmente, abarcam uma interferência, uma intrusão que pode exigir total reorganização da vida. Podem obrigar a que se abandone velhos hábitos, empregos e estilos de vida em favor de competências não solicitadas que nem sempre se adaptam ao dia a dia.

Os efeitos secundários das experiências de quase-morte constituem uma matéria para a qual existem poucos dados. Sentia-me confortável com isso e com a investigação neste campo, visto que, na minha antiga profissão, eu reunia, pesquisava e sintetizava diferentes pedaços de informação em áreas que não eram bem compreendidas. Estudei indústrias e empresas tão incipientes que nem sequer eram pioneiras. Era essa a minha experiência, e via coisas e ligava os pontos de uma maneira que os outros não conseguiam.

Além disso, sempre tinha sido um híbrido, de acordo com quem trabalhava — e a «vaca do sino», que vai à frente da manada. Essa era eu.

A minha pesquisa no domínio dos efeitos secundários da EQM baseou-se num laborioso labor de muitos anos. À medida que avançava no estudo e identificava pessoas com efeitos cognitivos ou

fisiológicos, utilizava uma metodologia fundamentada nesse trabalho anterior que incluía uma combinação de investigação convencional e psi. (Ver apêndice B para uma explicação mais detalhada da metodologia.)

O MEU DESEJO DE ESCREVER VIDA DEPOIS DA QUASE-MORTE

O meu interesse no reino espiritual resultou de uma profunda experiência que culminou numa vida mais metafísica. Antes, limitava-me ao mundo material enquanto mãe e executiva de Wall Street. A mudança — uma experiência transformadora, mas não de quase-morte — impeliu-me a utilizar as minhas competências e os meus contextos únicos. Há oito anos, tanto a minha vida pessoal como a carreira, marcadas por um sucesso exemplar, mas convencional, foram irrevogavelmente alteradas. Tive uma experiência espiritual que me deixou clarividente. Isto não foi algo que eu tivesse pedido, ou que procurasse.

Nesta experiência «sobrenatural», descobri que podia ver e comunicar com pessoas mortas — e, já que não tinha experiência com este tipo de coisas, fiquei assustada. Consoante a vida se desenrolava, ocorreu-me que estava a lidar com um poder nada convencional. De relutante iniciada no mundo da espiritualidade, passei a treinar a utilização dos dons que me haviam sido dados. Outras coincidências significativas começaram a ocorrer à medida que eu mergulhava mais fundo no mundo da exploração espiritual, e isto resultou no meu trabalho no domínio da EQM. Este evoluiu naturalmente para uma prática em que combinava o meu contexto com as capacidades espirituais.

Embora o objetivo inicial fosse sondar os efeitos secundários da experiência de quase-morte, depressa os acontecimentos — por vezes fortuitos, mas profundamente significativos para mim — me levaram em sentidos diferentes. Estes incluíram um exame bem sério do significado mais profundo por trás da EQM e aspetos que tinham sido maioritariamente ignorados ou severamente castigados por outros investigadores. E os resultados produziram algo espantoso — percepções mais vastas, impressionantes na sua extensão e

complexidade. Deparei-me com as complexas noções de consciência e intenção à medida que explorava o prisma que é a nossa realidade. Surgiram narrativas que incluíam ínfimas histórias de quem tivera uma EQM, que evoluíram para percepções mais abrangentes e uma contemplação do papel do universo na vida de todos nós.

Este foi o trabalho mais importante que realizei. Sei que há quem duvide, e se estivesse sentada na sua cadeira, não tenho a certeza se acreditaria nisto. Uma história transformou-se numa profunda viagem ao etéreo, apesar da sua génese improvável numa sala de aulas perto da Penn Station, em Nova Iorque, há cerca de oito anos. Se alguém me dissesse que a minha vida ia ser virada do avesso e tornar-se irreconhecível, que ia fazer pesquisas no domínio da EQM, rir-me-ia.

Às vezes, senti-me como se estivesse a atravessar um grande banco de nuvens ou a fazer malabarismos com água. Mas também me apercebi de que tive a oportunidade de usar as minhas capacidades para trazer aos outros um conhecimento distinto. Afinal, a morte e a vida depois da morte são assuntos que dizem respeito a todos.

PARTE I
O MEU CONTEXTO

Capítulo Um

A MINHA INTRODUÇÃO AO MUNDO DO ESPÍRITO

«A mais bela experiência que podemos ter é o misterioso.»

Albert Einstein

Pensei nos acontecimentos que me tinham conduzido ao lugar onde estava. Percorrera um longo caminho.

Nasci no Ohio e foi aí que passei a maior parte da juventude. A minha mãe era professora primária e o meu pai um empreendedor. Era boa aluna, do quadro de honra, e entrei para a universidade aos dezassete anos, licenciando-me decorridos três anos. Fiz o mestrado aos vinte e dois. Estava sempre no rumo certo. Um jornalista do *Baltimore Sun* disse em tempos, num artigo de fundo sobre mim: «Chegar cedo — às vezes muito cedo — é a história da vida da Sra. Diamond.»

Depois de ter recebido o meu MBA², fui contratada como analista para uma empresa de investimento. Durante vinte anos, estive muito ocupada, com dez bolas no ar ao mesmo tempo, marido e três filhos. Não havia tempo para me sentar e filosofar e resolver as coisas. Por essa altura, tinha uma carreira de sucesso em Wall Street, investia e comentava na CNBC. Fizera muitas coisas: investimento em capitais de risco, fora membro de conselhos de administração, ajudara empresas a começar negócios e orientara outras.

Quando estava no ramo do investimento, apercebi-me de que tinha uma ajudinha. Sabia coisas. Era um conhecimento espontâneo. Dei como adquirido que tinha boa intuição e estava envolvida numa carreira que implicava palpites intuitivos. O meu chefe costumava dizer: «Debra, tens bons instintos.» E decidi que devia ser essa a resposta. Não sabia de que outra forma o entender. Nenhuma parte do vocabulário de Wall Street incluía linguagem *New Age*. Embora possamos ouvir dizer «Segue o teu instinto» ou «O que diz o teu instinto?», não há lugar para a espiritualidade neste negócio de dólares e cêntimos.

Não disse a ninguém que sabia coisas — como uma indústria podia crescer, como uma empresa ia sair-se, como era uma equipa de gestão. Nos primeiros anos no negócio, deparei-me com ceticismo, mas após alguns anos à frente da alcateia, os outros começaram a dar-me ouvidos. Coçavam a cabeça e diziam: «Não sabemos como fazes, mas continua.» Era referida como «uma investidora absolutamente dotada, com intuições notáveis».

UMA SALA DE AULA EM NOVA IORQUE E UMA VISITA DO ALÉM

Em 2008, tive uma experiência espiritual que me mudou para sempre. De modo a obter contexto para isso, comecei a estudar o trabalho energético e desenvolvi uma prática. No processo, passei a «ouvir» os clientes e desde então utilizo as minhas capacidades de diversas formas.

Sempre tive interesse em desenvolver a intuição e pensei que seria divertido aprender alguns truques para a afinar. Um *workshop* em Nova Iorque sobre desenvolvimento da intuição despertou-me o interesse da primeira vez que ouvi falar nele, mas sempre que pensava em inscrever-me algo acontecia. Agora sei que não estava pronta. Quando estamos preparados, o Espírito põe as coisas à nossa frente. Finalmente, pareceu-me a altura certa e inscrevi-me no curso em novembro de 2008.

Era um curso de fim de semana em Midtown Manhattan perto da Penn Station. *Vai ser divertido, pensei. Vou entrar em contacto com os meus sentidos, aprender a confiar nos palpites — os pressentimentos que todos temos.*

Havia vinte e cinco alunos, homens e mulheres. Alguns tinham experiência, outros eram novatos. A professora era uma académica que escrevera vários livros sobre espiritualidade e religião oriental. Descontraí à medida que começávamos o trabalho. Praticámos exercícios de telepatia mental, aprendendo a comunicar sem recurso ao som ou a pistas visuais e mantivemos as coisas ligeiras.

Estávamos a trabalhar há algumas horas, praticando técnicas de meditação, e fizemos um intervalo. Fui surpreendida quando regressámos e a aula seguiu um rumo diferente.

— Agora vamos fazer uma sessão espírita — anunciou a professora.

Uma sessão espírita? *Nem pensar. Não foi para isto que me inscrevi*, pensei enquanto olhava para a descrição do curso. Invocar os mortos? Julgava que era uma aula de desenvolvimento da intuição. Novas técnicas de consciência plena. Como nos sintonizarmos com o nosso instinto. Talvez alguns exercícios com cartas.

Não podia fugir. Era um membro da turma. *Bem, vou simplesmente fazê-lo, e pronto*, pensei. *Não vai acontecer nada, de qualquer forma*.

— Vou dizer-vos o que fazer se virem alguém — sugeriu a professora. Observei e ouvi enquanto ela explicava que, se uma pessoa que tinha falecido aparecesse ao canto da sala, provavelmente estava associada a um indivíduo sentado nesse canto. Se víssemos alguém, devíamos perguntar se alguém da turma podia identificar essa pessoa. *Interessante*, pensei, *mas não é relevante, pois não vou ver ninguém*. Achei que faríamos isso e passaríamos ao exercício seguinte.

A minha ideia de uma sessão espírita era limitada. Imaginava o toque de trombetas e a turma sentada à volta de uma mesa numa sala escura. Talvez se ouvissem algumas pancadas. Olhei em volta à procura da bola de cristal. Não. Estávamos só numa sala sombria no oitavo andar de um prédio de escritórios.

A professora explicou como devíamos abordar isto. O procedimento. *Está bem*, pensei. Informou-nos que nos ia pôr num estado meditativo. Se víssemos alguma coisa, dizíamos-lhe, e ela ajudava-nos. *Certo. Vou meditar e depois avançamos para o próximo exercício*, decidi.

Fechei os olhos e ouvi enquanto a professora nos punha num estado relaxado. Abrandei a respiração e atentei nas instruções para descontrair o corpo e suavizar o coração. Senti a cabeça pender-me para o peito e afundei-me na cadeira, relaxada, mas ciente de que tinha as costas doridas de estar sentada bem direita.

Experimentei algumas sensações ligeiras, mas rapidamente as descartei. Estava quente, o que atribuí à sala. (Fazia calor em Nova Iorque e a professora sugeriu que mantivéssemos as janelas fechadas, pois o ruído da rua podia incomodar-nos.) Senti um ligeiro formigueiro. A terra não tremeu. A sala em silêncio. Não aconteceu nada fora do vulgar.

E então a professora disse que podíamos abrir os olhos. Se «víssemos» alguma coisa, devíamos dizer-lhe. Sentei-me.

— Alguém «viu» alguma coisa? — perguntou.

Olhei à volta da sala. Os alunos olhavam uns para os outros. Ninguém levantou a mão. Eu ergui a minha.

— Sim, Debra? O que vê? — perguntou ela.

— Vejo cerca de cinquenta pessoas — respondi.

Todos arquejaram. Também eu teria arquejado, só que estava ocupada a olhar para a sobrinha do meu irmão, que morrera um ano antes. Encontrava-se sentada numa cerca branca e parecia feliz. Tinha um pônei branco ao lado. (Ela praticava equitação.) Ao canto da sala, um homem com um bigode curvo abriu um grande sorriso. Um jogador de futebol apanhou um passe a meio da sala. A minha tia ria-se à gargalhada à minha frente. Havia outros que eu não conhecia, incluindo coristas da Rua 42 a saltitar pelo centro da sala. Um vendedor ambulante atravessou à minha frente.

Pareciam reais. Não me ocorreu que olhava para pessoas que tinham morrido. Todos pareciam ansiosos por falar. Só mais tarde entendi plenamente que esses indivíduos não estavam vivos.

A professora perguntou-me o que via.

Quando descrevi o homem com o bigode curvo e o grande sorriso, uma mulher ao canto começou a soluçar. Falou e identificou-o como o noivo, que falecera dois anos antes. A professora perguntou se ele tinha alguma mensagem para ela.

Disse-lhe que ia verificar, apesar de não saber ao certo o que fazer. Perguntei-lhe, e ele respondeu: «Morri.»

— Morreu — disse eu. (Devo dizer que melhorei muito desde então.)

A mulher continuou a chorar. Mais tarde, perguntou se me podia mostrar uma fotografia do noivo durante o intervalo. Tinha fotografias no telemóvel. Podia identificá-lo?

— Claro — respondi, nunca duvidando de que o podia fazer.

No intervalo, ela percorreu as fotografias.

— Aquele! — disse eu, apontando para um homem de bigode curvo, cabelo escuro e sorriso largo. — É ele!

Começou novamente a chorar. Desde que o noivo morrera que queria ter notícias dele e disse que agora estava tranquila, sabendo que ele comunicara com ela. Deu-me um grande abraço e agradeceu-me. Ajudei a facilitar um contacto que ela tanto queria. E de forma significativa.

Parei para pensar nisto.

Tinha feito algo importante. Na minha carreira em Wall Street, nunca fizera nada que suscitasse aquele tipo de resposta. No ramo do investimento, o nosso trabalho é vencer o mercado de ações, pensar melhor do que os outros estrategos ou superar as médias. Tem tudo que ver com o dinheiro. Ajudar alguém não faz parte da missão.

A vida nunca mais voltaria a ser a mesma.

UM NOVO MODO DE VIDA

Apesar das recompensas, eu não tinha pedido esta capacidade e não a procurava. Nesse domingo à noite, a caminho da minha casa em Baltimore, liguei a um dos meus filhos. São três, mas este é particularmente cético e tem sempre notas altas nos testes lógicos. Conte-i-lhe a história do que acontecera na aula. Ele não me interrompeu. Quando acabei, disse-me: «Bem, isso faz sentido. Somos apenas energia, e a energia tem de ir para algum lado.»

A sua explicação pôs a minha experiência num contexto que eu podia entender, embora ainda estivesse perplexa com os acontecimentos.

Não disse a ninguém o que sucedera nesse fim de semana. A maioria das pessoas que eu conhecia trabalhava em Wall Street, e

nenhuma teria entendido ou acreditado em mim, revirariam os olhos ou, pior ainda, rir-se-iam. Não queria parecer maluca.

Não posso deixar a minha vida ir nesta direção, decidi. *Tenho de controlar isto*. Tinham-me atirado um bumerangue. Tentei evitá-lo, mas, de alguma forma, ele agarrou-se na mesma. Não havia volta atrás.

Estava louca? Não me parecia. Tinha feito alguma coisa para provocar isto? Estava a inventar? A minha mente verificou todas as possibilidades. Como podia continuar com a minha vida agora com esta porta aberta? Fingia que não acontecera? Empurrava-o para debaixo do tapete? Não podia.

Sou uma pessoa prática e realista — uma mulher de negócios pragmática. Acho desconfortável a ideia de me definir como psíquica. Isto não era algo que eu alguma vez tivesse considerado para a minha vida. Ou com que sonhasse ou que quisesse.

Não estou preparada para isto.

Tentei não pensar nisso, mas não é assim tão fácil.

Nesse verão, decidi deixar Baltimore — o meu lar — para visitar Taos, no Novo México. O plano era ficar ali a pintar durante dois meses.

Dois anos depois, continuava lá. Isto não é invulgar em Taos. Quando conhecemos os locais e lhes perguntamos há quanto tempo ali estão, eles respondem: «Oh, vim passar um fim de semana — há vinte anos.» Para os artistas, criativos e espiritualistas, o local exerce um poder magnético.

Em Taos, descontraí acerca do que me acontecera e de quem era. Sem me dar conta, comecei a aceitá-lo.

Era a hora, decidiu o Espírito, de eu trabalhar com esta energia. Regozijei-me e assenti ao Espírito.

Passei a treinar, a fazer *workshops* e a estudar sob a orientação de profissionais, incluindo professores do Arthur Findlay College no Reino Unido. Crescia e aprendia acerca das minhas forças à medida que abria o caminho neste mundo novo. A minha intuição, que partira apressadamente após a experiência em Nova Iorque — afastada

pelo medo —, regressou. Com alguma distância e perspectiva, percebi que não via o ato de fazer dinheiro como o princípio e o fim da minha existência.

Sem o empurrão inicial para o mundo do Espírito, teria continuado a ser uma inteligente mulher de negócios concentrada em ganhar dinheiro. Não teria examinado as experiências de quase-morte e nada teria acontecido na minha vida ao longo dos últimos oito anos. Fui empurrada para o mundo da espiritualidade com a subtileza de um ciclone.

Neste livro, descrevo os acontecimentos tal como sucederam comigo e conforme os experimentei enquanto era conduzida ao mundo da EQM. Escrevi esta história à medida que se desenrolava. Já não passava os dias a fazer encomendas de milhões de dólares ou a ouvir os mais recentes rumores de aquisições em Wall Street ou pistas sobre grandes ofertas públicas iniciais. Já não assistia a extravagantes *cocktails* de receção, nem viajava de avião para o estrangeiro a fim de me reunir com clientes, nem assistia a conferências em locais exóticos. Ao invés, utilizava o talento para explorar perguntas sem resposta que respeitam a todos.

Com o passar dos anos, fiquei mais confortável com os novos dons. Em Taos, quando alguém nos pergunta o que fazemos e respondemos «Sou médium», eles dizem: «Eu também!» Não parecia mal fazer este trabalho — pelo menos por enquanto.

Passaram vários anos e tornei-me parte da comunidade de Taos. Tinha o meu grupo de escrita, o grupo de tricô e o voluntariado na SOMOS, a sociedade literária. Fiz bastantes amigos maravilhosos, pessoas bem diferentes dos gestores e analistas financeiros que conhecia. A costa leste parecia muito distante.

Taos serviu como uma espécie de linha divisória entre uma vida e a outra. Evoluí de uma relutante iniciada no mundo da espiritualidade para a utilização dos dons que me haviam sido dados. Desde então, fiz leituras, participei em *workshops* e dei palestras. O meu trabalho concentra-se em ajudar os outros. Se há dez anos alguém me dissesse que eu faria este trabalho, não acreditaria.

Tal como sabia que não havia volta atrás quanto a ter-me instalado em Taos da primeira vez que cheguei; anos depois, reconheci que o meu tempo ali chegava ao fim.

Poria o mundo de Taos para trás das costas? Seria este o fim da minha viagem à vida metafísica?

Antes de deixar Taos, decidi viajar com um xamã de Santa Fé numa busca interior para recuperar informação de uma dimensão invisível — uma espécie de consulta espiritual.

Na viagem xamânica, foi-me mostrada a minha infância: uma menina que nunca se deixava convencer — que escolhia sempre o próprio caminho. Vi um mapa dos Estados Unidos, e em particular uma cidade no Sudoeste. Ignorava onde ficava — ou o estado —, mas sabia que não era no Novo México, nem na Califórnia, nem no Texas. A cidade estava iluminada como uma tenda. Senti que o Espírito tentava mostrar-me alguma coisa, ainda que não soubesse ao certo o que era. Guardei a informação, lembrando-me de estar atenta a pistas sobre este destino desconhecido.

Alguns meses depois da viagem xamânica, regresssei a casa em Baltimore. Passei o tempo a escrever e a pintar, a pôr a conversa em dia com os amigos e a visitar a família. Não tardou a que fosse abordada por uma mulher que tinha «morrido», aos trinta e seis anos, de paragem cardíaca e regressado à vida, desconcertando os médicos. Ouvira falar em mim e perguntou-me se podia ler para ela. Era uma leitura tradicional, não uma leitura EQM, e não tardou que outras leituras se lhe seguissem. Em pouco tempo, através do passa-palavra, lia para outras pessoas, muitas profissionais do Médio Atlântico.

Os meses passaram, estava ocupada e o inverno chegou. O ar limpo e fresco e a misteriosa e penetrante escuridão noturna do Novo México pertenciam ao passado. Em Baltimore, o tempo estava cinzento e húmido. Sentia-me farta do frio até aos olhos. Tinha lido sobre a Feira de Gemas e Minerais de Tucson, que se realiza todos os anos em fevereiro. Os dias agradáveis em Tucson atraíam-me.

Porque não?, pensei.

APROFUNDANDO O MUNDO DAS EQM

Pouco depois, fiz as malas. Planeava acrescentar alguns instrumentos à minha caixa de ferramentas espiritual e desfrutar dos céus soalheiros de Tucson e do seu inverno temperado.

Cheguei ao meu hotel nas Catalina Foothills, sentindo o ar seco e quente na pele. Enquanto desfazia as malas, o telemóvel vibrou com uma mensagem de um amigo. Olhei para baixo.

Conheces o Dr. Gary Schwartz, um eminente estudioso na interseção da ciência com a espiritualidade?

Pesquisei-o no Google. Gary Schwartz tinha feito o doutoramento em Harvard e fora diretor do Centro de Psicofisiologia de Yale e da Clínica de Medicina Comportamental de Yale antes de se mudar para o Arizona para fazer investigação no Laboratório Veritas da Universidade local. O Dr. Schwartz realiza investigação utilizando médiuns para demonstrar o papel do Espírito na orientação.

Schwartz parecia interessante, como alguém que gostaria de conhecer um dia.

Abri uma garrafa de água e o *Arizona Daily Star*, o jornal diário de Tucson, e parei. Um anúncio ocupava uma página: o Dr. Gary Schwartz ia dar uma palestra na noite seguinte na Igreja Unitária, a cerca de quilómetro e meio de onde eu estava instalada. O quarto era quente e, enquanto me abanava, pensei nas probabilidades dessa coincidência.

Não eram muitas, concluí.

Na noite seguinte, sentei-me na primeira fila da Igreja Unitária enquanto uma brisa agitava as bandeiras coloridas suspensas sobre o santuário. Ovi o Dr. Schwartz apresentar as suas evidências sobre a prova do Espírito. No fim, avançou outro orador que fez um anúncio. Na noite seguinte, haveria uma reunião do grupo local de experiências de quase-morte. *Porque não? Vou a isso também.*

Na noite seguinte, estava de volta à capela, a ouvir como Dave Bennett, vinte anos antes, quando era mergulhador profissional, se afogara durante um trabalho. Enquanto estava «morto», espreitara para o futuro e sofrera uma mudança de paradigma. Mais tarde,

Dave descobriu que tinha cancro em fase quatro, do qual recuperou totalmente. Ovi-o explicar a sua experiência e fiquei intrigada. Depois da apresentação, saí da igreja para a noite quente de fevereiro e pensei no que escutara. Estava convencida de que havia mais qualquer coisa naquela experiência de quase-morte.

No dia seguinte, enquanto descia a Speedway Boulevard, cortando pela faixa de montanhas que rodeiam Tucson, pensei nas pessoas que passavam por experiências de quase-morte. Aonde quer que estas fossem durante a sua EQM, eu sabia que também lá ia. Tinha-o visto, saboreado. Partilhava algo com elas. Éramos todas viajantes a esse reino invisível.

Foi com isso que a minha entrada no reino da vida depois da morte arrancou. Mas a verdadeira chegada só aconteceria meses mais tarde, de novo na costa leste.

ENTRANDO NO MUNDO DAS EXPERIÊNCIAS DE QUASE-MORTE

Em Baltimore, seis meses depois, uma amiga referiu que a Associação Internacional de Experiências de Quase-Morte (parece que hoje em dia há associações para tudo) realizaria o seu encontro anual em Washington, DC. Precisavam de curandeiros voluntários. «Davas-lhes jeito», disse ela, e eu concordei em ajudar.

Uma semana volvida, passei pelo Cemitério de Arlington e descii a Jefferson Davis Highway até Crystal City, um subúrbio de Washington, DC, onde a conferência decorreria.

O Marriott estava muito concorrido, as salas repletas de grupos reunidos em conversas, enquanto outros analisavam o programa do dia ou esperavam na fila para entrar num *workshop*. Disseram-me para me apresentar na área de «cura».

— Estou aqui como voluntária para curas — disse ao homem atrás da secretária.

— Não precisamos de mais curandeiros — respondeu.

Fantástico, pensei.

— Também sou médium — informei-o.

— Está bem. Escreva isso numa ficha e veremos se alguém se inscreve — murmurou.

No espaço de minutos, apareceu um homem para uma leitura. Quando acabei, agradeceu-me e partiu.

Cinco minutos decorridos, o homem estava de volta.

— Agora vai ler para _____. — Referiu o nome de um homem, um profissional conhecido. Não só este indivíduo estivera perto da morte como regressara da sua EQM com dons artísticos especiais. Meses depois, repetiria esse momento na minha cabeça uma e outra vez.

— Não sabe quem é? — insistiu o homem.

— Não — respondi.

Disse-me que este homem tinha sido atingido por um raio e regressado da sua experiência de quase-morte com talentos especiais.

Está bem, pensei. Sem problema. Não há muito que me abale. Tivera reuniões com CEO da Fortune 500, dera entrevistas na CNBC e apresentara o meu próprio programa de rádio. Podia adaptar-me. Por isso, tomei nota da informação e limitei-me a prosseguir. O homem chegou para a leitura e instalou-se numa cadeira enquanto eu puxava outra para a sua frente, e começámos.

Baixei a cabeça, sintonizei-me e concentrei-me. Afinal, era só mais uma leitura.

Quando comecei a ler, apercebi-me de que não se tratava de uma leitura normal. Desta vez, a informação mostrada (os médiuns veem a informação em símbolos) era literalmente do outro mundo. Símbolos do universo. Galáxias. Estrelas. Materiais estranhos, fora do nosso domínio. Capacidades que transcendem a nossa realidade. O contacto deste homem com a morte deixara-o com dons extraordinários, com poderes especiais. Não era um homem vulgar.

Nos dias após a leitura, continuei a pensar no que me tinha sido mostrado. A leitura desencadeou uma linha de pensamentos e de questões: Como é que este indivíduo desenvolveu estes efeitos secundários? O que era suposto fazer com eles? Porquê ele? Então e as outras pessoas com EQM? Também receberam dons?

As perguntas eram intermináveis. Pesquisei «efeitos secundários da experiência de quase-morte» no Google e descobri que poucas

pesquisas haviam sido feitas.

Caber-me-ia responder às questões.

2 *Master of Business Administration*: pós-graduação destinada a executivos e administradores do ramo empresarial e de gestão. (N. da T.)

PARTE II
HISTÓRIAS DE TRANSFORMAÇÃO

Capítulo Dois

JAVIER PEREZA E A TRANSFORMAÇÃO FISIOLÓGICA: UM NOVO TALENTO ATLÉTICO

«O verdadeiro segredo de uma saúde duradoura é na verdade o oposto: deixe o corpo tomar conta de si.»

Deepak Chopra

Em 2013, dirigi-me à costa oeste para frequentar o programa de escritores da UCLA. No outono, mudei-me para Los Angeles com o intuito de ali me instalar, assistir a aulas e começar a investigar mais profundamente o mundo da EQM.

Aluguei um apartamento bonito em Santa Monica, esperando melhorar a escrita e avaliar o reino da EQM. Estava ansiosa por uma mudança — ainda que por um curto período —, bom tempo e aulas que expandiriam o meu conhecimento sobre estilos e pontos de vista, enquanto conhecia novas pessoas. Não demorei, porém, a descobrir que o universo tinha outros planos para mim.

O MUNDO DA EQM ABRE-SE NA CALIFÓRNIA

Era um típico dia de sol perfeito no Sul da Califórnia. Viajei para sul através da I-10 até Orange County, a caminho de uma reunião local da IANDS em Tustin.

Uma semana antes, recebera um *e-mail* a anunciar o encontro. Alguém que tivera uma EQM daria uma palestra e depois haveria tempo para socializar. Estava expetante.

Era a oportunidade ideal para ouvir a minha primeira história. Saí da Santa Ana Freeway em direção a Tustin, pensando na pessoa que me pedira que lesse para o profissional em Crystal City.

Vivia no Sul da Califórnia e ocorreu-me que talvez o visse no encontro. *Nah. Isso seria demasiado estranho.*

O parque de estacionamento da Igreja Unitária encontrava-se cheio quando estacionei, enfiando-me entre um *Toyota* e um *Honda*. Atravessei um jardim público até uma pequena divisão, onde deparei com um grupo de cerca de trinta pessoas sentadas em cadeiras dobráveis no que parecia ser uma sala de aula infantil. Estava uma

tarde soalheira de setembro, mas o ar era frio e estremecei ao apertar mais o meu casaco leve à volta dos ombros.

Ao virar-me para examinar a sala, reparei que quem sugerira que eu lesse para o homem de Crystal City estava atrás de mim. Abraçámo-nos e expliquei-lhe porque fora ao encontro. *Um sinal?*

Iniciado o encontro, o grupo mostrou-se ansioso por ouvir o novo palestrante, que nunca antes falara sobre o seu caso em público. A sala encheu-se de mirões e curiosos, fascinados pelo tema da vida depois da morte. Os habituais intervinham com historietas acerca da comunidade metafísica, atualizações quanto a novos casos e notícias para a sessão do dia.

Javier, o novo elemento, contou brevemente a sua história. Ele experimentara muitos elementos da EQM: fora-do-corpo, atenção e consciência aumentadas, vira uma luz brilhante e uma alteração no tempo e no espaço. Javier regressou da experiência permanentemente transformado, ainda que não tivesse envolvido um trauma físico. Tal como outros que viria a conhecer, Javier voltou alterado, com efeitos secundários permanentes. Isto era uma informação importante, dado que conheci pessoas que entraram no reino por uma via diferente.

A sala irrompeu em aplausos quando Javier concluiu a sua história. Todos empolgados com a apresentação e a sua decisão de «ir a público».

A conferência durou três horas, com um intervalo para lanche e café, seguida de uma *happy hour* num restaurante local, onde a conversa continuou a fluir. Javier não se juntou ao grupo, mas combinámos encontrar-nos e discutir mais profundamente o seu caso. Intrigava-me o que ouvira.

Enquanto conduzia novamente de Tustin até LA, a minha mente vagueou. À medida que me aproximava da cidade, assimilei a vista espantosa. Podia ver a linha do horizonte de LA. Ao passar pelo Getty Center, dava a ideia de que seguia um caminho, como se houvesse pedras do rio dispostas à minha frente. Ter acabado num encontro em Tustin, na Califórnia, com um homem responsável por

espoletar o meu interesse neste tema parecia mais do que coincidência.

No dia seguinte, quis fazer outras perguntas a Javier. Tinham passado sete anos desde a sua experiência, mas continuava ansioso por falar nela. Mandeilhe um e-mail e ele retribuiu-me com estas respostas:

Uma noite, fui dormir e, no momento em que a minha avó de noventa e dois anos morreu, às 4h11 de 31 de março de 2006, tive a minha experiência. No fim, ficou tudo preto. Senti-me como se tivesse entrado num vazio eterno. Como se nada alguma vez tivesse existido ou fosse existir. Essa sensação ainda persiste e atinge-me a cada poucas semanas.

É nessa altura que me sinto desligado do tempo e do espaço; durante dois ou três segundos, sinto que estou de novo no limbo.

Depois dessa experiência, não consegui parar de chorar e, na manhã seguinte, não saí da cama.

Olhei mais para baixo no e-mail. Javier mencionava a sua educação.

Era a criança com a pele mais clara num lar hispânico, o que, segundo a tradição, fazia de mim o favorito. Era também um tirano. Quando queria comer, toda a família comia. Quando queria ir de férias, íamos todos de férias. Era também o favorito da minha avó.

E é aqui que a história se torna interessante. Continuei a ler.

Há dois anos e meio que não estava em contacto com a família.

Na noite a seguir à minha EQM, o telefone tocou. Instintivamente, disse: «Cá está!»

Era a minha prima mais chegada, Elizabeth. As suas primeiras palavras foram: «Lamento muito por te incomodar, mas tenho más notícias.»

Interrompi-a de imediato. «Não faz mal, eu sei que a avó morreu.»

«Um dos teus irmãos já te ligou?», perguntou ela.

«Não, a avó despediu-se ontem à noite», respondi-lhe.

Reli as respostas de Javier ao questionário que lhe enviara, reparando nos elementos que ele listara e nos efeitos secundários, incluindo novos talentos aumentados. Sabia que havia algo para lá do visível, e queria saber mais sobre a sua experiência.

Combinámos encontrar-nos no meu apartamento na semana seguinte para uma leitura. Parecia entusiasmado e estava interessado em ver o que podíamos descobrir.

A SESSÃO DE JAVIER E AS SUAS NOVAS CAPACIDADES FÍSICAS

Olhei pela janela e vi sair do carro um homem de cabelo escuro, polo e calças de caqui. Javier. Tinha um ar arrapazado com cabelo à escovinha e físico compacto, mas imaginei que andaria nos trinta. Alguns minutos depois a campainha tocou.

Abri a porta, e Javier entrou e interiorizou a sala enquanto os meus gatos corriam para debaixo da cama. A sala estava decorada com um luminoso sofá verde e fotografias coloridas do IKEA. Dominava-a uma grande televisão de ecrã plano e um painel de janelas ao longo da parede lateral que inundavam a divisão com o sol brilhante da Califórnia.

— Belo sítio — disse ele. Apontei para fora, para o sol permanente, para a movimentada rua comercial lá em baixo e respondi:

— Sim, adoro isto aqui.

Conversámos sobre a sua experiência, da qual ainda recuperava. Os primeiros sete anos haviam sido duros, e tivera dificuldade em incorporar a experiência na sua vida. Atingira finalmente um ponto de paz e aceitação, e estava pronto para revelar o que acontecera. Ofereci-lhe café, mas ele abanou a cabeça e disse que preferia que começássemos.

Indiquei as cadeiras e a mesa que tinha puxado para o meio da sala para a nossa sessão. Sentámo-nos, à frente um do outro,

enquanto eu explicava que levaria um minuto a entrar num estado meditativo.

— Encontro-me num estado de concentração — disse —, mas pode interromper-me e fazer perguntas. — Passados poucos minutos, iniciámos a leitura.

Respirei fundo algumas vezes e, assim que comecei, reparei na aura de Javier, o campo energético que rodeia o corpo físico. A sua era invulgar e vi algo inédito.

— A sua aura não é como a da maioria das pessoas — disse-lhe. — A primeira camada, mais próxima do corpo, é quase toda negra. — Representava a aura física de Javier, a sua vida física na Terra, que fora pejada de dificuldades; o negro simbolizava os tempos difíceis ou o trauma que enfrentara.

— Há mais? — perguntou Javier.

— Sim. Existe outra camada, violeta e branca. Esta está cheia de luz e estende-se a partir do seu corpo — respondi. — Cobre a aura negra.

Através da experiência, Javier parecia ter adquirido uma nova camada de espiritualidade e resiliência, retratada por aquela aura cheia de luz, protetora, oferecida pelo universo.

Referi a Javier que também me era mostrado um símbolo curioso: um homem dentro de um círculo e de um quadrado — com múltiplos níveis de espiritualidade, quase como um holograma. Rapidamente me apercebi de que se tratava do homem de Vitruvius do desenho de Da Vinci — uma mistura de arte e ciência. (Sou artista e formada em história da arte.)

Entendi este símbolo como indicativo de que a experiência de Javier combinara dois mundos: o do Espírito e o da ciência. O homem de Vitruvius demonstrava que Javier se tinha deparado com dois reinos distintos que raramente se encontram, e o Espírito estava a mostrar-me essa interseção.

— Este homem não é uma pessoa vulgar — disse a Javier. — É multidimensional.

A experiência de Javier era como uma espécie de holograma — abrangia vibrações e perspectivas mutáveis de uma fonte de luz que já não estava presente.

Continuámos a leitura enquanto eu perguntava:

— O que aconteceu ao Javier na sua jornada?

Javier foi transportado para outro reino, onde encontrou uma frequência superior. Esta frequência mais alta, esta nova carga, permitiu-lhe absorver sensações transcendentais, imbuindo-o de novos comportamentos ao regressar, respondeu o Espírito.

Javier voltou com novas sensações e capacidades. Durante sete anos, tentou fazer frente e viver com as mudanças. Sabia que tinha mudado. Não se deparara apenas com outro reino, encontrara outra energia — uma que não encontramos na Terra.

Mas perguntámo-nos: porque coincidira a experiência de Javier com a morte da avó? Que relação tinha com a EQM?

Quando a avó do Javier morreu, através da sua determinação e da tremenda força energética que produziu, ela transmitiu uma mensagem que era importante que o neto favorito recebesse. A forte ligação entre Javier e a avó foi necessária para que a ligação fosse feita.

A ligação — essa energia, descobriria noutros casos — sugeria que a consciência sobrevive ao corpo físico, que a energia pode ser direcionada e concentrada para transmitir informação e mensagens de outros reinos.

A TRANSFORMAÇÃO DE JAVIER

Javier era um autoproclamado narcisista num emprego burocrático e sem saída antes da sua experiência. Após a EQM, a sua vida transformou-se. Agora, mostra preocupação com os colegas de trabalho, a família e os pais, certificando-se de que estes têm tudo o que precisam à medida que envelhecem. Leva-os ao Costco e dá festas de aniversário para os sobrinhos e sobrinhas. Javier tem uma nova carreira a escrever guiões para a rádio e foi promovido a uma posição administrativa.

Javier sofreu alterações após a experiência, incluindo uma a nível cerebral e, mais importante, uma mudança física. Tornou-se atlético. Antes, não fazia desporto; nunca queria participar. Nunca praticou desporto de competição até aos trinta e sete anos, quatro após a experiência. Nos dias de folga sentava-se em casa a ver documentários. Agora joga *softball*, esforçando o corpo físico como se treinasse para a maratona. De certa forma, sim — a maratona de uma nova vida.

Eis o que Javier conseguiu atingir no primeiro ano a praticar desporto:

Joga num campeonato nacional de basebol bem organizado que utiliza classificações formais para todos os jogadores. Passou de 6 a 10 (numa escala que vai até ao 11). No início, foi considerado inexperiente, sendo-lhe atribuída a posição menor de recetor. Mais tarde, passou para a mais crítica e exigente posição de campista esquerdo.

É-lhe sistematicamente dito que possui um «talento natural» e que deve jogar desde jovem. A sua equipa ficou chocada ao saber que só começara aos trinta e sete anos.

As suas capacidades cresceram exponencialmente. Passou de ser incapaz de apanhar qualquer tipo de bola (altas ou baixas) a fazer muitos *grand slams*.

Javier recebeu o troféu de «melhor jogador ofensivo».

— Nunca pensei que alguma vez fosse atingir qualquer tipo de reconhecimento atlético — diz.

A atividade desportiva nunca esteve no radar de Javier. Não era algo que considerasse para si mesmo. Agora, é uma parte importante da sua vida, para a qual arranja tempo por mais cansado que esteja.

Javier enviou-me uma fotografia sua de quando era jovem. Um rapaz de óculos grossos, cabelo escuro e desgrenhado e expressão tranquila devolveu-me o olhar — o mais distante de um desportista que se pode imaginar.

Para o desafio que enfrenta — o esforço extra que a vida agora lhe exige —, Javier precisa de mais esforço e de maior fortaleza. O trabalho e compromissos obrigam-no a que seja fisicamente mais forte. Trabalha agora sem parar, ajudando os pais e os familiares, perseguindo a carreira e mantendo o rumo para poder ser útil.

Javier não conseguia entender porque se tornara atleta após passar a vida passivamente a ver documentários, como um introvertido. À medida que examinávamos a nova missão e a prioridade de servir os outros, entendeu que a preparação física era uma forma de treinar, de desenvolver resistência para o trabalho que se lhe depara. Javier explicou o tipo de pessoa que era:

— Tinha pouca energia. A suficiente para trabalhar e para a escola. Mas raramente tinha energia bastante para ir tomar café com alguém. Era demasiado calado e gostava muito de ficar em casa.

— E agora? — perguntei.

— Agora, almoço com as pessoas. Vou a sítios depois do trabalho. Ou nos fins de semana. Jogo *softball*. Os meus irmãos estão em choque. Não me reconhecem — respondeu. — Não me reconheço.

Assenti.

— Deve ser confuso — acrescentei, considerando a sua vida mais ativa.

— É engraçado porque, quando me sinto assoberbado, recebo esta mensagem: *Há muito mais para percorrer. Tens de continuar.*

E continua. Javier tem de manter o corpo em forma para a vida que agora leva, ativa e com o sentido de missão.

— O que pensa a família da sua transformação? — questionei, perguntando-me como lidaria com aqueles que poderiam mostrar-se cétricos perante a mudança.

— Quando os amigos ou a família me perguntam se estou a tentar ser o bom filho, respondo: «Não. Não tem nada que ver com isso. Não distorçam as coisas.» Digo-lhes que não estou a tentar ser o bom filho. É só algo que faço agora. — Javier chama à sua vida um «período de descanso».

Olhei para a vida atual de Javier. Eis o que encontrei:

Javier foi imbuído como mensageiro da luz espiritual. O seu corpo está a ser usado para realizar a sua obra aqui na Terra. Houve um propósito na experiência de Javier, um propósito que nos abrange a todos. Javier tem um trabalho a fazer como farol de luz para o universo, disse o Espírito.

E tem de ser fisicamente forte para desempenhar essa missão. O antigo Javier seria um não participante. Agora, anda lá fora a competir, a tornar-se fisicamente mais forte e a garantir que a sua equipa vence. Esta atividade traz-lhe recompensas, mas também aos outros.

— Sim, é assim que me sinto fisicamente. Como se estivesse a dar uma pepita de energia a todos — disse-me Javier.

Perguntámos: o que causou a mudança de Javier?

O plano energético que o Javier experimentou põe ferramentas únicas à sua disposição. As ferramentas energéticas da luz, da velocidade e de efeitos poderosos. Não as reconhecemos na Terra. Trata-se de ferramentas metafísicas que são formas de energia condensadas e sobrealimentadas. São fenómenos destinados a captar a nossa atenção para se gravarem para sempre na nossa consciência.

Javier regressou da sua experiência literalmente transformado. Não parece o mesmo, não age de igual forma, nem pensa como antes. Inclinou-se e olhou para mim.

— Só há pouco tempo é que aceitei isso. Já não é assustador.

PRECISAR DE TEMPO PARA MUDAR E ACEITAR

Javier mudou profundamente desde a sua experiência, tendo só há pouco atingido um ponto em que é capaz de processar a EQM e acolhê-la filosófica e emocionalmente. Mas não podemos ignorar que isso lhe levou sete anos repletos de desafios emocionais e psicológicos.

Apesar dos elementos positivos, a experiência de Javier não foi, em si mesma, cheia de amor, alegria ou felicidade. Partes da experiência mostraram-se aflitivas e chocantes, como quando lhe foi

mostrada uma montagem de figuras aterradoras e teve a sensação de ser picado por milhares de agulhas.

— Só recentemente aceitei que não seria a pessoa que sou hoje se isso tivesse sido uma experiência positiva — confessou Javier enquanto mudava de posição.

Perguntámos: o Javier encontrou um reino divino na sua experiência?

O Javier entrou num reino celestial por apenas um segundo, o suficiente para levantar o véu, para lhe mostrar que não devia estar ali. Quase como se tivesse entrado na sala errada. E depois foi-lhe dito que saísse.

— Sim. Foi isso que senti: Espera! Estou no sítio errado — confirmou Javier.

Agora que voltou, nem sempre tem a certeza de onde é suposto estar. Apesar de se ter ajustado à experiência transformadora, grande parte dele ainda está espiritualmente «lá fora». Pergunta-se se os dois reinos alguma vez se fundirão.

Concluámos a leitura. Javier parecia calmo — em paz. Confirmou que a leitura tinha esclarecido algumas das suas questões.

O SEGUIMENTO DE JAVIER

Ainda nesse dia, ouvi um zumbido e olhei para o telemóvel. Tinha uma mensagem de Javier: «Aqui está uma “coincidência” estranha. Encontrei esta imagem *online* depois de o seu *e-mail* me ter “incentivado” a procurá-la.»

Era uma imagem do homem de Vitrúvio. A legenda dizia «Homem de Vitruvius dentro de túnel.»

Porque estava o homem de Vitruvius dentro de um túnel?, perguntei-me. Seria este o túnel da EQM? Teria o próprio Da Vinci vivido uma na interseção da ciência e do cosmos?

Tal como outros génios (Galileu, Miguel Ângelo, Newton e outros), Da Vinci possuía talentos e conhecimento para os quais não temos qualquer explicação — dons que estavam décadas à frente do seu tempo, os quais produziram avanços milagrosos na arte e na ciência, e progressos na mistura dos dois. Não sabemos ao certo, mas

podemos especular que talvez estes artistas e cientistas brilhantes tenham tido algum tipo de experiência noética, que lhes permitiu também espreitar para o universo.

Javier pensava que aquele era o último capítulo do seu livro, mas estava enganado. Na verdade, a porta abriu-se para ele e não se vai fechar. Continuará com a sua vida, mas de forma diferente — destinada a trazer-nos luz a todos. A sua força aumentada dar-lhe-á aptidão para o trabalho que tem pela frente. De vez em quando, receberá uma lembrança de que foi transformado para sempre.

Capítulo Três

BARBARA WHITFIELD E A TRANSFORMAÇÃO FISIOLÓGICA: INTERFERÊNCIA ELÉTRICA

«É um facto — ou tê-lo-ei sonhado — que, através da eletricidade, o mundo da matéria se tornou um grande nervo, vibrando centenas de quilómetros num único ponto do tempo?»

Nathaniel Hawthorne

Estava a descobrir que o trabalho *New Age* era quase normal na Califórnia. Muitas pessoas que tinham tido EQM mostravam-se interessadas em examinar as suas experiências espirituais. Quando algumas me perguntavam o que fazia em Santa Monica e eu mencionava que investigava EQM, elas diziam «tive oito», ou algo parecido, mesmo que não fosse verdade.

Quando Barbara Whitfield, que em tempos vivera em Baltimore, me contactou sobre esta pesquisa, fiz planos para a entrevistar. Disse que vivera em Baltimore tempo suficiente para «pegar» no noivo de então e se mudar para Atlanta. Estava ansiosa por participar no trabalho e respondeu rapidamente ao questionário. Barbara anda há trinta anos pelo mundo EQM e trabalhou com outros neste pequeno núcleo de investigadores, como assistente de Kenneth Ring e Bruce Greyson, fundadores da IANDS.

Dei uma última olhadela às minhas notas. Nessa tarde, ia fazer uma leitura para Barbara. Imaginei o seu aspeto com base na nossa correspondência. Jovial, cabelo escuro, cheia de vida, sorriso amplo e personalidade otimista.

Reli a explicação do que lhe acontecera:

Estive suspensa numa cama circular após uma cirurgia à coluna em 1975, aos trinta e dois anos. Estava ligada a um ventilador para tratamentos de vinte minutos e o ventilador não invertia o mecanismo. O ar continuou a entrar-me para os pulmões, mas o bocal estava «preso», por isso não conseguia expulsá-lo. Foi então que saí do corpo e dei por mim no corredor do lado de fora do quarto.

Visualizei o espírito de Barbara a pairar no corredor do hospital, enquanto o corpo jazia inerte na cama.

Quando saiu do corpo, Barbara entrou num túnel, que descreveu como um «reino transcendental». Aí, encontrou-se com a avó, que morrera catorze anos antes. Juntas, recapitularam a vida de Barbara.

Um dos aspetos mais interessantes da EQM de Barbara foi a conversa que ela ouviu na sala das enfermeiras. Colei uma nota adesiva no seu questionário para incluir uma pergunta acerca disto na sessão: como fora capaz de ouvir a conversa da enfermeira quando estava fisicamente noutra sala?

A SESSÃO DE BÁRBARA: UMA AULA DE SENSIBILIDADE ELÉTRICA

Olhei para o relógio: quatro horas. Hora da leitura de Barbara. Já teria acabado de cuidar da neta. Puxei uma cadeira para junto do portátil e liguei-lhe via Skype. Ela atendeu ao primeiro toque. Com a sua energia juvenil e cabelo escuro, parecia pelo menos uma década mais nova do que os seus sessenta e muitos quando olhei para ela pelo ecrã do computador.

Conversámos sobre o tempo e as perguntas, e então Barbara avisou-me.

— Sou eletricamente muito sensível. Dei cabo da bateria do meu carro e tenho andado a estragar coisas a semana toda — disse ela. — Estou só a avisar.

A sensibilidade elétrica era um dos efeitos secundários da EQM em que eu estava interessada. Ouvira falar em luzes que se acendiam e apagavam quando pessoas que tinham tido uma EQM entravam numa sala, computadores e equipamentos eletrónicos que avariavam, lâmpadas que explodiam, pilhas de relógios que morriam. Isto parecia acontecer com mais frequência perante uma situação de muita ansiedade, quando a pessoa estava emocionalmente estimulada, entusiasmada ou perturbada.

Respirei fundo algumas vezes enquanto dávamos início à leitura. Concentrar-me-ia nos acontecimentos específicos que haviam sucedido a Barbara, à semelhança do que fizera na leitura de Javier

(ver capítulo 2). Liguei o gravador enquanto Barbara assistia através do ecrã do computador. Estava pronta para começar.

EXPLORAR A CONSCIÊNCIA NA EQM

Barbara começou por perguntar pela recapitulação da sua vida:

— Pareceu-me que conseguia sentir todas as emoções da minha vida inteira. Como foi isto possível? — (Barbara lembra-se vividamente da experiência, mesmo passados trinta anos.)

Eis o que o Espírito tinha a dizer:

A consciência absorve tudo durante a nossa vida. No entanto, a consciência ocupa um reino sem tempo nem espaço. Não há passado, presente ou futuro no que à consciência diz respeito. Quando estamos no corpo terreno, não podemos entender isto, dado que este vive os acontecimentos, sequencial e linearmente, através dos nossos sentidos físicos. Isto cria a nossa realidade. Mas quando estamos livres do corpo físico, temos uma percepção hiper-real e uma clareza extrema. A nossa consciência é capaz de registar tudo o que acontece no universo com toda a clareza, sem o peso da fisicalidade.

— Isso faz sentido — disse Barbara —, mas o que era a energia que encontrei e com que me fundi durante a minha EQM?

Eis o que o Espírito me mostrou: Cada um de nós tem a sua consciência individual. Pensemos nela como um *chip* que vive dentro de nós. É a nossa essência quando estamos na Terra. Esta consciência separa-se quando saímos do corpo, mas continua a existir, independentemente do corpo. Quando parte, a nossa consciência funde-se com a consciência coletiva. A consciência de Barbara ligou-se à consciência coletiva durante a sua EQM. Esta ligação concedeu-lhe um conhecimento instantâneo, uma ligação a tudo e a todos, em todo o tempo e espaço.

A nossa consciência tem a capacidade de existir, absorver, gravar e processar nesta outra realidade, neste plano alternativo da existência, disse o Espírito.

Quando olhei para Barbara, ela assentia comigo.

Parei por um momento para considerar esta informação relativa à sobrevivência da consciência. Era a primeira vez que me era mostrada (numa leitura EQM) a capacidade da nossa alma, da nossa essência de «saber» fora do corpo físico. O Espírito comunicava diretamente para transmitir este conceito de sobrevivência da consciência, e tomei nota dele.

O Espírito continuou:

A consciência é a mais ínfima fração de tudo. O espaço não existe na consciência. Mas a consciência ocupa tudo, em toda a parte. É tão longínqua e vasta quanto conseguirmos imaginar. E mais além.

Barbara fitou-me através do ecrã e eu mostrei-lhe os polegares levantados. Conversámos durante mais alguns minutos e depois concordámos em avançar para a pergunta seguinte, que dizia respeito à sua educação.

Já sabia, tanto de conversar com Barbara como através das suas respostas ao questionário, que ela sofrera abusos e traumas emocionais no passado. Teria a sua biologia subjacente desencadeado alguma coisa acerca da EQM? Era uma pergunta importante, e a resposta podia providenciar uma visão mais profunda do tipo de pessoa que era candidata a esta experiência.

— Vamos perguntar se a sua biologia subjacente ou a sua educação desencadearam a EQM — sugeri. Eis o que nos foi dito:

As pessoas que sofrem traumas emocionais são mais maleáveis, como se houvesse um «interruptor» à espera de ser ativado. Uma parte de Barbara já tinha sido amaciada antes da EQM. Isto tornou-a mais aberta e pronta, de alguma forma mais ligada à experiência. De certo modo, Barbara estava à espera de ser acionada. Os abusos que sofreu na infância, a sua vulnerabilidade emocional, prepararam-na para este acontecimento. Fizeram dela candidata, uma participante voluntária na saída deste plano para experimentar uma realidade mais bela e mais completa.

— Bem, sim — disse Barbara. — Temos um interruptor. Esse interruptor é mais fácil [para aqueles que têm um passado como o

meu, insinuou Barbara] e também temos a capacidade de deixar ir. O estímulo estava lá para mim.

Pigarreei e peguei num copo de água. Começava a escurecer e a sala a ficar sombria. Acendi um candeeiro junto à mesa.

— Podemos manter a frequência de uma EQM na Terra? — perguntou Barbara.

— Porque pergunta?

— Eu queria ficar lá — respondeu. — Tentei replicar a experiência aqui, mas não consegui.

Como descobriria mais tarde, outras pessoas que passaram por uma experiência de quase-morte expressariam o mesmo desejo e preocupação. É algo por que anseiam, mas que não conseguem alcançar.

Disse o Espírito:

Os nossos corpos terrenos são demasiado pesados para passar por essa entrada noutro plano. A nossa consciência precisa de estar completamente separada do corpo físico para experimentar essa frequência. Quando a consciência está ligada ao corpo, somos demasiado densos para experimentar o todo universal.

Por outras palavras, não.

ONDE FICA O REINO DA EQM?

Quando Barbara saiu do corpo, foi para outro reino. Onde era esse reino? No Céu? No Além?

Era um reino de toda a existência. De todo o tempo e espaço, mas sem tempo nem espaço. Um reino de todos os seres. Contém todas as respostas que não temos e todos os pensamentos a formular sobre a nossa existência. Não somos capazes de formar o vocabulário correto para aceder a este reino, disse-me o Espírito.

Para a essência de Barbara acabar fora do corpo, a sua consciência precisou de ser catapultada com uma força considerável através da confluência de acontecimentos físicos, emocionais e espirituais. Tinha de ser no momento certo. Na altura da EQM, a sua vida estava em crise, o casamento não corria bem e o corpo físico encontrava-se traumatizado devido à cirurgia. A combinação destes

acontecimentos e da sua capacidade para aceitar e entrar numa realidade alternativa convergiu nesse momento subtil, e o universo parece ter intercedido.

Uma vez que não experimentara todos os elementos da EQM, Barbara tinha algumas preocupações persistentes. Não vira uma luz branca, por exemplo; portanto, perguntava-se porque havia sido privada disso. Certos elementos da EQM receberam tanta atenção e foram-lhe tão fortemente associados que, quando uma pessoa não passa por todos os elementos, ou até por nenhum, esta acredita que a sua experiência não deve ser válida. A questão de Barbara fazia sentido, pois também ela se questionava se um elemento em falta indicava que, de alguma forma, a sua experiência não estava completa.

Respirei fundo novamente. Isto foi o que aprendemos:

A luz branca não precisava de fazer parte da experiência de Barbara. Tal como a outros, foi-lhe mostrado o que precisava de saber. Ela teve uma recapitulação da vida e uma experiência fora-do-corpo. Encontrou-se com a avó. A EQM deixou-a profundamente alterada e afetada. Nem todas as pessoas experimentam todos os elementos, mas cada indivíduo passa por aquilo de que precisa, da forma mais eficaz para maximizar o acontecimento e o seu resultado.

O universo sabe o que faz, escondido nos bastidores, ao que parece.

Uma campainha tocou em casa de Barbara. Parei de falar e olhei para o ecrã.

— Ignore — disse ela. — O meu marido vai ver quem é.

Pronta para continuar, baixei a cabeça e, mais uma vez, respirei fundo.

— O que é a bola de luz que os outros veem? — perguntou Barbara.

Quando atravessamos o umbral do infinito, a bola de luz é a nossa essência coletiva, a entrada para a consciência universal. Está lá para nos cumprimentar. A luz são os nossos parentes

coletivos, as nossas almas, os nossos antepassados, todos os que vieram antes de nós. Tudo o que existiu e vive no infinito, que continua a existir, esse poderoso e icônico símbolo do eterno Espírito.

— Sim — disse Barbara. Depois murmurou algo para alguém em sua casa antes de se voltar de novo para mim.

Quando pessoas como Barbara se deparam com interrupções na leitura, isso para-me momentaneamente, mas não interrompe a ligação. É quase como uma pausa na estação ou assistir a um anúncio durante o programa regularmente agendado. Não tenho problemas em continuar onde parámos. Barbara avançou para a questão seguinte.

— Porque me encontrei com a minha avó durante a recapitulação da minha vida? — perguntou. — Faleceu catorze anos antes, mas estava lá na minha EQM.

A recapitulação da vida de Barbara destinava-se a ser um espelho erguido diante da sua consciência, disse o Espírito. Tudo se refletia constantemente nele e a partir dele, como uma gigantesca bola de espelhos que roda e reflete luz em muitas direções ao mesmo tempo. Como uma bola de espelhos, a consciência de Barbara consiste em milhões de facetas, cada uma delas uma superfície espelhada recolhendo informação, processando-a e enviando-a de volta. A consciência não só é capaz de assimilar o que está a acontecer em qualquer momento específico, como também de absorver continuamente uma vida, refratando, refletindo e retendo todos os acontecimentos. Todos os acontecimentos, passados, presentes e futuros, ocorrem ao mesmo tempo na consciência superior.

Barbara não teve de assimilar a informação através dos sentidos cognitivos, razão pela qual foi recebida e reconhecida de forma tão perspicaz. Esta informação surgiria também noutras leituras EQM, viria a descobrir.

E a avó? Porque fora ela a apresentar a recapitulação da vida de Barbara?

A avó era a pessoa com maior probabilidade de influenciar Barbara na sua vida, razão pela qual foi ela a juntar-se a Barbara e apresentar a recapitulação da sua vida. A sua presença seria a mais significativa e aquela com maior hipóteses de fazer Barbara sentir a EQM.

— O que estava destinada a aprender com a minha EQM? — perguntou Barbara.

A maioria das pessoas que passaram por uma EQM queria explorar esta questão, tornando-se uma prioridade na sua mente. Eis o que nos foi dito:

Como outros, Barbara estava destinada a espalhar a luz, a alinhar-se com a energia do universo e a distribuir essa energia pelo nosso planeta como um catalisador para a luz.

FOI BARBARA SELECIONADA PARA A SUA EQM?

Tal como Barbara, eu estava curiosa por saber se ela tinha sido selecionada. Era, de alguma forma, uma candidata a esta extraordinária experiência?

O espírito disse-nos que Barbara tinha certas qualidades que podiam fazer dela missionária na Terra. Compaixão e a capacidade de sentir empatia tornavam-na adequada quando certos acontecimentos e a sua cronologia terrena se alinhassem. Sendo vítima de traumas — tanto físicos como emocionais —, Barbara ansiava por uma existência alternativa ao nível da alma.

O trauma parece ser um dos pré-requisitos para os candidatos à EQM — pessoas que atingiram um ponto em que a sua vida é consignada pelas trevas. Mas têm a capacidade e o desejo, consciente ou não, de entrar na luz. E para muitos, é isto que acontece após a EQM.

Barbara observou que o seu trabalho atual como terapeuta e tanatóloga (alguém que trabalha com os moribundos) não aconteceria se não tivesse tido a EQM. Tal como Javier, atribuí-lhe a sua vida atual. A sua vida mudou por completo e ela transformou-se desde a experiência — noutra pessoa, irreconhecível ao antigo ser.

— A memória da minha EQM é o acontecimento mais vívido e claro da minha vida — disse Barbara. — Porque é que, depois de todos estes anos, a experiência é tão excepcionalmente memorável e nítida?

A EQM de Barbara foi o evento de consciência mais profundo da sua existência. A única vez em que viria a encontrar-se com a consciência universal. E em que a consciência estaria completamente separada do corpo, além da morte. A única vez em que consegue sentir absoluta clareza, não diluída pela fisicalidade ou pela interferência terrena. O acontecimento fica permanentemente gravado na consciência e é recordado hoje com a mesma clareza que se tivesse acontecido há cinco minutos.

A consciência não envelhece. Tem a mesma idade tanto aquando de um ano como aos noventa. Quando morres, a consciência continua a viver, a assimilar informação e a interagir, mas a partir de um plano mais elevado da existência, disse o Espírito.

Também queríamos saber o que provocou o fim da EQM de Barbara.

— Porque acabou quando acabou? — perguntámos.

A experiência de Barbara estava completa. Tudo o que precisava de se cumprir fora realizado. Barbara foi devolvida ao seu corpo quando terminou. O processo de se juntar de novo ao seu corpo foi deselegante, dado que voltar a fundir a consciência com um corpo físico é difícil. Ainda que a consciência não seja algo físico — é fina e semelhante ao ar —, é pesada em termos da existência. Tornar a pôr essa enorme coisa viva num corpo terreno produz um sobressalto significativo.

Todas as pessoas que entrevistei que tinham passado por uma EQM destacaram este «sobressalto», o impacto ao reentrarem no corpo.

Perguntei a Barbara de que forma mudara a sua vida.

— A minha vida agora é completamente diferente — respondeu, referindo-se ao facto de se ter divorciado. — Tentei durante nove

anos fazer com que o meu marido [o namorado de infância] aceitasse as minhas mudanças e ele não conseguiu.

Tal como outras pessoas que passaram por uma EQM e se divorciaram, o antigo marido de Barbara disse: «Querida, se continuasses a ser como eras, ficaríamos bem.»

Mas as pessoas que passam por uma EQM não podem continuar na mesma. É impossível. Barbara voltou a casar-se e considera a relação saudável. Hoje, ela e o segundo marido escrevem e ensinam juntos. Barbara também estudou para se tornar terapeuta.

Lá estava: essa mudança — de estilo de vida, de profissão, de circunstâncias pessoais, e na aprendizagem de como lidar com os efeitos secundários e com a nova realidade da vida na Terra.

No fim da sessão, agradei a Barbara. Esteve comigo durante toda a leitura, instigando-me e aquiescendo. Partilhou os seus pensamentos sobre o mundo da EQM e a oportunidade que tinha de falar na Findhorn, uma grande comunidade intencional na Escócia, no ano seguinte. A leitura repercutira-se nela e mencionou o livro de Gary Zukav, *The Dancing Wu Li Masters*, uma interpretação mística da física quântica que, anos antes, a impressionara. Sugeri que eu o lesse.

Quando Barbara acabou de falar, olhei para o gravador. Tinha-se desligado nos primeiros minutos da leitura — resultado da interferência elétrica.

— O gravador desligou-se — comentei enquanto olhava para a máquina. Parecia ter-se desligado quando chegámos às partes mais intensas da leitura.

— Eu avisei — disse ela.

Pois avisara. Barbara e eu desligámos e prometemos falar em breve.

SENSIBILIDADE ELÉTRICA

Embora não seja preciso ter uma EQM para se ser eletricamente sensível, esta característica é comum entre quem sofreu uma experiência de quase-morte. Não se limita à proximidade física. A leitura de Barbara fora de longa distância, mas a sua energia invadiu

o nosso espaço e alterou-o. A energia não é local, razão pela qual as leituras podem ser feitas à distância, e que explica também o porquê de a nossa energia continuar a existir depois de o nosso corpo físico ter morrido, porque a pessoa que tem um EQM vive acontecimentos do universo a partir de camas de hospital, ou numa mesa de operações, ou mesmo debaixo de água.

Exploraremos mais a fundo a sensibilidade elétrica no capítulo 13, altura em que conhecerá Mark Jacoby, «o homem que fala com as máquinas». Olharemos para as nossas capacidades energéticas nucleares, que parecem ser aumentadas através do estado EQM.

Desliguei o computador e olhei para o relógio. Barbara e eu tínhamos conversado durante duas horas. Comecei a reconstituir a entrevista e a tomar notas.

Uma hora depois, uma caminhada soava-me bem. Desci a Montana Avenue, forçando-me a olhar para as montras. Após a leitura e a experiência de ir até outro reino, sentia-me feliz por estar no exterior, rodeada do bulício da multidão. Mas continuava a pensar na leitura, no que aprendia sobre as EQM e no que esperava aprender.

A informação que me foi mostrada ia para lá do âmbito da sensibilidade elétrica de Barbara, um efeito secundário que me interessava. Quando, no início da leitura, Barbara referiu que era eletricamente sensível, não tinha a certeza do que fazer com essa informação. Aprendera uma lição: um gravador de reserva e verificações constantes para ver se a gravação estava a funcionar tornaram-se imprescindíveis. Falar a alguém dos seus efeitos secundários é uma coisa. Experimentá-los, como me acontecera na leitura de Barbara, mostra como a vida tem de se adaptar para assimilar estes novos poderes.

Tal como a leitura de Javier, a de Barbara era uma clara mensagem sobre a consciência — sustentada por provas experimentais. Pegaria nessa informação e desenvolvê-la-ia em leituras futuras. Mas primeiro decidi olhar mais a fundo para o estudo da consciência. O que dizia a ciência e o que precisava de saber

acerca disso? Como encaixava naquilo que eu estava a aprender sobre as EQM?

PRINCIPAIS TEORIAS CIENTÍFICAS DA CONSCIÊNCIA

Comecei por analisar as teorias consensuais da ciência convencional sobre a consciência.

Segundo a ciência convencional, a maioria dos cientistas acredita que o cérebro produz a nossa experiência consciente. Este ponto de vista é designado *perspetiva materialista*. Os materialistas acreditam que a realidade se define em termos de matéria e que tudo o que existe é criado por objetos materiais. Esta perspetiva materialista não reconhece a psi.

Mas há um novo movimento em marcha — o qual sugere que a consciência precisa de ser interpretada a partir de uma realidade mais ampla chamada *ciência pós-materialista*.

Segundo o pós-materialismo, informações adicionais respaldam o conceito de que a consciência sobrevive à morte física e que a fonte da consciência não é material — o que me foi mostrado nas leituras de Javier e Barbara.

Os cientistas que defendem este ponto de vista — o Dr. Gary Schwartz, o Dr. Mario Beauregard, o Dr. Rupert Sheldrake e outros — dizem que a ciência não conseguiu provar que o cérebro é o criador da consciência. Estes cientistas também acreditam que indivíduos que passam pela experiência da morte física — experiências de quase-morte — podem fornecer pistas críticas sobre a fonte e a essência da consciência. Ao ler isto, soube que o meu trabalho a ler para estas pessoas era um passo na direção certa, explorando uma importante ligação ao mundo imaterial.

A ciência material pode descartar o pós-materialismo como sendo impossível. Mas o que me estava a ser dito era que a consciência se encontra viva; que existe em toda a parte. E eu descobria, independentemente deste ponto de vista, que a consciência está de facto viva e é um fator-chave numa EQM.

Ao considerar o que tinha pela frente neste trabalho, pensei: *Este processo é como subir uma montanha de olhos vendados*. Seria

bom ter algo seguro a que me agarrar, ainda que isso pudesse não ser possível.

Porque sou uma antiga investigadora do mundo material, gosto de factos, de conhecimento e de confirmação. Mas também entendo que nem sempre podemos saber tudo com certeza. Isto é especialmente verdade no domínio da EQM. Por mais improvável que possa parecer, a minha experiência prévia de investigação foi uma boa preparação para este novo rumo. No meu trabalho anterior, nunca se sabia nada com cem por cento de certeza. As peças tinham de encaixar; os padrões e tendências tinham de ser cuidadosamente analisados, interpretados e ponderados, para chegar a uma conclusão. Considerei este processo enquanto pensava no *puzzle* da EQM, da consciência e da vida depois da morte.

Capítulo Quatro

LEWIS BROWN GRIGGS E A TRANSFORMAÇÃO FISIOLÓGICA: PROTEÇÃO FÍSICA

«Não és tu que és mortal, mas apenas o teu corpo. O homem que a tua forma exterior revela não és tu mesmo; o espírito é o verdadeiro ser.»

Cícero

O meu telemóvel tocou e saí do restaurante em Westwood Village para atender, agarrando o meu chá. Não reconhecia o número — era da Califórnia. Carreguei no botão verde e segurei o telemóvel contra o ouvido, enquanto jovens mães empurrando carrinhos de bebé passavam por mim.

O autor da chamada era o homem que me tinha pedido que lesse para aquela pessoa que passara por uma EQM na conferência da IANDS em Crystal City — o que me pusera no caminho da investigação de experiências de quase-morte. Prometera que me contactaria se conhecesse mais alguém que gostasse de partilhar a sua história. Entretanto, eu estabelecera contacto com outras pessoas que tinham sofrido experiências de quase-morte, encontrando-me com elas, ouvindo sobre as suas jornadas e aprendendo acerca dos seus efeitos secundários.

Sentei-me no banco da rua ladeada de árvores enquanto ele me perguntava o que achara do encontro, referindo-se ao da IANDS em Orange County várias semanas antes.

— Intrigante — respondi, recordando a inebriante mistura de mundos interligados com que me deparara.

— É um grupinho bom — disse ele. — Ouvimos tanta gente ao longo dos anos. Interrompeu-se e o tom mudou. — Tenho outra pessoa que quer falar consigo. Está à espera da sua chamada.

Falou-me então de Jessica Haynes, que vive perto de Monterey, na Califórnia. Jessica estava interessada em falar-me da sua EQM, que ocorreu após um acidente quase fatal em Carmel. Agradei-lhe e prometi ligar-lhe. Novas pessoas eram postas à minha frente e chegara a altura de mergulhar mais fundo.

APRESENTAÇÃO A UMA PESSOA DO NORTE DA CALIFÓRNIA COM QUALIDADES EXTRAORDINÁRIAS

Jessica e eu conversámos por telefone na noite da quinta-feira seguinte.

Embora a sua experiência tenha ocorrido há mais de trinta anos, trá-la consigo todos os dias, tão real como há todos aqueles anos. Atualmente, Jessica é casada com um piloto comercial, vive em Salinas, na Califórnia, e está ativa no mundo EQM através da IANDS e do seu *site*. Quando conversámos, perguntei-lhe se conhecia outras pessoas que pudessem querer partilhar as histórias da sua experiência de quase-morte.

— Tem de falar com o Lewis Brown Griggs — disse ela. — Vi-o no fim de semana passado e sei que está interessado. — Deu-me o número dele, mas poucos minutos depois de desligar, Lewis enviou-me um *e-mail* e eu li a sua história.

Em março de 1977, a vida tal como Lewis Brown Griggs a conhecia mudou para sempre.

Lewis conduzia o carro da namorada em Berkeley, na Califórnia, quando um camião passou um sinal de *stop* e chocou contra ele. Bateu com a cabeça no para-brisas e o veículo ficou destruído. No momento do impacto, deu-se conta de que estava morto. Saiu do corpo e entrou num túnel branco.

— Foi muito pacífico — afirmou. — Houve uma aceitação total. Só lamentava não ter forma de dizer à família e à minha namorada que estava tudo bem. Estava a entrar muito depressa num túnel de luz branca que irradiava energia, amor e paz. Diria que era cem por cento luz e amor. Rodeava-me por completo e impregnava-me. Não havia fronteiras, como se tivesse individualidade e, ao mesmo tempo, estivesse a fundir-me com a luz.

Então Lewis ouviu uma voz, que descreveu como masculina e profunda. Acreditou que era a voz de Deus.

— Lewis — disse a voz. — Foste chamado aqui para teres esta conversa e seres mandado de volta, porque não estás a fazer o teu trabalho.

— Está bem — respondeu. — Rendo-me. Toma-me. Sou teu. Farei o teu trabalho.

Lewis sempre fora uma pessoa obediente que fazia o que lhe diziam. Mas ia descobrir que aquilo era diferente.

— Não, Lewis — continuou a voz. — Não foi para fazer o meu trabalho que foste chamado. É o teu trabalho.

— Bem, qual é o meu trabalho? — perguntou.

Lewis tivera dificuldades em encontrar o seu caminho. A educação não o ajudava a descobrir o seu verdadeiro propósito, uma vida de sentido e profundidade.

— O que te impede, Lewis, de seres aquilo de que és capaz?

Nesse momento, ficou confuso. A sua vida parecia seguir o caminho que lhe fora prescrito, ainda que às vezes ele se perguntasse se era «suposto» estar a fazer outra coisa. Não sabia o que a voz queria dizer. Havia outra coisa que devia fazer?

Deve ter que ver com o facto de nunca ter conseguido perceber como colmatar o fosso entre mim e qualquer pessoa de um contexto diferente, pensou.

— Aí tens, Lewis — declarou a voz. — É esse o teu trabalho.

Imediatamente, Lewis deu por si a descer de novo o túnel até ao corpo.

— Foi como calçar luvas de borracha apertadas — afirmou. Num instante, estava de volta ao seu corpo. A ambulância já tinha chegado. — Encontrava-me totalmente consciente num automóvel destruído, sem danos físicos — disse ele. Lewis dirigiu-se à ambulância e perguntou: «O que fazem aqui?»

TRANSFORMAÇÃO APÓS UMA COLISÃO QUASE-FATAL

Apesar do choque severo, Lewis foi poupado. Pouco depois, começou a reparar que a sua vida estava a mudar. Passou a olhar para as pessoas de uma nova forma, além das diferenças em termos de cultura, educação e riqueza. De seguida, decidiu explorar um negócio que incorporaria a diversidade intercultural como caminho para as empresas. Tornou-se um dos primeiros orientadores no ramo

do treino para a diversidade — um campo que teria sido um esticão antes da sua experiência transformadora.

— Após a experiência, aprendi que o que sou vai muito além do ego, da mente ou do corpo — disse Lewis. — O núcleo essencial de todos nós é a alma individual. Agora, o meu propósito na Terra é dizer às pessoas que somos todos Um e ao mesmo tempo únicos.

Tal como outros, Lewis sentiu que, após a experiência, tinha uma missão. O propósito era tornar-se mais bondoso e amável, estar ao serviço dos outros. O trabalho consistia em distribuir o seu conhecimento a uma escala mais vasta — a um mundo que ele entendia. Era uma tarefa considerável, mas à sua pequena maneira, Lewis estava destinado a criar outro pilar de luz nesta Terra.

Nem todos os que passam por uma EQM têm uma experiência tão aberta e recebem uma missão tão direta. Alguns sabem que lhes foi atribuída uma função, mas não conseguem lembrar-se dela. Outros não se recordam de lhes ter sido dada alguma. Porque recebeu Lewis esta tarefa específica? Porquê ele?

Milhões de pessoas admitiram ter passado por uma EQM. Estima-se que cerca de cinco por cento da população mundial relate experiências de quase-morte, segundo a Universidade de Liège na Bélgica, mas só alguns conseguem depois viver a vida num poder superior. Como vê, muito tem de quebrar no sítio certo para que a pessoa seja bem-sucedida. No caso de Lewis, ele definiu um plano e executou-o. Decorou uma parede na sua casa flutuante com artigos sobre a sua empresa e as suas presenças no *Today* e no *CBS Morning News*. Lewis desembrulhara com sucesso o seu propósito.

Além da sua missão, o efeito secundário de Lewis, proteção física após um acidente quase mortal, era intrigante, e eu queria saber mais. Afinal, a tolerância humana a um choque como o dele é fraca. É geralmente fatal.

Jessica sugeriu que me encontrasse com Lewis, que descreveu como um indivíduo de um mundo de riqueza e privilégios.

Ele estava também interessado numa leitura e queria saber mais sobre a sua experiência.

Jessica, Lewis e eu trocámos *e-mails* durante algum tempo e combinámos encontrar-nos no dia a seguir ao Dia de Ação de Graças na casa de Jessica em Salinas. Jessica estava entusiasmada e decidiu organizar uma pequena festa. A lista de convidados incluía um importante investigador que trabalhava com Russell Targ no âmbito da visualização remota, um enfermeiro que lidava com a morte e os moribundos, um autor e palestrante, um apresentador de um programa de rádio e um médium de topo.

Festejei o Dia de Ação de Graças com a família nas Hollywood Hills, na Califórnia. Comemos sementes de abóbora tostadas, e o cheiro a feriado — peru assado e molho de arando — encheu a cozinha. Comprei presentes de Hanukkah para toda a gente. Foi uma noite tranquila, mas afetuosa, e saí cedo, cansada e satisfeita.

Conduzi até Santa Monica e deitei-me. Duas horas depois, acordei encharcada em suor.

Liguei a Jessica na manhã seguinte. A viagem estava cancelada. Mal me conseguia mexer. Lewis já ia a caminho, vindo de Sausalito, para se encontrar connosco, mas a reunião teve de ser adiada.

Sentia-me péssima — desiludida. Então, recebi esta mensagem de Jessica:

Adivinhe só! Aconteceu-me o mesmo ontem à noite. Os convidados trouxeram comida para a festa e também fiquei doente. Por isso lamento imenso o que lhe aconteceu. A festa foi fantástica. Pena que estamos as duas a sentir-nos mal.

Jessica

Combinámos tentar de novo daí a duas semanas. Iria de carro e encontrar-me-ia com Lewis em Sausalito, juntando-me depois a Jessica no caminho de regresso a LA.

UMA VIAGEM PELA COSTA DA CALIFÓRNIA

Em Sausalito, as casas vitorianas têm vista para o mar. Um conjunto de lojas ecléticas, gabinetes de ioga e galerias de arte enchem as ruas estreitas. Lewis vive em Kappas Marina. Combinámos encontrar-nos no parque de estacionamento da marina para podermos caminhar juntos até à sua casa flutuante.

Virei a esquina à saída da cidade, estacionei num grande parque e fui recebida por um homem alto de espesso cabelo louro vestido com um anoraque verde e acenando com os braços: Lewis. As sirenes de nevoeiro do porto e as gaivotas a voar em círculo sobre a nossa cabeça assinalaram a minha chegada.

Tal como outras pessoas que passaram por uma EQM, Lewis parece bem mais novo do que os seus mais de sessenta anos, como se fosse intemporal — uma característica que observei em quem teve uma experiência de quase-morte.

Enquanto caminhávamos ao longo do cais, com Lewis a puxar a minha mala, conversámos sobre a minha viagem, Jessica e os meus planos para a estada. Parámos frente a uma encantadora casa flutuante com venezianas e subimos vários degraus na parte de trás para entrar.

A casa de Lewis, com soalho branqueado, tapetes e sofás brancos com muito enchimento, parecia tirada de um filme de Hollywood. Se não olhássemos para fora e reparássemos que estávamos rodeados de água, podíamos imaginar-nos em Beverly Hills. Lewis acompanhou-me ao meu quarto e assimilei a cama *queen size* e os livros sobre espiritualidade empilhados na mesa de cabeceira de madeira. Tentei não pensar em deitar-me e fazer uma sesta, pois tínhamos a leitura e um encontro da IANDS nessa noite. Lewis dera-me umas boas-vindas calorosas. Esta experiência na Califórnia parecia-me como se estivesse noutra país, quente e acolhedor.

— Esta noite, ouvirá a líder do grupo falar sobre a sua EQM, quando era professora assistente em Berkeley nos anos sessenta — informou-me Lewis quando voltei para o andar de baixo e entrei na sala de estar. — A experiência dela foi muito diferente da minha.

— Sente-se — disse ele, e apontou para os sofás. Acomodei-me no sofá amplo, e Lewis instalou-se à minha frente e acendeu uma vela. O aroma fresco a pinho encheu a sala.

Lewis esticou as longas pernas e entrelaçou os dedos atrás da cabeça enquanto me punha a par do tempo que passara na

Universidade de Stanford. Noutra sincronia, fiquei a saber que alguns alunos da sua formatura eram indivíduos que eu conhecia do ramo do investimento. Comparámos notas sobre as pessoas que tínhamos em comum e conversámos durante alguns minutos antes de darmos início à sessão.

Espalhei alguns cristais e expliquei-lhe como iria decorrer a leitura. Lewis já fizera leituras e até me contou como uma médium previra o fim do seu casamento. (Acertara.) Mal podia esperar para começarmos.

Referi-lhe, tal como dissera a outros, que podia fazer perguntas durante a leitura. Lewis tinha muitas questões sobre o que acontecera e a sua vida desde então, pelo que a leitura ia ser longa.

Disse a Lewis que estava pronta.

A SESSÃO DE LEWIS

Enquanto me instalava, Lewis reviu a sua lista e a minha, e escolheu as perguntas que queria fazer primeiro. Estava ansioso, e uma vez iniciada a leitura, descobrimos uma abundância de informação.

Respirei fundo várias vezes. Reparei num som agudo e senti uma onda de energia e calor a envolver-me à medida que me aproximava do acesso a vibrações superiores. Estava habituada ao som que ouvia nestas leituras porque entrava num espaço vibratório mais elevado. Criava um «zumbido» audível.

Ler para quem teve uma EQM é diferente de ler para outra pessoa. Sejam novos ou velhos, homens ou mulheres, profissionais, estudantes ou reformados, todos os indivíduos para quem leio que *não passaram* por uma têm perguntas sobre os seus relacionamentos, dinheiro, a família, saúde e carreira. Quando leio para pessoas que tiveram uma EQM, é uma experiência completamente diferente. Entro num reino diferente. O tempo é simultâneo e vívido. Estou com a pessoa na sua experiência. Saio para o universo. A leitura de Lewis não seria exceção. Acenei a indicar que estava pronta, e ele fez-me a primeira pergunta. Lewis tinha visto a luz branca.

— O que era? — perguntou. Questionava-se se desempenhara algum papel na sua notável transformação.

Mais uma vez, enquanto nos instalávamos, o Espírito respondeu:

A luz era a consciência de Lewis a encontrar-se com a consciência universal. Imagina bilhões de consciências individuais unidas numa só. A consciência de Lewis saiu do corpo para se ligar à fonte total onde não há cimo nem fundo, amplitude ou profundidade. Esse espaço é nada e todavia é tudo. É as estrelas e o universo, um poço profundo e o ar que respiramos. E quando a consciência de Lewis encontrou esse espaço, reconheceu-o como uma luz brilhante, pois não há outra maneira de a fonte no-lo transmitir. Não existem palavras no nosso vocabulário, mas o visual é a luz.

Pensei nisto por um minuto. A luz é, claro, referida pela literatura, religião e espiritualidade e está intimamente relacionada com o terceiro olho na obra metafísica. Na verdade, parece ser todas as almas, todos os seres, todas as fontes, transpostos para energia e unidos como um só.

Quando as pessoas veem a luz branca, podem ter diferentes nomes para ela, mas muitos encontram-na ao entrar neste outro reino. Foi a sua essência que levaram consigo ao deixar para trás o corpo físico. Alguns chamam-lhe Deus; outros reconhecem-na como a sua família de alma. A maioria descreve-a como um amor que tudo abrange. Ou o todo universal. Está lá para nos cumprimentar. É o que resta, o bom, o verdadeiro e o puro, depois de deixarmos o corpo terreno.

Olhei para Lewis pelo canto do olho. Estava sentado na beira do sofá, ansioso por continuar. Ouvei algumas gaivotas a grasnar em segundo plano e voltei a respirar fundo.

A EQM de Lewis teve um notável efeito secundário. Foi protegido de uma fatalidade. Não só experimentou este espantoso elixir após o acidente, como também transformou Lewis de uma maneira que nenhuma experiência terrena, nenhuma busca material, alguma vez poderia fazer.

A experiência de Lewis no túnel e a sua EQM aumentaram o seu propósito e corrigiram o seu preconceito cultural. Regressou emendado e remodelado. Disse as palavras que vinham do Espírito:

Quando a nossa alma começa a separar-se do corpo, o seu intuito tem um foco muito mais metafísico. Em vez de se concentrar em buscas terrenas, começa a procurar o verdadeiro sentido. Que encontra imediatamente neste outro reino.

O CONTEXTO DE ALGUÉM QUE TEVE UMA EQM

Queria saber sobre o passado de Lewis. Não de como era descendente de dois governadores e fundadores de importantes empresas nos Estados Unidos, nem de como frequentara uma universidade da Ivy League, trabalhara na política republicana e tivera emprego na televisão pública. Queria saber da sua infância. O que aconteceu a Lewis quando crescia? Perguntei-lhe se havia alguma coisa no seu histórico ou educação ligada à sua EQM. Voltei toda a consciência para o que acontecia dentro de mim enquanto me concentrava. Tinha de ver se encontrava uma resposta que fizesse sentido para esta questão da educação, pois a porta já tinha sido aberta na leitura de Barbara (ver capítulo 3).

O Espírito respondeu:

Em pequeno, Lewis era como um deus. Um ídolo para a família, amado pela linhagem, as qualidades exteriores, o bom aspeto. Cresceu desligado do seu poder. Apesar da sua graça, da educação e do contexto, fracassou. Esses atributos não eram a resposta para Lewis.

Nesse dia, aprendi muito com o Espírito sobre Lewis. Como outras pessoas que passaram por uma EQM, ele observava os sinais ao longo do caminho enquanto tentava estabelecer a sua identidade como indivíduo. Passou por um trauma emocional enquanto tentava fazer o seu caminho num mundo em que questionava o seu papel. A busca não estava a tornar-se mais fácil; agravava-se. Deu por si numa encruzilhada, entre um ponto de inflexão e ficar bloqueado. Voltou repetidas vezes de mãos vazias, tentando definir-se para lá do legado. Questões pessoais ficaram por

resolver. Um padrão emergiu e os problemas multiplicaram-se, da infância à idade adulta. A vida ficava mais difícil à medida que envelhecia.

Mas o Espírito está sempre a avaliar essa vulnerabilidade. Para indivíduos como Lewis, a consciência é suscetível e está pronta a ser acionada. Este gatilho não parece ser um acontecimento totalmente aleatório. Não é coincidência que estas pessoas tenham chegado a um impasse, e, com o conjunto certo de circunstâncias, o resultado é uma EQM. Estes indivíduos passam mais tempo a contemplar o universo e são menos apegados ao corpo físico.

Uma experiência fora-do-corpo parece-lhes mais natural e pode fazer parte da sua progressão enquanto procuram algo verdadeiro, real e bom. E pelos vistos com a intervenção do universo, determinando o momento certo.

Foi Lewis escolhido para esta experiência? Estaria num radar que identifica pessoas emocionalmente vulneráveis para um novo e renovado propósito? Tal como outros, é quase como se tivesse sido avaliado e os resultados — a busca, a vulnerabilidade, o *timing* — bastassem para o selecionar.

Lewis saiu ileso do carro destruído. Alguma força invisível o protegeu enquanto deixava o corpo? Como escapou ao trauma? Como saiu de um veículo destruído? Estas foram as perguntas seguintes.

Lewis e todos nós somos muito mais do que o corpo físico. O corpo físico de Lewis e o acidente foram meros veículos para facilitar a sua transformação. Assim que ele aceitou a sua missão, e foi infundido e alterado pela luz, a negatividade física do acidente foi absolvida. Foi curado.

Será a consciência superior uma cura para problemas terrenos? *New agers*, místicos e as religiões do mundo afirmam isto desde o começo. Entrar em contacto com o nosso ser superior pode melhorar a nossa saúde e o nosso estado geral, alegam muitos. A natureza de uma EQM parece até ser a cura para um trauma fatal.

Devemos olhar para a consciência superior como o dom da plenitude?

A questão das possibilidades terapêuticas das experiências místicas ainda se encontra na infância, mas parece relacionada com os efeitos benéficos das experiências de quase-morte. Estão em curso testes clínicos em várias universidades, incluindo na NYU, e demonstram que «os indivíduos transcendem a identificação primária com o corpo e experimentam estados livres do ego... e voltam com uma nova perspectiva e uma profunda aceitação», segundo um investigador.¹ Casos desta pesquisa sobre a EQM sugerem que os efeitos das EQM vão além disto, incluindo a cura.

O acidente de Lewis não só resolveu milagrosamente os problemas pessoais, como também lhe providenciou uma proteção sobre-humana. O que aconteceu durante a EQM para transformar Lewis? Uma misteriosa transferência do universo? Ou teve apenas sorte?

As EQM têm tendência para curar. A literatura espiritual está repleta de histórias de cura espontânea, e no capítulo 5 encontrará outra pessoa, Rajiv Parti, que viveu uma cura notável devido à EQM. Será que a consciência tem a capacidade de se sobrepor à realidade física? E se assim for, quais as implicações para a medicina moderna?

A AUTORIDADE SUPERIOR DE LEWIS

Porque é que a autoridade superior de Lewis foi não só Deus, mas um Deus branco e do sexo masculino? Porque não encontrou Buda? Ou o avô? Porquê um Deus branco e homem?

O Espírito respondeu:

As EQM são administradas por uma figura de autoridade do vernáculo daquele que a vive. Uma figura que possam reconhecer e respeitar. Para uma elite branca e do sexo masculino, quem poderia ser essa figura de autoridade exceto um Deus episcopal, branco e do sexo masculino? Alguém do mundo de Lewis. Parece haver na consciência de Lewis um gatilho ligado à fonte certa, tal como acontece para todas as pessoas que têm uma EQM. Lewis foi

instruído por uma voz que podia entender e respeitar para que lhe prestasse muita atenção. Tinha de ser uma voz credível e com impacto sobre ele. Afinal, era uma experiência didática.

Parei e olhei para cima.

— Como estamos de tempo? — perguntei enquanto tomava fôlego.

— Estamos bem — respondeu Lewis, olhando para o relógio. — Continue.

Quando Lewis regressou ao seu corpo, ocorreu um estalido doloroso, quase um trauma, tal como Barbara sentira. Porque haveria de ser doloroso para a nossa consciência, um elemento mais leve que o ar, entrar de novo no nosso corpo? Porque não acontecia facilmente? Afinal, a consciência é leve como uma pena.

— Como é suposto a consciência voltar para dentro do corpo? — perguntei-me enquanto esperava que o Espírito apresentasse a resposta.

Quando a nossa consciência entra de novo no corpo, isso sucede com uma guinada. Não é suposto este acontecimento ocorrer na Terra. Quando acontece como parte de uma EQM, é como uma operação que não foi aperfeiçoada. Existimos na Terra como um pacote completo e unificado — corpo físico e consciência entrelaçados. Não devem ser separados. Nascemos com os dois interligados, mas se a consciência estiver separada durante demasiado tempo num plano superior, voltar a juntá-los é pesado e difícil.

Lewis olhou para o relógio: cinco horas. Tínhamos de terminar a leitura. Ele fez mais algumas perguntas sobre a sua vida e o trabalho; entretanto, chegou o momento de terminar a sessão e de nos prepararmos para o encontro local da IANDS.

Precisei de vários segundos para os meus olhos se focarem. O sol tinha-se posto e a sala estava iluminada pelo brilho de velas. Lewis voltou a acender as luzes. Ficámos sentados em silêncio durante um minuto.

A EXPERIÊNCIA DE LEWIS E OS MEUS PENSAMENTOS SOBRE AS PESSOAS QUE TÊM UMA EQM

Pensei no que me tinha sido mostrado na leitura de Lewis. Era como se cada EQM fosse personalizada para se ajustar à personalidade, às crenças e à cultura do indivíduo. Mas havia uma universalidade na experiência — era uma experiência sobre todos nós. Sobre a vida. A esperança. O espírito. A morte. Tudo isso.

Aonde é que isto levava? Via que me aproximava de um ponto de vista que raiava a fronteira da ciência e da espiritualidade — uma ideia de que todos participamos na mesma energia. Que tudo o que acontecia tinha uma mensagem espiritual para nos ensinar, subjacente à nossa vida. Aprendi que podíamos não reconhecer facilmente a fonte ou a mensagem, mas que ela estava lá, ainda que escondida abaixo da superfície. O trabalho mostrou-me que as sincronias não eram coincidências, mas algo mais intencional. Que o universo, e o seu impacto, é bem maior do que aquilo que percecionamos. Que a nossa conexão é universal.

Pensei na pessoa que servira de veículo para esta jornada — o homem com os efeitos secundários artísticos. Fora-lhe dado um imenso talento. Um dom. No entanto, ele teve dificuldades em prosseguir a missão — dificuldades em aceitá-la. Outras pessoas que conheci tinham concordado em aceitar a missão. Cada uma era enviada de volta para fazer o seu trabalho. Algumas foram bem-sucedidas. Outras ficaram pelo caminho. Tudo isto parecia também fazer parte de um esquema mais amplo.

Capítulo Cinco
RAJIV PARTI E A TRANSFORMAÇÃO FISIOLÓGICA: CURA
ESPONTÂNEA

«O que esgota o seu espírito, esgota o seu corpo. O que
alimenta o seu espírito, alimenta o seu corpo.»

Caroline Myss

A Califórnia era uma mina de ouro. Toda a gente queria falar sobre as suas EQM — mesmo que nunca tivessem tido uma.

Continuei a conversar com pessoas que tinham passado por essas experiências e, uma manhã, enquanto abria *e-mails* debaixo do guarda-sol verde do Starbucks na Montana Avenue, apareceu-me um de alguém que tivera uma EQM na infância. O QI deste homem aumentara vinte pontos desde aí. Cliquei no seguinte, este de um artista da Disney que tivera também uma experiência na infância. Porque não havia maneira de medir os efeitos secundários em pessoas com EQM na infância, arqueei esses casos. Abri mais *e-mails*, incluindo o de uma mulher que se tornara muito espiritual desde a EQM. Havia *e-mails* de várias pessoas que se tornaram médiuns. Também os pus de parte.

Li o *e-mail* de um homem que tinha a poesia como efeito secundário e o de uma mulher com cura espontânea. Estudei a nota de um advogado cujos processos mentais aceleraram. Falei com uma mulher que começou a tocar flauta e com outra que improvisava música. Tomei nota de todas as suas experiências.

Criei um *site* e as pessoas que tiveram EQM passaram a palavra. Não tardou a que a notícia se espalhasse. Muitas estavam cheias de vontade de participar. Uma era o Dr. Rajiv Parti.

Sentada à porta do café na Montana Avenue, com o céu de um azul translúcido em todas as direções, pensei em como sentiria a falta daquele tempo — dias de vinte e sete graus, sem uma nuvem no céu — quando regressasse à costa leste.

O telemóvel tocou. Era o Dr. Parti. Pousei o chá gelado e ouvi a sua história. Tinha um milhão de perguntas, mas esperei enquanto ele me punha ao corrente.

A EQM DO DR. PARTI

A experiência aconteceu no dia de Natal de 2010.

Um dia normal para o Dr. Parti, enquanto chefe de anestesiologia cardíaca no Bakersfield Heart Hospital, começava às seis da manhã. Corria para o trabalho, conversava com uma enfermeira ou com o seu corretor de valores. Conduzia o seu *Mercedes* desportivo ou o *BMW*. Ou o *Hummer*. Se alguém lhe cortava o caminho na estrada, ia atrás deles.

A cada dois ou três anos, o Dr. Parti e a família mudavam-se. A sua casa era tão grande que ele e a esposa precisavam de *iPhones* para localizar os filhos. As prestações da hipoteca atingiam os quinze mil dólares por mês.

Um dia, recebeu uma chamada do seu médico. «Tenho boas e más notícias», disse ele. O Dr. Parti só ouviu as más: cancro na próstata. E voou para a Florida a fim de ser operado. A cirurgia correu bem, mas cedo se tornou incontinente e começou a sentir dores pélvicas. Após mais sete cirurgias, uma das quais conduziu a infeções abdominais, ficou deprimido e foram-lhe receitados três antidepressivos. Passados três anos, a infeção piorou e ele ficou viciado em analgésicos.

Finalmente, em 2010, um médico da UCLA decidiu fazer outra cirurgia.

O Dr. Parti tinha dores excruciantes e quarenta graus de febre quando foi transportado de ambulância para o Centro Médico da UCLA. A infeção espalhou-se para o sangue e a septicemia começava a instalar-se.

Na mesa de operações, teve a sua EQM.

A SESSÃO DO DR. PARTI

Combinei encontrar-me com o Dr. Parti em Los Angeles uma semana depois da nossa conversa. A filha frequentava a USC, tal como o meu filho, e o Dr. Parti estava muitas vezes na cidade, por isso ver-nos-íamos em breve.

Às duas da tarde da quinta-feira seguinte, ouvi baterem à minha porta. O Dr. Parti estava casualmente vestido com uma camisa de colarinho aberto e calças de caqui, um médico em dia de folga.

Indiquei-lhe que entrasse. Conversámos enquanto nos dirigíamos à pequena mesa de vidro e metal e às duas cadeiras que eu instalara no meio da sala para a nossa sessão.

O Dr. Parti mandou-me vários *e-mails* antes do encontro. Quando nos conhecemos, já preencherá o questionário e havíamos falado ao telefone. Tomara notas sobre o seu *site* e as palestras que dera. Tinha um longa lista de perguntas baseadas na nossa conversa, nas respostas ao questionário, nas suas palestras e no seu *site*, e estava ansiosa por explorar a sua experiência.

Iniciámos a sessão. Fechei os olhos para me firmar. À medida que a sessão se abria, senti a presença do Espírito e dei por mim no início da EQM do Dr. Parti.

A EQM começou de forma tensa, como se não conseguisse respirar — como se a sua alma estivesse a viajar e tentasse atravessar para o reino seguinte. Disse ao Dr. Parti que via o pai dele e que tinha uma sensação de pavor ao vê-lo.

A testa do Dr. Parti franziu-se, pensativa.

— Eu tinha medo do meu pai. Ele costumava bater-me — afirmou. Uma vez, em pequeno, foi tão gravemente espancado que não pôde voltar à escola durante três semanas.

O Dr. Parti fez a recapitulação da relação com o pai, a principal figura de autoridade da sua vida, apesar de ter morrido vinte anos antes. Era a pessoa que mais respeitava, a quem daria ouvidos.

Após a recapitulação, perdoou ao pai pelos abusos, e juntos, de mãos dadas, entraram num túnel.

A leitura continuou.

O Dr. Parti deparou-se com uma luz branca, destinada a limpá-lo e a purificá-lo — a enviá-lo na sua nova viagem através das trevas.

Do outro lado do túnel, foi recebido por duas entidades que disseram ser os anjos da força e da cura, símbolos importantes para um homem da cura. Quando, mais tarde, a mulher lhe perguntou «O que aconteceu aos milhares de deuses e deusas indianos?», o Dr. Parti não teve resposta.

A sessão continuou com um ritmo peculiar. A banda sonora das leituras era um constante zumbido grave e oscilante de comunicação que eu ouvia e apresentava. Eu era a médium, destinada a transmitir a informação, o intercâmbio entre dois mundos de informação que passavam através de mim.

Durante a EQM, encontrou vidas passadas. Flutuou sobre um prado cheio de rosas e um límpido riacho de montanha. Viu cores, fraturadas como um caleidoscópio.

— Podia ouvir um tinido distante que soava como «om» — disse ele. Paz. O mais sagrado mantra que existe e o símbolo da frequência primordial da existência.

A experiência foi como um caleidoscópio de possibilidades infinitas a ocorrer em simultâneo. Do prado, a luz falou com ele, e foi-lhe dito que não era bom para os pacientes. Recebeu a percepção de que ia voltar. Que levaria uma vida mais espiritual e cumpriria o contrato da sua alma.

O Dr. Parti teve outra ocorrência invulgar durante a EQM: uma experiência verídica — confirmada por outros após o seu regresso.

Lembra-se de ter ouvido as piadas do anestesiolegista, enquanto esteve na mesa de operações. Sentiu a consciência viajar para a Índia, onde viu a irmã, de calças de ganga azuis e camisola vermelha, e a mãe, com um sari verde, a tomar chá. Quando falou com a mãe dois dias depois, esta confirmou que as duas estavam a tomar chá, com essas roupas, na altura da EQM.

Quando acordou da cirurgia, explicou aos médicos que conseguira ouvir as suas piadas durante o procedimento. Eles responderam que devia estar com pouca anestesia.

Mas será que havia outra explicação? A consciência do Dr. Parti existia em todo o espaço e tempo? Terá a sua mente superior visitado a mãe e a irmã como parte da experiência?

A TRANSFORMAÇÃO DO DR. PARTI

Setenta e duas horas após a EQM, a febre do Dr. Parti baixara. O vício em analgésicos desaparecera, a depressão fora curada e a dor

crônica evaporara-se. Ficou curado do cancro da próstata e da septicemia.

Teria vivido um milagre? Ou havia uma explicação mais simples?

No espaço de três semanas, mudou o estilo de vida. Despediu-se do emprego e tornou-se vegetariano. Vendeu os carros topo de gama e adquiriu um híbrido. Um cirurgião plástico comprou-lhe a casa, e o Dr. Parti mudou-se com a família para uma casa com metade do tamanho. Para relaxar, começou a meditar, em vez de beber.

Largou tudo aquilo que em si havia sido tocado pela antiga vida. Não podia continuar vinculado aos acontecimentos terrenos depois de ter vivido a sua experiência espiritualmente transformadora.

Hoje, tem os pés assentes em dois mundos: a Terra e o universo. Como a maioria das pessoas que passam por uma EQM, anda na corda bamba, e há uma tensão no espaço que habita. É como se fosse agora duas pessoas, e todos os dias é uma luta para lidar com elas. Tem dificuldades em tentar encaixar no plano terreno depois de ter sentido a perfeição completa e o amor absoluto no universo.

Para quem teve uma experiência de quase-morte, o dia a dia é uma luta numa viagem sem bússola. Desviar-se temporariamente do caminho parece também fazer parte do processo. Ainda está a adaptar-se ao seu novo mundo, este em que foi depositado após a EQM.

Quando perguntámos, na sua sessão, se o Dr. Parti era candidato à sua experiência, foi-nos dito:

Tal como outros, o Dr. Parti possuía qualidades específicas. A capacidade de ser despertado, mas uma quantidade suficiente de escuridão. Podia ser transformado numa luz viva após a sua experiência, se fosse capaz de servir.

Olhei para o Dr. Parti. Estava debruçado para a frente, ouvindo com atenção.

— Está bem? — perguntei.

Ele assentiu.

— O que causou a minha transformação? — perguntou.

Os efeitos secundários fisiológicos do Dr. Parti incluíram a cura espontânea de uma doença fatal, bem como do vício e da depressão. É uma proeza importante. De acordo com o que sabemos da ciência, ser-se curado de um cancro fatal, junto com o vício e a septicemia, em que o risco de morte é elevado, não só é notável como inexplicável.

O Espírito clarificou:

A vibração superior que o Dr. Parti sentiu na EQM pareceu erradicar as doenças terrenas. Os padecimentos do corpo físico simplesmente não existem num plano superior de energia pura e de alta frequência. Tal como Lewis, o Dr. Parti é mais do que o seu corpo físico.

No caso do Dr. Parti, efetuou-se uma mudança ao nível da alma. O estado não físico. A cura que acompanhou esta mudança criou uma carga poderosa, e ele foi literalmente rodeado pela luz. A luz tem a capacidade de transformar, incluindo a cura física, devido às suas propriedades altamente energéticas.

Durante a EQM, o Dr. Parti deparou-se com uma energia pacífica fortalecedora — tão absoluta que sentiu, quase pela primeira vez na vida, completo. Ele tentou trazer esse estado aumentado consigo para a Terra. Tal como outras pessoas, ansiava por esse momento elevado, por mergulhar nesse reino. Mas esse estado elevado não durou e ele regressou ao corpo com um baque. Foi um choque descobrir que o nosso mundo é estático, mas dedicou-se com determinação a voltar a encontrar esse estado. E embora tivesse viajado uma vez para esse reino distante, não conseguiu alcançá-lo de novo. Simplesmente não estava disponível para ele na Terra.

Isto é informação importante, porque os indivíduos que têm EQM, tal como nós, gente normal, estão interessados em atingir o estado superior da EQM quando regressam à Terra, mas são incapazes de o fazer.

Não se pode regressar de uma EQM. Volta-se porque o nosso corpo regressa. Mas nós — a nossa essência — não voltamos. A essência é transformada para sempre. Funde-se com o universo.

Nada é familiar, mas é suposto continuarmos como se não tivéssemos sido alterados.

COMUNICAÇÃO DO ALÉM

Durante a nossa sessão, perguntei com quem falava e foi-me dito o seguinte:

Não nos conheceis, mas conhecer-nos-ás e encontrar-nos-ás. Encontra-nos. Estamos aqui para fazer boas ações e estamos a toda a tua volta. Nunca nos podes ver. Somos pessoas belas, mas não somos pessoas. Seres belos. Aquilo a que vocês chamam seres.

Era demasiado para compreender no momento em que me surgiu. Precisava de parar. Bebi um gole de água e fiz uma pausa, depois acenei ao Dr. Parti para lhe indicar que podia continuar.

— O que preciso de saber? — perguntei. Achei que, se «eles» iam responder, devia fazer outra pergunta.

Fazes demasiadas perguntas, disseram. Só precisas de aceitar. As pessoas que aceitam dominaram isto. Incorporaram-no com sucesso e podem avançar. Muitos não conseguem juntar as peças. Têm de ser deixados pelo caminho, mas isso faz parte do processo.

Esta leitura foi diferente porque o Espírito comunicou diretamente comigo, dizendo-me que a aceitação é fundamental para o entendimento — conselhos para mim, mas também para todos nós. Foi-me dito que a minha maneira prosaica de fazer as coisas, procurando respostas, podia não ser o caminho a seguir.

Olhei para cima e mudei de posição. Tinha de prosseguir com a leitura, por isso continuámos. A seguir, perguntei ao Dr. Parti pelo contexto da sua EQM.

Houve momentos de alegria e de felicidade na experiência, mas também muitos momentos intensos. Porque experimentou o Dr. Parti extremos de alegria e de escuridão? Precisava que algo mais — mais extremo — lhe fosse mostrado para o desviar do caminho atual?

O que foi mostrado ao Dr. Parti foi feito para definir e moldar a sua consciência de modo a poder avançar e expandir-se, para tocar cada vez mais pessoas na sua jornada quando regressasse.

Perguntámos então: o que devia o Dr. Parti aprender com a experiência?

Que há paz, tranquilidade, conforto e um contentamento duradouro disponíveis para ele. O Dr. Parti estava destinado a aprender isto, mas, mais importante, devia infiltrar-se nele.

Antes da experiência, o Dr. Parti nunca se interessara por nada espiritual. Agora, tudo mudara. Qual fora o gatilho? Estaria o universo a ver? Terão dito: *É preciso mostrar a este tipo um propósito superior?* Porque funcionou. Tal como outras pessoas que passaram por uma EQM, o Dr. Parti traz agora consigo para sempre a mensagem da transformação.

Quando regressou, já não estava interessado na antiga carreira e começou a procurar sentido na sua vida. A EQM tinha-o enviado numa viagem.

A SUA EXPERIÊNCIA/A MINHA EXPERIÊNCIA

A experiência do Dr. Parti foi real. Estive lá com ele, e foi vívida e intensa. Toquei-a e saboreei-a. Vi o que ele viu e senti o que ele sentiu — tal como vi e vivi a EQM de Javier, e a de Barbara e a de Lewis. As minhas experiências nestas sessões eram as mesmas das pessoas que tinham passado pela EQM, e tentar descrever este reino e os seus mistérios era tão difícil para mim como para elas. Como disse William James, célebre psicólogo e professor em Harvard, quando definiu pela primeira vez as experiências noéticas em 1902, há nelas uma «inefabilidade», a incapacidade de as exprimir ou descrever em palavras.

CURA ESPONTÂNEA: UM FENÓMENO RARO MAS REAL

Como ocorreu a cura do Dr. Parti? Como desapareceram as suas doenças? Como se nunca tivesse tido vícios. Nunca tivesse estado deprimido. Nunca tivesse tido cancro.

Pense nos efeitos secundários de uma EQM como se reiniciasse o computador. Exceto que quando reinicia de uma EQM, a sua vida já não é a versão 2.0. Agora é a versão 20.0. Você e a sua vida foram

transformados a partir de um reinício cósmico. À primeira vista, é um conceito simples, mas desmontemo-lo e examinemos o seu verdadeiro significado.

Visualize isto. Tem o mesmo depósito exterior de quando deixou o corpo físico. Mas os componentes internos foram reforçados, renovados. Com novas instruções de utilização da Fonte e uma dose de pura energia não filtrada diferente de tudo o que podemos conseguir na Terra. Sem o corpo físico, a potência desta energia é aumentada. É pura essência. Pura luz. Pura consciência. Volta connosco à Terra, melhorando-nos através de um processo atualizado pelo universo.

Esta essência adicional é o dom da EQM — aquilo que estamos destinados a utilizar quando partimos na nova viagem. Na Terra, o corpo físico cria desequilíbrios e doenças — tanto físicas como emocionais —, stresse e sofrimento. Ao regressarem da EQM, as pessoas possuem uma dose de poderosa energia que não só aumenta a vibração do corpo como é capaz de erradicar doenças. No caso do Dr. Parti, esta poderosa energia roçou contra o corpo físico e provocou uma cura que alterou a sua essência.

O Dr. Parti absorveu esta energia total e perfeita à medida que era descarregada dentro dele. Já era mais do que o corpo físico quando esta infusão produziu uma substituição das corrupções existentes.

Quando reinicia o seu computador, procura começar do zero. Como uma reinicialização, uma experiência de quase-morte é uma solução extrema para restaurar o sistema. A experiência de quase-morte elimina culpas e erradica corrupções. É o último recurso.

Desde a EQM, o Dr. Parti ficou ligado. É literalmente um homem novo. Largou tudo o que tinha sido tocado pela Terra e ficou reduzido ao seu âmago metafísico e elementar. A mudança completou-se ao nível da alma.

Não é fácil entender tudo isto. Podemos apenas tentar processar o que nos é mostrado.

Depois de se entrar neste outro plano, fica-se transformado para sempre. Voltamos à Terra porque o nosso corpo regressa. Mas o «eu» — a nossa essência — não regressa realmente. Fica alterado para sempre e é quase impossível de conciliar.

Quando a sessão terminou, perguntei ao Dr. Parti pela família. Como estavam eles a ajustar-se à nova vida?

A mulher e a filha apoiam-no, disse, mas a reação dos outros tem variado. Pressenti que apalpava o caminho, um caminho diferente dos dias como um poderoso médico. Com o passar do tempo, vi fotografias na sua página de Facebook, fotografias da mulher e da filha, e uma encantadora carta à mulher no aniversário de casamento, agradecendo-lhe pelo seu papel na sua jornada. A jornada — e a da família — continuará.

Apertámos as mãos e o Dr. Parti partiu. Fora uma leitura intensa — e diferente. Quando leio para quem teve uma EQM, sou o canal, não a pessoa que vive a experiência. O meu trabalho é transmitir a informação e analisar de que forma encaixa naquilo que já sei e ainda estou a aprender. Mas a minha resposta emocional é diferente da das pessoas que tiveram uma EQM.

Nesta leitura com o Dr. Parti, aconteceu algo peculiar. «Eles» comunicaram diretamente comigo, dizendo-me que abordasse este trabalho de forma diferente. Que deixasse de usar táticas terrenas. Que aceitasse. Pensei nisso. Fazia sentido, mas era um desafio tentar aceitá-lo. Continuei, de qualquer forma. Sou apenas humana.

Quando fechei a porta e voltei a entrar no apartamento, ocorreu-me uma pergunta: qual o tecido que une estas experiências? O que me estava a ser mostrado que ligaria todas estas pessoas? Ainda não o identificara, mas sabia que o elo estava lá.

Pensamos que podemos olhar para as evidências e encontrar respostas, mas, às vezes, quanto mais examinamos, mais perguntas surgem. No entanto, havia uma força que me dizia: *As respostas estão por aí. Continua.*

VOLTANDO PARA LESTE

Vagueei pelo apartamento, fazendo as malas para a minha mudança dentro de dois dias. A permanência na Califórnia chegara ao fim. As aulas estavam a terminar, o curto contrato de arrendamento expirava e era altura de regressar a casa. As boas-vindas tinham sido calorosas e os californianos haviam apoiado o meu trabalho. E eu estivera na Califórnia para fazer este trabalho; sabia-o agora.

Estabelecera contacto com muitas pessoas com EQM, enfermeiros de hospícios, académicos, físicos, assistentes sociais e terapeutas. Mas, apesar do apoio, continuava muito por minha conta. Também eu realizava a minha própria e única viagem, à semelhança das pessoas que passam por uma EQM. *É isto que eu sou*, pensei enquanto olhava em volta da sala para os últimos objetos que enviaria para casa.

Sentia-me confortável na Califórnia, onde a abordagem ao mundo metafísico era prosaica. Descendo a rua com um tempo claro e quente, pensei em como sentiria a falta do Sul da Califórnia. Mas, ao mesmo tempo, a família, os amigos e as minhas ligações estavam a leste. A oportunidade de mergulhar num outro lugar fora um breve dom, mas era tempo de retomar a antiga vida.

De repente, a sala pareceu-me sufocantemente quente. Abri uma janela e respirei fundo enquanto a luz da sala diminuía.

Capítulo Seis

DAN RHEMA, O DR. ROBERT MAGRISSO E A TRANSFORMAÇÃO COGNITIVA: COMPETÊNCIA ARTÍSTICA

«Enviar luz para as trevas dos corações dos homens — é esse o dever do artista.»

Robert Schumann

De regresso a Baltimore, desci a North Avenue até ao Maryland Institute College of Art, com casas geminadas e mercados de descontos, e pensei em Diane Willis. Tendo passado por uma experiência de quase-morte, Diane gere a IANDS de Chicago, uma secção ativa dedicada à quase-morte. Tinha-me mencionado que Bob Magrisso, internista em Evanston, Illinois, tivera uma EQM e regressara com dons artísticos. Sugeriu-me que o contactasse.

Quando telefonei a Bob, não fiquei surpreendida ao saber que ele e eu estávamos unidos de outras formas. (Cada pessoa com quem falava que tivera uma EQM parecia partilhar uma ligação comigo, descobri com o decorrer do tempo.) Para começar, vivera algum tempo em Baltimore enquanto frequentava a Universidade Johns Hopkins.

ROBERT MAGRISSO: UM CIENTISTA INFLUENCIADO PELO ALÉM

Magrisso dá aulas na Faculdade de Medicina da Universidade Northwestern, estudou no Albert Einstein College of Medicine e fez um mestrado em engenharia biomédica na Universidade Johns Hopkins. Tem um bacharelato em física. Trabalha como especialista em medicina interna em Evanston, Illinois. Da primeira vez em que Bob e eu falámos, ele contou-me a sua experiência. Aos quarenta e oito anos, teve um ataque cardíaco e esteve inconsciente nas urgências do Hospital de Evanston enquanto os colegas médicos se esforçavam para lhe salvar a vida:

— Segundos antes da paragem, ouvi um som alto, lembrando o dos grilos. Lembro-me de estar noutra mundo, como um céu noturno cheio de estrelas. Senti uma extrema paz e liberdade. Havia um movimento em direção a três luzes, que mais tarde imaginei como

seres. Tive uma sensação de consciência pura. Não parecia faltar nada — contou Bob.

Quando recuperou a consciência, o médico das urgências encarregado da reanimação tinha lágrimas nos olhos.

— Trouxemos-te de volta! — disse-lhe. — Viste a luz branca?

— Não, mas estava a subir o túnel escuro — respondeu Bob.

— Não sei ao certo de onde vieram essas palavras — afirmou-me Bob —, mas descreviam a sensação de movimento em direção às três luzes. Rapidamente determinei que se tratava do meu pai, que morrera em agosto de 1993, do meu melhor amigo, Tomas, que falecera em agosto de 1991, e de um amigo mais distante, Raphael, que perecera apenas uma semana antes desta experiência. Não sei como «sabia» que eram eles, mas sabia. Senti que estavam lá para me receber.

Bob descreveu a experiência como uma «sensação de “despertar” daquilo que sabia. Talvez as sensações mais positivas que alguma vez tive.»

Fizemos planos para falar via Skype na semana seguinte. Na noite de quarta-feira, vi as horas: faltavam trinta minutos para ligar a Bob.

Às oito da noite, arrastei a cadeira para mais perto do computador e olhei através do ecrã para um homem agradável de rosto redondo e cabelos grisalhos encaracolados. Liguei o gravador; verificava-o periodicamente para me certificar de que não perdíamos a ligação.

Tinha algumas perguntas para Bob acerca da sua experiência e do seu contexto. Estava também sobretudo curiosa quanto ao regresso de Bob ao seu corpo. Como fora tomada essa decisão?

— Eu não tomei essa decisão — disse ele. — Simplesmente aconteceu. Não queria morrer. Sentia que a minha vida era um perfeito fracasso até este acontecimento. Sentia-me tão triste por não voltar a ver a minha mulher e a minha família.

Essa sensação de fracasso era um tema que surgiria com outras pessoas com quem falei que passaram por experiências de quase-morte. Mesmo indivíduos tão bem-sucedidos como Bob sentiam-se como se não tivessem vivido a vida de forma completa. Muitos

exprimiam também uma profunda tristeza por nunca mais terem a oportunidade de voltar a ver os entes queridos.

Tanto Bob como eu queríamos investigar os seus efeitos secundários. Bob, médico e cientista, regressou da experiência de quase-morte com a necessidade de produzir arte. Os seus quadros e obras de técnica mista retratam repetidamente estrelas e símbolos místicos enquanto metáforas. Como outros que conhecerá neste livro, há na atividade de Bob após a EQM um aspeto incessante, repetitivo, compulsivo. Ele já se interessava pela arte, mas as figuras espirituais começaram a aparecer na sua obra após a EQM: escadas que se estendem para o universo. Planetas. Seres a flutuar no espaço.

— Uso com frequência o céu estrelado como fundo porque põe tudo em perspetiva — diz ele. O trabalho de Bob inclui peças tridimensionais, colagens e esculturas de madeira. A linguagem da sua arte é extremamente simbólica, e ainda mais desde a EQM.

Bob diz que a experiência lhe ensinou que há mais na nossa realidade física do que o que sabemos ou compreendemos. A sua arte esforça-se por exprimir o mistério no âmago da realidade, e ele utiliza o trabalho para investigar também a própria espiritualidade. Segundo uma crítica numa universidade que expôs recentemente o seu trabalho, «a obra de Magrisso sugere uma viagem à mais profunda espiritualidade humana em busca da iluminação».

Bob concorda com a apreciação de que a sua arte pós-EQM reflete uma espiritualidade mais profunda, maior sentido e propósito.

— É-me difícil fingir isso — acrescenta. — Sinto que fazer arte é um meio de me aproximar um pouco mais dessa experiência. Através da arte, consigo, de certa maneira, ligar-me a essa experiência. Como se tentasse regressar a algum tipo de consciência do universo.

Nos trabalhos de colagem, Bob utiliza por vezes a mandala, um padrão tradicional, como representação simbólica do cosmos. É a sua forma de ligar o presente e o antigo na sua linguagem artística. Outras pessoas que passaram por experiências de quase-morte

utilizam também símbolos universais da sua EQM (como verá quando conhecer Lynnclaire Dennis no capítulo 11).

— Quanto menos pensar no que lá está, melhor — diz Bob. — A morte, o luto, a cura e a plenitude são alguns dos temas para os quais gravito, e que encontro diariamente na vida profissional. — São também conteúdos que surgem após experiências de quase-morte. E o aspeto de não o explorar conscientemente, mas permitir que brote do subconsciente, é um assunto que viria a ouvir de outras pessoas que passaram por estas experiências e que fizeram as pazes com o seu novo comportamento.

A SESSÃO DE BOB

Respirei fundo três vezes e senti-me mergulhar no meu corpo enquanto me preparava para procurar as respostas para os sons que Bob ouvia, para as imagens que via, para o significado da sua arte.

Era difícil segurar Bob. Tal como outras pessoas que passaram por EQM, ele não estava amarrado — desconfiei que devido à sobrecarga de consciência. Quando comecei a ler a energia dele, reparei que a sua aura estava cheia de luz e que, como outros, parecia ter duas auras distintas. Uma era branca e transparente, e envolvia-lhe o corpo. A outra, escura e baça, mostrava o trauma físico do ataque cardíaco. Ter duas auras tornava-se o sinal inequívoco de uma EQM.

— O que recebeu Bob que influenciou a sua arte? — perguntámos.

O Espírito mostrou-me como o desdobramento mental de Bob aumentou. A experiência produziu uma mente superior permanentemente acessível, que Bob utiliza para transmitir imagens ao público, através de símbolos e sinais. Estava a aprender que, às vezes, os símbolos são tudo o que temos para comunicar.

A linguagem deste outro plano era ilusiva e não se enquadrava nos sinais que conhecemos para a vida.

O som que ele ouviu — os grilos. O que era? (Outras pessoas que passaram por uma EQM referem que também ouviram sons no

momento em que deixam o corpo. É um dos dezasseis elementos clássicos da experiência. Ver apêndice A.)

Esse som é a vibração de uma frequência crescente, que se encontra no momento em que a nossa consciência sai do corpo físico para ascender ao plano físico. Interpretamos isto como «som», embora possa ser outra propriedade.

Olhei para cima. Ouvei uma sirene, um carro de polícia a descer a rua. Esperei que o barulho acalmasse, depois baixei a cabeça e continuei.

— As estrelas que Bob experimentou, que se repetem como imagens na sua arte, são temas recorrentes na arte EQM. O que significam no trabalho dele? — indagámos. As estrelas repetem-se enquanto metáforas e todos os indivíduos com quem falei perguntaram pelo seu significado. Porque são mostradas estrelas a quem passa por uma experiência de quase-morte? Porque não a Lua? Ou o Sol?

As estrelas de Bob são impressões duradouras do universo a que ele viajou, do universo a que está permanentemente ligado. Partes de Bob pertencem a esse reino e nasceram lá. Ao viajar pelo túnel escuro, deixou o espaço denso e opressivo onde o trauma vive para entrar num vasto e estrelado reino de luz infinita, um espaço belo e pacífico.

— Bob identificou as luzes como amigos seus. Estava certo? — perguntámos. Olhei para Bob e ele acenou para que continuasse.

As luzes eram a essência dos seus amigos, ali para o receber, tal como outros foram recebidos pela luz, por amigos e família pessoais ou coletivos, disse o Espírito. Esta resposta estava em consonância com o entendimento de Bob e com o meu recém-descoberto entendimento da luz.

A luz pode também ser interpretada como a resposta do universo à escuridão da nossa terra. De facto, uma das obras de Bob, *Lightbearers*, é uma montagem de imagens de mais de trinta indivíduos que Bob considera portadores da «luz».

— Vejo-os não como apenas seres humanos, mas também como portadores da luz para a escuridão coletiva em que habitamos — diz Bob.

A MISSÃO DE BOB

Bob estava também interessado na respetiva missão após a EQM. Esta era uma das suas principais perguntas e, tal como outros, expressou a pergunta na leitura em termos de «missão» — não objetivo de vida, ou trabalho, ou caminho de vida. Ele e outros veiculavam um sentido de missão.

— Qual é, especificamente, a missão que eu devia estar a cumprir? — perguntou Bob. Embora esteja a produzir arte e a servir a sua comunidade, questiona-se se devia fazer mais.

O teu trabalho é continuar a aceder, a descarregar e a transmitir uma consciência superior que recebeste, através da tua cura e da tua arte. Quando as pessoas estão diante da tua arte, esta infiltra-se nelas, grava-se inconscientemente. A tua consciência elevada transmite-se através da tua obra. O teu trabalho é continuar a aceder à luz, a descarregá-la e a transmiti-la.

— Faz sentido? — perguntei a Bob.

— Sim.

— Acha que faz isso? — perguntei.

— Tento. Julgo que acontece. Não sei se lhe disse, mas há quarenta anos que estou envolvido num caminho espiritual. [Bob tem agora sessenta e oito anos.] E isso faz parte da intenção em todas as coisas que faço — afirmou ele.

E ali estava: a vontade de Bob anterior à sua experiência. Já procurava antes da EQM. Procurava o outro. Num caminho muito intencional.

COMO É QUE BOB CHEGOU À EQM?

Tal como outros, Bob avançou em direção à EQM durante anos. Esta foi apenas o último passo. Ou talvez o primeiro? No seu caso, pareceu muito intencional. Ele procurava algo, pedindo-o antes da EQM. Recebeu-o.

— Como era a vida de Bob antes da EQM? — perguntei. Referiu que durante anos estivera envolvido numa prática espiritual, e quanto

ao resto da vida de Bob, para lá das buscas espirituais? Bob e eu explorámos isto na nossa questão seguinte.

Antes da EQM, a vida de Bob tinha um padrão. Estava a afogar-se na rotina, mas sem progredir para lá dos seus limites — estabelecidos pela convenção e pelos outros. Mas estas convenções não se lhe adequavam lá muito bem.

Foi-nos dito que Bob não estava a crescer. Continuava a experimentar as mesmas coisas uma e outra vez. Era rotina e limitadora — e não chegava. De certa forma, perdia tempo.

— Encontrava-me numa espécie de crise acerca do caminho espiritual — disse ele. — De facto, às vezes brincava, afirmando que estava numa crise de meia-idade. Isto a modos que resolveu o assunto. A sério.

Eis o que o Espírito tinha a dizer:

Bob foi criado com certas expetativas para o que iria alcançar e como cumpriria as obrigações. Fazia o que esperavam dele, ainda que parte de si se revoltasse. De qualquer modo, correspondeu às expetativas e, aos quarenta e oito anos, teve uma crise. Ou talvez a crise tenha começado mais cedo? Bob deu por si numa caixa, que se tornava cada vez mais pequena, até que a EQM o libertou.

Isto era parecido com a vida de Lewis antes da EQM (ver capítulo 4): expetativas a que era preciso corresponder mesmo enquanto a alma ansiava por algo mais.

— Houve alguma força que olhou para a situação de Bob e disse: «Agora ele está pronto?» — perguntei.

Há um ponto em que pessoas em situações semelhantes à de Bob, com traumas emocionais no passado, mas com capacidade para muito mais, anseiam por uma alternativa. Mas não sabem como lá chegar. Ou não conseguem lá chegar. A certa altura, num ponto de inflexão, são puxadas para fora do corpo a fim de serem novamente despertados. Voltam para continuar, mas de uma forma nova, diferente. Num caminho diferente.

Bob concordou.

— Foi mesmo isso, essa coisa de desperdiçar tempo. — Globalmente, Bob diz que a experiência o deixou «com a sensação de que todos nós formamos parte de algo maior», um sentimento partilhado por outras pessoas que passaram por uma EQM.

DAN RHEMA: UM CEO TRANSFORMADO EM ARTISTA XAMÂNICO

Olhemos para Dan Rhema, que também regressou com a arte como efeito secundário de uma EQM. Terá a transformação de Dan sido semelhante à de Bob?

Na quarta-feira seguinte, pouco depois das seis da manhã, abri os olhos ao som de um zumbido grave. Demorei um segundo a perceber que era o despertador do meu *iPhone*. Ia ler para Dan, antigo CEO de uma organização sem fins lucrativos que se transformara em artista xamânico.

Dirigi-me à cozinha, preparei uma chávena de chá e levei-a para o pátio. O sol despontava no horizonte. Conseguia ver o topo dos olmos para lá dos apartamentos a oeste. Os meus pensamentos centraram-se na forma como este trabalho se desenrolava e como contactara Dan pela primeira vez.

Na Califórnia, fazer este trabalho fora fácil. Na costa oeste, eu era aceite e muitas pessoas que tinham passado por experiências de quase-morte apresentavam-se para partilhar as suas histórias. Mas de volta à costa leste, as coisas foram diferentes. Nem todos viam este trabalho da mesma maneira no mais tradicional Médio Atlântico. No entanto, sabia que a minha habilidade — as coincidências — e o meu desejo indicavam a direção certa, o sentido da progressão ao longo deste caminho. Havia um motivo para fazer este trabalho e encontrar-me com as pessoas específicas que tinham entrado na minha vida. Também sabia que a minha capacidade de ler para elas não era coincidência. Considerei o meu passado de investigação. Nada disto era coincidência; estava convencida. Sentei-me no pátio, tirei um cristal do bolso e olhei para ele. «Prossegue», parecia dizer.

Conheci Dan indiretamente. A primeira vez que o ouvi falar sobre a sua EQM foi num programa de rádio. Visitei o seu *site* e notei que um dos separadores se intitulava «Quando eu era um fantasma».

Intrigada, contactei-o e ele respondeu rapidamente. Recordei a conversa com ele enquanto bebia chá e acenava ao meu vizinho, que saíra para ir buscar o jornal e desaparecera, deixando-me de novo com os pensamentos.

A EQM de Dan foi desencadeada por um surto de dengue, meningite e encefalite em 1991. Quando a esposa, Susan, perguntou aos médicos qual era o prognóstico, eles responderam: «Não sabemos. Não conseguimos encontrar literatura sobre alguém que tenha sobrevivido a isto.»

Dan sobreviveu e tornou-se artista, uma volta de cento e oitenta graus quanto à antiga profissão de presidente de um centro internacional de treino no México.

Quando a doença se agravou, Dan foi transportado por via aérea para o Hospital do CDC em Atlanta e internado. Assim que lhe deram uma epidural, saiu disparado do corpo e foi projetado para o canto da sala. Flutuou numa escuridão absoluta para uma inesperada viagem ao outro lado. Durante a EQM, Dan acabou num tempo anterior à religião. De homens das cavernas.

— Acredito que fui projetado para essa parte do subconsciente que era a pré-história. Primitiva. Xamânica — diz ele. — Agora, não tenho vontade de seguir nenhuma religião. Sinto que fui a outro lado. Além disso. Ou antes.

Durante a EQM, Dan ouviu uma voz.

— Entendes que agora estás a morrer? — perguntou ela.

Nesse ponto, Dan sentiu que lhe era dado escolher entre morrer e voltar. A mulher e as filhas continuavam do outro lado da fronteira. Dan entendeu que podia morrer, mas também sabia que a mulher e as filhas não estavam ali. Fez uma escolha. Regressou.

INSPIRADO PELO UNIVERSO

Mas, como de certeza conseguem antever, Dan não regressou como era. Passado um par de meses, começou a ter intensas visões durante a noite. Assim que adormece, é dominado por uma consciência aumentada que lhe transmite imagens sobrenaturais: estrelas ardentes, terceiros olhos, rostos xamânicos.

Isto foi o início do visionário processo artístico de Dan. Atualmente, passa os dias a circular entre um espaço onírico e a consciência. Os ciclos de descarga de imagens duram até seis meses e dominam a sua vida, até estar completamente gasto num ciclo de produção de arte. Dan produziu arte compulsivamente ao longo dos últimos quinze anos.

Dan não cria arte da mesma forma que um artista tradicional. Pinta com os dedos e um trapo. As suas cores são intensas; as imagens, primevas e infantis. Cedo percebeu que estava a recriar alguma coisa, uma tentativa de explicar o que lhe acontecera durante a EQM.

— Estou sempre à espera de que esta compulsão, esta energia, pare — diz. — Mas nunca o faz. Vem tudo simplesmente através de mim e tenho de me manter fora do caminho. — Num comentário semelhante ao de Bob, afirma: — Quanto menos pensar nisso, melhor.

Dan vê arte nos seus sonhos.

— Os sonhos começam e depois a ansiedade cresce. Então crio arte durante meses consecutivos. Pinto cinco quadros de cada vez, pois não posso esperar que um seque. Nos meus sonhos, estarei na minha cave, a tirar coisas e a juntá-las. O que, cognitivamente, na minha vida desperta, talvez não fizesse. E no dia seguinte, vou lá abaixo e começo a juntar tudo.

As pessoas levam-lhe materiais recolhidos, que ele armazena na cave para utilizar na sua arte. O processo é primário; os materiais, primitivos e elementares. A obra inclui objetos encontrados, arquétipos e imagens da EQM, da espiritualidade e do mundo natural.

Dan pensou que estava «a ficar maluco», como ele diz, porque nunca tinha criado arte. Na verdade, a sua licenciatura é em geologia.

— Faço isto devido à minha EQM e só tento manter-me, tanto quanto possível, fora dela — explica. — Sempre me preocupou que, caso pensasse demasiado no que estava a fazer, parasse.

À semelhança de Bob, Dan descobriu que é apenas um recetáculo para a expressão do universo. E tal como Evelyn (ver Prefácio) e Lewis, aprendeu a deixar a intuição guiá-lo. *A sair do caminho*. Dan permite que a informação venha de outro lado. Mas de onde?

Dado que Dan vive em Louisville, combinámos fazer uma leitura via Skype. Expliquei-lhe que seríamos capazes de nos ver mutuamente e interagir como se estivéssemos sentados à mesa à frente um do outro, porque a energia existe em toda a parte e a distância não tem significado.

Por esta altura, tinha feito cerca de uma dúzia de leituras. A minha opinião sobre as EQM estava a mudar, e a procura de entender os efeitos secundários cognitivos e fisiológicos transformava-se, para incluir áreas mais vastas. O Espírito levava-me para outros reinos, mostrando-me coisas que eu não considerara quando iniciei este trabalho. Apercebi-me com um sobressalto de que também estava a ser transformada.

A SESSÃO DE DAN

Mais tarde nesse dia, liguei para Dan via Skype. Ao começar a leitura, olhei para a rua. Estava a formar-se uma tempestade; os ramos das árvores no terraço tremiam. Fechei as janelas e sentei-me à mesa da cozinha. Ainda que o tempo fosse ominoso, não me preocupava com o efeito eléctrico na gravação da sessão de Dan. A interferência da tempestade podia desligar Internet, televisão por cabo, ar condicionado ou luzes. Mas uma tempestade cria um nível de interferência diferente do de alguém que teve uma EQM, que pode interromper a nossa ligação à Internet enquanto mantém intactas outras ligações.

Após uma rápida conversa, firmei-me. Fechei os olhos e adaptei-me à minha consciência superior. Depois de respirar fundo três vezes, comecei.

Primeiro, olhei para a aura de Dan, *maciça da cabeça para baixo — como se o seu corpo fosse forte, mas a cabeça fosse consciência completa. A aura que lhe rodeava a cabeça estava*

completamente aberta e cheia de luz branca. A luz branca do espírito.

Prosseguimos e perguntámos:

— Que tipo de pessoa era Dan antes da EQM? Terão a sua educação, biologia ou experiências de vida tido impacto? — O que descobrimos não surpreendeu, na medida em que a experiência dele espelhava outras. Era uma pessoa fora do mundo quotidiano. Disse o Espírito:

Antes da EQM, Dan e a esposa viviam no limite, onde se sentiam mais confortáveis. Viajaram para África, para a América do Sul e finalmente para o México, onde Dan e a família adoeceram. Eram exploradores, sempre à procura da próxima coisa nova, bem fora da rede. Para lá da corrente dominante. Quanto mais extremo, melhor.

Tal como Bob, Evelyn, Lewis e outros, Dan sentia que tinha de haver mais — mais na nossa realidade na Terra do que aquilo que experimentamos. Sim, andava à procura. Mas a sua viagem não terminou até à EQM.

Seria então candidato por ser explorador? Porque esta era a derradeira exploração — uma que jamais encontraria na Terra. Teria Dan sido criado para isso? Estaria, de alguma forma, destinado à sua experiência?

Antes da experiência, Dan continuou a percorrer um caminho, dizendo: «Quero saber mais sobre estas coisas que ninguém compreende, para as quais não temos respostas.» Progrediu com as alternativas — no seu caso, novos destinos — fora da sua zona de conforto, até à EQM em 1991.

Daquilo que muitas vezes vi e ouvi, pessoas como Dan e outros pareciam pensar: *Deem-me algo de invulgar. Estou pronto.*

Mas talvez uma EQM não fosse aquilo em que estavam a pensar?

Então e quanto ao *timing*? Será o momento um fator numa EQM? Quando fizemos a pergunta, vi a consciência de Dan ser projetada do corpo no momento em que o Espírito determinou que ele estava pronto para incorporar esta nova experiência. Quando o seu caminho

de vida se alinhou com os desejos do universo, Dan desligou-se, para ser sustido nas mãos do universo, em absoluta perfeição.

Como vimos, parece haver um ponto de viragem, um momento específico em que as EQM ocorrem. Isto parece acontecer quando pessoas em situações semelhantes às de Dan atingem um certo ponto, um ponto subtil em que estão prontos para que a consciência seja projetada do corpo. Em que a sua busca ultrapassa a realidade. Ao mesmo tempo, está muitas vezes presente uma força física, para preparar o caminho para a ativação da EQM.

Uma e outra vez, o Espírito disse:

A certa altura, são arrancados dos corpos para serem despertados e regressarem para continuar. Num caminho diferente. Com um objetivo maior.

A experiência de Dan deixou-o com um portal para uma realidade diferente de tudo o que havia experimentado na sua antiga vida. Esta mudança de paradigma, diz ele, foi «mais real do que a própria realidade».

Porquê? Outros, como Barbara (ver capítulo 3), referiram que a realidade da experiência era uma característica particularmente forte da EQM. Exploraremos isso mais a fundo em leituras posteriores.

QUAL É O SIGNIFICADO DA ARTE DE DAN?

Os dons artísticos de Dan serviram de catalisador para as restantes pessoas. Muitos dos que veem a sua arte são levados às lágrimas ou a relatar-lhe as próprias experiências. Dan permite às pessoas que sugiram interpretações e encontrem por si mesmas o significado da sua obra. O trabalho dele é transmitir a mensagem e afastar-se. Mantém-se em segundo plano, mero mecanismo de transmissão para a iluminação.

Como explica a sua experiência? O que significa a EQM para ele?

— Tive esta experiência que não compreendo, e ela mudou-me por completo. Já não era a mesma pessoa de quando nasci. Como se comunica isso às pessoas? — diz Dan.

Comunica isto através da arte. Mesmo enquanto artista, a arte de Dan não é convencional, mas antes um desembrulhar da sua

consciência. Recebe-a com o objetivo de transmitir uma mensagem. É a sua forma de explicar o inexplicável, e de evitar dizer-nos algo diretamente.

A missão de Dan é atuar como uma luz para a humanidade. De facto, foi enviado de volta para imbuir os outros desta consciência superior. Não é um pacto que tenha feito sozinho. Ao contrário de Lewis, Dan não recebeu uma missão óbvia. Não se lembra de lhe ter sido dito que ia fazer este trabalho. É uma compulsão que acredita ter de concretizar.

ABRIR A PORTA À CONSCIÊNCIA

O que aconteceu à consciência de Dan durante a EQM? Como foi ativada? Procurámos entender estas perguntas à medida que a leitura continuava e eu tentava ir onde Dan fora como viajante cósmico.

Imaginem a consciência de Dan como um balão ligeiramente amarrado ao seu corpo por um fino fio. Durante a EQM, este fio afastou-se, mas continuou levemente preso a ele. Muitas vezes considerado de prata, é referido na arte e na religião; é discutido por místicos como o fio da vida que liga o ser superior ao corpo físico. Dan usa a metáfora de flutuar e de um fio como parte integrante da sua arte.

Precisamos que esse fio de consciência esteja ligado ao nosso corpo. É o que nos torna humanos. Se for cortado, deixamos de existir, pelo menos em termos do «eu» físico na Terra. A essência do eu, a luz, o «eu» energético existe para sempre.

— E eu manifesto essa ligação na minha arte — diz Dan. — Uso muito o termo e manifesto esse laço como duas correntes penduradas que me impedem de flutuar para longe.

ENTÃO É UMA RECAPITULAÇÃO DA VIDA?

Muitas vezes presume-se que as EQM incluem uma recapitulação da vida, mas Dan não a teve. Nem viu uma luz, nem teve a sensação de descer por um túnel. Flutuava apenas nas trevas e foi-lhe dito: «Entendes que agora estás a morrer?»

Dan tinha algumas preocupações com esta falta de recapitulação da vida e as trevas que experimentara. Porque não vira uma luz?

Porque não havia túnel? Visto que não experimentara estes elementos, preocupava-o que talvez a sua experiência não fosse «válida». Chegou a perguntar-se o que tinha ele de errado.

De acordo com o Espírito, Dan passou por tudo aquilo de que precisava para lhe transmitir o pleno significado da sua experiência. Para o deixar com os resultados e os efeitos secundários. A mensagem foi entregue de forma eficaz e pelos meios mais apropriados. *O universo sabe o que faz.*

No caso de Dan, uma frase — «Entendes que agora estás a morrer?» —, combinada com o resto da experiência, bastou para alterar a sua vida.

Poder-se-ia chamar «técnica» à forma como Dan tomava decisões antes da EQM, como seria de esperar de um cientista. Era a esposa a metafísica da família, diz Dan. Mas ele sofreu uma reviravolta. O Espírito mostrou-me que a parte metafísica de Dan sempre estivera lá, mas trancada dentro dele. A porta para esses espaços fora fechada. Antes, Dan pensava: *É isto que eu sou. É isto que faço*, excluindo outras possibilidades.

Mas havia outra parte de Dan — que sempre lá estivera — que tinha a capacidade de interagir com muito mais. Quando teve a EQM, a experiência derrubou todas as portas que ele pensava ter permanentemente fechado. Perdeu o controlo sobre a abertura e o fecho dessas portas. Porque, após uma EQM, nunca mais se tem nada sob controlo.

TRANSFERÊNCIA DO UNIVERSO

Dan regressou da sua EQM com uma sobrecarga de força metafísica — uma dose demasiado grande para ele gerir. Tem de a descarregar. E, quando o faz, algo de invulgar acontece: ela volta a aumentar.

Eis o que o Espírito tinha a dizer acerca disto:

A consciência tem a sua força vital. Quase como se fosse alimentada por uma força universal. À medida que a consciência de Dan se esvazia, ela volta a ser preenchida. Conforme a gasta, torna a aumentar. Dan produz arte e utiliza-a — mas nunca a usa toda. É

poderosa. É Divina. A Divindade. A sobrecarga de Dan existe porque a porta que ele abriu na EQM continua aberta. Recebe reabastecimentos automáticos, quer os queira, quer não.

As pessoas que não passaram por uma EQM têm uma consciência latente, que não foi ativada. Perguntámos ao Espírito porque é a consciência tão responsiva, principalmente depois de uma EQM.

Quanto mais exercitas a tua consciência, mas responsiva ela se torna. Quanto mais a utilizas, mais ela responde procurando por mais. A consciência é muito responsiva.

— É isso que sinto — diz Dan. — Sabe, as pessoas perguntam: «Vais ficar sem ideias?», mas não, porque assim que adormeço começa tudo. Vem dos meus sonhos. Pode ser cansativo.

A consciência de Dan — a nossa consciência — sabe tudo. Faz parte do universo. É onnipresente. Omnisciente. Está em todos os tempos e em todos os espaços. É tudo e mais além. Por isso, quando entra nesse espaço numa EQM, a sua consciência acede a tudo e mais alguma coisa. Porque a consciência pode. Porque é isso que ela é.

Quando a consciência de Dan explora o universo, ele está na fila da frente. Uma noite pode estar a praticar atividades xamânicas, na outra tem um sonho sobre um lago sem fundo, e na seguinte anda lá fora no universo. Porque a consciência pode fazer qualquer coisa e ser qualquer coisa e estar em qualquer lugar, tudo ao mesmo tempo. Está viva. É uma coisa viva e expande-se através de um ciclo de alimentação.

— Em termos dos sonhos, demorei tempo até conseguir fazer perguntas a mim mesmo. E cheguei à conclusão de que, durante a EQM, a porta, o meu subconsciente, foi aberta e fui projetado para a minha consciência. E quando voltei, essa porta não se fechou. E foi difícil. As pessoas nunca passam por isso, pelo que é complicado explicar como é a nossa vida — diz Dan.

Dan continuou, descrevendo a primeira vez que fez uma obra de arte:

— Assim que saí do hospital, fiz a minha primeira obra. Uma peça de tecido. Não tinha acesso a produtos artísticos, mas apanhava coisas no deserto. Objetos que encontrava. Não tenho explicação para isso. Já lhe contei? Foi na altura em que nos mudámos para Tucson.

Tucson. Lá estava outra vez. O que se passava com Tucson? Não era a primeira vez que essa cidade surgia no meu trabalho.

— De onde é? — perguntei a Dan.

— Oh, sou de Baltimore — respondeu.

Baltimore. Onde eu vivo.

ARTE PRIMORDIAL: EQME AS SUAS LIGAÇÕES AO PRIMEIRO HOMEM

Passei muito tempo a pensar na arte de Dan e de Bob e na importância do seu trabalho, incluindo as técnicas. Com base numa pesquisa histórica, parece que o processo artístico do homem primitivo é surpreendentemente semelhante aos de Dan e Bob.

A arte de Dan partilha um espaço cultural com as pinturas rupestres. Como as pinturas de Lascaux em França, Dan utiliza pigmentos primários: vermelho. Amarelo. Preto. O seu interesse pela cor e a forma lembra os símbolos de expressão do Neandertal. Os pigmentos primários utilizados eram óxidos de ferro para o vermelho e manganésio para o preto, e o ocre criava uma variedade de tons de amarelo. As cores de Dan refletem isto. Se olhar para os quadros dele, verá amarelos intensos, vermelhos de cádmio e linhas pretas.

As sociedades paleolíticas expressavam o seu entendimento do universo através de desenhos que retratavam viagens xamânicas a outros reinos. Estrelas, elementos simbólicos, imagens das galáxias. Tanto Dan como Bob utilizam estes símbolos na sua obra. Na arte paleolítica, muitas das imagens do «mundo superior» são desenhadas a vermelho, associado à vida. As imagens do «mundo inferior» são pintadas a preto, associado à morte. As imagens de Dan espelham também estes estilos.

— Sinto que fui projetado para aquela parte do subconsciente que era pré-história, pré-religião e primitiva — diz Dan. — Homens das cavernas. Xamânicos.

Antes da aurora da civilização, o homem primitivo esfregava matéria em bruto em superfícies grosseiras. As pinturas rabiscadas em paredes de grutas eram provavelmente feitas com uma mistura de material encontrado e de minerais, à semelhança do que Dan e Bob utilizam. O suporte era grosseiro, tal como os elementos com que pintavam, aplicados em pinceladas toscas e rudimentares. Como os nossos parentes paleolíticos, estas duas pessoas que passaram por uma EQM utilizam marcas rudimentares, bordas ásperas e objetos encontrados. A linguagem é simples, colorida e primitiva. Poderão as obras de Dan e Bob ser uma ligação aos primórdios da criatividade do homem? Ambos utilizam símbolos e materiais elementares, e até as cores e o acabamento são idênticos aos dos nossos ancestrais.

Tanto a arte de Dan como a de Bob utilizam imagens arquetípicas e paletas elementares que remontam à origem da espécie. Se puser os seus trabalhos lado a lado com as pinturas rupestres, verá a inquietante comparação. Serão os seus dons uma prova da genética do primeiro homem? Será a sua obra uma ligação entre os antigos e a sociedade atual?

Os homens das cavernas aplicavam a tinta soprando através de um tubo ou diretamente da boca. Também usavam pincéis feitos de pelo de animais ou de matérias vegetais, junto com os dedos e rochas. Saberá Dan que os homens das cavernas pintavam com matéria vegetal e com os dedos, a mesma técnica que ele utiliza?

Os primeiros homens não foram os únicos seres humanos a exprimir o Espírito através da arte. Posteriormente, os xamãs contactaram o mundo espiritual para desenvolver imagens através de estados alterados de consciência, sonhos e visões. Como os antigos xamãs, Bob e Dan recebem muitas das visões em sonhos e através de estados alterados de consciência.

Podemos decerto perguntar: serão Bob e Dan xamãs dos tempos modernos? Também podemos refletir sobre a ligação entre a sua linguagem, a sua técnica e os primeiros homens. Estas continuam a

ser questões em aberto, mas a semelhança com a arte produzida pelos ancestrais é assombrosa.

— Pode seguir a minha arte e tem tudo aquilo de que fala — diz Dan. — Inclui um conceito xamânico da escada e do trabalho no sentido da cura xamânica, partes trazidas de volta para formar uma pessoa completa. — O trabalho de Bob também inclui escadas, imagens de cura e símbolos do universo.

Lembre-se de que nem Bob nem Dan estudaram arte. Nenhum treinou para ser artista. Antes da EQM, eram cientistas. Mas agora sentem-se ambos compelidos a produzir arte, e não apenas qualquer tipo de arte. Arte cósmica. Arte xamânica. Terão Bob e Dan incorporado uma memória permanente do primeiro homem? Representarão o desenvolvimento da consciência humana? Mas a que tipo de reinos — e quantos — acederam? Que mensagem nos tentam transmitir?

Quando Dan e eu concluímos a nossa leitura, ele sugeriu:

— Se puder, devia tentar vir até Louisville ver a arte. Não é a mesma coisa que vê-la num *site*.

— Gostaria de o fazer — disse, perguntando-me quando seria capaz de empreender a viagem.

Mal sabia eu que daí a duas semanas estaria em Louisville pela primeira vez.

Capítulo Sete

LYLA E A TRANSFORMAÇÃO COGNITIVA: COMPOSITORA/ESCRITORA DE CANÇÕES

«Depois do silêncio, aquilo que mais perto chega de exprimir o inexprimível é a música.»

Aldous Huxley

Enquanto caminhava pelo trilho arborizado no Parque Robert E. Lee, pensei na conversa que tivera com a minha amiga Kitty. Na semana anterior, ela sugerira que me juntasse a ela numa apresentação a que ia assistir no final do mês. Kitty explicou que se tratava de um grupo privado de amigos de mente aberta que se reúnem mensalmente para um interessante programa ou discussão.

— Tens de ser interessante, interessada e aberta para fazer parte do grupo — acrescentou.

— Estou interessada — respondi. — Então, a conversa é sobre o quê?

— Extraterrestres — informou ela, acrescentando: — Oh, já disse que é em Louisville?

Parei de andar. Claro que seria em Louisville.

Uma semana depois, Kitty e eu fizemos a viagem de dez horas até Louisville. Planeei uma visita ao estúdio de Dan (ver capítulo 6), além de assistir ao encontro dos seus inteligentes amigos de mente aberta.

Estava a escavar. Havia mais pessoas com histórias de EQM a apresentar-se, incluindo vários músicos *New Age* que me contactaram através do *site* que montara para dar a conhecer este trabalho às pessoas que tinham passado por experiências de quase-morte.

A MÚSICA NEW AGE E A EQM

Gostava de música *New Age*, mas explorá-la através da EQM levou-me numa jornada de descoberta de como soam os sentimentos. Descobri que a música é não só uma maravilhosa forma de relaxar, mas também de tocar os outros. Quer encontre elevação,

conforto ou esperança neste gênero de música, o som é capaz de preencher a alma e de gerar estados de consciência mais elevados.

A música *New Age* é predominantemente instrumental e de natureza meditativa. Muitas vezes, inspira-se no universo — no oceano, no espaço, na natureza ou nas paisagens naturais. É de natureza não convencional e pode conter percussão, incluindo flautas, sinos, *didgeridoo* e instrumentos não ocidentais. Alguns compositores constroem os próprios instrumentos.

Provavelmente ouve música *New Age* quando recebe uma massagem, pratica ioga ou faz meditação. Às vezes, serve de música de fundo a casamentos ou videocliques, e alguns músicos criam álbuns para a cura ou para a prática de *pilates*.

A música *New Age* inclui por vezes melodia, e outras um ritmo forte e uma estrutura harmónica. Praticamente toda esta música utiliza ritmos repetitivos, padrões, sons e qualidades monótonas que se destinam a traduzir uma experiência transformadora. Mesmo não a entendendo, a maioria de nós consegue relacionar-se com a sua vibração relaxante. Como disse em tempos o compositor e maestro russo Igor Stravinsky: «Nunca entendi um compasso de música na vida, mas senti-a.»

Um músico *New Age* com quem falei contou-me como começou a ouvir música na cabeça — telepaticamente — antes de começar a compor. Não sabia de onde vinha, mas soava maravilhosamente e derreteu-lhe o coração. «Sabia que seria espiritualmente revigorante para muitas pessoas se conseguisse exteriorizá-la e manifestá-la de modo a que pudessem ouvi-la», disse ele.

Descobri uma compositora *New Age* que vive perto de Tucson e que teve uma experiência de quase-morte, mas nunca falou sobre isso. De novo, não pude deixar de reparar que Tucson aparecera e voltei a questionar-me acerca desta ligação.

Embora esta instrumentista, a quem chamo Lyla, não falasse sobre a EQM, ela criava música — compulsivamente — noite e dia. Após os concertos, Lyla volta para o estúdio a fim de trabalhar. Tal

como outros artistas EQM, a compulsão impele o seu trabalho e nunca lhe falta inspiração.

Enviei um *e-mail* a Lyla, mas não obtive resposta. Não fiquei surpreendida. Passado um mês, voltei a tentar. Deixei o meu número e pedi-lhe que me contactasse se estivesse interessada em conversar. Pouco depois, o telefone tocou e era Lyla. Enquanto pegava num bloco de papel para tomar notas, ela abordou a sua experiência e referiu que ia falar pela primeira vez sobre a EQM em Tucson na semana seguinte. Convidou-me a ir até lá e ouvir.

Uma semana depois, estava num avião com destino a Tucson. Embora tivesse apanhado uma constipação dias antes, decidi fazer a viagem. No aeroporto, hesitei durante alguns minutos, perguntando-me seriamente se viajar era boa ideia. Já no avião, revi as minhas notas e ouvi a música de Lyla, e encontrei um espaço tranquilo durante a atribulada viagem.

No dia seguinte, acordei de uma sesta no meu quarto de hotel, ainda tonta. Não consegui lembrar-me imediatamente de onde me encontrava. Então ocorreu-me: estava em Tucson para ouvir Lyla falar sobre a sua EQM. Apercebendo-me de que me atrasava para a palestra, arrastei-me para fora da cama, corri para o átrio e saltei para o carro. Dez minutos volvidos, chegava ao centro comunitário onde a palestra se ia realizar. Dei a volta ao quarteirão, passando pelos carros que enchiam a rua, e encontrei um lugar de estacionamento ao fundo do parque. Soube depois que mais de cento e cinquenta pessoas assistiram à palestra.

Ao entrar no centro, examinei o átrio. Os meus olhos deslocaram-se da mesa de inscrição para a dos livros e os cartazes em exibição. Enfiei-me por entre as filas de cadeiras para abrir caminho até ao palco. Ainda não havia sinal de Lyla.

Sentei-me numa cadeira e aguardei, examinando a sala a cada poucos segundos. Quando estava pronta para desistir, vi-a ao fundo a montar o equipamento. Parecia tal como eu a imaginava, a forma frágil de calças de ganga brancas e blusa branca. Movia-se silenciosamente, ajustando o equipamento que utilizaria na palestra.

Minutos volvidos, Lyla começou a falar sobre a sua EQM, que ocorrera décadas antes. Ao contrário de algumas pessoas, não tinha prática a contar a história. Mas havia um certo ritmo no discurso — uma linguagem bela, cheia de movimento e de padrões, como a sua música. O público calou-se enquanto ouviam a música de estilo *trance*, que teve o efeito de os transportar para um reino alternativo, permitindo-lhes visualizar a entrada num portal para outra realidade. Um dos ouvintes disse: «Ela está tão à frente do seu tempo que é intemporal.»

O CURIOSO EFEITO SECUNDÁRIO MUSICAL DA EQM

Embora não tenha experimentado muitos elementos de EQM, Lyla sofreu profundos e duradouros efeitos secundários que alteraram a sua vida e que continuam a impulsionar o seu comportamento.

Foi-lhe mostrada uma realidade alternativa que lhe transformou a vida para sempre, começando logo no dia após o acidente que conduziu à sua EQM. A trajetória foi rápida e sinuosa. Embora não tivesse absolutamente nenhum conhecimento sobre música e nunca tivesse tocado qualquer instrumento, deu um enorme salto para criar música ambiente que ajudasse as pessoas a aumentar a consciência.

Tal como outras pessoas, Lyla percebeu que não tinha nada a perder após o acidente. É um fio comum: não temem correr riscos. «Qual é a pior coisa que pode acontecer?», perguntou-me um deles recentemente. «Já morri.»

Fiquei intrigada com a experiência «sonora» de Lyla e perguntei-me de que forma a música que ela cria está ligada à EQM. E o que tem a música *New Age* que faz dela um caminho para a mente superior?

A música de Lyla encaixa na categoria designada *trance* ou música ambiente. Os ouvintes afirmam sentir uma consciência aumentada através da sua atmosfera prolongada. Nas palavras de um músico *New Age*: «Desde o início que a intenção do género tinha mais que ver com o efeito ou com o sentimento do que com os instrumentos usados.» Os compositores de música *trance* tentam

propositadamente levar o ouvinte a um estado de espírito diferente. Aliás, a raiz da palavra *trance* dá-nos uma pista acerca do significado deste tipo de música: em francês, *trance* significa «passagem (da vida para a morte)», o latim *transire* quer dizer «atravessar» e a palavra escocesa *trance* indica «uma passagem».

Sempre soube que a música tinha a capacidade de nos transportar para outro reino. A minha mãe era pianista e tocava na sala de estar quando eu e o meu irmão éramos pequenos. Parávamos o que estivéssemos a fazer e íamos até à sala para a ouvir. Eu toco piano e já vivi o mesmo efeito, incluindo a reação invulgar de quando os meus gatos se sentam em silêncio frente ao piano. É como se algo invisível tivesse entrado na sala — e talvez tenha mesmo.

O ANTIGO ELIXIR DA MÚSICA TRANCE

O uso de ritmos e sons repetitivos para induzir estados alterados é um fenómeno antigo. Formas naturais de percussão como as palmas ou o bater de rochas, conchas, ossos, cabaças ou paus induziam estados de transe nas antigas culturas tribais. E os sons graves de tambores e de chocalhos, sinos e gongos têm sido usados em cerimónias dos nativos americanos e do Extremo Oriente que remontam a milhares de anos.

Estes sons e padrões idênticos e repetitivos encontram-se na atual música *New Age*. Como os sons das culturas antigas, a música *New Age* possui a capacidade de desativar as funções cognitivas. Os mais suaves sons da natureza, as melodias da música clássica e as vozes da *pop* não atingem isto. A música *New Age*, com os seus ritmos e sons repetitivos, permite à nossa mente descansar e guiar-nos a estados mais elevados. Preenche um espaço na nossa mente para proporcionar uma experiência de consciência.

Após examinar o papel do padrão e do som e a sua ligação aos estados alterados, torna-se claro porque é que pessoas como Lyla procuram a música *New Age* ou *trance* após a sua EQM. Dito de forma simples, tal como a arte de Bob e Dan (ver capítulo 6), a

música de Lyla é uma forma de transmitir o que lhe aconteceu através de uma linguagem universal.

VIBRAÇÃO E SOM: AS PROPRIEDADES TRANSFORMADORAS DO SOM

Vivemos num universo vibratório e o som é um caminho para a realidade a que chamamos consciência superior. O dom da música *New Age* é reproduzir esse som — esse zumbido da consciência — para proporcionar estados meditativos ou de relaxamento. Música como a de Lyla oferece aos ouvintes essa realidade transcendente.

Nos capítulos que se seguem, examinaremos mais a fundo as propriedades de padrão, som e ritmo. Estas propriedades, que tanto tomamos como garantidas na vida, fazem parte do tecido conjuntivo que compõe o nosso mundo, e são também ingredientes fundamentais da EQM.

PARTE III
VOLTANDO ATRÁS: EXAMINANDO A REALIDADE DA EQM

Capítulo Oito

RAZÕES PELAS QUAIS NÃO QUER TER UMA EQM

«Quem é o homem mais sábio? Aquele que não conhece nem deseja outra coisa a não ser o que acontece.»

Johann Wolfgang von Goethe

Quando as pessoas ouvem falar na minha pesquisa sobre as EQM, perguntam com frequência: «Como posso ter uma dessas?» Parecem bem apelativas.

Devo confessar que fico perplexa. Após trabalhar com pessoas que tiveram EQM, ouvir as histórias e aprender acerca da sua vida depois disso, limito-me a abanar a cabeça quando me fazem a pergunta. Penso muitas vezes que talvez não tenha feito um bom trabalho ao explicar este fenómeno. «Cuidado», aconselho sempre. «É um assunto sério.»

Não se trata apenas de reforçar ambições latentes. Não consiste numa viagem reversível e não é decerto um passeio pelo parque. A experiência implica uma permanente e arriscada separação para outro reino, e não há volta atrás. Na maioria dos casos, implica quase morrer.

E não é só isso. Há problemas aquando do regresso — os quais não podem ser corrigidos. Uma EQM pode causar desconcertantes, assustadores e até perigosos efeitos secundários. Se atentar no relato de uma jornada pessoal, ouvirá uma história, mas se espreitar por trás da cortina, escutará outra.

Conversei com muitos homens e mulheres que demoraram anos a tentar adaptar-se ao novo mundo para o qual foram atirados. Segundo a investigação de P. M. H. Atwater, levam em média sete anos a habituar-se.¹

Uma atrás da outra, essas pessoas relataram como se despediram do emprego, deixaram os cônjuges, pensaram em suicídio, embarcaram em comportamentos autodestrutivos e questionaram a vida. O trauma físico é apenas um aspeto — suficientemente arrepiante — da experiência. É na carga mental e

emocional que as coisas se complicam. Neste livro, à medida que lia os casos, sem dúvida que pensava: *Bem, são prodígios! O que eu não dava para ter um bocadinho daquilo!* Mas asseguro-lhe: está a olhar apenas para o lado bom de uma nuvem muito negra. Há um preço a pagar pela experiência. Eis o porquê.

A maioria das pessoas volta com a sensação de isolamento. Mudaram até ao âmago. E não é o tipo de alteração a que possam facilmente adaptar-se. É uma reprogramação essencial e não há forma de voltar à velha vida. Não existem manuais para consultar nem comprimidos mágicos para tomar.

Dan Rhema (do capítulo 6) diz: «Continuo a sentir-me um estranho desde a experiência, como se estivesse a observar a minha vida. Quando vivíamos em Tucson, perguntei à minha mulher se eu era um fantasma, porque tinha a sensação de não estar realmente aqui.»

Muitos dos que tiveram uma EQM sentem um isolamento semelhante. Pode contar aos amigos e família que foi ao Céu e se encontrou com Deus ou teve uma conversa com a sua falecida avó, mas se referir que agora recebe mensagens psíquicas e vê pessoas mortas, a conversa para.

Depois há a questão do cônjuge. Deixa de comer o tipo de comida que eles preparam. Já não quer ver aquele programa favorito de televisão. Não lhes diz que, quando está na fila do supermercado ou de um grande armazém, sabe o que as pessoas na fila estão a pensar. Aprende a manter a boca fechada. O cônjuge pergunta-lhe o que se passa e responde: «Se tivesses continuado a ser como eras, ficaríamos bem.» Mas não pode. De acordo com um estudo da Universidade do Norte do Texas, sessenta e cinco por cento das pessoas que tiveram uma EQM acabam por se divorciar.²

Mas espere — há mais.

Também é comum que aqueles que ama se recusem a aceitar o que lhes está a dizer. Depois há o problema da missão. Muitas pessoas sabem que lhes foi dado um propósito durante a experiência, mas não se recordam de qual é. As mais afortunadas lembram-se e, se tiverem sorte, é uma missão facilmente aplicável à

Terra: música, arte, uma forma de cura. Mas muitas não sabem o que devem fazer agora. Só que é suposto fazerem alguma coisa, mas não conseguem perceber o quê.

Muitos passam anos a vaguear, debatendo-se com o propósito da vida. Outros atravessam o país, em busca de uma resposta insondável. Alguns fazem biscates. Outros não têm emprego. Vários têm problemas monetários. Acham que o próximo lugar lhes proporcionará uma solução para o seu bem profundo dilema. Muitos nunca encontram as respostas.

Depois há as pessoas que espreitaram para o reino metafísico e acharam que era a mais profunda e bela experiência que alguma vez conheceram. Oferecia tão mais do que esta existência. Não se discute com frequência, mas na verdade o suicídio é comum entre certos grupos que sofreram EQM. Anseiam por regressar àquele mundo tão belo e perfeito. E acreditam que já não pertencem a lado nenhum.

O tempo — manter o controlo do tempo, perder a noção dele, atuar no seio da nossa moldura temporal terrena — torna-se problemático. «Desde a experiência e até ao dia de hoje, sinto-me desorientada no tempo e no espaço, como se a EQM tivesse apagado a minha capacidade de lidar com o tempo na Terra», disse Marissa. (Ver capítulo 12 para saber mais sobre Marissa.)

Várias aludem à incapacidade de aparecer no momento em que era suposto. Aprendi desde cedo que têm dificuldade em manter um horário ou compromissos. É preciso paciência para trabalhar com elas.

São também muito sensíveis, incluindo em relação às energias dos outros. Esta sensibilidade pode resultar em limites inapropriados com amigos ou membros da família, e até com estranhos. Este comportamento pode causar problemas sociais, como imiscuir-se em conversas e dizer coisas inapropriadas no momento errado.

No capítulo 10, conhecerá Robert Bare, que teve uma EQM e ficou com características psicológicas invulgares. Robert disse-me uma vez:

— Já lhe falei da senhora que pintou a parede de vermelho dragão chinês?

— Não — respondi, abanando a cabeça.

— Estava num Wal-Mart, a pagar as compras, e normalmente tento não deixar que me distraiam — continuou Robert. — Mas algo me murmurou que dissesse àquela senhora da fila que ela tinha pintado uma parede de vermelho.

»Por isso interrompi-a e perguntei: “ Desculpe, acabou de pintar uma parede de vermelho?”

»“Sim”, respondeu.

»“Foi de vermelho dragão chinês?”

»“Quem é o senhor?”, perguntou ela.

»Então uma voz pediu-me: “Por favor, diga-lhe que a amo e tenho saudades dela.” E eu disse-lhe. Proferi essas palavras enquanto estava atrás dela na fila. Simplesmente saíram. Depois fui até ao parque de estacionamento — disse Robert, ainda a tentar perceber o que acontecera.

Também o sentido do olfato pode ser diferente após uma experiência de quase-morte. O seu médico pode explicar esta nova sensação invulgar como uma «experiência olfativa», algo em que nunca ouvira falar.

Uma destas pessoas descreveu a sua frustração com a vida «real»:

— Sinto-me muito frustrada quando tenho de ler um livro para obter informação, pois já tive acesso a toda a informação do universo — disse-me ela. Isto pode parecer invulgar, mas esta pessoa acredita realmente nisso, e é assim que se sente.

Algo tão simples como uma conversa com os outros pode ser difícil para alguém que teve uma EQM porque muitas conversas parecem-lhe agora irrelevantes. Muitos têm dificuldades em comunicar, em tentar pôr em palavras os pensamentos. Pode ser um desafio dialogar com quem passou por uma EQM, porque muitos estão dispersos e não conseguem reter um pensamento. Outros têm dificuldades de concentração. Pode ser difícil fazê-los concentrar-se

e ler um livro ou manterem-se focados numa tarefa — exceto nas compulsões. Afinal, parte deles está agora no universo. Lá não existe tempo nem espaço.

Muitos outros têm experiências que se recusam a discutir — coisas que não conseguem explicar. Por exemplo, alguns desencadeiam avarias em aparelhos elétricos. Outros têm experiências mais negras das quais não querem falar — como visitas de gente ameaçadora vinda do outro lado ou ser levado para outros reinos durante a noite enquanto dormem. Reinos sombrios que preferem não reconhecer nem mencionar.

Como acontece isto? Mais importante, o que é suposto fazerem com estas experiências?

Que anseia por uma EQM deve ter em conta que, segundo a minha extensa pesquisa, *os efeitos secundários são permanentes*. Não podem ser revertidos. Ficam consigo para sempre, mesmo enquanto dorme. Não pode fugir-lhes.

O DESEJO DE FAZER COM QUE ACONTEÇA

Suponho que é natural que todos desejemos uma maior ligação. Sim, procurar um sentido maior é compreensível. Mas sejamos realistas: as EQM não são a resposta, e não podemos propor-nos alcançá-las, pelo menos não através dos meios tradicionais no reino metafísico. Não são algo que consiga lendo um livro, vendo um DVD, ouvindo um CD, indo a uma aula ou através da meditação ou do ioga. Não chegará lá tocando tambores ou entoando cânticos. Não é possível. E digo-lhe: não devia desejar ter uma. Os efeitos podem ser úteis para elevar temporariamente a consciência, mas nunca concederão a ninguém os efeitos secundários permanentes de uma EQM.

Tenha em mente que integrar uma EQM na sua vida é feito com muita dificuldade, se é que é feito de todo. As pessoas que aprendem acerca dos dons recebidos não têm em conta as realidades da Terra e como são essenciais para o nosso funcionamento quotidiano.

Todos operamos neste universo e intersetamo-nos com a consciência universal em cada momento da vida na Terra. Mas as pessoas que passam por experiências de quase-morte são únicas porque se fundiram com a consciência universal. Uma consciência transcendental domina a sua vida ao regressarem e tornam-se, de certa forma, um instrumento do universo. Diz alguém que teve uma EQM: «Tantas coisas mudaram! A vida parece agora mais complexa, pois estou ciente de outra realidade que incluo no quotidiano. É como ter mais trabalho para fazer todos os dias.»

Continua a querer uma? Olhemos para mais alguns factos.

ALGUMAS PERGUNTAS

Todas as EQM são diferentes, tal como as pessoas. Algumas têm efeitos secundários enormes a partir de uma experiência limitada, e outras têm experiências ricas com menos efeitos.

É POSSÍVEL TER UMA EQM MESMO SEM TER EXPERIMENTADO OS ELEMENTOS?

Sim. Há muitas pessoas que quase morreram e não se lembram de grande coisa, ou mesmo de nada, acerca da experiência, mas voltam demasiado transformadas com efeitos secundários significativos. Um exemplo são os soldados em combate. Muitos regressam profundamente alterados, mas não fazem ideia do porquê nem do que lhes aconteceu. As experiências de quase-morte na comunidade dos veteranos são amplamente ignoradas. Se um soldado tenta abordar o assunto, são-lhe recusados os benefícios. Nos corredores dos hospitais de veteranos, só os casos classificados como stresse pós-traumático são tratáveis em termos de seguro.

É PRECISO «MORRER» PARA TER UMA EQM?

Não é imprescindível passar pela morte física. É necessário um corte com a realidade, mas isto nem sempre exige a morte física ou um trauma. Cada caso é diferente e não existe um modelo universal. Não há uma única explicação para todos os casos de EQM.

HÁ EQM RELATADAS NOUTRAS PARTES DO MUNDO?

Sim. Em 2001, foi feito um estudo na Alemanha pelo Dr. Hubert Knoblauch, da Universidade de Zurique, que revelou que quatro por cento da população tivera uma EQM.³ Um estudo da população

australiana em 2005, incluído no Roy Morgan Survey, concluiu que 8,9 por cento da população da Austrália passara por uma.4 Também houve relatos de EQM no Japão, na Escandinávia, na América do Sul, por todo o mundo.

AS PESSOAS QUE TÊM UMA EQM SÃO MAIS RELIGIOSAS?

As que passam por experiências de quase-morte não são nem mais nem menos religiosas do que a população em geral. Vêm de diferentes conjunturas, e as EQM acontecem em todas as raças e todos os contextos religiosos/espirituais, incluindo agnósticos e ateus.

AS CRIANÇAS TÊM EQM?

Ocorrem tanto em crianças como em adultos. Há muitos relatos relativos a crianças pequenas. As suas experiências refletem as dos adultos, incluindo visões do Além. Os animais parecem estar mais presentes nas EQM de crianças e as recapitulações aparentam ser menos prováveis, pois muitas não têm uma vida suficientemente longa para recordar. Tal como os adultos, as crianças lembram-se da sua EQM muitos anos depois.

A FORMA COMO SE VIVEU A VIDA ANTES TEM ALGUM IMPACTO NA QUALIDADE DA EQM?

Parece não haver qualquer correlação entre as ações anteriores e a qualidade da experiência. Não existem provas que associem uma vida assente na espiritualidade a uma EQM mais rica ou mais significativa. O mesmo se aplica a uma pessoa transviada. Não tem de ser mais angustiante.

E QUANTO AOS ASPETOS CULTURAIS DAS EQM? PORQUE SE ENCONTRAM ALGUMAS PESSOAS COM ANTEPASSADOS E OUTRAS ENCONTRAM UM ÍCONE RELIGIOSO, SOBRETUDO UM COM QUE SE IDENTIFIQUEM?

As EQM são pessoais por natureza, mas também coletivas. Quem passa por uma parecer filtrar a experiência através da cultura pessoal. Se estão à espera de ver a avó, veem a avó. Se esperam ver Vishnu, veem Vishnu. Sim, se forem muito religiosas, podem encontrar-se com um ícone religioso, consistente com a sua religião ou cultura. Porquê? Todos parecemos ter uma narrativa em que acreditamos, que se traduz na experiência. A consciência parece desempenhar um papel, pois cada série de crenças tem um

significado próprio para a pessoa que vive a experiência. Esta constância responde à perpetuação da consciência. A capacidade da nossa consciência de reter o que é já conhecido manifesta-se quando um indivíduo entra neste estado alterado.

SE NÃO SE FEZ TODAS AS PARAGENS AO LONGO DO CAMINHO — SE NÃO SE PASSOU POR TODOS OS ELEMENTOS —, A EQM CONTINUA A SER VÁLIDA?

Os elementos são a entrada para a EQM. Estas imagens visuais providenciam uma plataforma para a viagem, que se estende para lá de ver uma luz branca brilhante, uma bela paisagem ou viajar por um túnel. Sim, isso faz parte da experiência para alguns. Mas há um sentido além das imagens visuais. Os elementos, as paragens ao longo do caminho, não são a essência da EQM. O objetivo é o destino final — a transformação permanente. Nenhum inventário de elementos pode criar o tipo de pessoa que o universo procura.

A EQM é uma espécie de jornada do herói, mas em que os que a experimentam não têm voto na matéria, pois são levados nas mãos do universo para viajar para um destino invisível e regressar com a luz do universo incorporada no interior.

Capítulo Nove

A AUTOSSUFICIENTE COMUNIDADE EQM

«Parte do processo de cura de um trauma, como o de recuperação de um vício, consiste em desenvolver ligações e auxílio com os outros.»

Stephanie S. Covington

Como cuidam de si mesmas as pessoas que passaram por uma EQM? Que tipo de apoio está disponível para as ajudar durante o rigoroso período de ajustamento? Para quem virar-se em busca de respostas e para as guiar através de um período às vezes angustiante que pode prolongar-se durante anos?

Comparativamente a alguns anos, em que as pessoas que tinham passado por experiências de quase-morte eram deixadas por sua conta, a situação melhorou. Novas organizações surgiram entretanto, pelo que a IANDS não é o único recurso disponível.

Uma das primeiras barreiras a enfrentar é perceber o que lhes aconteceu. Muitas não têm consciência de que tiveram uma EQM. A maioria não está familiarizada com o termo *experiência de quase-morte*. A única coisa que sabem é que a vida mudou e que têm de encontrar uma nova forma de viver. A maioria sente-se perdida.

Segundo a Fundação para a Investigação de Experiências de Quase-Morte, estima-se que treze milhões de americanos tiveram uma EQM.¹ Dado que muitos não falam da experiência, o número pode ser maior. «É arriscado discutir as EQM. É preciso discernir quem está preparado para ouvir esta informação», disse-me uma pessoa que tivera uma.

Não sabemos quantas destas experiências são aflitivas, jubilosas, edificantes, ou outra coisa qualquer, pois a informação relatada é limitada. A ciência do estudo e classificação de EQM é recente e, em muitos casos, a informação resultante é narrada, cingindo-se apenas aos elementos.

Muitas vezes, passados anos, ao lerem ou tropeçarem «por acaso» na definição, é que as pessoas percebem o que sucedeu. Por essa altura, decorridos anos a perguntar-se porque já nada faz

sentido — porque não se encaixam as antigas peças da sua vida. Só mais tarde percebem que tiveram uma experiência transformadora. Mas, mesmo com esta informação, as respostas são muitas vezes evasivas.

Muitos não falam sobre isso. Eis o que me disse alguém que tivera uma experiência: «Durante muitos anos, não quis falar sobre isso porque não sabia como. E não queria saber *como* falar sobre isso com palavras.»

Esta experiência está também rodeada de tabus. Algumas pessoas têm relutância em falar porque receiam ser patologizadas — ou seja, medicamente caracterizadas como anormais. Estes medos estão por trás da decisão de guardarem a experiência para si. Algumas não conversaram com uma única alma, nem sequer com um membro chegado da família ou um amigo, e menos ainda com alguém da comunidade médica.

Dito isso, depois de terem falado sobre a experiência, a sensação de alívio pode ser agradável, a sensação de que um peso foi levantado. Abordar a experiência com um grupo de apoio que aceita que isto pode verificar-se é útil. Conversar com uma comunidade que tem uma moldura explicativa proporciona uma forma de controlar a experiência e de a pôr em perspetiva.

Há muito espaço para progressão no ramo do cuidado EQM. Com mais reanimações a ocorrer e mais indivíduos a apresentar-se para contar a sua história, é preciso dar atenção ao auxílio prestado a estas pessoas no sentido de cuidarem de si mesmas depois.

A maioria acha que até algo tão simples como afirmar que a sua experiência aconteceu realmente é encorajador. Reconhecer que os outros percorreram este caminho pode contribuir bastante para minorar as dificuldades.

A verdade é que muitas pessoas não conhecem a mão-cheia de organizações que existem para reunir, partilhar e conversar sobre experiências de quase-morte, o mais recente estudo EQM, a morte e a vida depois da morte. Além disso, algumas destas organizações estão repletas de um público curioso, excitado pelas histórias do

«paranormal». De facto, só cerca de um terço dos membros de algumas organizações de quase-morte passaram por experiências, de acordo com as autoridades da IANDS. Apesar das limitações, eis algumas organizações:

NDERF

A Fundação para a Investigação de Experiências de Quase-Morte —www.nderf.org — tem um *site* que providencia um fórum para a comunidade quase-morte. A NDERF foi desenvolvida por Jeffrey Long, MD, e por Jody Long, JD. A sua missão é fornecer informação e apoio. Esta instituição recolhe dados, organiza um quadro comunitário, lista relatos de mais de três mil e setecentas pessoas que tiveram experiências de quase-morte, publica estudos e artigos e tem uma livraria *online*.

NHNE

A Near Heaven Near Earth — <http://nhneneardeath.ning.com> — é uma rede interessada em «desvendar os grandes mistérios da vida». Oferece vídeos de apoio, atualizações noticiosas, estudos de caso e uma rede social. Também disponibiliza aulas e palestras no seu espaço em Sedona, no Arizona. O seu objetivo é juntar recursos e talentos para criar uma rede e uma comunidade globais.

IANDS

A Associação Internacional de Estudos de Quase-Morte — www.iands.org — concentra-se na experiência de quase-morte através de redes suas espalhadas pelo mundo. Patrocina uma conferência anual e uma *newsletter* trimestral. No seu *site*, publicam notícias, estudos e histórias sobre EQM.

ACISTE

O Centro Americano para a Integração de Experiências Espiritualmente Transformadoras — aciste.org — presta apoio através da pesquisa e da educação para aqueles que tiveram experiências de quase-morte ou semelhantes. Foi fundado por um antigo presidente da IANDS. Um dos seus objetivos envolve proporcionar apoio ao longo da fase de integração em que frequentemente se verificam mudanças dramáticas. Disponibiliza grupos de apoio e de discussão, conferências, treino e uma

educação continuada para profissionais pastorais e de saúde mental, *life coaches* e diretores espirituais. Além disso, realiza uma pesquisa constante e programas educativos.

O QUE PROPORCIONAM AS ASSOCIAÇÕES EQM? COMO INTERAGEM AS PESSOAS?

O mundo EQM é pequeno. A maioria das pessoas que passaram por uma experiência de quase-morte já não se identifica com o nosso mundo — de atividades algo mundanas, de empregos das nove às cinco e de buscas por vezes não muito significativas. Têm um pé na Terra e o outro no universo. Sofrem de sobrecarga de consciência e não sabem o que fazer quanto a isso. Esta sobrecarga interfere com a sua vida quotidiana e a capacidade de pensar e planejar.

Há uma enorme vergonha e embaraço em torno da EQM, e a experiência pode ser avassaladora e indecifrável. A acrescentar a isso, as pessoas podem guardar segredo da experiência, mesmo dos próprios relacionamentos. O que é cansativo e aumenta a tensão da EQM.

Muitos indivíduos descobrem que têm pouco em comum com amigos e familiares. O velho mundo pode já não lhes parecer significativo. E quem mais compreende este novo problema que enfrentam? Quem passou por uma EQM — as almas gémeas —, os companheiros de jornada. Estas pessoas encontram-se e estabelecem amizades duradouras com base na sua forma única de ver e interagir com o mundo.

Como referi, a Califórnia é um viveiro de pessoas que passaram por experiências de quase-morte. Há grupos regionais da IANDS espalhados por todo o estado, em Santa Bárbara, Orange County, Los Angeles, San Diego, São Francisco e Marin County. Muitas vezes, as pessoas que tiveram uma EQM socializam e desenvolvem relacionamentos, amizades e até arranjam casamentos. Afinal, quem mais os compreende tão bem como alguém que passou pela mesma experiência? Nesse sentido, estas associações são semelhantes a outros grupos de apoio e de autoajuda (como, por exemplo, os AA ou os Al-Anon).

De qualquer forma, é um conforto saber que se está rodeado de indivíduos que pensam da mesma forma e que as conversas podem prosseguir sem preliminares. Quando estamos com almas semelhantes, a nossa experiência e a nossa jornada são aceites e validadas, pelo que partilhamos um terreno comum. Neste sentido, as pessoas que viveram uma EQM são como todas as outras.

Eis o que uma delas disse sobre partilhar a sua história num grupo: «Claro que, quando estamos a partilhar histórias semelhantes com gente que pensa da mesma forma, é criada uma nova ligação. E depois essa abertura ficou realmente comigo.»

No que respeita a receber apoio, eis o que disse outro: «Muitos dos preconceitos e ideias antigas que tinha acerca desta experiência foram alterados. Foi bom. Não ia ser criticado nem ridicularizado ou visto através de algum tipo de luz negativa.»

A EQM é uma aprendizagem para quem a experimentou. Mas pode também ser uma experiência de aprendizagem para todos nós. Podemos pensar nisto como outra lição da EQM.

PARTE IV
APROFUNDANDO: EFEITOS MAIS COMPLEXOS DA EQM

Capítulo Dez

KEN EBERT E A TRANSFORMAÇÃO FISIOLÓGICA: AUDIÇÃO AUMENTADA; ROBERT BARE E A TRANSFORMAÇÃO FISIOLÓGICA: VISÃO AUMENTADA

«Ver, ouvir, sentir, são milagres.»

Walt Whitman

Recostando-me na cadeira no Obrycki's, olhei pela Pratt Street para o movimentado porto interior de Baltimore. Rasguei uma página do diário e enfiei-a na bolsa, peguei nas chaves do carro e dirigi-me à garagem. Ia jantar com uma amiga nessa noite e precisava de me pôr a andar. Ia incluir a prima, que viera de Nova Inglaterra para a visitar.

O meu telemóvel tocou. Quando atendi, era a minha amiga. Disse que quando a prima soubera que eu era médium, tinha cancelado. Fiquei desiludida, mas não chocada. Não era a primeira vez que levava uma tampa por causa de quem era e do trabalho que fazia. *Achará que lhe vou lançar um feitiço?*, pensei.

Tinha-me deixado enganar por uma falsa sensação de segurança na costa oeste. Na Califórnia, este trabalho era ótimo. Não havia problema em ser médium. As EQM não tinham nenhum problema. Na costa leste, era completamente diferente.

Já aceitara que não podia mudar a perceção das pessoas. Sempre que fazemos algo de novo e diferente, é inevitável depararmos com o ceticismo. E este trabalho de médium com quem teve EQM era decerto diferente e invulgar para alguns. Só tinha de continuar. De certa forma, estava habituada a ser pioneira, alguém que abria novos caminhos. É algo que faço há anos.

Na verdade, de volta à costa leste, conheci ainda mais histórias de EQM. Nesse momento, as portas escancararam-se e em breve viria a contactar com pessoas de todo o globo.

Enquanto navegava na Internet, li sobre Penny Sartori, uma enfermeira do Reino Unido. Um dos seus pacientes nos cuidados intensivos implorou-lhe que o deixasse morrer em paz. Após este acontecimento, que a abalou profundamente, Penny deu início à sua

pesquisa sobre EQM. Contactei-a e ela respondeu-me: «Cruzei-me com alguns casos em que houve efeitos secundários interessantes, incluindo a capacidade de ouvir conversas fora do alcance do ouvido. Há um homem interessante no Novo México, Ken Ebert, que ouve conversas a grandes distâncias desde a sua EQM.»

Pesquisei Ken na Internet e fiquei surpreendida com o que descobri. Escrevi novamente a Penny: «O que é engraçado é que eu conheço o Ken. Reconheço-o da caixa de uma mercearia local em Taos.»

Penny respondeu: «Sim, o Ken costumava trabalhar na mercearia de lá.»

Outra coincidência?

Escrevi novamente a Penny depois de ter contactado Ken e disse-lhe que estava em contacto com ele e que ele se lembrava da minha cara do tempo que passara em Taos. Agradei-lhe por ter estabelecido a ligação.

Sabia que Ken seria importante para desvendar a chave da EQM antes mesmo de termos falado. Combinámos conversar. Ele preencheu o questionário e enviou-me um PDF do livro que escrevera sobre a sua EQM. Voltava a ligar-me a Taos, o meu antigo lugar favorito. Parecia inevitável que isto acontecesse.

AUDIÇÃO AUMENTADA: UM EFEITO SECUNDÁRIO DA EQM

Ken Ebert tinha o tipo de efeito secundário em que eu estava particularmente interessada. Podia ouvir conversas a grandes distâncias. Lembrava-me de Ken como um homem de voz suave, alguém que possuía uma qualidade inefável, como se soubesse mais do que parecia. Estava ansiosa por falar com ele.

Uma semana depois, servi-me de um copo de limonada e sentei-me na minha sala de pequeno-almoço. Pilhas de papéis, pastas e capas de argolas cobriam a mesa. Marquei o número de Ken e carreguei no botão de alta voz. Queria ter as mãos livres para tomar notas. Tocou duas vezes e então ele atendeu e começou a contar-me a sua história. Pousei a limonada enquanto ouvia. Eis as memórias de Ken nas suas próprias palavras:

— O acidente aconteceu em 1984. Tinha dezoito anos, vivia nas Florida Keys com os meus pais. Estava a andar de bicicleta e puxei o guiador para trás. O rápido mecanismo de libertação da roda da frente cedeu e fui projetado. Raspei com a cara no guiador e nas alavancas das mudanças.

»Saí do corpo e olhei para mim deitado na estrada.

»Inicialmente estava escuro. Depois, apareceu uma luz e comecei a percorrer um túnel até chegar à luz, que se tornou o portal para um grande vale parecido com um jardim. O efeito era semelhante ao da sinestesia — as cores eram sons e os sons eram cores.

»Um puro e poderoso ser de luz, como uma guia que emitia uma luz intensa como parte da sua essência, veio ao meu encontro no vale.

Nesse momento, foi-lhe dada a escolha entre ficar ou regressar. Ken decidiu regressar.

Bebi um gole da limonada enquanto esperava que Ken continuasse.

— Quando voltei a entrar no meu corpo, parecia demasiado pequeno para me conter, como se estivesse emaranhado em lençóis. Houve um estalido e senti imediatamente uma dor forte.

Ken foi levado para um hospital vizinho, mas rejeitado devido à gravidade dos ferimentos. Foi então transportado para um centro especializado em traumatismos a quase cem quilómetros dali.

Após recuperar, Ken teve vários efeitos secundários da EQM, que perduram. Mas o mais espantoso é, de longe, a transformação na sua audição.

AS SENSIBILIDADES DE KEN

Regressado ao corpo, Ken sofreu uma cura acelerada dos ferimentos sofridos no acidente. A sensibilidade à luz e à eletricidade aumentou. Algumas lâmpadas apagavam-se quando ele estendia a mão para as desligar ou acendiam-se à sua passagem.

— Podia realmente sentir a luz e o calor como uma pressão — disse ele.

Bem espantosa foi a transformação na audição de Ken. Esta tornou-se mais apurada, mas de forma estranha. Os sons não eram mais altos, mas se alguém falasse sobre ele à distância, ou mesmo num sussurro, ele ouvia, como se o fizessem junto ao seu ouvido esquerdo — sempre o esquerdo. O seu intervalo auditivo expandiu-se de tal maneira que, numa multidão ruidosa, como numa mercearia movimentada, podia captar conversas do outro lado da divisão. Palavra por palavra.

A primeira vez que Ken reparou nesta mudança vivia em Boston, alguns anos após a EQM. Um dia, ao regressar do trabalho, ouviu um som agudo no apartamento. Percorreu-o até localizar a fonte: o sensor de movimento. Mas o sistema nunca estivera armado.

Depois de conversar com Ken, falei com outras pessoas com efeitos secundários semelhantes. Um homem conseguia ouvir conversas dos vizinhos no seu grande prédio de apartamentos. Um casal, tendo ambos tido EQM, comunica desta forma quando estão separados. Estas pessoas só ouvem os sons no ouvido esquerdo. Não se sabe porquê, mas pode estar associado ao facto de o nosso lado esquerdo ser o «recetor» para efeitos do mundo metafísico.

Ken diz ser um «assassino em série» de relógios. Mas os relógios dele não se limitam a morrer. Há uma correlação entre as horas a que tal acontece.

Quando o primeiro relógio de Ken parou, ele pô-lo no seu recém-construído altar, algo que criara após a EQM. Ele comprou outro. Usou-o durante vários meses e, quando este morreu, colocou-o no altar. Reparou que o segundo morreria à mesma hora que o primeiro — só que agora o primeiro estava de novo a funcionar. Ken comprou um terceiro relógio, que fez a mesma coisa. Parou à mesma hora que o primeiro e o segundo. Depois do terceiro, Ken deixou de comprar relógios.

Ken e eu fizemos planos para uma sessão via Skype na semana seguinte. Ele mostrava-se entusiasmado. Vive em Taos, estava familiarizado com as leituras e todos os assuntos metafísicos, e expectante.

A SESSÃO DE KEN

Às seis da tarde de domingo, liguei-lhe via Skype. Ele já estava *online*, pronto para começar.

Enquanto olhava para Ken através do ecrã do computador, reparei que ele tem a energia de um homem muito mais jovem e que, com o cabelo cor de areia e a sua atitude interessada, podia passar por alguém nos trinta. (Ken tem sessenta anos.) Lá estava a eterna juventude que as pessoas que passaram por EQM parecem possuir.

Depois de o ter posto a par de como a sessão funcionaria, estávamos prontos para começar. Puxei o cabelo para trás com um gancho e fechei os olhos enquanto me concentrava.

Primeiro, perguntámos pelo efeito secundário específico de Ken, a sua capacidade de ouvir sons. Questionei-me se tinha alguma ligação ao reino do som antes da sua EQM e perguntei-lhe diretamente.

Ken fora classicamente treinado em música desde pequeno. O som e a música sempre haviam sido características proeminentes na sua vida. Com base no que nos foi dito, parece que recebeu um reforço de uma característica já enraizada nele. De certa forma, trouxe de volta um estado aumentado de consciência do que já existia.

Visto que às vezes Ken reconhece a eletricidade, queríamos entender o que estava por trás da sua sensibilidade elétrica. Eis o que o Espírito disse:

Ken tem de estar «ligado» — um pouco exaltado, reforçado, de certa forma — para que isto aconteça. E quando está exaltado — particularmente sob o efeito do stresse —, a ligação elétrica dentro dele reage, causando um pico na sua energia basal. Os circuitos de Ken são então «ligados».

Com base no que me foi dito através do Espírito, a reação de Ken parece ser semelhante a uma resposta ao stresse, aparentemente proveniente das glândulas adrenais. Uma das funções das adrenais é produzir epinefrina, dando ao corpo o reforço adicional necessário em situações de stresse elevado. Esta resposta emocional aumentada produz energia de voltagem superior, o que alimenta um

estado já energizado e cria um novo e maior sinal que interfere com o nosso funcionamento normal. Este tipo de eletricidade, que predomina entre as pessoas que tiveram EQM, tem propriedades que vão além da eletricidade tal como a conhecemos. É energia no seu mais elevado canal, na mais alta frequência e vibração.

Ken admitiu que, quando esta interferência elétrica acontece, vem muitas vezes acompanhada de dores no fundo das costas, onde as adrenais se situam.

Além disso, a primeira coisa que Ken viu na EQM foi um lugar escuro e perguntou-se o que era, e se outras pessoas com experiências de quase-morte se deparam com um lugar escuro. Fizemos essa pergunta a seguir.

Esse espaço escuro localiza-se entre o nosso corpo físico e o universo. Alguns veem-no quando a consciência deixa inicialmente o corpo, sobretudo se se tiverem deparado com um trauma físico. A sua consciência ainda não transcendeu o mundo. Está a passar por um estado físico de nível inferior antes de avançar para a vibração superior da luz.

Soltei um longo suspiro e perguntei:

— O que era o zumbido que o Ken ouviu?

O Espírito respondeu:

Quando a consciência sai do corpo, a sua entrada num estado de frequência mais elevada cria aquilo que interpretamos como um murmúrio ou um zumbido.

É um reino diferente e não reconhecemos as propriedades desse reino. Não temos forma de traduzir esse processo a não ser descrevendo-o como um som. É uma característica para lá de nós. Tal como outras propriedades do estado EQM, é-nos dado um símbolo ou referência na nossa linguagem, ainda que não seja precisamente o atributo certo.

Senti uma gota de suor escorrer-me pelas costas enquanto prosseguia e Ken continuava, relatando a sua experiência com aves.

Quando Ken chama aves com o apito, elas vêm ter com ele. De início, não prestei muita atenção ao seu comentário. Depois, pensei

nas aves e nos cães e nos morcegos. Todos têm uma audição para lá do espectro humano normal. Porque respondem estes animais a Ken, como um radar? Reconhecerão a sua frequência como parte da sua linguagem?

O intervalo auditivo humano vai normalmente de 20 a 20 000 Hz. Talvez o intervalo de Ken seja agora superior em resultado da EQM e esteja mais sintonizado com o de animais com frequências maiores. A de Ken parece ter sido reforçada.

— Pôde escolher entre ficar ou regressar da EQM. Porque foi dada esta escolha a Ken e a outros? — perguntámos.

Tornar a escolha interativa faz com que o resultado pertença à pessoa que vive a experiência, respondeu o Espírito. *Têm de assumir a responsabilidade pela sua vida daí em diante e viver em consonância com o universo uma vez tomada a decisão de regressar.*

Ken tinha perguntas pessoais acerca da vida e do trabalho, e conversámos durante mais algum tempo. Cedo percebi que tínhamos terminado. Pus de parte a lista de perguntas, agradeci a Ken e desliguei, enquanto bebia alguns goles de sumo. Como habitual, tinha despendido muita energia. Peguei numa barra *Kind* e pensei na leitura de Ken.

Ken foi um participante voluntário e ofereceu informações que ajudaram a encaixar as peças da experiência. Tal como noutros casos, houve aspetos da sua leitura que não foram uma surpresa para ele, de que desconfiara o tempo todo, mas, mesmo assim, estava interessado em ouvir outra perspetiva. E havia aspetos que continuavam a confundi-lo, como a escuridão que encontrara e as graves reações elétricas. Disse-lhe que, visto estar a fazer pesquisa com outros, ainda era provável que as respostas para algumas das suas perguntas surgissem. Ler para Ken produzira uma sensação de «regresso a casa», pois ele era uma ligação a Taos, um lugar que parecia «certo». Também me pareceu certo ligar-me a Ken, à medida que mais peças da EQM encaixavam no seu sítio.

ROBERT BARE: VISÃO TRANSFORMADA

Pouco depois de conhecer Ken, recebi um *e-mail* de Robert Bare, que me fora encaminhado por Mark Jacoby, o «homem que fala com máquinas» (ver capítulo 13).

Polícia de trânsito durante vinte e dois anos, Robert Bare fazia rondas difíceis: East Los Angeles, Watts e Oakland. Algumas das zonas com mais crime da Califórnia. Robert interrompeu protestos, atirou gás às pessoas e espancou manifestantes. Depois de se reformar das forças da lei, trabalhou como professor auxiliar e administrador municipal, e fez parte de dois conselhos de administração estaduais. Usou muitos chapéus, mas recentemente a sua vida deu outra volta.

Em 2009, Robert fez um exame físico, que passou com distinção. Pouco depois, foi uma semana a Phoenix, visitar o filho e os netos. Da primeira vez em que falámos ao telefone, recordou:

— Durante todo o tempo em que estive lá, estava extremamente quente, trinta e oito graus. Não me sentia bem. *Talvez esteja a chocar alguma? Talvez seja o tempo?*, pensei.

»Andei a semana inteira a dar numa de John Wayne. O meu filho levou-me ao aeroporto no fim da visita e despedi-me. Disse-lhe o quanto gostara da hospitalidade. No aeroporto, senti-me enjoado, mas consegui passar pelo controlo de segurança. Entrei no avião e, quando punha coisas no compartimento de cima, simplesmente caí morto.

Robert esteve morto durante quarenta e cinco minutos.

Dois membros da tripulação alertaram o pessoal de cabina de que Robert morrera de ataque cardíaco. Havia um médico e bombeiros treinados em RCP a bordo e, embora tenham tentado reanimá-lo, Robert deixou o corpo duas vezes enquanto trabalhavam nele. Relembrou:

— Acabei por ir parar a um túnel e gravei em direção a uma bela luz branca. Não sei se havia alguém comigo, mas quando entrei nessa luz, foi absolutamente maravilhoso. Vi cores que nunca vira nesta Terra. Perdi a noção do tempo, como se estivesse numa

atmosfera em que nada importa. Foi uma das experiências mais belas que já tive.

»Vi-me em jovem. Havia lá uma presença, no comando. Este poder superior foi uma lição de humildade.

Robert comunicou com outra entidade, que lhe perguntou:

— Que bem fizeste na vida? — Seguiu-se uma abrangente recapitulação da sua vida, na qual Robert pôde ver-se em todas as diferentes fases, e aos outros também, e o que pensavam dele. Soube quem dizia o quê nas suas costas e foi exposto a todas as situações.

— Não é agradável, principalmente se tivemos poder na vida e fizemos algumas coisas. Foi difícil voltar à vida e ver as pessoas e interagir, mas é preciso seguir em frente e deixar ir — disse.

— Foi o ajuste de contas da minha vida. Sente-se tudo; estamos a ver, mas também estamos lá. Uma coisa com que fiquei da recapitulação da vida foi que parecia que éramos julgados pelas nossas ações e pelo que tínhamos feito e deixado por fazer.

Robert não se lembra se lhe foi dada a escolha de regressar. Sobre a sua EQM, diz:

— Apercebi-me de que podia ter feito melhor. Já não queria julgar nem magoar ninguém. Mudou a minha vida por completo. — Por fim, acrescenta: — Só quero praticar o bem. Falo a sério. Nunca mais quero fazer coisas que não sejam vistas como bondosas ou simpáticas ou para o bem comum. Sempre fui alguém com uma (forte) personalidade do tipo AA, e isso já não sou eu. Não é que seja má pessoa. Só não quero voltar a ser posto nessa posição. Não vivo um dia em que não me sinta agradecido e em que não ache que não vai ser o último.

Atualmente, Robert preenche candidaturas para organizações sem fins lucrativos, escolas autónomas e crianças desfavorecidas. É treinador de *softball* e foi considerado Cidadão do Ano na sua comunidade do Oregon.

— Tiro tempo para desfrutar das coisas e as relações são importantes — diz ele.

Robert sobreviveu e passou por um árduo processo de recuperação, mas regressou com vários efeitos secundários, o mais notável é o melhoramento da visão. No espaço de cinco a seis meses, passou de 20/90 para 20/10 — mais que perfeita. Quatro anos depois, o melhoramento continua.

Robert também teve outros efeitos secundários. Liga o micro-ondas ao passar. A lareira acende-se e apaga-se quando ele está perto. E o mais estranho, diz ele:

— Posso olhar diretamente em frente e é como se estivesse na faixa do meio. Vejo tudo o que está a acontecer-me e também coisas na faixa rápida e na faixa lenta. O que está na periferia, pode ser no passado, pode ser no futuro. — Por outras palavras, Robert vê passado, presente e futuro simultaneamente. — Lembro-me da primeira vez em que isto aconteceu. Fiquei sem palavras. Tive dificuldade em lidar com isso.

O que Robert está a sentir é uma ligação psíquica. Quando os médiuns recebem informação do passado, esta entra pela esquerda; do presente, mesmo em frente; e do futuro, pela direita. Robert recebe a sua mensagem através de símbolos, tal como todos os médiuns. O símbolo que recebeu foi uma estrada, o que encaixa como uma luva num antigo polícia de trânsito.

A vida de Robert antes da EQM era caótica e cheia de escuridão. Foi quase como se alguma força intercedesse no sentido de a interromper para sempre e fazer o seu mundo desabar. Como se quisesse trazê-lo permanentemente para a luz. Foi tal o sentido de oportunidade que, se esta experiência lhe tivesse acontecido vinte anos mais cedo, não é claro que Robert tivesse tido a maturidade necessária para lidar com ela.

Perguntei a Robert se sentia que estava a avançar cada vez mais pelo caminho errado nos anos anteriores, e ele concordou. Às vezes, disse, quando se deparava com uma bifurcação na estrada, escolhia o caminho sombrio. Contudo, fechou o círculo do período na polícia de choque e desses anos de espancamentos e brutalidade.

Hoje, Robert está numa missão para fazer o bem. Vê-se como parte de um todo interligado com todos os seres numa vida de serviço. Sofreu uma profunda alteração, e descobri, no tempo que passei com ele ao telefone, por *e-mail* e via Skype, que era atencioso, disposto a gastar todo o tempo possível a ajudar, e tão sincero e emanando boa vontade que senti dificuldades em imaginá-lo na sua vida anterior. Mas, quando li para ele, vi-o nessa vida e soube que era real.

Robert passou de sobreviver às mudanças que ocorreram a aceitá-las e a transcendê-las. A sua nova mentalidade é um empurrão do universo, que lhe permite reconhecer que estamos nisto todos juntos. Robert, à sua simples maneira, contribui para o enriquecimento do nosso planeta, tal como as outras pessoas que conheceu e que passaram por experiências de quase-morte.

EFEITOS SECUNDÁRIOS DE AUDIÇÃO E VISÃO: ONDAS DE LUZ E SOM

As capacidades de Ken estavam a levar-me mais fundo no vórtice da EQM. Para melhor entender as suas incríveis capacidades, dediquei-me a examinar o funcionamento da audição.

Tal como outras funções do corpo humano, a audição é complicada, mas tentemos examiná-la em termos genéricos. Trata-se da capacidade de perceber o som convertendo ondas sonoras em vibrações detetadas pelo ouvido. A partir de uma série de ossos e membranas, forma-se um caminho que transporta as vibrações do tímpano até ao ouvido interno.

Os ouvidos transformam ondas sonoras em sinais elétricos. As ondas sonoras viajam mais lentamente do que as ondas de luz, mas ambas as frequências são de certo modo comparáveis — dados fundamentais nos efeitos secundários similares das EQM de Ken e Robert. Os efeitos deles partilham as propriedades da vibração e das ondas elétricas.

A capacidade de ouvir restringe-se sobretudo aos vertebrados e insetos. Dentro destes, são os mamíferos e as aves que têm o sentido da audição mais desenvolvido — as duas espécies com que a audição de Ken estava mais sintonizada após a EQM. As

frequências que os seres humanos conseguem ouvir são denominadas sônicas. As frequências superiores às sônicas chamam-se ultrassônicas. Os morcegos ouvem frequências ultrassônicas, tal como os cães (princípio subjacente aos apitos para cães).

Será que Ken ouve ultrassonicamente? Se sim, porquê? E porque precisaria de o fazer?

O som exige quatro componentes: vibração, um meio transmissor, um recetor e um sistema nervoso para o interpretar. Os recetores, não só de som mas também de outras características como a visão, parecem ficar mais afinados após uma EQM. No caso de Ken, ele consegue ouvir frequências mais altas. Para saber ao certo que frequências é capaz de sintonizar, precisaríamos de medir as vibrações do ouvido de Ken em resposta a ondas sonoras e sinais elétricos. Por agora, temos apenas evidência anedótica das suas capacidades.

Mesmo sem estes testes, as pistas começavam a encaixar. Senti um baque ao aperceber-me da ligação em todas estas experiências. Embora não sejam visíveis, as vibrações energéticas acontecem e produzem grande parte da nossa experiência de vida. Os impactos da vibração, da frequência e das ondas de som foram fundamentais para a experiência de Ken. E estas propriedades energéticas pareciam estar também ligadas às experiências de Robert.

O EFEITO SECUNDÁRIO DE ROBERT: VISÃO MELHORADA

O entendimento das ondas e da vibração é essencial para perceber o nosso mundo físico. Muito do que vemos só é possível devido a vibrações e ondas. Vemos o mundo que nos rodeia graças a ondas de luz. O mesmo se aplica ao que ouvimos. Escutamos o mundo à volta através de ondas sonoras. Se as compreendermos, podemos atingir os conceitos de visão e de som. Estas propriedades — luz e som aumentados — são também efeitos secundários da EQM.

Tal como outros efeitos secundários, parece que o estado de equilíbrio de Robert — no seu caso, a vibração basal que lhe confere

a capacidade de ver — foi perturbado por uma força tremenda.

O olho humano consegue concentrar raios de luz de diferentes distâncias e convertê-los em impulsos. Quando atinge partes da retina (milhões de células sensíveis à luz), a luz é convertida num sinal elétrico que é transmitido ao cérebro através do nervo ótico. Podemos especular que a conversão deste sinal foi, de algum modo, melhorada em Robert, o que amplificou aquilo que ele recebe. Tal como com outros melhoramentos EQM, podemos pôr a hipótese de que o reforço na vibração energética de Robert melhorou também gradualmente a sua visão.

À semelhança da alteração na audição de Ken, o equilíbrio de Robert foi perturbado, o que mudou a sua visão. No caso de Ken, o processo de conversão do sinal à medida que o ouvido transforma ondas sonoras em sinais elétricos é idêntico ao de Robert com a visão. Tanto o efeito secundário de Ken como o de Robert estão ligados à frequência, ao som e às ondas de luz. Os efeitos secundários das EQM tornavam-se mais nítidos consoante o palco para o esquema da EQM começava a ser montado.

Capítulo Onze

LYNNCLAIRE DENNIS E A TRANSFORMAÇÃO COGNITIVA: GEOMETRIA SAGRADA

«Há geometria no zumbir das cordas. Há música no espaçamento das esferas.»

Pitágoras

O inverno chegou a Baltimore: metro e meio de neve, temperaturas a rondar os seis graus negativos e dias mais curtos que acabavam num prematuro crepúsculo cinzento. À medida que o inverno se instalava, pensei na colónia de artistas na Costa Rica que visitara alguns anos antes. A Costa Rica, com dias de vinte e seis graus, as palmeiras e cultura verde, parecia-me tentadora enquanto olhava para os noventa centímetros de neve empilhados no meu pátio. Liguei para a colónia e eles tinham espaço. Uma semana depois, estava num avião com destino a San José.

Na primeira semana, nadei na piscina gelada e dei passeios pela cidade para ir buscar ananases frescos e água engarrafada. Na minha simples *casita*, sentei-me no sofá de plástico com as cortinas corridas e examinei a lista de pessoas com histórias de EQM que trouxera comigo. Uma delas chamou-me a atenção: Lynnclaire Dennis.

Lynnclaire vive na Bélgica e recebeu na EQM a geometria sagrada. Quando lhe enviei um *e-mail*, pediu-me que lhe ligasse por Skype. Minutos mais tarde, enchi um copo de chá gelado e marquei o número dela. Eis uma parte do que me contou:

— Segundo a forma como fui educada quanto ao que se obtinha ao morrer, o nosso corpo estava feito. Recebia sete palmos de terra. Se tivéssemos levado uma vida boa, chegávamos às portas do Paraíso, e se tivéssemos vivido da forma certa, íamos para o Céu. Não havia sustentação para o paranormal.

A EQM DE LYNNCLAIRE

Lynnclaire Dennis levava a vida a toda a velocidade na altura da EQM. Divorciada aos trinta e um anos, fora uma criança dentro da média. O pai era pastor. Em pequena, ia à igreja três vezes por

semana e, mais tarde, tornou-se missionária numa organização colegial.

— Não havia nada que me levasse a aceitar ou acreditar numa experiência de quase-morte — recordou. — Nunca ouvira falar nisso até a ter experimentado, há vinte e sete anos. Foi algo bastante novo. Ninguém me deu uma explicação racional para o que aconteceu.

Em janeiro de 1987, durante a lua de mel, Lynnclaire Dennis morreu nos Alpes Suíços. Perdeu a consciência num balão de ar quente quando o piloto levou o balão a um nível acima dos vinte mil pés sem oxigénio.

— Dei por mim fora do balão a olhar para o meu corpo. A seguir só me lembro de pousar no monte Rainier no estado de Washington — disse ela. — A maioria das pessoas fala de atravessar o túnel para chegar ao outro lado, mas essa não foi a minha experiência. De repente, já não estou a sobrevoar os Alpes. Não é janeiro. É julho. Os prados estão floridos e a minha avó vem ao meu encontro. Mas a minha avó morreu quando eu tinha onze anos.

»Ainda é bem real. Tive uma recapitulação da minha vida. Um homem comunicou telepaticamente comigo e disse: “Lynnclaire, serás uma catalisadora para a mudança”, e essa pessoa virou-se e saiu. O cenário desfez-se e o meu pai apareceu.

Parou e respirou fundo.

— A música atraiu-me para um túnel de luz e apercebi-me de que estava a olhar para mim. E para o fio de uma tapeçaria que unia toda a criação, uma estrutura altamente dinâmica e luminosa. Lembro-me de ter pensado: *Vou para casa*. Então, de repente, a música chiou e alguém puxou-me para trás através do túnel. Era o meu marido, um médico, a tentar reanimar-me. Ao partir, olhei por cima do ombro direito e apercebi-me de que tinha de me lembrar dos pormenores do que vira.

Lynnclaire foi declarada morta no hospital.

— Em termos de tempo terreno, estive fora durante bastante tempo. Acham que perdi os sentidos aos nove mil pés. Lembro-me

de ouvir o diálogo entre o meu marido e o piloto. E, durante esse período, estava a ter esta experiência de textura muito rica.

Mais tarde, Lynnclaire teve sonhos recorrentes sobre o padrão que vira na EQM. Mas foi um processo de quatro anos até se lembrar dos ângulos geométricos do que lhe fora mostrado. Ficou obcecada por desvendar a experiência.

— Levava papel, lápis e lápis de cor para todo o lado e tentava reconstituir o padrão. É música. É luz. É como a matéria se move e é amor — disse ela. — Com o passar do tempo, começamos a olhar mais atentamente para ele e descobrimos que este simples padrão, que não é nada, é um nó, um padrão de luz, uma vibração. É sobre o tempo e uma ligação entre matéria e energia.

Lynnclaire e eu terminámos a conversa e ela acedeu a enviar-me informações adicionais sobre a EQM e o padrão. Combinámos falar por Skype na semana seguinte. Passados poucos dias, estava a olhar para complexas descrições de teoria matemática que ela me enviara enquanto tentava encaixar a sua experiência. Qual era o significado do padrão? E porque o recebera Lynnclaire?

O PADRÃO

Enquanto explorava a experiência de Lynnclaire, descobri que o padrão está relacionado com a humanidade, a consciência e o tempo. Alguns pensam que o padrão remonta a antes da concepção do universo ou está conetado com propriedades que vão para lá do universo. Há uma certa sensação de que o padrão representa o esquema da consciência — um modelo sobre como pensar na forma e no padrão.

Lynnclaire não tinha quaisquer bases de teoria matemática ou topologia, uma área que aborda o ADN, o código genético e a química. Era a filha de um pastor com experiência em vendas. *É impossível que Lynnclaire pudesse saber das qualidades cósmicas e universais do padrão*, pensei. Apesar de não ter qualquer treino científico, a precisão matemática dos desenhos intuitivos de Lynnclaire foi desde então verificada por numerosos cientistas de todo o mundo.

Eventualmente, o padrão chamou a atenção dos físicos quânticos devido à sua compatibilidade com a física das supercordas, o Santo Graal da física. Uma das pessoas fascinadas pelo padrão é o Dr. Louis Kaufman, que ao longo dos últimos trinta anos tem estudado topologia e a teoria dos nós. Segundo o Dr. Kaufman: «Procuramos padrões fundamentais na matemática e na física. Fazemos perguntas sobre a natureza da forma, a natureza do padrão. Tudo o que vemos contém algum padrão. Tudo aquilo para que alguma vez olhámos no mundo é uma amálgama semelhante de forma e conteúdo.»¹

Numa entrevista de 1997, o Dr. Kaufman falou de ter descoberto que o nó no padrão de Lynnclaire pode ser «representado por pura frequência dois, pura frequência três e uma mistura das frequências cinco e três. Este modelo vibratório dá uma boa aproximação à forma do nó do padrão de Lynnclaire».

Lynnclaire trabalha com uma equipa de cientistas da Universidade de Illinois em Chicago para descrever matematicamente o padrão e trabalhou recentemente com a NASA para desvendar mais a fundo o significado do paradigma.

O Dr. Louis Kaufman dizia sobre o princípio unificador por trás do padrão: «Eis algo que, se olharmos para ele de uma maneira, nos mostra a estrela de David; de outra maneira, apresenta-nos o *yin-yang*. Se voltarmos a virá-lo, vemos os crescentes sagrados para o islão e o símbolo do infinito. E, na verdade, são todos o mesmo.»²

Poderá este critério ser utilizado para guiar relacionamentos? Poderá tratar-se de uma chave para a cura? Será um símbolo arquetípico e a base a partir da qual tudo o que existe é criado?

De acordo com alguns cientistas, a geometria sagrada permite-nos contemplar a criação do cosmos. Não só está envolvida na forma como nos relacionamos com o universo, mas também no modo como nos relacionamos com o tempo e na maneira como fomos criados. Que tipo de estranha alquimia junta estes desígnios de dimensões superiores no seio da EQM? Representará uma comunicação do Além?

GEOMETRIA SAGRADA E A EQM

Outras pessoas que passaram por experiências de quase-morte relatam também ter visto a geometria sagrada — todas as formas numa só. Uma disse ter visto incríveis *merkabas* invertidas — duas pirâmides de três lados interligadas que ligam mente, coração e corpo. Estas dramáticas *merkabas* despertam, curam e transformam aos níveis físico, mental, espiritual e emocional, e também transportam um corpo de uma dimensão para outra. A aparição de uma *merkaba* numa EQM faz sentido quando vista através do que sabemos sobre a jornada transformadora das experiências de quase-morte: uma ponte de uma dimensão para outra.

Talvez a EQM seja ela mesma uma espécie de *merkaba*? Uma impressionante experiência multidimensional ligando mente, corpo e espírito.

A SESSÃO DE LYNNCLAIRE

Sentei-me no meu alpendre com vista para a aldeia de Ciudad Colón. Era manhã cedo; o ar estava abafado e o sol brilhava no céu. Fiz uma lista de perguntas para Lynnclaire e terminei-a às dez da manhã — quase na hora da leitura. Limpei a película de suor do pescoço e voltei à leitura dos meus ficheiros. Passou uma hora e, às onze, olhei para cima e vi que estava na hora de ligar para Lynnclaire.

— Está pronta? — perguntei. Ouvei o crepitar de eletricidade e outras vozes na linha enquanto repetia: — Pronta?

— Quando estiver, eu estou — respondeu ela.

Não era a primeira vez que ouvia outras vozes no Skype. Também as ouvia no telemóvel e ocasionalmente na rádio. Quem eram? Seriam outras pessoas a usar o Skype ou os telemóveis, e as nossas linhas estavam cruzadas? Ou vozes do Além?

O FEV (fenómeno eletrónico de voz) está no domínio das possibilidades, dada a alta vibração criada nestas sessões (embora nunca tenhamos determinado ao certo o que causava a interferência nestas conversas). Na sessão de Lynnclaire, devido a interferências, perdemos a ligação, onze vezes.

Respirei fundo três vezes, senti-me a voltar-me para o interior e aquietei-me enquanto me concentrava. Olhei para cima e Lynnclaire esperava que eu começasse. Optei por referir o seu chacra da coroa.

— O seu chacra da coroa está completamente aberto — disse eu. O chacra da coroa é onde Lynnclaire e todas as pessoas que passaram por EQM recebem informação. — O resto dos seus chacras estão diminuídos porque todo o seu campo elétrico está concentrado no chacra da coroa. É este que a move.

Descobri que a maioria das pessoas que passaram por uma EQM tem chacras da coroa muito ativos. Este representa a nossa ligação à consciência, o ponto de encontro entre o corpo e o universo.

O desafio é manter-se aberto ao universo enquanto permanece enraizado no chão. Com um chacra da coroa totalmente aberto, este é outro dos desafios da EQM.

— A minha sensação sempre foi a de que não fui designada, mas tive uma oportunidade e escolhi. Há alguma razão que consiga ver para eu ter sido escolhida para esta EQM? — perguntou Lynnclaire.

Como um sussurro por cima do meu ombro, disse-me o Espírito:

«Eles» sabiam que assumirias o trabalho e que isto se tornaria a tua vida. O que foi essencial para o porquê de teres sido selecionada. Cada pessoa regressa da sua EQM com um mapa para a sua jornada e cada mapa é único, mas cada um de vós cria um pilar de luz que se torna unificado.

— O que é o padrão? — perguntou Lynnclaire. — O que foi que recebi? — Embora tivesse trabalhado no padrão com o auxílio da ciência, Lynnclaire continuava interessada na resposta do Espírito.

Falei lentamente à medida que a informação fluía para dentro de mim:

O que recebeste está para lá do universo — propriedades nascidas antes da conceção do cosmos, propriedades que são eternas. A tua experiência prova que é possível comunicar com o eterno olhando para o Além.

— Porquê agora? Porque temos o padrão? — questionou Lynnclaire, enquanto eu parava para beber um gole da minha garrafa de água e ouvia o martelar constante da ventoinha estática ao canto da sala.

Outros houve a quem ele foi mostrado ou que se cruzaram com o padrão noutros tempos e noutras civilizações. Uma destas civilizações foi longe. Estão a mostrar-me pirâmides no Egito ou no México. Uma destas civilizações construiu pirâmides ou locais sagrados e tinha um conhecimento muito profundo sobre isto e chegou ao âmago do padrão.

— Estão a mostrar-me a Mesopotâmia — disse eu.

— Suméria — acrescentou Lynnclaire, enquanto eu me questionava acerca destas ligações.

Lynnclaire anuiu e continuou:

— O que não entendemos sobre o universo e a criação? Qual é a fonte de tudo? Chegaremos mais perto de mistérios como o padrão sem nunca os entendermos plenamente? — Perguntei-me o que o Espírito diria em resposta à complexa questão de Lynnclaire.

Na minha cabeça, foram-me mostradas imagens de estrelas, planetas e galáxias.

A inefabilidade do que me foi apresentado fez-me parar. Não há palavras para descrever a experiência e o que às vezes me era revelado nas leituras. Não pela primeira vez, dei por mim na pele da pessoa que passou pela experiência de quase-morte, em busca de uma forma de exprimir os símbolos do espaço e conhecimento infinitos, as cores e os símbolos. Símbolos que não conseguia descrever adequadamente.

Olhei para cima. O Skype desligara-se. Perdera Lynnclaire. Voltei a ligar e Lynnclaire atendeu de imediato. Falámos sobre a ligação perdida e prosseguimos.

— Qual é a missão das pessoas que têm uma EQM? — perguntou Lynnclaire. De novo, a missão. Era apenas uma questão de tempo até que Lynnclaire a questionasse.

A sua missão e o caminho de vida são-lhes impostos pela Fonte. São automaticamente impostos, uma vez que a sua vida lhes foi tirada das mãos, respondeu o Espírito.

Lynnclaire tinha mais perguntas sobre o livro que estava prestes a lançar e a sua vida na Bélgica, e conversámos um pouco sobre a família de Lynnclaire e a vida na Europa. Tentámos pensar na forma de nos encontrarmos em solo americano e prometi manter-me em contacto. Terminámos a leitura, desliguei o computador e apoiei a cabeça na secretária, usando a curva do braço como almofada, e guardei as minhas notas numa pasta enquanto pensava na leitura de Lynnclaire. A constante interferência elétrica criara muitas interrupções. Ter uma sessão interrompida tantas vezes exigia uma cuidadosa verificação para lidar com os caprichos do incontrolável. Verifiquei o gravador pela décima segunda vez e guardei as notas no meu ficheiro.

GEOMETRIA SAGRADA

Durante muito tempo, tive certas ideias sobre como esta pesquisa acerca da EQM ia correr. Presumi que o trabalho se dividiria em partes e que cada uma seria explicável e discreta. As capacidades de Lynnclaire não encaixavam em nenhuma categoria, pelo menos à primeira vista.

Lynnclaire, tal como outras pessoas que passaram por uma EQM, regressou da experiência de quase-morte com talentos baseados em disciplinas ancestrais e novas capacidades estranhamente antigas, mas também duradouras.

Resumidamente, o dom de Lynnclaire — geometria sagrada — retrata as formas fundamentais do espaço e do tempo. A geometria sagrada aplica o reconhecimento de padrões e liga modelos universais usados na conceção de tudo o que existe, incluindo a arquitetura e a arte. É uma verdade fundamental, uma verdadeira e filosófica pedra angular de todas as estruturas, naturais e artificiais, tanto aos níveis mais simples como nos mais complexos. Até a tecnologia de ponta utiliza os padrões e a linguagem da geometria sagrada.

No século VI a. C., o matemático Pitágoras liderou uma escola de pensamento que casava a geometria, a matemática e a música (todas relacionadas com a EQM e os efeitos secundários). Pitágoras acreditava que a geometria e a matemática continham as chaves de toda a vida. O conceito básico é que a geometria e as fórmulas matemáticas, a harmonia e a proporção, se encontram na luz, na música e na criação — reveladas e ligadas através da EQM e dos seus efeitos secundários.

Os antigos, incluindo os druidas, os maias e os sumérios, integraram a geometria sagrada nas suas escolas dos mistérios. Mais recentemente, esta doutrina foi transmitida através da filosofia védica, do *feng shui* e dos princípios taoístas. Leonardo da Vinci usou as proporções da geometria sagrada, a interseção da ciência com a espiritualidade, na representação do homem de Vitruvius, a imagem que me foi mostrada na sessão de Javier (ver capítulo 2). Todos os padrões que me foram mostrados noutras EQM — música, matemática, forma e cor na arte — utilizam a geometria sagrada. Estes padrões conferem ao universo um poder específico.

Os padrões utilizados para medir o nosso planeta, os princípios da geometria sagrada, surgiram na leitura de Lynnclaire. O que ela recebeu demonstra que certos padrões são entrelaçados no tecido da nossa vida. Reconhecer este simples facto permite-nos entender como este modelo de padronização era comum ao longo de todos os efeitos secundários. Padrões musicais, os padrões das ondas de som e luz, os padrões da forma e da cor na arte e na matemática: todos são representações dos padrões repetidos que se encontram nos efeitos secundários da EQM.

O efeito secundário de Lynnclaire, o padrão — uma planta energética —, serviu como uma espécie de chave para entender os efeitos secundários. Uma forma de perceber não só o nosso caminho metafórico pela vida, mas também ao longo da EQM. Ao contrário de outras pessoas que, após a EQM, receberam um dom que reconhecemos como «talento», Lynnclaire recebeu a chave que une todos os efeitos secundários e os seus elementos repetitivos.

Percebi que o dela era uma importante explicação para os outros efeitos secundários.

Mas há mais. O padrão de Lynnclaire é útil para entender o mapa da EQM, a chave cósmica que abre a linguagem do entendimento superior. O padrão de Lynnclaire, o delicado e sublime, cheio de elos e de nós, obra de anjos e de um poder superior, pode ser um exemplo de antigos padrões de linguagens recuperados do universo, incorporados em novos mensageiros. Mas, se assim for, seremos capazes de compreender a mensagem e o seu significado mais profundo?

Capítulo Doze

MARISSA E A TRANSFORMAÇÃO COGNITIVA: TALENTO MUSICAL

«A música é um eco do mundo invisível.»

Giuseppe Mazzin

Ficara a maior parte da manhã sentada no meu escritório. Fora lá procurar alguns papéis, mas o tempo não demorara a passar. Eram apenas oito horas, mas o sol de inverno levantara-se às seis. *Girly Girl*, a minha gata malhada, estava enroscada numa bola confortável ao lado do meu portátil. O telemóvel tocou e interrompeu o silêncio tranquilo.

— Olá! É a Marissa — disse uma voz suave.

Endireitei-me na cadeira. Não estava à espera que ela ligasse tão cedo.

No início desse ano, falara com uma pessoa que estava enfeitiçada pela música. Ele conhecia uma mulher que tivera uma EQM e regressara com uma mudança para um talento novo. Ela nunca falara publicamente sobre a experiência, mas ele disse-me que a sua história era completa, incluindo uma missão identificada de servir a humanidade. Porque não queria a história contada sob o seu nome, escolheu o pseudónimo Marissa.

— Quando ler sobre a «Marissa», saberei que estou a ler sobre mim — disse ela.

Abri uma gaveta e tirei um bloco de notas enquanto encostava o telemóvel ao ouvido.

Anotei as palavras de Marissa à mesma velocidade a que ela as dizia, concentrando-me na sua história enquanto me arranjava para continuar a escrever.

Marissa, antiga realizadora e autora de documentários para televisão, não tocava nenhum instrumento antes da EQM seis anos antes.

— Não tinha qualquer conhecimento musical e nunca sentira vocação para a música — afirmou ela.

Antes da EQM, levava uma vida normal de mulher solteira e trabalhadora de trinta e poucos anos.

— Quando se está nos trinta, só se pensa em constituir família, ter uma carreira, ter a aprovação dos outros e encontrar um bom marido — disse Marissa. Enquanto produtora de documentários, estava presa nesse mundo e, aos trinta e um anos, desfrutava de um autêntico sucesso profissional.

Numa viagem de trabalho à Bélgica, a batalha de uma vida contra a imagem física terminou e ela caiu inconsciente. No espaço de momentos, teve a sua EQM. Questões relativas ao planeta Terra, equações matemáticas, tópicos científicos, astronomia, filosofia e física foram-lhe revelados, e foi-lhe dito que as respostas eram a «simplicidade».

— A minha experiência fora-do-corpo aconteceu de imediato. A minha consciência começou a aumentar e estava milhares de vezes mais alerta e consciente do que agora. Não há palavras para descrever a sensação de liberdade — confessou Marissa.

— Continue — pedi.

— Saí do meu corpo e dei por mim numa pequena capela no local turístico que estava a visitar. Deitei-me na capela. Havia lá muitos turistas e eu conseguia vê-los a todos, como se tivesse visão periférica. Lembro-me de ter pensado: *Não posso simplesmente deitar-me na capela. Toda a gente vai ver-me!* Mas sentia-me tão tranquila que não me importei.

Esperei que ela continuasse.

— Regressei espontaneamente ao meu quarto. À medida que me aproximava da cama, vi uma mulher deitada de costas. Não reconheci quem era até que cheguei mais perto e vi o meu corpo, mas não a mim. A minha consciência estava separada do corpo físico, como se olhasse para uma cadeira ou para outro objeto.

»Senti-me como se a minha consciência estivesse ligada a um “botão de volume”. Havia uma força externa a aumentar gradualmente o volume até a consciência ser infinita. Logo depois da EQM e nas semanas seguintes, eu estava bastante confusa porque

a realidade/consciência em que vivemos parece um sonho. A realidade da EQM mostra-se a verdadeira realidade. Dá a impressão de que só acedemos à ínfima parte de uma realidade bem mais vasta na Terra.

Outras pessoas que passaram por experiências de quase-morte fizeram eco deste sentimento. A nossa realidade apresenta-se-lhes «ténue», incompleta. Nem lhes parece real.

— A seguir — recordou Marissa —, fui sugada a uma velocidade indescritível para um «vácuo de amor». Foi muito agradável, como se alguém estivesse a cuidar de mim para me levar para um lugar seguro. Pensei claramente: *Não sei o que está a acontecer, mas não quero que acabe.*

Ficámos sentadas em silêncio por um minuto e então ela continuou.

— Não havia noção de tempo nem espaço e, de facto, o tempo já não existia. Ainda hoje me sinto desorientada, como se algo tivesse sido apagado na minha capacidade de lidar com o tempo na Terra. Tenho muitas dificuldades em organizar a minha agenda e perco facilmente a noção do tempo.

Questionei-me se Marissa encontrara alguém ou outros seres durante a EQM e perguntei-lhe.

— Depois de ter ficado sozinha naquele lugar vazio, começaram a aparecer estrelinhas, milhares. Estava a flutuar no espaço e sentia-me ligada ao universo — disse.

Outras pessoas com quem falei relatam também experiências com estrelas: Dan e Bob, que recriam estrelas nas suas obras de arte (ver capítulo 6). Evelyn, que é chamada ao exterior a fim de olhar para as estrelas à noite (ver Prefácio). Mark Jacoby, que fecha os olhos e vê estrelas (ver capítulo 13). Qual é a sua ligação com as estrelas?

Marissa chegou a uma fronteira e teve de tomar uma decisão:

— Se decidir avançar mais para este belo cosmos, nunca mais serei capaz de regressar ao meu corpo na Terra. Continuei a olhar

para o cosmos porque era tão bonito. Não sabia o que escolher e hesitava. Devia avançar ou não?

Após a EQM, Marissa regressou à Terra, onde encontrar a simplicidade era um desafio.

O ano seguinte foi difícil para Marissa. Não contou a ninguém sobre a experiência. Ela mesma não sabia o que acontecera, mas, no seu coração, sabia que algo mudara.

— O outro lado era tão pacífico e cheio de amor — disse ela —, e a sensação de que tudo estava tão certo dominava. Voltar à Terra foi um grande choque, pois sabia que algo grande dentro de mim mudara para sempre.

COMPORTAMENTOS INCONTROLÁVEIS APÓS UMA EQM

Marissa começou a ler sobre EQM e a repensar a carreira. Apercebeu-se de que não tinha medo da morte e de que podia estar perto de pessoas prestes a morrer. Perguntou-se de que forma podia ser útil.

Pouco depois, foi visitar uma amiga, em cuja casa havia uma harpa. Embora Marissa nunca se tivesse interessado pela harpa, enquanto a amiga trabalhava, ela ia para o exterior e começava a tocar harpa. Não podia imaginar como o som era poderoso e tornou-se viciada. De facto, teve de parar de tocar porque o som, a vibração, era demasiado poderoso.

Marissa ficou mais três ou quatro dias em casa da amiga. A amiga ia trabalhar e Marissa passava cada vez mais tempo a tocar harpa.

— Sabia que, quando regressasse a casa, não haveria harpa — disse. — Pensei que se, dentro de duas semanas, ainda estivesse interessada na harpa, e sentisse a falta do som e da vibração, tomaria uma decisão.

Quando as duas semanas se esgotaram, Marissa percebeu que precisava daquela vibração. Era uma necessidade física real, explicou.

— A harpa é um instrumento muito especial — afirmou. — Embora seja feita de cordas, a vibração é diferente da de uma guitarra ou de um violoncelo. O som da harpa é terno.

Marissa disse-me que reconheceu de imediato esse som terno — um som que acalmava a alma, que ouvira na EQM. Marissa decidiu comprar uma harpa. Só havia um problema: não tinha dinheiro.

Encontrou uma em segunda mão à venda na Internet por dois mil dólares. Mas Marissa não os tinha.

— O que é estranho — recordou — é que, meses antes, eu trabalhara num contrato de produção de um filme, a escrever argumentos. Pensava que o contrato terminara e que recebera todo o dinheiro.

Marissa falou com a dona da harpa e disse que estava muito desiludida, mas que não podia comprá-la. No dia seguinte, recebeu uma chamada da produtora.

— Recebeu o cheque? — perguntaram.

— Qual cheque? — respondeu ela.

— Lamentamos muito — disseram eles —, mas parece que nos atrasámos no envio do cheque. Ainda lhe devemos dinheiro. É um cheque. De dois mil dólares.

Foi então que soube que era suposto tocar harpa.

— O mais estranho — referiu-me — é que eu não tinha qualquer objetivo ou ambição com este instrumento. Era só porque a vibração era tão forte.

Marissa comprou a harpa e pô-la na sala de estar e todos os dias olhava para ela. Não tinha técnica nem planos, objetivos ou ambição para o instrumento. Durante semanas, ficou até tarde à frente do computador a procurar «harpa» no Google. Uma noite, escreveu «harpa» e o último título no ecrã era «tanatologia musical» — tocar harpa para os moribundos.

Marissa leu a frase três vezes para ter a certeza de que lia bem as palavras, e depois clicou para abrir a página *web*. Foi levada para um artigo sobre terapia musical muito específica que utiliza a harpa à cabeceira de pacientes no fim da vida.

— Chorei e então tudo fez sentido — disse.

Marissa não tinha dinheiro para passar meses a treinar tanatologia com a harpa, mas, de cada vez que precisava de dinheiro, este

aparecia.

— Tive muita sorte — disse ela — porque, de alguma maneira, recebi um reembolso fiscal. — Não só recebeu um cheque, como era da exata quantia que precisava para o curso intensivo de harpa.

Antes de Marissa se juntar ao programa de harpa à cabeceira, ligou para uma residência de cuidados paliativos e perguntou se podia ir lá tocar harpa uma vez por semana. Gastou os últimos vinte e cinco dólares da conta bancária a conduzir até à residência de cuidados paliativos, dizendo para consigo: «Isto é de loucos. Não tenho dinheiro. Comprei um instrumento muito caro e nem tenho a certeza se consigo fazer isto.»

Mas, a partir do momento em que entrou na residência, sentiu um amor incondicional — igual ao que sentira durante a EQM.

— Foi como voltar para casa — afirmou. — Como se alguém estivesse comigo para fazer este trabalho. Constituiu uma intuição tão forte que soube que não estava sozinha. Apercebeu-se de que era o início de uma demanda, uma jornada muito importante. E que faria isto, mas que teria ajuda ao longo do caminho.

Quando Marissa começou com as aulas de harpa, a primeira coisa que a professora disse à turma foi: «Este trabalho tem tudo que ver com a simplicidade.»

Ao ouvir isso, Marissa soube que estava no sítio certo, a fazer a coisa certa, a servir a causa certa.

— Tenho a sensação de que é uma das coisas mais importantes que fiz na vida. É maior do que eu. É mais universal. É superior à harpa.

Marissa e eu planeámos uma sessão para a semana seguinte. Ela tinha muitas perguntas sobre a sua experiência e as outras experiências inexplicáveis desde o seu regresso, em que é levada e lhe são mostradas coisas que não entende e que a assustam.

A SESSÃO DE MARISSA

Instalei-me à secretária no meu escritório, ajustei as persianas e liguei para Marissa via Skype. Ela atendeu ao primeiro toque e o seu rosto juvenil de longos cabelos negros apareceu no ecrã.

Após alguns minutos a acertar o volume, perguntei-lhe se estava pronta e ela acenou com a cabeça a indicar que sim.

Começámos pela aura de Marissa. Seria parecida com as outras auras EQM? Leve, transparente e cheia de luz?

Quando observei a sua aura, reparei que Marissa viajara — andara pelo universo. Através de mim, esta informação emergiu.

A tua aura é completamente una com o universo. O teu corpo físico foi substituído pela fonte universal do Todo. A EQM foi uma forma de transporte do nosso mundo para esse mundo superior, de infinita ascensão.

Marissa anuiu e pediu mais informação. Ouvi-a teclar no computador enquanto eu prosseguia.

Para ti e para os outros, uma EQM é quando se passa de se estar ligeiramente ligado ao universo a ficar completamente ligado a todas as experiências que somos incapazes de ter na Terra. Claro que qualquer pessoa quereria regressar a esse reino. Viajaste para um reino que não é nem a Terra nem o Além.

Marissa estava preocupada com o cumprimento da sua missão. Perguntou diretamente:

— O que é suposto eu fazer neste mundo?

Ao longo da sessão de Marissa, houve — à semelhança do que sucedera durante a sessão de Lynnclaire (ver capítulo 11) — um som agudo e de alta intensidade a emanar do computador. Olhei para a esquerda. Olhei para a direita. Tentei ignorá-lo e prosseguir. Estava a descobrir que a interferência elétrica era comum em todos os meus encontros com pessoas que passaram por EQM.

A missão de Marissa é emitir amor e consciência universal a todos aqueles que encontra. Foi intuitivamente conduzida à harpa e, através dela, as respostas foram-lhe reveladas. Todas as pessoas que passam por uma EQM procuram a vibração da experiência de quase-morte na Terra, para reintroduzirem o seu caminho e voltarem a ligar-se a esse reino ilusivo. A harpa é a forma de Marissa se ligar à sua missão.

Marissa era uma comunicadora na sua antiga vida de produtora/realizadora/argumentista. Agora, está também a comunicar, mas numa plataforma superior e, para ela, num caminho mais significativo.

— O que era o amor que encontrei? — questionou Marisa. — Era diferente de tudo o que alguma vez experimentei.

Respirei fundo e ouvi.

Quando estamos livres do nosso corpo físico, existimos como perfeita energia. Aqui na Terra, chamamos amor a essa perfeição. Existe em tudo, é benevolente e não julga. É a forma mais pura do Todo. Embora possa ser outra propriedade, chamamos-lhe amor.

— Porque me foi dito que a resposta era a simplicidade? — perguntou Marissa. — Porque me foi dada essa mensagem?

Se há algo que existe em todas as dimensões e todavia — ao mesmo tempo — numa dimensão, é o amor. É a própria simplicidade. Contém tudo. A única coisa que contém tudo. É esse o papel da simplicidade.

Marissa interrompeu esta explicação com uma pergunta:

— Porque tive a sensação de que a realidade da EQM era mais real do que a da Terra?

Reconheci esta pergunta como uma questão que surgia uma e outra vez a todas as pessoas que tinham passado por uma experiência de quase-morte.

A EQM é o portal para o universo e para o infinito. Na Terra, não podemos entender isto, uma vez que nos falta contexto para o infinito. Temos tendência para ver a EQM através do prisma do nosso mundo físico.

Olhei para Marissa. Sorria e acenava. Continuei a ouvir e a transmitir a informação.

A consciência é a única realidade. É pura e completa. Contém todos os universos e tudo o que alguma vez existiu e tem potencial para existir. Essa é a verdadeira realidade. Na Terra, definimos a realidade como o que podemos ver ou sentir, ou tocar, através dos sentidos. Mas os corpos físicos na Terra são apenas uma

dimensão, uma dimensão limitada. Se contrastares essa única dimensão com tudo o que alguma vez existiu, repararás na diferença entre a nossa percepção do que é real e o que é verdadeiramente real.

Marissa assentiu.

— O que era o vácuo de amor que senti? — perguntou enquanto eu confirmava que o gravador continuava ligado.

Ao deixarmos para trás o corpo físico, abandonamos os traumas terrenos e os sentimentos associados aos nossos sentidos terrenos. Só assim é que somos realmente livres para experimentar aquilo que não nos pesa — a criação e o conhecimento infinitos —, o que equivale ao êxtase.

— Porque não queria eu voltar para a Terra? — continuou ela. — Foi a mais perfeita das experiências e eu não desejava regressar!

Assim que deixamos para trás o corpo físico, estamos a salvo nas mãos do universo. Estamos completamente envoltos no Todo universal. Para lá do nosso corpo físico, esquecemos os traumas terrenos e sentimos uma paz e uma beatitude perfeitas.

— Isso é lindo — disse Marissa, e sorriu.

VIAGENS A REINOS ESTRANHOS

Tal como outras pessoas que passaram por uma EQM, Marissa falou-me sobre os sonhos estranhos e as ligações aos outros numa realidade alternativa que às vezes lhe surge à noite. Essas pessoas falaram-me, de forma tímida e constrangida, sobre as vezes em que foram levadas para reinos bem longe, para se encontrarem com criaturas e seres assustadores e indecifráveis.

Eis como o Espírito explicou isto:

Enquanto pessoa que vivera uma EQM, Marissa regressou à Terra com uma energia diferente introduzida no seu tecido. É agora como um transístor, sintonizada simultaneamente em duas estações que não comunicam uma com a outra. Neste caso, usam Marissa. Ela pediu-me ajuda com isto e com os reinos que lhe estão a ser mostrados e para onde é levada, mas eu disse-lhe que não conhecia nenhum remédio. Outros que passam por este fenómeno perturbador

podem também sentir-se desconfortáveis, mas reconhecem o que está a acontecer, o que parece aliviar alguma da sua ansiedade, disse-lhe.

A EQM é o portal para o infinito, uma ligação a tudo e a todos. A experiência é tão vasta que exige um esforço à imaginação, mesmo à medida que me habituava a ouvir as histórias, as experiências transcendentais, as mudanças chocantes. Este era um domínio a que, por um lado, estava a tornar-me imune, mas que, em simultâneo, me fazia reconhecer a infinita lacuna e a ligação entre nós, os outros e o universo.

Tanto Marissa como eu gravámos a sessão. Nesse ponto da conversa, ela tinha perguntas sobre a família, a sua saúde e o ajustamento à EQM. Conforme outras pessoas com quem conversara, Marissa disse-me que fora vítima de abusos em criança. Embora estivesse a aprender a perdoar através da EQM, ainda não tinha lá chegado. Mas estava grata pela leitura, e disse que a ajudara. Sentia-se isolada e debatia-se com muitas perguntas, e a leitura proporcionara-lhe algumas respostas. Devido à antiga profissão nos *media*, sabia instintivamente que pedaços de informação podiam ser importantes para mim e para a sua história. Essa capacidade ajudou a que o seu processo decorresse sem percalços.

Após a leitura, desliguei o portátil, apaguei as luzes, fechei a porta e saí para uma caminhada, a fim de assimilar o que aprendera e me purificar da leitura.

O SOM E A VIBRAÇÃO DA HARPA

A harpa, o instrumento que Marissa foi levada a tocar, ocupa um lugar nas lendas desde que é instrumento, talvez devido ao seu poderoso efeito, incluindo a capacidade de transportar o ouvinte para um estado de consciência elevado. A música orquestral dos dias de hoje utiliza a harpa moderna para retratar o futuro celestial. Não surpreende que, entre diferentes culturas, a harpa surja como um importante símbolo da vida depois da morte.

As harpas fazem parte da antiga família dos instrumentos de cordas, em que o som é produzido a partir das vibrações de cordas. A harpa contém elementos de som e de vibração, e a vibração é crucial para a produção do som, fundamental para a escolha de instrumento de Marissa para dar início à sua missão.

A vibração gerada pela harpa pode alcançar e despertar a consciência de uma maneira única entre os instrumentos musicais, mesmo dos que examinámos na música de Lyla (ver capítulo 7) e outros instrumentos com cordas mais grossas que vibram mais lentamente e produzem uma frequência mais baixa.

Examinemos como funciona a harpa: a de Marissa envia um sinal ao corpo para criar uma gentil mas poderosa vibração, um estado de beatitude. O timbre tranquilizador pode produzir sons reverberantes que se ligam ao corpo através dos nossos centros energéticos. A grande dimensão da harpa permite-lhe produzir uma vibração única. É capaz de gerar um som que nos une a todos.

Tal como os de outras pessoas que passaram por experiências de quase-morte (Lynnclaire [ver capítulo 11], Dan [ver capítulo 6] e Bob [ver capítulo 6]), o dom de Marissa remonta a tempos antigos. As primeiras harpas e liras foram encontradas na Suméria em 3500 a. C., e a sua origem remete para a Mesopotâmia, tal como a geometria sagrada, a matemática e outras ligações arcaicas à EQM e aos seus efeitos secundários. As origens da harpa são antigas, reportando pelo menos ao primeiro milénio.

A harpa tem sido retratada como um poderoso manipulador dos estados físicos, com a alegada capacidade de induzir o sono. Segundo os druidas, a harpa era capaz de atravessar a fronteira entre mundos. De facto, é um poderoso símbolo do estado transcendente da EQM.

Examinemos agora outro estranho efeito secundário, que vai além do nosso mundo tridimensional. Chegamos agora a Mark Jacoby e à sua invulgar capacidade eléctrica.

Capítulo Treze

MARK JACOBY E A TRANSFORMAÇÃO FISIOLÓGICA: SENSIBILIDADE ELETROMAGNÉTICA

«Se a presença de eletricidade pode tornar-se visível em qualquer parte do circuito, não vejo motivo para que a informação não possa ser instantaneamente transmitida através da eletricidade.»

Samuel Morse

Estava num avião a olhar para a manta de retalhos que era o solo lá em baixo, na terceira viagem desse ano a Tucson. Desta vez, dirigia-me à conferência «A ciência da consciência» na Universidade do Arizona.

Lembrei-me das minhas visitas anteriores. Havia a primeira pessoa que conheci que passara por uma EQM, o mergulhador que se afogara e falara na reunião do capítulo local da IANDS vários anos antes, Lyla (ver capítulo 7) e depois Dan Rhema (ver capítulo 6) e a sua ligação a Tucson. A Universidade do Arizona e o seu trabalho no ramo da consciência.

Pensei no xamã em Santa Fé e recordei-me da cidade que me fora mostrada na minha viagem com ele — a cidade iluminada como uma tenda. De repente, percebi: era Tucson. Um lugar que visitara uma e outra vez, onde o círculo se abrira e onde agora começava a fechar-se.

Mark Jacoby contactara-me na semana anterior. Mark é conhecido como «o homem que fala com máquinas». Sim, parece impossível, mas a história é verdadeira. Tirei uma pasta da bolsa debaixo do banco e examinei as minhas notas sobre ele.

Mark ligara-me uma noite para dizer que sonhara comigo na véspera. Sabia que eu ia telefonar-lhe, disse, e queria estabelecer contacto.

Mark Jacoby constrói, desenha e opera redes de armazenamento de fibra ótica. Muito do que faz é confidencial. Começou a carreira nas forças armadas ligado às contramedidas eletrónicas de guerra. Trabalhou nas grandes máquinas secretas que tornam os aviões

invisíveis. Atualmente, labora nas maiores redes de armazenamento do mundo.

Depois de conversarmos sobre a sua experiência e a pesquisa que eu estava a fazer, combinámos falar na terça-feira seguinte. Liguei a Mark à hora combinada e ele atendeu de imediato. Ouvi-o mexer em papéis em segundo plano.

— Desculpe — disse ele. — Estou a tentar ajudar o meu filho com umas coisas.

Bebi um gole de chá e esperei. Olhei para Mark no ecrã do computador, um homem de cabelo escuro a rondar os quarenta e com ar atormentado. Pouco depois, afastou o cabelo do rosto e começou a contar-me a sua história.

A EQM DE MARK

— Não estou a tentar convencer ninguém de nada. Estou simplesmente a transmitir uma experiência — explicou ele.

Mark tinha dezassete anos quando teve a sua EQM, na qual fez uma viagem incrível aos mecanismos internos do universo.

O dia 17 de dezembro de 1979 foi de neve no lago Tahoe. Mark Jacoby era um finalista de dezassete anos na Lake Tahoe High quando ele e um amigo decidiram ir ouvir o mais recente álbum dos Pink Floyd na casa do amigo com vista para o lago.

— O meu amigo tinha um jipe novo e bons pneus para a neve, mas esta caía com muita intensidade. Os limpa-neves não a conseguiam acompanhar e as estradas rapidamente ficaram geladas e escorregadias — disse ele.

Chegaram em segurança ao condomínio e passaram a hora de almoço a conversar e a ouvir música. Entretanto, o tempo tornou-se traiçoeiro e, quando regressavam à escola, o amigo perdeu o controlo do carro.

— O jipe acelerou, completamente fora de controlo — afirmou Mark. — Íamos direitos a um poste de telefone. Mas eu pensava que íamos ficar atolados e ter de escavar para sair.

Mark interrompeu-se, depois continuou a história:

— O meu amigo foi projetado para um banco de neve e eu saí pelo lado do condutor; a minha caixa torácica dobrou o volante ao meio. A minha última memória foi um som alto, acompanhado de um breve clarão de luz.

Quando Mark acordou, todo o seu corpo formigava. Tinha um silvo nos ouvidos e dificuldades em respirar. Falar tornava-se mais difícil. Desmaiou.

Recuperou os sentidos quando a brigada de trânsito chegou e começou a fazer perguntas.

— Por essa altura, não conseguia respirar o suficiente para mais do que um sussurro. Identifiquei-me e disse que tínhamos tido um acidente com o jipe, mas ele não me ouvia.

Mark foi levado para uma casa ali perto e cortaram-lhe a camisa.

— Tentei olhar para o meu corpo deformado, mas comecei a sentir-me como se não estivesse de todo a olhar para o meu corpo. O ar parecia turvo, como se conseguisse ver as moléculas. A minha perspetiva mudara e olhava de cima para os paramédicos.

— Continuei a exalar, como se tivesse sido sugado por algum tipo de vácuo. Obriguei-me a voltar a visão na direção do sofá e vi o meu corpo ali deitado por baixo de mim.

Mark sabia que algo de muito estranho se passava. Os paramédicos sabiam que ele deixara de respirar.

— Não acredito que soubesse já que estava a morrer. Mas sabia que era grave. Quando me apercebi de que não me encontrava no meu corpo, houve um momento de pânico. Depois senti que estava a ser levado dali, a tornar-me parte de algo diferente. Parecia que os contornos das pessoas na sala tinham sido traçados com um lápis de luz. O ar ganhou um tom púrpura, como se as moléculas fossem translúcidas. Podia sentir a neve a cair enquanto me elevava.

— Conhecia aquele sítio. Era-me familiar. Sentia-me em casa.

»Como se um fardo tremendo me tivesse sido tirado de cima. Recordo-me de uma profunda sensação de amor. Mais profunda do que alguma vez sentira. Parecia emanar de todos os pontos e de

mim para o exterior. E um sentimento de pertença. Foi o momento mais calmo e pacífico da minha vida.

Parámos por um momento e então perguntei:

— Estava algum membro da sua família consigo?

— Podia sentir a presença de outro alguém. A aceitação e a compreensão dos meus sentimentos foram instantaneamente partilhadas com esse ser que me amava de forma incondicional. Então ouviu-se uma voz. Não posso dizer se era Deus, o meu guia espiritual, Jesus ou algum familiar. Não estava preocupado com rótulos e hoje vejo a verdade em muitos tópicos. Posso dizer que essa voz e eu estávamos unidos de forma profunda.

— Teve uma recapitulação da sua vida? — perguntei.

— A voz fez-me muitas perguntas ao mesmo tempo. «Já acabaste com esta vida? Queres acabar o trabalho que devias fazer? Queres que os teus entes queridos sofram este desgosto?» Tudo isto foi perguntado num instante. Podia sentir muitos pensamentos, mesmo de pessoas que não conhecia, que leram a notícia ou a ouviram na rádio. De algum modo, podia sentir todas as repercussões da minha morte ao mesmo tempo. Lembro-me de pensar na minha mãe, e em partes da minha vida, tudo num instante. Segundo me lembro, a escolha foi minha. Para cada versão da pergunta, sentia os sentimentos e as repercussões da decisão.

Nesse momento, Mark divagou.

— Tenho de lhe falar dos meus antecedentes — disse. — Fui adotado em bebé e cresci para me tornar arruaceiro. Magoava as outras crianças, começara a abusar das drogas e do álcool, tinha más notas, estava envolvido em atos de vandalismo. Todas estas ações foram revividas de forma resumida, com os meus sentimentos e os das partes envolvidas. Mas o mais profundo foi a sensação de como a minha mãe se sentira ao saber da minha morte. Estava em grande sofrimento, mas misturado com sentimentos do muito trabalho que dera. Tive a sensação de que era uma tragédia tão grande acabar com esta vida sem nunca ter feito grande bem.

Algures debaixo desta avassaladora sensação de dor estava uma noção de dever e do trabalho que eu tinha a fazer.

Missão. Lá estava outra vez — essa ideia de propósito. Aparecera com Lewis (ver capítulo 4), Bob (ver capítulo 6), Dan (ver capítulo 6), Lynnclaire (ver capítulo 11), Marissa (ver capítulo 12), e outros.

Foi-lhe dada uma escolha: ficar ou voltar?

— A minha resposta — disse Mark — foi fazer uma pergunta: «Se regressar, serei capaz de voltar aqui mais tarde? Será sempre assim?» A resposta foi imediata. O resultado instantâneo. Tinha uma máscara de oxigénio na cara e estava a tentar acordar.

»O prognóstico médico? Ficara esmagado entre um jipe e um poste de telefone. Tinha traumatismos extensos, costelas estaladas, ossos partidos e hemorragias, possivelmente uma contusão na aorta e o pulmão direito perfurado.

Apercebi-me de que estivera a sustentar a respiração. Expirei e respirei normalmente.

— O que aconteceu a seguir? — perguntei.

— A experiência mudou-me profundamente. Durante anos, não a discuti, por medo do ridículo e por ser tão pessoal. Mas agora não me importa se alguém acredita em mim.

APTIDÕES FORTALECIDAS

Mark regressou com vários efeitos secundários fisiológicos, sendo o mais pronunciado a capacidade de se ligar eletronicamente às máquinas.

Mark disse que o seu relacionamento com as máquinas começou no hospital, logo a seguir ao acidente:

— Aconteceu de imediato. Podia sentir e detetar os campos eletromagnéticos associados aos fios, ao controlo remoto e às máquinas no quarto. Posso influenciar o funcionamento das máquinas, detetar aparelhos eletrónicos e sentir o fluxo de eletrões. No hospital após o acidente, parei o meu coração através do pensamento.

— Como fez isso? — perguntei, imaginando luzes a piscar e alarmes a serem ativados no quarto.

— Devia ter visto a enfermeira — disse Mark. — Foi quase como se estivesse a entrar pessoalmente nos mecanismos internos da máquina para aprender como funcionava o ECG. A forma de desligar a máquina era parando de emitir o sinal. Por isso desliguei o meu coração.

Fiz uma pausa. Mark pode então interromper o fluxo da corrente como um interruptor humano? O que é esta estranha capacidade eletrónica que ele possui?

— Posso olhar para um esquema ao lado de uma máquina e praticamente sentir os componentes que estão avariados — diz ele. — É uma sensação física.

Ken também fizera referência ao facto de sentir a luz e a eletricidade como pressão (ver capítulo 10). Outras pessoas que passaram por EQM partilham da sensibilidade eletrónica, embora não num caso tão extremo como o de Mark.

Mark diz que a sua sensibilidade e outros «fenómenos» aumentam e diminuem em ciclos, devido às influências cósmicas e às flutuações magnéticas Terra/Sol, tudo fenómenos que influenciam a energia.

Perguntei a Mark se era capaz de desligar a sua sensibilidade às máquinas quando queria.

— Agora sou — respondeu —, mas levou algum tempo até conseguir impedir que este campo com que interajo interferisse no meu trabalho e na minha vida. É um pouco como lidar com um bebé. A mesma mão que alimenta e muda as fraldas pode também partir ossos.

Queria examinar os efeitos secundários de Mark mais de perto. Combinámos conversar dali a alguns dias. O que nos diria a sessão de Mark sobre as suas poderosas capacidades?

A SESSÃO DE MARK

Uma semana mais tarde, pouco depois das três da tarde, liguei para Mark via Skype. Perguntava-me como iria a leitura correr, dada a profundidade da sua EQM.

Ouvi um barulho forte em fundo quando Mark atendeu e levei um segundo a dar-me conta de que era o som de um trovão.

— Está pronto? — perguntei após alguns ajustamentos preliminares ao som e ao volume. Ele assentiu. Enquanto o fitava através do ecrã do portátil, reparei que a sua aura, tal como as de outros, era de um branco puro. O Espírito protegia-o. Eis o que veio através de mim:

A tua aura é extremamente brilhante, cheia de luz branca, como olhar para uma lâmpada de um milhão de watts mesmo à minha frente. É a luz do universo.

Mark estava muito curioso acerca dos seus efeitos secundários, perguntando:

— Como foram os meus efeitos secundários ativados pela EQM?

Eis o que o Espírito me mostrou: a EQM e os efeitos secundários desabrocharam junto com Mark quando ele regressou. Foram-me mostrados símbolos para o fluxo de eletrões e para um melhoramento que se tornou mais complexo e substancial. Quando Mark deu à luz a EQM na Terra, esta tornou-se uma coisa viva.

Observei-o pelo canto do olho e vi que ele estava a ouvir.

— Está bem? — questionei, perguntando-me o que ele pensava da leitura.

— Sim — respondeu ele.

— Como explicamos o que aconteceu ao Mark na sua EQM? — perguntámos.

Mark é como uma sofisticada placa de circuitos ou uma antena programada para um canal único. A sua antena é capaz de sintonizar outras frequências e de lhe conferir um extraordinário acesso a todos os aspetos do universo. A sua energia é universal e transcende o nosso plano terreno.

A astrofísica confirma que o nosso universo está cheio de energia. Explosões de rádio vindas do espaço exterior são relatadas como raios cósmicos de alta energia que têm um impacto na atmosfera da Terra. Mark é essencialmente capaz de comunicar com estes raios.

Mark habita um espaço difícil. Estremeci ao contemplar todas as pessoas que conheci que passaram por uma EQM e que ocuparam também este espaço. Na leitura de Mark, fui levada para este reino longínquo. E na sua leitura, iria mais longe neste reino do que nas outras, e transmitir-lhe-ia esta informação.

Mark atravessou o espaço e o universo. É extremamente complexo, um corpo universal de energia multidimensional, que existe num reino elevado de tempo e espaço infinitos.

Foi-me mostrado um quadro do tempo e do universo, combinado com outros conceitos do universo que representavam os dons de Mark.

O que tem Mark a dizer sobre isto? Como é viver com esta capacidade?

Ele esvaziou o seu copo de água antes de me responder.

— A maior parte do tempo, estou bastante isolado nisto — desabafou.

«Desliguei-me» para lhe dizer que a maioria das pessoas que passam por uma experiência de quase-morte parece partilhar dessa sensação de isolamento. Depois retomei a sessão.

— Como é que o Mark é capaz de comunicar com as máquinas? — perguntámos.

Todo o corpo de Mark é um componente sensorial altamente desenvolvido programado para uma frequência e calibrado para um canal cuja base não é terrestre.

Mark é, na verdade, ciberintuitivo. Regressou da EQM com poderosos dons eletrónicos, com os quais o nosso sistema não está preparado para lidar. Enquanto os restantes de nós têm de carregar manualmente no interruptor da luz para acender as lâmpadas de uma sala, Mark é como um ciborgue humano. Não existe um sistema na Terra capaz de o acomodar na sua dupla existência.

Tal como outras pessoas que passaram por EQM, Mark estava com dificuldades, por isso questionei:

— Porquê o Mark? O que tinha ele que o assinalou como candidato?

Foi-me mostrado um carro a percorrer uma estrada cheia de sulcos. Sem fazer qualquer progresso. Limitando-se a entrar noutra sulco. Depois o Espírito disse:

Mark foi identificado como matéria-prima, se pudéssemos reconfigurá-lo. Prepará-lo para outras opções e possibilidades, para que pudesse evoluir.

Mark queria saber sobre a sensação de amor que experimentara: o quê ou quem emanava do Todo.

— O que era aquilo? — perguntou.

Era o Todo que tudo abrange. Todos os planetas, todas as constelações, todas as estrelas. Todos nós. Todos os universos e tudo o que chega além do infinito. Depois o dobro ou o triplo.

Mark também perguntou pela presença do outro durante a sua EQM.

— Quem ou o que era?

Quando Mark encontrou o Outro — o Outro que ele sentiu que já conhecia —, essa informação estava incorporada e existia no seu interior. Mark já se encontrara com todos, sabia tudo, antes desse momento. Possuía um bocadinho de tudo o que alguma vez existira, que alguma vez havia sido pensado, no seio da sua consciência. Mark nunca tivera a oportunidade de estar frente a frente com nada para lá do seu contentor terrestre até àquele momento. Mas, durante a EQM, Mark foi capaz de se ligar à consciência universal. Para ele, foi como encontrar uma parte de si que sempre estivera lá.

Muitos dos que passaram por uma EQM dizem que lhes é dada informação durante a jornada, mas não se lembram de tudo ao regressar. Mark sentiu que lhe estava a ser mostrado o universo e foi exposto a um grande conhecimento, como Marissa e Ken e Lynnclaire, mas não se lembra de tudo.

— Mark só podia voltar com uma parte desse conhecimento. Afinal, regressava a um corpo físico que sofrera graves traumas. Havia um limite para o que podia gerir. O universo deu-lhe apenas aquilo com que podia regressar.

Vi Mark sorrir antes de continuar.

— O que provocou o silvo que ouvi enquanto flutuava através do teto? — perguntou.

A tua consciência estava a sair do corpo, para outro reino. Não é um som a que estejamos acostumados na Terra, mas chamamos-lhe um silvo ou zumbido.

Mark franziu o sobrolho.

— Durante a EQM, pude ver e sentir átomos no ar. Como foi isso possível?

A tua consciência é permeável. Foi direita a esses átomos e moléculas e pôde entendê-los e reconhecê-los como uma forma de matéria que é irreconhecível para nós. Nesse estado, pudeste estar em sintonia com as mais pequenas unidades do universo.

Atualmente, Mark consegue desligar a sua sensibilidade elétrica, mas diz que levou anos a impedir que o campo com que interage interferisse no trabalho e na sua vida.

Mark e eu conversámos durante mais alguns minutos sobre a leitura, e depois ele abanou a cabeça e disse:

— Chega tão perto — referindo-se ao que eu tinha visto na sua sessão.

Tão perto, repeti para comigo em silêncio. Depois acrescentei:

— Não sou eu. Sou apenas a facilitadora. O Espírito mostra-me o que quer que eu veja e depois eu transmito-lhe isso.

Sou apenas um canal, alguém habituado a transmitir informação. Geralmente, a informação não se «cola» a mim. Atravessa-me e eu oiço atentamente, de modo a conseguir transmiti-la o melhor possível ao assistente, a pessoa para quem estou a ler. Trago a energia e procuro as respostas e depois transmito-as. É só isso que faço.

A leitura de Mark foi um pouco diferente, pois senti e vi como ele passara grande parte da experiência «lá fora». Isto tornou a leitura mais complexa e acrescentou informação sobre o cosmos e o universo, que não estavam tão presentes noutras leituras.

Terá Mark ido mais longe que os outros? Teve certamente uma experiência complicada e eu fui levada até lá com ele. O que

aconteceu a Mark foi profundo, demasiado vasto para entendermos tudo.

SENSIBILIDADE ELETROMAGNÉTICA

«A matéria elétrica consiste em partículas extremamente subtis, pois que pode permear a matéria comum, mesmo os metais mais densos, com uma facilidade e liberdade tais que não recebe qualquer resistência perceptível.»

Benjamin Franklin

Folheei os meus registos, reparando na frequência da sensibilidade elétrica. Vi o homem que avariara a máquina de bilhetes no cinema, a mulher que fizera com que o multibanco avariasse e a pessoa que dera cabo do braço da garagem de estacionamento. Pensei nos efeitos secundários de Mark e nos componentes da energia — pelo menos do que eu sabia sobre a energia. Somos todos seres energéticos. Todos temos frequências.

É hoje amplamente aceite pelos cientistas que as interações eletromagnéticas são fundamentais para o funcionamento do tecido biológico. Somos todos seres energéticos com frequências que governam as nossas atividades, e na Terra funcionamos a frequências elétricas baixas. Mas as pessoas que passam por uma EQM parecem regressar com uma energia única e de frequência mais elevada — uma energia que não só interfere com os equipamentos estáticos normais como colabora com um plano superior. Não sabemos o que esta energia é, mas sabemos que interage com o nosso campo eletromagnético.

Esta energia vem de reinos não lineares, de planos muito distantes do nosso mundo tridimensional. Somos parte de um todo bem mais vasto que não podemos sequer contemplar. Nem os cientistas compreendem ou possuem um enquadramento concetual para o entendimento de tal energia. Este reino energético está tão para lá de nós na sua evolução e no seu funcionamento que foge às explicações convencionais.

Os efeitos elétricos de Mark são específicos. Mas muitos dos que passaram por uma EQM têm efeitos secundários elétricos:

candeeiros de rua que se apagam quando eles passam, computadores que avariam, falhas nos telemóveis e eletrodomésticos. As EQM são acontecimentos eletricamente carregados, e muitas das pessoas que passaram por uma experiência de quase-morte conduzem eletricidade a uma frequência bem mais alta.

Até à data, a investigação da sensibilidade elétrica em pessoas com uma EQM tem sido limitada. A investigadora Jan Holden, da Universidade do Texas, promoveu estudos de sensibilidade elétrica. A sua pesquisa sugere que a sensibilidade eletrónica está ligada à profundidade da EQM, tal como medida na escala de Greyson. (Ver apêndice A.)

O problema desta hipótese é que muitas pessoas que nunca tiveram uma EQM são também eletricamente sensíveis. Outras que não se recordam das suas EQM são também eletricamente sensíveis. E algumas com pontuações altas na escala de Greyson não têm qualquer sensibilidade elétrica. Isto sugere que a sensibilidade elétrica não está associada a uma escala, mas antes a encontros com experiências noéticas e acontecimentos elétricos, incluindo tudo, da meditação a paragens cardíacas e à queda de raios.

Depois de entendermos o reino energético para onde as pessoas que passam por uma EQM viajam, que indivíduos como Mark Jacob voltem com sensibilidade elétrica, grande ou pequena, não deveria ser surpresa. Vi alguns — vislumbres destes estranhos universos e reinos, tão diferentes da nossa Terra que fazem com que o nosso mundo pareça limitado em comparação.

Parei e olhei para cima no momento em que o piloto anunciava que em breve aterraríamos em Tucson. À luz ténue, olhei para o relógio e fechei a pasta de notas sobre Mark Jacoby. Tinham passado duas horas, e o mistério da EQM continuava a ser ilusório enquanto eu via o pôr do Sol sobre as Catalina Mountains.

Capítulo Catorze

MARY ANN MERNAUGH E A TRANSFORMAÇÃO COGNITIVA: QI AUMENTADO

«A nossa mente é capaz de atravessar a linha divisória que traçamos para ela.»

Hermann Hesse

Percorri os meus *e-mails* e reparei num que dizia: «Por favor, contacte-me. Tive um aumento de QI através da minha EQM há anos.» Estava assinado «Mary Ann Mernaugh, Laguna Beach, Califórnia.»

Respondi a Mary Ann e, no dia seguinte, obtive resposta.

Mary Ann foi uma das muitas pessoas que conheci cuja vida tinha sido virada do avesso após a EQM. A experiência levou-a por um caminho completamente novo, influenciando os relacionamentos, a carreira, a missão e todas as crenças.

A experiência de quase-morte de Mary Ann aconteceu em 1969, antes de treze milhões de americanos admitirem que partilhavam esta experiência sobrenatural e de o termo *EQM* ser cunhado por Raymond Moody. A imprensa e os meios de comunicação de Hollywood ainda não tinham pegado na ideia da experiência de quase-morte para a romantizar num cativante e interessante espetáculo para enfeitiçar os espetadores.

Disse Mary Ann:

— Tinha vinte e seis anos na altura da minha EQM e estava em trabalho de parto do primeiro filho. Enquanto estava deitada na mesa de partos, comecei rapidamente a descer um túnel. Lembro-me de ter pensado: *Oh, meu Deus! Estou a morrer.*

»Vi uma brilhante luz branca à distância e depois ficou tudo preto. Quando acordei, pensei que estava morta e no Céu. Sentia-me maravilhosamente. Tranquila e quente. Alguém entrou na sala e a minha bolha rebentou. Soube que estava viva.

A EQM de Mary Ann foi tão real como qualquer outra experiência que tenha tido — mais, diz ela. Segundo se lembra, não houve nada de onírico, e continua a ser uma memória bem viva com detalhes

particularmente memoráveis — uma experiência sensorial completa. Além disso, diz:

— Desafia qualquer comparação na experiência humana e está permanentemente gravada na minha mente consciente.

A experiência de quase-morte de Mary Ann foi breve, mas partilha com os outros o aspeto da sensibilidade elétrica:

— Tinha dificuldades com os aparelhos elétricos. Nunca conseguia que a fotocopiadora do trabalho funcionasse devidamente. Acontecia todo o tipo de coisas malucas, como alterar as configurações e recusar-se a imprimir. Também trocava os números em calculadoras manuais.

Mary Ann não sabia ao certo o que lhe acontecera nesse dia no hospital, mas a família foi tocada pela tragédia de o seu recém-nascido morrer passadas apenas nove horas.

— Na altura, eu não sabia o que era uma experiência de quase-morte. Não tinha a mais pálida ideia do que sucedera e não conseguia pôr-lhe um rótulo.

»Estupidamente, fui à igreja e disse ao padre no confessional que estava a sofrer muito. Não entendia porque me acontecia aquilo. Ele disse-me que eu merecia que o meu filho morresse porque usara contraceptivos.

»Só entendi que tivera uma EQM passados sete anos, quando li um suplemento no jornal de domingo e vi uma imagem do que hoje é conhecido como o túnel.

Mary Ann não falou da sua experiência com ninguém até conhecer uma mulher que a incentivou a fazê-lo. Isto foi muito depois de ter procedido a várias mudanças na vida que hoje sabe terem resultado da EQM.

— Após a minha EQM, tive o forte pressentimento de que toda a gente tem um caminho, uma vocação, uma missão — disse ela. — Chamemos-lhe o que quisermos. Tinha de encontrar essa missão sozinha.

Mary Ann soube que precisava de mudar a vida. Não tinha dinheiro, o pai falecera recentemente e estava num casamento difícil.

A TRANSFORMAÇÃO DE MARY ANN

Antes da EQM, Mary Ann frequentava a Michigan Tech University.

— A universidade fazia testes rigorosos a todos os caloiros. Nessa altura, o meu QI foi avaliado em cento e vinte e três — diz ela. O QI de Mary Ann situava-se no escalão acima da média.

Mas, após a EQM, Mary Ann começou a notar alterações dramáticas no seu processo mental. Reparou que pensava de forma diferente. As coisas pareciam mais frescas e claras, o processo de pensamento mais apurado. Conseguia juntar números na cabeça mais depressa do que antes da experiência. Mary Ann lembra exemplos específicos, incluindo este:

— Estava a ver patinagem artística na televisão com a família e a avaliação era feita com base num sistema de dez pontos com frações. Os juízes somavam, depois faziam a média dos números. Eu somava e fazia as médias antes de o total ser anunciado na televisão. Estava a dar com a minha sobrinha em doida, com ela a perguntar-me como fazia.

»Conseguia passar complexos testes de QI. Na universidade, tive uma aula de psicometria. Um dos exercícios envolvia fazer perguntas de um teste de acuidade mental a um parceiro até que este errasse duas perguntas. O meu parceiro acabou por chamar o instrutor e dizer: “Não consigo fazer com que ela erre duas perguntas. Limitamo-nos a continuar.” O instrutor disse-nos para pararmos e assinalarmos o final. Ironicamente, também obtive um valor alto no teste de Pons, que mede a capacidade de ler a comunicação não verbal — sinais do rosto, corpo e voz.

Mary Ann tinha provas tangíveis de que o seu QI aumentara após a EQM — que os processos cognitivos tinham mudado. O seu QI foi também testado pela organização MENSA local e obteve 145 no Teste Califórnia de Maturidade Mental, o que a colocava no um por cento de topo da população. O seu QI aumentou 22 pontos.

Mary Ann completou depois dois mestrados com média de 4 e distinção. Após o primeiro mestrado, trabalhou doze anos em

microbiologia e completou um ano de internato e dois de residência para se tornar terapeuta clínica.

Como explicamos a inteligência aumentada de Mary Ann? O que aconteceu para lhe proporcionar os novos poderes?

A SESSÃO DE MARY ANN

Combinámos falar via Skype na semana seguinte. Estava ansiosa por se envolver no trabalho. Acreditava, tal como Mark (ver capítulo 13) e Marissa (ver capítulo 12), que lhe tinham sido mostradas muitas coisas sobre o universo durante a EQM, mas, como não conseguia lembrar-se de todas, estava especialmente interessada numa leitura.

— As coisas têm estado lentas, por isso isto vai ser ótimo! — disse ela.

Então recebi um *e-mail* a dizer que Mary Ann ia ser submetida a uma cirurgia. A sessão estava cancelada. Fiquei desiludida, mas também preocupada com ela.

Mary Ann contactou-me meses depois. Com a cirurgia, estava ótima e pronta para avançar, acrescentando:

— Nunca mais volto a dizer que as coisas estão lentas!

Uma semana depois, olhei para as horas: quase quatro — uma no horário da costa oeste. Passei um pente pelo cabelo e pus alguns cristais ao lado do computador. Sentei-me à mesa da cozinha e liguei para Mary Ann. Já estava *online* e à espera. Quando atendeu, inclinei-me e aproximei-me do ecrã.

Mary Ann tinha o aspeto que eu imaginara: cabelo louro pelos ombros, uma mulher de rosto fresco e com o saudável e atraente *look* americano à Doris Day.

Aquietei-me e inspirei o aroma do incenso de sândalo que queimara mais cedo. Senti a tensão fluir para fora do meu corpo à medida que me firmava. Olhei para cima e perguntei a Mary Ann se estava pronta.

Ela assentiu e começou com um comentário para mim:

— Sempre senti que aconteceram muito mais coisas na minha EQM, mas que a memória estava bloqueada. Não é estranho? Ao

longo dos anos, tentei descobrir o que mais havia, mas nunca consegui. — Estava ansiosa por perceber porque não se lembrava de mais coisas e grata por ter a oportunidade de explorar esta questão numa leitura.

Não é assim tão estranho, descobrimos. É como se estes indivíduos estivessem impregnados com o conhecimento do universo, independentemente das memórias ativas. As pessoas que passaram por uma EQM podem não ser capazes de aceder a toda a informação quando regressam à Terra, mas os acontecimentos existem de forma permanente, gravados na sua consciência.

À semelhança de quem passou por uma EQM, Mary Ann não conseguiu trazer toda a informação de volta porque seria um fardo demasiado pesado quando retomasse a vida terrena. O simples facto de ter a experiência era mais do que suficiente. Pode imaginar se tivesse quase morrido, visto uma luz mais brilhante do que um bilião de sóis, encontrado familiares falecidos, recebido lições de vida e depois lhe tivessem sido mostrados os segredos do universo? O que faria? Talvez não quisesse mais «dons» para recordar?

Tal como com Mark e outros que receberam informação do universo, o conhecimento é cuidadosamente dividido pelo Espírito. O Espírito só nos dá aquilo com que conseguimos lidar, seja numa EQM, na vida quotidiana ou em partes da nossa jornada. Mesmo que as pessoas que passam pela EQM processem tudo no reino invisível da experiência, não conseguem lidar com tudo ao regressarem a casa.

Instalei-me, respirei fundo e senti a pele formigar. Ouvi enquanto Mary Ann fazia a primeira pergunta:

— O que aconteceu na minha EQM para me transformar a vida?

Mary Ann foi infundida com a luz. Não há nada mais forte que o poder da luz — um íman que redireciona e reorganiza tudo o que encontra. Implantada num indivíduo, este nunca mais é o mesmo. Há algo vindo de fora do mundo físico que agora os incentiva, como se um interruptor tivesse sido ligado. E continua ligado.

Tal como outras pessoas que passaram por uma EQM, Mary Ann estava a caminho de desvendar a sua missão. Em resultado dos notáveis efeitos secundários, descobriu a vocação. Porém, ela não se lembra de ter feito um pacto com o universo. Teve a sensação de haver uma ordem profunda e de que a experiência lhe afetara a mente, o poder, ao regressar, e a capacidade de entender muitas coisas. Mas não conseguia lembrar-se de um acordo, de uma transação, de um compromisso.

Ter uma experiência de quase-morte e todos os efeitos secundários é desconcertante e confuso. Os que as têm fazem a mesma pergunta: o que é suposto fazermos com ela? Porque, independentemente do que se obtenha, isso não se adapta ao sistema em que vivemos na Terra.

Segundo Mary Ann, algumas pessoas têm EQM para lhes mostrar que precisam de mudar de vida.

— Algumas, como eu, têm experiências para receber munições que as ajudem a fazer mudanças quânticas — disse. — Acredito que há uma razão espiritual — acrescentou.

Mary Ann tinha perguntas adicionais acerca da próxima fase da sua vida, e passámos algum tempo a conversar e a explorá-las. Terminámos. Após ter estado no reino do Espírito, precisava de sentir a Terra, a natureza, as árvores e o Céu. Calcei os ténis e saí de casa em direção ao parque. Caminhar firma-me após uma leitura e permite purificar-me para retomar a vida.

O QI E A EQM

O que tinha a inteligência superior que Mary Ann adquiriu? Como alcançou um aumento de 22 pontos no QI? Se a resposta não podia ser encontrada na nossa sessão, talvez a investigação fornecesse pistas adicionais?

Comecei por olhar para os impulsionadores do QI. Este em si é difícil de definir, embora, de forma simples, seja a nossa capacidade de raciocinar e entender e uma medida das nossas capacidades cognitivas. As designações do QI mudaram desde o início dos testes de QI, mas geralmente os testes são suficientemente fiáveis para

que se obtenham pontuações semelhantes durante toda a vida. Porém, ao contrário da maioria de nós, os resultados de Mary Ann não se mantiveram constantes. Após a EQM, as pontuações dela passaram de acima da média para o extremo superior da inteligência, o espectro dos muito dotados.

Pensei no que sabia sobre o melhoramento do cérebro e os fatores com impacto na inteligência enquanto começava a investigar o excepcional efeito secundário de Mary Ann. Encontrei informação sobre fármacos inteligentes, suplementos, potenciadores cognitivos e marcadores genéticos. Nenhuma destas coisas era a resposta. O que aconteceu a Mary Ann não envolveu fármacos e, além do mais, a sua experiência ocorreu antes da introdução de medicamentos recentemente desenvolvidos. Também não havia provas de que a sua constituição genética fosse a resposta, pois o crescimento do seu QI foi gradual.

Se não foram drogas, potenciadores, suplementos ou genes, o que afetou o QI de Mary Ann?

Decidi investigar as frequências binaurais — sons causados por uma estimulação específica. Já tinha analisado o seu papel como potenciadores da consciência e desconfiava que não eram a resposta para a pergunta de Mary Ann. As frequências binaurais acontecem quando o cérebro integra dois sinais separados e interpreta o terceiro sinal, o som produzido, como uma frequência binaural. A frequência de batidas binaurais, os Hz obtidos, não é alta o suficiente para induzir uma inteligência superior. Também descartei os efeitos da idade e do ambiente. É geralmente reconhecido que o QI diminui com a idade e que nenhum fator ambiental tem uma forte influência no QI após os anos críticos do meio da adolescência.

Sabia pelo trabalho anterior que Mary Ann entrara num espaço energético diferente. Tal como outros, apanhara o elevador expresso até aos mais altos domínios da consciência. Por isso, decidi investigar domínios energéticos mais altos, por assim dizer.

ONDAS CEREBRAIS E FREQUÊNCIA

O cérebro, composto por bilhões de células chamadas neurónios, é um órgão eletroquímico capaz de gerar até dez watts de energia elétrica. Estes neurónios são abelhas operárias e utilizam a eletricidade para comunicar uns com os outros. Esta atividade elétrica combinada é descrita como ondas cerebrais. As células nervosas que disparam sinais elétricos chamam-se padrões de ondas cerebrais.

Tal como outras frequências no nosso corpo, as ondas cerebrais são medidas em hertz (Hz), e estes sinais elétricos são afetados pelas vibrações que entram no corpo. O papel e a função das ondas cerebrais e da atividade elétrica que emana do cérebro parecia um caminho digno de ser investigado. Além disso, à medida que pensava sobre as ondas de som e luz e o seu impacto nas capacidades aumentadas de Ken e Robert (ver capítulo 10), pareceu-me que as ondas e frequências estavam relacionadas com os efeitos secundários das EQM.

Foram recentemente descobertas novas frequências que estimulam as funções mentais do corpo. Decidi olhar para os aspetos terapêuticos dos campos subtis de energia para aprender mais e ver se havia ligação entre os campos de energia e a inteligência.

As ondas gama — as ondas cerebrais de mais alta frequência, ou a elite das ondas cerebrais — estão associadas a propriedades intelectuais e funções executivas como um QI superior. Até há pouco tempo, as ondas gama tinham recebido pouca atenção dos investigadores. Estas, a uma frequência de 40-70 Hz, são as mais rápidas e as mais pequenas ondas cerebrais e permitem que partes do cérebro comuniquem entre si. De acordo com um estudo publicado na *Nature Neuroscience*, aplicar uma corrente elétrica ao cérebro mostra que induzir ondas cerebrais de uma frequência específica produz a atividade elétrica das ondas gama.¹

Alguns estudos demonstraram que os padrões de ondas cerebrais podem ser alterados através de uma variedade de estímulos, incluindo o som e a luz. A estimulação do cérebro produz alterações

e, numa frequência muito elevada, pode gerar aquilo que vemos como «dons» (capacidades superiores, um QI mais elevado). Poderão as ondas gama ser alteradas através de uma EQM? Poderão, associadas ao processamento de informação, à cognição e à consciência, ser afetadas por uma experiência noética?

De acordo com uma pesquisa recente feita na Universidade de Michigan e publicada em *Proceedings of the National Academy of Sciences*, foram detetados níveis elevados de atividade cerebral no momento da morte em ratos de laboratório.² Se um súbito aumento de ondas cerebrais de alta frequência, chamadas oscilações gama, estiver presente no momento da morte ou perto dele, poderia isto explicar os fundamentos do aumento de QI de Mary Ann?

A frequência característica da EQM — a que fica com aquele que teve a experiência — transmite múltiplas propriedades: curar, crescer; aprender melhor, pensar melhor, estimular a criatividade. Parece que Mary Ann foi exposta a uma frequência que aumentou a sua capacidade de processar informação e as suas funções superiores. Terá encontrado uma frequência que interagiu com as ondas gama do cérebro para aumentar a inteligência?

Ou será que esta inteligência aumentada vai além do cérebro e das ondas cerebrais? Talvez um fator X do universo?

Não há como ter a certeza enquanto investigamos este desconcertante *puzzle* no limiar da ciência e da espiritualidade onde tanto permanece desconhecido.

Capítulo Quinze

ANA CALLAN E A TRANSFORMAÇÃO COGNITIVA: POESIA E VERSO

«A poesia é uma ciência tão exata como a geometria.»

Gustave Flaubert

Enquanto folheava o *The Baltimore Sun*, a luz entrava pelas persianas do meu escritório. O telemóvel tocou — uma mensagem do meu velho amigo Rich, um amigo dos meus tempos no ramo do investimento. Há anos que não o via, mas recordou-me uma época há muito passada.

«Lembrei-me de ti hoje, pois faz dez anos que a Google se tornou pública. Alguma vez vens a Nova Iorque?», escreveu-me por mensagem.

«Claro», respondi. «Vou aí mais ou menos uma vez por mês.»

Apesar do trabalho, tentava deslocar-me a Nova Iorque para eventos culturais e para ir à ópera, ou visitar os amigos quando podia.

Rich e eu combinámos encontrar-nos para jantar na minha próxima viagem, a fim de podermos atualizar-nos sobre a vida um do outro, escolhendo o Balthazar, um pequeno restaurante em Lower Manhattan.

Duas semanas depois, no ameno fim de tarde de um dia de semana, desci a Spring Street, assimilando as *boutiques*, os sótãos dos artistas e os edifícios de ferro fundido. Quando entrei no restaurante, avistei Rich no bar a beber champanhe. Chamou-me com um aceno.

Rich pôs-me a par do seu negócio. Soando melancólico, disse:

— Os clientes estão a morrer [falava literalmente; os seus clientes eram mais velhos], o negócio tornou-se uma mercadoria. As coisas estão mudadas.

Quando Rich perguntou o que eu fazia, sorri e disse:

— Talvez queiras tomar uma bebida. — Prossegui explicando que agora era médium e falei-lhe do trabalho com as EQM.

Seguiu-se um longo momento de silêncio. A expressão vazia que tinha no rosto não se alterou. Não emitiu um som nem fez qualquer pergunta. Só silêncio.

Acrescentei mais alguns pormenores e então ele disse:

— Achei boa ideia reencontrarmo-nos, uma vez que era o décimo aniversário da vinda da Google a público.

Foi só essa a extensão da sua resposta.

Não sei o que ele pensava, mas não achei bom. Aprendi que as reações a este trabalho e à minha passagem do caminho tradicional no ramo do investimento para um trabalho que muitos não levam a sério fazem parte da minha jornada. Já fui ignorada, desafiada, ridicularizada e testada. Como o meu pai costumava dizer: «Temos de jogar com as cartas que nos são dadas.»

Dois anos antes, talvez tivesse reagido de outra forma a Rich — talvez tentasse desviar de novo a conversa para o manto que usava de investidora e mulher de negócios. Em vez disso, disse apenas:

— Rich, acabei de te explicar o que faço e não reagiste.

— Se achas que podes fazer isso, fico feliz por ti — respondeu.

Sabia que era melhor não pressionar.

Admito que nem toda a gente apoia este trabalho. Aceito o facto de que faço algo fora da corrente dominante. Talvez as coisas mudem com o decorrer dos anos; terei de esperar para ver. Os anos passados na fronteira do ramo do investimento ensinaram-me que pode ser um trabalho solitário. E agora estava novamente na fronteira, a fazer um trabalho diferente.

Após três anos de pesquisa, já olhava de forma diferente para a morte, para a vida depois da morte e para a EQM. Quando comecei este trabalho, falei a várias pessoas — à família, a alguns amigos — sobre o que fazia, mas não disse a toda a gente. Não tinha a certeza quanto ao tipo de reação e não queria ter de me explicar nem ao facto de ser médium.

Não me preocupava com o que a família pensava, mesmo no início. Os meus rapazes sempre me apoiaram; faziam perguntas e enviavam-me artigos sobre a vida depois da morte e as experiências

de quase-morte. Com o passar do tempo, descobri que algumas pessoas não me julgavam e estavam interessadas, enquanto outras eram céticas e achavam-me «estranha». Sacudi toda a negatividade. Consoante me adaptava, comecei a pensar em mim como «normal».

À medida que trabalhava com quem tinha passado por experiências de quase-morte, aprendia com cada encontro. Estas pessoas tinham dons especiais, e algumas estavam em posição de os partilhar. E o trabalho já não estava só relacionado com os efeitos secundários. Há muito tempo. Tinha que ver com um milhão de outras coisas.

Por essa altura, várias pessoas perguntaram-se se a poesia era um efeito secundário das EQM, e eu sabia que sim. Tinha conversado com diversos poetas que me falaram de clarões de verso que lhes ocorriam em revoada, sem revisão, nos sonhos ou durante o trabalho. Um deles era um locutor da NPR, outro um homem que escrevera uma peça de teatro autobiográfica sobre a experiência e também um executivo da indústria tecnológica que acorda a meio da noite enquanto torrentes de poesia entram na sua consciência.

O POÉTICO EFEITO SECUNDÁRIO DE ANA

Ana Callan recebeu a poesia como efeito secundário de uma EQM. Aconteceu em Dublin, na Irlanda, após um acidente quase fatal aos quarenta e um anos. Quando relata a sua EQM, Ana explica que viu que tudo na vida acontecia naquilo a que chamou «absoluta perfeição — inconsútil, sofisticada e plena».

Imediatamente após o acidente, Ana não conseguia escrever e tinha dificuldades em expressar-se. Começou a brincar com as palavras na cabeça e a ver o sentido oculto atrás das letras e das frases. Segundo ela, foi como «decifrar um código secreto. Deu-me a sensação de estar ligada a algo muito maior do que eu».

Ana descobriu mais tarde que a poesia era o único veículo capaz de exprimir a sua experiência, porque a poesia refina-a, resumindo-a ao essencial. Desde a EQM, experimentou também uma comunhão

crescente com as aves e os animais, tal como Ken (ver capítulo 10), e estava intrigada com isso.

Quando nos contactámos, ela mencionou que era um momento fortuito, pois o dia seguinte era o décimo quarto aniversário da sua EQM. Estava apenas a começar a explorar mais a fundo a experiência.

À medida que conversávamos, cedo se tornou claro que Ana e eu partilhávamos outras ligações. Trocámos algumas histórias e descobri que ela vivia em Baltimore e frequentara a Universidade Johns Hopkins, onde eu dera aulas. Ela mesma lecionava no Centro Hopkins para Jovens Talentosos, que os meus filhos frequentavam. Tomei essas sincronias como sinal de que estava no caminho certo.

Ana dava aulas na Universidade de Dublin no momento da EQM. Seguia por um caminho pedonal quando um camião carregado de madeira passou por cima de uma lomba. Ana foi atingida pela madeira voadora que se soltou.

Foi projetada do corpo. Enquanto olhava lá para baixo, viu uma mulher quebrada, sangue, e mirones curiosos a assistir à tragédia. Não entendia porque estavam todos tão perturbados, e não se identificava com a mulher no chão.

Sentiu uma imediata atração magnética para o amor e a luz. Primeiro, deparou-se com uma série de grutas, escuras e ominosas, cheias de outros seres. Ana reconheceu estes seres e comunicou com eles:

— Disse-lhes que ia estar fora durante muito tempo e implorei-lhes que me substituíssem. Recebi uma mensagem muito, muito forte de que ninguém estava disposto a fazer isso. Que tinha de voltar. Houve uma resistência incrível, e então estava de regresso ao corpo e na ambulância.

Quando estava deitada na ambulância e perdia e recuperava os sentidos, Ana percebeu: *Oh, meu Deus! Sou eu!*

Após o acidente, Ana já não queria estar cá. A pancada na cabeça era um desafio e tinha o corpo quebrado e esmagado. Não

conseguia levantar-se nem ficar muito tempo sentada devido às dores, e as faculdades mentais estavam comprometidas.

— Tentava pronunciar a palavra *lilás* e o que me saía era *alface* — disse ela.

Antes do acidente, Ana tirara o mestrado em belas-artes na Johns Hopkins e escrevera ensaios de não ficção e um romance. Mas, após a EQM, a poesia era o único veículo capaz de descrever a sua experiência.

— Apenas a poesia me fez continuar — afirmou Ana. — Salvou-me a vida.

Inicialmente, Ana só conseguia reter um verso de cada vez na cabeça. Pegava nesse verso e repetia-o uma e outra vez. «É quase impossível estar aqui», reiterava.

A poesia que Ana começou a escrever após a EQM adotou um tom mais místico do que a sua obra anterior. Os poemas eram devocionais, a Deus ou ao ser superior. Mais tarde, outro tipo de poesia emergiu: infundida de amor e de encorajamento, apontando para a verdade mais profunda. Poesia que vinha através do silêncio.

— Jorravam poemas dia e noite, centenas e milhares — disse ela. — Sei, no fundo do meu ser, que não sou eu que me revelo.

A poesia é semelhante a uma voz mais autoritária, mas mais afetuosa, a dissolução do ego. O oposto do que eu escrevia antes do acidente, que era pessoal ou sobre a natureza.

Como Ana diz, a sua poesia parecia ligada a uma autoridade superior, a uma voz que não era individual. Um poder superior.

A poesia surge-lhe numa revoada completa. Nunca a revê. Além disso, as pessoas referem que entram num estado de muito profunda harmonia e beatitude quando ela partilha a sua poesia. Segundo Ana, a poesia parece gerar uma sensação de grande paz e ligação naqueles que a ouvem. Sente-se como se tivesse sido trazida de volta para viver como a Luz, ligada tanto ao reino divino como ao humano.

Ana acredita estar completamente transformada desde a EQM. Está livre da bagagem pessoal, dessa sensação mais densa de

sentimento. Sente-se ultraleve e etérea na sua calma e tranquilidade.

Após a EQM, Ana foi trabalhar com doentes terminais e mais tarde para a Universidade do Estado da Florida, onde deu aulas de poesia ao corpo docente.

— É como se todo o acidente tivesse sido perfeitamente orquestrado e a experiência me tivesse sido dada para curar o ciclo de abuso. [Ana foi vítima de abusos em criança.] Deixei o mundo durante sete anos e foi a minha longa noite escura — diz sobre os anos que se seguiram à EQM. Acredita que está agora a ser impelida a retribuir o que recebeu. Esta é a missão de Ana.

Ana vive no monte Shasta, um centro energético no Norte da Califórnia. Na realidade, muitas pessoas que passaram por experiências de quase-morte decidiram residir em centros energéticos semelhantes — Tucson, o monte Shasta, Louisville, Taos. Viríamos a explorar a importância desse facto na sua sessão.

Combinámos encontrar-nos via Skype na semana seguinte para aprofundarmos a sua experiência.

A SESSÃO DE ANA

Na semana seguinte, tentei entrar no meu computador para ligar a Ana, mas o sinal da Internet estava em baixo. Insisti várias vezes. Nada. Por fim, liguei-lhe. Teríamos de tentar de novo mais tarde.

Passariam várias semanas antes de voltarmos a contactar, pois Ana ia para um retiro espiritual de silêncio e eu estaria em viagem.

Falámos finalmente por Skype numa noite quente de agosto. Ana foi assertiva acerca do que procurava na leitura. Embora estivesse a receber as suas próprias mensagens, interessava-lhe obter clareza acerca da sua obra e da vida pessoal. Relaxei e respirei fundo e iniciei a leitura observando a aura de Ana:

Ambas as tuas auras — a física e a espiritual — estão a esforçar-se por sarar. Embora as auras espirituais EQM possam por vezes suplantar a física, a tua aura espiritual continua a tentar reconstruir.

Era a primeira vez que via uma aura espiritual que ainda estava a restabelecer-se, passados anos desde a EQM.

Também reparei no terceiro olho de Ana, o nosso olho invisível que proporciona a percepção para lá da realidade convencional. Eis o que vi:

O teu chacra do terceiro olho está completamente aberto. Mostre-me o interior do monte Shasta, como se estivesses ligada até ao âmago à fonte no interior dessa montanha.

Avançámos para a EQM de Ana, perguntando:

— Porque teve ela esta experiência?

Outras pessoas como a Ana têm o «veículo», o mecanismo com que avançar e dispersar a mensagem da EQM, mas o seu «poder» precisa de ser adaptado à obra. [Infelizmente, as pessoas que passam por uma EQM não voltam com adaptador ou conversor para converter os poderes, como os viajantes estrangeiros utilizam para uma configuração diferente da do país «natal». Têm de se adaptar sozinhos.] Alguns regressam com poderes que se prestam ao nosso planeta. Ana já tinha as ferramentas da sua arte poética incorporadas, mas esta capacidade e as ferramentas viriam a ser utilizadas de forma diferente após a ativação resultante da EQM.

À semelhança de outros, como Ken, Marissa (ver capítulo 12) e Bob (ver capítulo 6), as capacidades de Ana — os fundamentos para o seu trabalho missionário — já estavam presentes. Foram amplificados através da EQM e aprofundados para servir os outros.

— Foi-me dada uma missão durante a EQM? — perguntou Ana.

Essa questão da missão. Era cimeira na mente dos que tinham passado pela experiência. Olhei para Ana a fim de a ver a observar-me enquanto a resposta surgia através de mim.

Não te foi dito: «Eis a tua missão.» Sabiam quem eras e o que farias quando regressasses. Conheciam as tuas capacidades. Sabiam que eras candidata.

— Então e o momento? — continuou Ana. — Passava-se alguma coisa na minha vida para precisar de ter uma EQM naquela altura?

De um ponto de vista emocional, a tua EQM podia ter acontecido antes. Podia ter interrompido a tua vida — uma vida de trauma — mais cedo. Mas, da perspetiva do mundo real, aconteceu depois,

quando eras madura o bastante para «lidar com ela». O teu crescimento e maturidade estavam suficientemente avançados para que te pudesse ser dada a EQM com a expectativa de que os resultados pretendidos iriam ocorrer. De certa forma, o timing foi um fator. Tudo convergiu e havia uma prontidão.

— Sim, é isso que parece — concordou. — Houve alguma coisa na minha educação ou biologia que desencadeou a minha EQM? — Tal como outros, Ana fora vítima de abusos em criança e falara-me de inúmeros espancamentos.

Em criança, Ana não foi protegida. Estava pronta para algo melhor — para a luz. Pronta para que essa luz divina fosse sustida em divindade. As pessoas que passam por períodos negros são candidatas a ser sustidas nas mãos da divindade.

Ana recostou-se e pensou nisso, e então o reconhecimento surgiu-lhe no rosto.

— Isso é lindo! — exclamou.

Ana prosseguiu perguntando porque vêm agora as aves e os animais ter frequentemente com ela. A sua experiência com as aves e os animais era semelhante ao relato de Ken. Também me dei conta de que os xamãs utilizam espíritos auxiliares em forma de animais e aves para aceder ao seu poder espiritual, e perguntei-me se haveria um elo entre os animais espirituais e as ligações de Ken e Ana. Entre ambos, estava a aprender coisas novas sobre o mundo natural.

Agora, estás sintonizada numa frequência muito elevada — a frequência com que as aves e os animais interagem. Eles reconhecem-na. Ouvem e estão em sintonia com a mesma vibração que tu. Estás em comunhão com o mundo natural.

— Bem, isso é lindo e faz sentido — disse Ana.

A EXPERIÊNCIA SENSORIAL DA CONSCIÊNCIA

Ana estava preocupada com a continuidade das suas ligações aos outros após a EQM. É fisicamente capaz de sentir e pressentir o que se passa, quer através de uma enorme alegria, quer de uma dor visceral, quase como se não existisse qualquer separação entre ela e os outros. A vida pode ser suficientemente complicada nos seus

próprios termos, mas as coisas tornam-se ainda mais difíceis para Ana.

— Porque sinto o que acontece aos outros? — perguntou. — Sinto-o física, emocional, mental e espiritualmente.

Disse-lhe que, desde a EQM, tinha um pedaço do universo dentro dela. Está fundida com o universo e já não é uma única pessoa. De certa forma, faz parte de tudo o que existe.

— Quando tem esse pedaço dentro de si — disse-lhe —, é claro que vai sentir o que os outros sentem, pois está agora ligada a todos, e a tudo.

— Sim, é bem verdade — concordou ela.

Ana falou também sobre algo que lhe acontece com frequência:

— Quando fecho os olhos, sobretudo à noite ou se medito, vejo uma torrente constante de pessoas. Não apenas rostos, mas corpos inteiros. São indescritivelmente nítidos e estão bem perto e muitas vezes a fazer coisas diferentes. As expressões são palpáveis. Não há nisso medo, mas pergunto-me quem são. É como estar num comboio a abarrotar e ver toda a gente de perto enquanto fazem seja o que for.

Expliquei-lhe que outras pessoas que passaram por uma EQM relatam acontecimentos semelhantes. Fecham os olhos e veem estrelas, pessoas que não conseguem identificar, entidades. Às vezes, imagens mais sombrias.

Quando adormecemos, partimos para o perfeito desconhecido. Para quem passou por uma EQM, é mais radical. As pessoas que Ana vê quando fecha os olhos estão lá à espera. Quando deixa o nosso plano, Ana dá por si com todas as que alguma vez existiram e depara-se com tudo — e todos — o que não reconhecemos na nossa vida desperta. Quando estamos no corpo terreno, essas pessoas, esses seres, estão atrás da cortina, à distância. O corpo físico e a sua densidade impedem a consciência de nos mostrar essa realidade; bloqueiam esse outro reino. Mas quando adormecemos, a cortina abre-se. Os seres sempre estiveram lá, mas Ana só os encontra nessa altura.

O IMPACTO DOS VÓRTICES ENERGÉTICOS

— Estar no monte Shasta influencia a criatividade? — perguntámos. Olhei para cima e, no ecrã do meu computador, avistei o monte Shasta para lá da janela de Ana no seu estúdio. O monte branco domina a paisagem e sempre foi objeto de curiosidade.

Num lugar como o monte Shasta, há uma força energética, um íman, emitido da montanha. É quase como uma bateria que liga as capacidades de uma pessoa. E tu estás lá também, por isso estás ligada a ele. Há uma atração que te leva e aos outros até lá. É verdadeiramente uma atração magnética.

De repente, a sala pareceu-me sufocantemente quente. Endireitei-me, bebi um gole de água e suspirei. Pensei no conceito de íman, algo que já antes surgira e que voltaria a explorar. (Ver capítulo 13.)

Entretanto, foi a vez de Ana perguntar:

— Sente-se bem?

Recostei-me e pensei na resposta. Seria o monte Shasta? Ter-me-ia a montanha também afetado? Sendo alguém que atua numa frequência elevada, a conduzir um evento de alta frequência como uma leitura, preciso de ter cuidado para não ir nem demasiado longe nem demasiado fundo.

Falei lentamente.

— Sim. Estou ótima.

Ana tinha mais perguntas sobre a vida pessoal e a carreira, e o novo livro de poesia que terminara, e explorámos estas questões antes de finalizarmos. Era muito metódica a trabalhar as questões, e a sessão decorreu sem percalços e avançou a bom ritmo.

No espaço de meia hora, a leitura acabara, e Ana e eu despedimo-nos. Abri e fechei os dedos e arqueei as costas para relaxar a tensão. Estava pronta para uma bebida fresca e uma barra de granola para me voltar a centrar.

A LIGAÇÃO ENTRE A POESIA E A EQM

E quanto ao efeito secundário da poesia de Ana? Porque haveria a poesia de ser um efeito da EQM? Como se relacionava com os outros efeitos secundários das experiências de quase-morte?

A poesia e a espiritualidade têm longas relações literárias e culturais. Os antigos xamãs usavam a poesia para manter uma ligação entre humanos e seres multidimensionais. Alguns poetas acreditavam que a poesia era um caminho para chegar a Deus e para se ser mais útil.

No decorrer dos séculos, as pessoas representaram o seu mundo interior e exterior através de centenas ou milhares de formas poéticas. O verso é um meio de relatar um acontecimento místico, de explicar níveis mais elevados de consciência. Ana usa-a, decerto, deste modo. As histórias da *Ilíada* e da *Odisseia* são longos poemas épicos que traduzem jornadas espirituais que, durante séculos, foram lidas e relidas.

Os poetas místicos atravessaram as eras. Visionários como Hildegarda de Bingen, Mirabai e Omar Khayyam deram sentido ao universo, à vida e época dos seus ouvintes, levando-os à inspiração e acrescentando propósito à sua vida. Alguns poetas acreditam que a utilização da poesia permite aos ouvintes um vislumbre de mundos superiores, uma forma de experimentar o que, nalguns casos, só eles, enquanto poetas, experimentam.

O que tornava a poesia de Ana atrativa, e de que forma estava ligada à EQM?

Os poemas de Ana são consciência personificada que se liga ao Todo Universal. Tornam-se uma forma de descrever a sua jornada na EQM, tal como a arte de Bob e Dan (ver capítulo 6) e a música de Marissa e de Lyla (ver capítulo 7). A poesia de Ana funciona como uma ferramenta para envolver os leitores numa dimensão superior. A combinação de palavras desvenda percepções mais profundas do que a mente consciente. A poesia de Ana, que parece ser sobretudo canalizada, é uma forma de todos nós nos ligarmos ao estado superior que ela alcançou.

Sendo uma antiga forma de expressão e comunicação, a poesia suscita pensamentos e emoções ao mesmo tempo que forja uma ligação a outro local. Há um ritual e uma sacralidade nas tentativas de Ana de juntar as palavras para transmitir significado, experiência e

percepção ao ouvinte. Com palavras, a poesia de Ana liga a nossa mente à dos outros; liga-nos a diferentes momentos e locais para transcender as limitações do tempo e do espaço.

Vimos padrões em muitos dos efeitos secundários da EQM. A poesia possui também ricos padrões, incluindo a ressonância, o ritmo, a melodia, a harmonia e a vibração. Alguma poesia, como a de Ana, possui também ritmos como que de transe que permitem aos ouvintes passar para um estado mais elevado.

Na poesia, o som é organizado em padrões: os padrões da linguagem, da expressão e da voz. O padrão e a repetição são mecanismos úteis para desencadear estados hipnóticos e de transe, como aprendemos na música de Lyla. Ana parece ter induzido em si mesma um estado de transe ao repetir várias vezes «É quase impossível estar aqui» após a EQM. Algumas pessoas acreditam que os padrões de ritmos e tons formam a base do universo — que os padrões constituem grande parte da nossa existência invisível.

PARTE V
O PLANO GLOBAL: O UNIVERSO ENTRELAÇADO NAS NOSSAS
EXPERIÊNCIAS

Capítulo Dezasseis

MANIFESTAÇÃO E INTENÇÃO: DE QUE FORMA INFLUENCIAM AS EQM?

«A ferida é o lugar onde a Luz entra em nós.»

Rumi

No norte de Baltimore, o inverno deu lugar à primavera e, finalmente, ao início do verão. Enquanto passeava pelos Sherwood Gardens, o mais famoso jardim de túlipas da América do Norte, assimilando as flores amareladas dos cornisos, a glicínia trepadora e as flores rosa e púrpura das magnólias, pensei em quão longe tinha chegado.

À medida que examinava a relação entre a EQM e os seus efeitos ao longo dos anos, desenvolvera padrões. O trabalho transformara-se numa espécie de experiência correlacional. Como leu, e com base no que ouvira das pessoas que entrevistei, parece haver uma relação positiva entre um certo tipo de educação e a tendência para ter uma EQM. E a possibilidade de ter uma EQM parece estar também conetada com certos tipos de comportamento numa fase posterior da vida.

Pensei em quem poderia ser candidato a este acontecimento. Parecia que estes homens e mulheres que conhecera estavam constantemente desenquadrados. Muitas vezes alienados, ou presos em rotinas ou a fazer girar a sua roda. Tiveram infâncias difíceis e foram vítimas de abusos. Estes perfis surgiram com frequência. Haveria parâmetros físicos ou psicológicos que ajudavam a explicar a EQM? Quais eram os correlativos? Seria o *timing* um fator? E qual o papel da intenção? Tinha a certeza de que não se tratava de acontecimentos aleatórios; convencera-me disso enquanto prosseguia com o trabalho, e podia ver as ligações e histórias interligadas em todas as narrativas.

Muitas das pessoas que passaram por uma experiência de quase-morte foram vítimas de abusos. Várias exprimiram interesse, direta ou indiretamente, em explorar outros reinos. Muitas pediram para

serem levadas até lá — de facto, quase pareciam ter treinado para a experiência numa fase anterior da sua vida.

A intenção parece desempenhar aqui um papel fundamental. Mas examinemos atentamente alguns dos casos.

O UNIVERSO OUVI UM APELO: EVELYN CARLETON

Se se recorda do Prefácio, poucas horas antes de receber a EQM, Evelyn Carleton olhou para o Céu e exigiu: «Deus, se existe mais alguma coisa, mostra-me. Não darei nem mais um passo até me mostrares algumas respostas.» Poderemos dizer que Evelyn pediu a sua EQM?

Descobri que muitas das pessoas que passam por uma EQM pedem diretamente — exigem mesmo — que lhes seja mostrado algo que lhes prove que há mais na vida do que o que estão a viver na Terra. Várias descem às profundezas da alma para enviar uma mensagem direta ao universo e, nalguns casos, o universo acede. Todas as pessoas neste estudo pediram — à sua maneira — a experiência. As experiências não foram acidentes e pareceram, de facto, bem intencionais. Os sinais sugerem que as EQM foram manifestadas.

Evelyn pediu diretamente uma alteração na sua realidade. É possível que, nas circunstâncias certas, o universo possa intervir, seleccionar alguém para cumprir um propósito superior, criar uma EQM e enviar essa pessoa de volta para fazer o trabalho do universo? Evelyn disse que sempre se sentira diferente, como se não se enquadrasse. Essa sensação levou-a a procurar uma alternativa. Pediu para ser levada para fora da sua realidade, a fim de encontrar algo melhor.

Ter-se-á Evelyn proposto como candidata a uma EQM? Um recetáculo a ser preenchido para um propósito superior? Teria ela uma noção inconsciente de que podia ser transformada e desejava algum tipo de experiência transformadora? Pedira outro modo de vida mais satisfatório, significativo, mais em sintonia para alguém que se sentia inadequado à vida no plano terrestre? No caso de Evelyn, o

período decorrido entre quando fez o pedido e a EQM foi de apenas algumas horas. Coincidência?

Ou foi a resposta do universo, para lhe dizer que havia mais lá fora e que o universo assumiria o controlo a partir dali? Que a encheriam de propriedades universais e a devolveriam a este plano? Foi esta a sua resposta?

UM CASO INDIRETO DE INTENÇÃO: BOB MAGRISSO

Outro indivíduo, Bob Magrisso (ver capítulo 6), começou a percorrer o caminho de espiritualidade anos antes da EQM. Podemos olhar para o seu caso de modo a ajudar a revelar respostas.

Tal como outros, Bob avançava na direção da EQM há anos e o seu resultado pareceu bem intencional. Por outras palavras, ele queria uma mudança e obteve-a.

Quando perguntei a Bob de que forma é que a experiência lhe alterara a vida, ele respondeu: «Aprofundou-a.» Mudou-lhe a forma como vive no dia a dia e fê-lo examinar constantemente as ligações ao Outro. A sua vida tem uma base espiritual, desde a prática médica ao caminho além do trabalho. A sua vida está entrelaçada no universo vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana.

Aquando da EQM, Bob frequentava um analista junguiano e estava envolvido na exploração dos elementos inconscientes da psique. Já andava à procura, numa jornada para trabalhar com a mente de forma diferente e explorar a aplicação de ideais espirituais à vida quotidiana. Procurava uma maior consciência, examinando a espiritualidade através de várias práticas individuais e de grupo. Teria o trabalho de Bob «lubrificado as engrenagens» do universo?

Quando li para Bob, foi-me mostrado um padrão que se tornou familiar à medida que falava com outras pessoas com experiências de quase-morte. Tal como outros, Bob estava encalhado. Na altura, perguntei-me se o seu padrão seria comum a outros com as mesmas experiências e, se sim, qual o significado disso. Tinha sido treinada para prestar atenção a padrões, mudanças e tendências, pelo que isto estava praticamente a implorar-me que o analisasse.

Do que deduzi, posso dizer que parece haver um ponto de inflexão em que as EQM acontecem. Muitas das pessoas que passaram por uma experiência sofreram traumas emocionais, mas têm também a capacidade de levar uma existência mais satisfatória. Mas não sabem como lá chegar, ou não conseguem, pelo menos sozinhas. A certo ponto — de viragem — são puxadas para fora do corpo a fim de serem novamente despertadas. O universo parece desempenhar um papel e o resultado não se cinge aos limites do indivíduo. Regressam à vida na Terra para seguir em frente, mas num caminho alternativo e com um propósito maior. É justo dizer que muitos não sabem que têm esse propósito e, se o sentem, talvez não o identifiquem. Este ponto de viragem e o seu resultado podem ser traumáticos e não levar a uma existência tranquila. Examinaremos mais de perto esta condição e missão em breve.

Para Bob, o seu interesse pela espiritualidade foi reforçado após a EQM, e a prática artística desabrochou para transmitir uma mensagem. «Esta experiência validou tanta coisa e deu realidade a algumas das coisas sobre as quais meditara», disse Bob. Foi uma afirmação para ele. E também para mim.

Mas terá Bob manifestado a experiência? Foi cúmplice, coautor da criação da sua EQM? E quanto aos outros? Terão provocado também as suas experiências?

PERFIL DE UM CANDIDATO DE PRONTIDÃO: LEWIS BROWN GRIGGS

Lewis Brown Griggs (ver capítulo 4) estava a afundar-se antes da EQM e a sua vida não melhorava. Parecia ter atingido um ponto de inflexão, e circunstâncias externas intercederam. Ou será que podemos olhar para isto de outra forma e perguntar se Lewis teve um papel mais ativo?

Parecia que muitos destes indivíduos estavam numa espécie de radar para pessoas vulneráveis, as suscetíveis, mas que podiam também dar mais se lhes fosse concedida a oportunidade. De certa forma, são indivíduos que estão prontos e que podem ser transformados com vista a um propósito maior — uma vida de sentido e contributo mais abrangentes.

Quando examinei o que aprendera sobre EQM e sobre Lewis, pareceu-me que ele tinha certas qualidades como candidato.

Por exemplo, visto de fora, Lewis era um sucesso. Internamente, nunca conseguia atingir o seu poder, retido pelas condições do nascimento e educação. Embora parecesse ter os melhores recursos do mundo, a sua vida estava em ponto morto enquanto ele tentava libertar-se dos muros do seu contexto.

Então Lewis teve a sua EQM. E, como outros, foi enviado de volta para executar uma missão. O que fez. Encontrou o seu nicho.

Terá Lewis manifestado a sua EQM? Embora não tenha pedido diretamente, a sua vida parecia a postos para um acontecimento não intencional. Estava num buraco do qual não conseguia sair.

Os métodos convencionais para lidar com a vida — dinheiro, prestígio, classe — não funcionavam para ele. Precisava de algo mais — mais poderoso.

E foi-lhe dado. Além dos adereços convencionais a que estava habituado e que muitos de nós utilizamos para definir a vida. Coisas como dinheiro, poder, estatuto e prestígio. Estas são soluções terrenas, mas não são soluções para o universo.

EXPLORADOR NO LIMITE: DAN RHEMA

Antes da EQM, Dan Rhema (ver capítulo 6) estava sempre à procura da próxima coisa nova, para lá do convencional. Quanto mais longe, melhor. Seria candidato *porque* era explorador? Porque era a derradeira exploração — que nunca encontraria na Terra.

Podemos também perguntar se Dan foi escolhido para a sua jornada. Foi preestabelecida, posta em marcha através de uma intervenção universal? Estaria a sua EQM à espera nas alas desse preciso momento em que o seu trauma físico e o seu percurso de vida convergiriam num momento excecionalmente perfeito que só o universo podia identificar?

Podemos também perguntar se a EQM de Dan aconteceu no momento ideal da sua vida, numa altura em que se sentiu compelido a regressar devido a responsabilidades familiares. Quando lhe foi dada a escolha entre ficar ou regressar, ele avaliou-a e decidiu voltar

sobretudo pela mulher e pelos filhos. Tal como Ana Callan (ver capítulo 15), Dan estava suficientemente avançado em maturidade e no seu caminho de vida para pesar as consequências de não voltar e decidir servir o universo. Não só parecia estar num caminho enquanto candidato, como o *timing* parece também ser um fator aqui.

— Quero saber mais sobre estas coisas que ninguém compreende, estes mistérios para os quais não temos explicação — diz Dan. Ele continuou à procura, mas foi impedido até que lhe foi dada a resposta, e isso mudou a sua vida.

Continuamos a não saber as respostas para as muitas questões que surgem acerca das EQM, mas os casos referidos em livros como este, como o de Dan, levam-nos a perguntar se ele e outros se estariam a preparar para uma mudança de paradigma. Estaria Dan a tatear no escuro, à espera de ser acedido, ou seja, entregue para uma missão à medida que se afastava das convenções em busca de alternativa?

QUE TIPO DE PESSOA É CANDIDATA A UMA EQM?

A maioria das pessoas que passaram por uma EQM encaixam no grupo que cresceu a pensar: *Sou diferente*. Enquanto adultos, continuam a sentir o mesmo: *Não sinto que pertença. Não encaixo*. Vivem com esta consciência, mas, no fundo da mente, ou ainda mais presentes, estão os pensamentos/perguntas: *Será que há mais alguma coisa? Poderei experimentar outra realidade? Através dos casos aqui descritos, descobrimos que muitos destes indivíduos levam ao extremo este pensamento, de modo a explorar outras possibilidades e realidades. Retiram-se do próprio corpo, tentam sair de alguma forma e, a certo ponto, dão por si para lá desta realidade, levados por outra força.*

É evidente que quem passa por uma EQM respeita a determinado tipo de indivíduo. Um padrão de abusos durante a infância parece ser um pré-requisito, talvez porque contribui para aquele traço de vulnerabilidade que partilham. Devem também estar dispostos a perseguir uma missão de alma e coração. Claro que estes indivíduos

têm de entender as profundas mudanças que sofrem e de se reequilibrar num novo serviço de orientação espiritual.

Também me ocorreu que, para aqueles que sofreram abusos na infância, isto pode ser a forma de o universo lhes dizer: «Nós apoiamos-te. Tratamos do resto a partir daqui.»

«Deem-me algo diferente. Estou pronto», parecem dizer muitas pessoas que passaram por uma EQM. «Isto não pode ser tudo o que existe.»

Por outro lado, estes homens e mulheres podem não estar necessariamente à espera do torpedo que reorganiza por completo a sua vida. E nem todos lidam bem com a situação.

UM CICLO DE ABUSO: BARBARA WHITFIELD

Na minha leitura com Barbara Whitfield (ver capítulo 3), perguntei-lhe pela infância e ela anuiu:

— Sim, tem razão. Fui vítima de abusos. Tinha-me esquecido de que costumava entrar no túnel quando era pequena depois de terem abusado de mim.

— Estava sempre a esgueirar-se para lá antes da sua EQM? — perguntei, apercebendo-me de que ouvia algo significativo.

— Certo — disse ela.

Isto significava que Barbara já tinha aberto a porta para uma realidade diferente — e, quando era pequena, esgueirava-se através dela. Portanto, quando a sua EQM finalmente aconteceu, ela já andava a experimentar entrar num portal para um mundo diferente.

— Tinha-me esquecido disso — concordou Barbara.

Barbara desenvolveu um processo de deixar este mundo para trás através de um ritual. Ter-lhe-á servido de preparação para uma eventual quebra mais completa durante a sua EQM?

EXPLORAR REALIDADES ALTERNATIVAS: KEN EBERT

Ken Ebert (ver capítulo 10) é outro indivíduo que esteve envolvido na exploração da sua consciência durante anos antes da EQM. Sabia que havia mais qualquer coisa lá fora e queria descobrir o que era. Muito antes do acidente, já tinha aberto a porta e lia livros e explorava outros locais na mente. Ken gostava de pensar no que existia do outro lado dessa porta da consciência e queria ir até lá.

Ainda assim, quando apareceu, quis provas, certificar-se de que não estava apenas a usar a imaginação e a inventar tudo.

À semelhança de outros candidatos, indivíduos como Ken estão já a esgueirar-se ou a avançar diretamente rumo a outro reino. Os que expressam o desejo de deixar o nosso mundo, de saber mais ou de mergulhar numa existência mais satisfatória, uma que se lhes adegue melhor, parecem tornar-se candidatos. Ao mesmo tempo, estes indivíduos sentem que não estão a cumprir o seu propósito na Terra, o que leva a uma sensação de frustração e contribui para o sentimento de não pertencerem aqui.

Entre as pessoas com quem trabalhei que passaram por EQM, existe uma certa combinação de matéria-prima à qual pode ser dado um uso melhor; isso e o desejo de ter uma experiência fora do universo tendem a ser qualidades que se misturam para criar o perfil de candidato à EQM.

Ken admitiu que andava sem rumo, apesar de ter talento e uma capacidade tremenda. Tinha consciência de que não estava a utilizar nada disso, pelo menos não da forma correta.

Confirmou isto, mas também reconheceu que, ao mesmo tempo, tinha explorado outros mundos. A sua consciência estava aberta e ele explorava-a — embora não de forma tão extensa como numa fase posterior da vida. A porta estava aberta e ele começara a ler matérias que esperava que o levassem para esse outro reino. Contudo, o universo não conseguia chamar-lhe a atenção.

Ken concordou, dizendo-me que o primeiro livro que lera sozinho fora *Um Atalho no Tempo*, a história de um aluno problemático capaz de grandes coisas e que é transportado para outro universo que une o tempo e o espaço. A autora, Madeleine L'Engle, escreveu o livro em finais dos anos 1950, numa fase de transição pessoal em que ela própria estudava física quântica.

Na leitura de Ken, foi-me dito:

Já estavas a explorar esses outros locais na tua mente e sabias que havia a possibilidade de algo mais. Gostavas de pensar nisso e de lá ir. E imaginava-lo e pensavas bastante nisso. Ao mesmo

tempo, eras um tipo muito capaz e não usavas todos os teus talentos. Estavas a fazer algumas coisas pouco inteligentes.

— Sim, algumas — concordou Ken.

Coisas que não conduziam a lado nenhum, que não batiam certo para ti.

— Sim — repetiu.

Ken deu-se conta de que a sua vida não estava a desenvolver-se sobre nenhuma das suas grandes qualidades, que lhe teriam permitido ser mais útil ao universo.

Continuava a acalentar a ideia de que havia mais qualquer coisa «lá fora» e aproximou-se dela através da leitura e da imaginação. Não a desejou propriamente, mas *a modos que* desejou que parte dele pudesse estar lá.

— Desejei-a e, quando finalmente apareceu — afirmou Ken —, e eu estive cara a cara com ela, desafiei-a. Sempre que chocava com ela, dizia: «Estou a ver-te. Agora *mostra-me.*»

Quer estejam a arrastar-se rumo a este outro reino ou a avançar rapidamente, as pessoas que passam por uma EQM expressam o desejo de deixar os limites da nossa realidade ou de ter uma experiência maior no universo. São selecionadas através das suas qualidades voluntárias ou involuntárias, e depois recrutadas pelo universo para fazer o seu trabalho. Estes candidatos estavam a roçar o fundo e a levar vidas insatisfatórias. E, quando tiveram a oportunidade, coube-lhes converter a sua jornada para o universo. Mas serão os factos sempre tão claros como no caso de Ken?

UMA BRECHA PARA A TRANSFORMAÇÃO: MARY ANN MERNAUGH

Descobri o mesmo padrão de infância difícil para Mary Ann Mernaugh (ver capítulo 14), que teve dificuldades em pequena e enquanto jovem mulher. O momento da EQM de Mary Ann parecia estar relacionado com o resto da sua vida, quase como se se estivesse a deixar arrastar e, num momento-chave, lhe tivessem dado uma cotovelada e mostrado uma alternativa mais evoluída. Uma força apelava à sua atenção: «Olha! Há um caminho diferente.»

Vista de fora, Mary Ann tentava ser a rapariga salutar do Midwest, mas a imagem tipicamente americana exigia-lhe um certo esforço, pois, no fundo, tinha muitas perguntas.

Mary Ann tinha um casamento stressante, o pai morrera e também o filho recém-nascido. Estes traumas podem abrir uma brecha na armadura protetora, o tecido da nossa estrutura emocional. Será esta a brecha que o universo espera para entrar e fazer o seu trabalho? Porque parece que esse ponto de entrada é fundamental.

Mary Ann admite que era a rara adolescente que não se importava com o que os pares pensavam; confrontava os rufias e seguia o seu caminho. Seria este o tipo de matéria-prima que podia ser utilizado para um propósito superior? Talvez o universo tenha avaliado Mary Ann e dito: «Eis alguém que nos poderia ser útil.»

UMA CÉLEBRE HISTÓRIA DE MANIFESTAÇÃO DA CULTURA POPULAR

Na cultura popular, há muitos exemplos conhecidos de EQM. É um tema importante na arte.

Segundo Alan Pew, em *The Significance of the Near-Death Experience in Western Cultural Traditions*, o conto de 1951 «Uma descida ao Maelström», de Edgar Allan Poe, contém uma série de elementos da EQM, incluindo uma fascinante descrição da fronteira de um mundo idílico, a inefabilidade, alguma relutância em contar aos outros e uma enorme transformação nos valores e atitudes do protagonista para com a vida.¹ Noutro exemplo, Ambrose Bierce descreve a EQM em «Um acontecimento na ponte de Owl Creek», uma história escrita em 1891, oitenta e quatro anos antes da descrição de Moody da EQM, que inclui o túnel, um forte zumbido no momento da morte, encontros com espíritos de entes queridos e uma fronteira.²

Além disso, nas *Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift, nas histórias gémeas de Lewis Carroll, *Alice no País das Maravilhas* e *Alice do Outro Lado do Espelho*, no *Peter Pan*, de J. M. Barrie, e em *O Leão, A Feiticeira e o Guarda-Roupa*, de C. S. Lewis, os

protagonistas são mostrados a viajar para mundos fantásticos habitados por uma variedade de estranhos e interessantes seres.

Olhemos também para *O Feiticeiro de Oz*, de Frank Baum, um livro (e um filme) que tem tudo que ver com uma viagem, exploração e conversão, e que tem uma mensagem especial de que gosto particularmente acerca da manifestação e intenção.

O Feiticeiro de Oz inclui uma paisagem surreal, os fantásticos amigos de Dorothy (que se parecem com amigos e familiares da vida real) e dons como os sapatos de rubi. Mas o filme é também uma exploração da intenção e da manifestação.

Dorothy exprime o desejo de sair de «casa». Procura uma melhoria na realidade quotidiana, que, temos de admitir, no Kansas, parece bastante aborrecida.

O «desejo» de Dorothy é concedido e ela é transportada para outro reino, onde lhe são mostradas propriedades que não há na Terra. Paisagens invulgares e seres com poderes sobrenaturais que existem «além do arco-íris». É-lhe dito para seguir o seu caminho (a «estrada de tijolos amarelos») e descobre que as respostas que procura estão dentro dela — que a capacidade para a sua jornada sempre existiu. Após as suas aventuras, Dorothy recebe um dom — os sapatos de rubi — e regressa a «casa», transformada. Já não está insatisfeita. Tenta contar à família sobre a estranha viagem, mas eles limitam-se a rir-se, à semelhança da reação obtida pelas pessoas que atualmente passam por uma EQM. Mas Dorothy sabe que aquilo que viveu foi real e trá-lo consigo para sempre, bem como a sua transformação.

Quer nós mesmos tenhamos uma ou não, há nas EQM um significado universal que tem sido examinado ao longo dos tempos.

A MANIFESTAÇÃO ATRAVÉS DA LENTE DA CIÊNCIA

As EQM conduzem-nos de volta a questões intemporais: estarão a consciência e o mundo físico de algum modo ligados? Somos cocriadores da nossa realidade através da mente? Há uma consciência coletiva e cada um de nós contribui para a nossa

existência unificada? Será que existimos num mundo que pode ser criado?

Vimos que muitas das pessoas que passaram por uma EQM dizem estar insatisfeitas com o normal e o familiar, o que as leva a procurar alternativas no inexplorado, no pouco investigado. Elas pedem — nalguns casos, imploram. E resulta. Os pedidos são atendidos.

Quando pedimos ou exigimos o que queremos, muitas vezes conseguimos os mais diretos e rápidos resultados. Podemos pedir numa oração ou com uma intenção mais concentrada, mas é quando muitos chegam ao limite e pedem ajuda que obtêm resultados. A isto chama-se manifestação.

De acordo com Imants Barušs, doutorado pelo King's University College, uma «camada de profunda consciência dá lugar à consciência intencional e à manifestação física», tal como foi relatado no *Journal of Cosmology* em 2009.³ De acordo com o autor e cientista Dean Radin: «Ao longo dos últimos setenta e cinco anos, houve uma acumulação gradual de evidência empírica que sustenta uma ligação direta entre uma intenção mentalmente expressa e a manifestação física.»⁴ Isto sugere que a consciência é um elemento adicional à matéria — ou que a matéria em si é um subproduto da consciência.^{5,6}

Não se sabe se isto se estende à manifestação de uma EQM, mas os indícios probatórios apontam nessa direção.

Segundo Barušs, no *Journal of Cosmology* de 2009: «Os programas de pesquisa convencional para o entendimento da consciência enquanto propriedade emergente não conseguiram obter resultados.»⁷ Por exemplo, nas palavras de um dos criadores das teorias cognitivas funcionalistas: «Os últimos quarenta ou cinquenta anos demonstraram que há aspetos dos processos mentais superiores para os quais os atuais modelos computacionais, teorias e técnicas experimentais oferecem pouco conhecimento.»⁸

Seremos ímanes — condutores energéticos — capazes de atrair o que desejamos? É uma forma possível de olhar para a

manifestação pela lente do campo magnético? Einstein considerou os campos do magnetismo e da eletricidade na sua física em 1905, momento em que explorou o conceito de um íman em repouso e do campo elétrico que o rodeia. Podemos então extrapolar e perguntar se também nós somos energéticos, uma espécie de íman, e que a manifestação é o efeito da energia magnética que criamos nos nossos campos?

Há algum tempo que os físicos exploram a relação entre a consciência humana e a sua relação com a estrutura da matéria. De acordo com Rupert Sheldrake: «A resposta pode estar no conceito de campos mórficos, padrões que não são em si mesmos físicos, mas aos quais se segue uma manifestação física.»⁹ Há alguma evidência empírica que suporta a existência desses campos, que podem ser criados através da atuação da vontade ao nível da consciência profunda. A teoria da morfogénese de Sheldrake implica que a intenção não é uma característica única da consciência humana, mas parte essencial de toda a vida nos sistemas biológicos.

Este livro aponta para a mesma conclusão: a intenção, ao nível da consciência profunda, persiste ao longo do universo. O poder da mente é notável e, com a orientação certa, pode criar expressões no comportamento. Há provas suficientes para que se leve a sério a ideia de que os efeitos diretos da intenção sobre a manifestação existem.

Os casos deste livro incluem homens e mulheres que viveram a vida com padrões de comportamento prolongados por muitos anos. Os resultados, as EQM, não ocorreram depois de alguns episódios de estas pessoas desejarem algo melhor. Portanto, um aviso: não experimente isto em casa e espere resultados imediatos. Não vai resultar. E lembre-se: o universo parece contribuir também com um elemento para esta experiência.

A MANIFESTAÇÃO HOJE

A manifestação é ensinada imaginando o aspeto que a vida terá quando uma intenção se concretizar. Às vezes, piscares de olho do universo ocorrem após uma bem definida intenção. Estas piscadelas

podem assumir a forma de mensagens, sincronias, novas oportunidades ou respostas que começam a emergir. Quer o reconheçamos quer não, a maioria das pessoas está do lado que recebe estes fenómenos; não estão reservados apenas a indivíduos «especiais».

De acordo com o psiquiatra suíço Carl Jung em *Synchronicity: An Acausal Connecting Principle*, as sincronias são sinais de algo poderoso que se move de forma profunda na mente inconsciente quando dois mundos, o interior e o exterior, estão alinhados.¹⁰ Serão estas sincronias apenas acontecimentos aleatórios na nossa vida, sem mais importância do que uma conversa de passagem com um colega? Ou serão estes acontecimentos o resultado de grandes e profundas ligações entre a consciência e o mundo da matéria?

Parece que algo poderoso está a acontecer nos bastidores. Linhas de consciência formam-se e entrelaçam-se para convergir num todo que traz a nossa intenção do reino de espaço e tempo que constitui o universo.

A física quântica começa apenas a sugerir que a mente humana tem o poder de manifestar ou cocriar os resultados das nossas próprias realidades. A prova indiciária da EQM parece confirmar isto e sugere que o fluxo de energia desempenha um papel. Será possível que as pessoas que passam por uma EQM criem uma energia forte e concentrada capaz de as transportar para outro reino através de uma produção suficientemente significativa de intenção?

De acordo com a psicóloga de Harvard Ellen Langer, a maioria das pessoas procura factos e vê o seu conhecimento como absoluto.¹¹ Na verdade, quanto mais «a preto e branco» for o nosso pensamento, mais lógica será a visão que temos do universo. Quanto mais presunçosos e moralistas formos nas crenças, menos provável parece a ocorrência destas mensagens. Cingirmo-nos ao familiar parece manter-nos fixos devido ao que a nossa mente faz com isso. Os indivíduos que passaram por uma EQM parecem perseguir cenários alternativos como um acontecimento natural, procurando o alternativo por natureza, levados a encontrar outras formas de ser.

É este também o seu caminho? É candidato à manifestação? Como provavelmente já viu na sua vida, tem de o querer quando pede o que o seu coração deseja. Tem de estar emocionalmente investido quando define a sua intenção. Mas tenha cuidado com o que escolhe criar. Pode criar uma viagem a outra realidade.

Capítulo Dezassete

O SIGNIFICADO DA CONSCIÊNCIA NA EXPERIÊNCIA DE QUASE-MORTE

«No fundo, a consciência do homem é uma.»

David Boehm

À medida que avançava com este trabalho, dei-me conta de que estava a explorar apenas a mais fina fenda na fachada da consciência. Uma abertura frágil, mas eu sabia que havia mais.

Este trabalho levou-me também a questões mais importantes. Estará a incontável vastidão de estrelas, planetas e galáxias que se estende por milhões de anos-luz de algum modo ligada à criação da consciência? Estará a consciência a uma escala inimaginável, mas a nenhuma escala de todo? Que impacto tem o que sabemos sobre a consciência no nosso entendimento da morte, do Além, da eternidade e da unidade?

Houve vários momentos marcantes nesta investigação. Um dos mais memoráveis foram as nossas conjeturas a respeito de como nos ligamos à realidade. Todos na Terra fazemos esta suposição básica, e a maioria pensa na realidade como aquilo que tocamos e sentimos e vemos — o que recebemos através dos sentidos físicos. Mas o verdadeiro mistério está fora desta realidade. A consciência está alojada nos nossos densos corpos físicos, o que significa que nunca estamos plenamente conscientes até que a nossa consciência se separa no momento da morte. Ou numa EQM ou noutra experiência transformadora, em que se liberta para estar completamente disponível.

A consciência é o evento mais complexo da nossa existência, a última fronteira que não foi suficientemente explorada. Atualmente, após extensos estudos científicos, ninguém faz a mínima ideia de como algo material poderia ser consciente. A origem do universo e da consciência continua a ser um enorme mistério para nós.

CIÊNCIA E CONSCIÊNCIA

A consciência é paradoxal. É intangível, mas sabemos que existe. Não fazemos ideia de como é constituída, pois não podemos vê-la,

mas sabemos que é da máxima importância na nossa vida, o nosso quadro de referência para regularmos a vida.

Então e o cérebro, o painel de instrumentos para a visão científica da consciência? Como explica o cérebro a nossa experiência subjetiva? De acordo com o pensamento convencional, quando os cientistas falam da consciência, referem-se ao cérebro. Segundo a ciência, a experiência verídica de Rajiv Parti (ver a irmã e a mãe na Índia a beber chá enquanto estava do outro lado do mundo numa mesa de operações do Centro Médico da UCLA; ver capítulo 5) não podia ter acontecido. Mas aconteceu. Pela lente da ciência, quando Barbara Whitfield estava deitada na cama do hospital (ver capítulo 3), não podia ter ouvido uma conversa na sala das enfermeiras ao fundo do corredor. Mas ouviu.

O pensamento científico assenta na premissa de que não podemos confiar em evidências que não conseguimos testar. Mas o mundo energético escapa à investigação e ao controlo científicos. É intangível. Não joga segundo as mesmas regras que o mundo material convencional, embora a ciência insista em aplicar-lhe as nossas leis da física.

Será possível que a resposta para a consciência não se encontre no cérebro? Que toda a existência esteja alojada noutra sítio? Que a característica que nos dá vida e conhecimento, esse elemento inefável da EQM, possa residir noutra local? Dentro de nós? Ou à nossa volta? Que seja eterno e esteja integrado no seio do universo?

O início do estudo da consciência remonta a 350 a. C., quando Aristóteles e Platão concordaram no princípio de que múltiplas almas abrangiam várias funções, incluindo uma que controla as funções biológicas, outra que rege os sentimentos e outra ainda que comanda a capacidade de raciocinar. Por volta dos anos 1600, René Descartes começou a refletir sobre o assunto. Tinha de haver não apenas um reino físico, mas também um reino mental, pensou. Acreditava no dualismo — que a mente e o corpo não são equivalentes.

No mundo contemporâneo, a ciência concentra-se na consciência enquanto consequência da nossa fisicalidade. A morte cerebral explica o fim da vida tal como a conhecemos, dizem os cientistas. As EQM não são mais do que uma série de reações cerebrais. Mas as justificações científicas ficam aquém no domínio da EQM. A história que o mundo científico conta não tem consistência. Não só não explica a consciência como nem sequer começa a deslindar as experiências de quase-morte.

Como viu neste livro, a consciência tal como é encontrada pelas pessoas que passam por experiências de quase-morte é um domínio que não é definido pelo materialismo, não é composto por matéria, pelo menos segundo a nossa definição de matéria. É um reino que não tem explicação e que escapa às nossas ferramentas de medição atuais.

De acordo com os casos aqui apresentados, a consciência universal puxa todo o tipo de cordelinhos em cada momento desconhecido da nossa existência. As EQM são apenas uma pequena parte do que acontece na consciência. O nosso universo é um pequeno bolso num espaço muito mais vasto, um espaço que não podemos imaginar, um todo maior e bem complexo.

Estamos ligados a uma forma coletiva de saber que não podemos contemplar.

À medida que examinamos a realidade, devemos perguntar: pode o mistério da realidade ser atribuído ao momento em que a consciência pura se encontra com a consciência universal? Será a nossa consciência mais apurada, e mais real e substancial quando não é filtrada ou sobrecarregada pelo corpo físico? Quando este momento ocorre, trata-se do extraordinário momento da omnisciência — da compreensão total que procuramos? E seremos portanto imortais e infinitos no tempo e no espaço?

O conceito de realidade e a procura da nossa derradeira realidade têm seguido os seres humanos desde o momento em que reparámos nos céus celestiais por cima de nós. Grande parte da nossa existência humana é dedicada a tentar fazer sentido do nosso lugar

do universo e do papel e interação que temos *dentro* dessa realidade. Várias escolas de pensamento filosófico, espiritual e científico tentaram explicar esta questão dominante da existência humana, esta infinita névoa de energia entrelaçada no universo.

UMA EXPLICAÇÃO DA CONSCIÊNCIA ATRAVÉS DA EQM

Segundo este trabalho, a consciência está viva e rodeia-nos. Tudo tem um certo nível de consciência, e a consciência existe em toda a vida. Em virtude de tocarmos nela, é-nos conferida consciência. Não entra necessariamente no nosso corpo físico e não reside num local físico, e é aí que a ciência tem um dilema.

A consciência é invisível. É permeável, como o ar, e não precisa de residir num local físico: o cérebro, o coração ou um órgão físico. Infiltra-se através de nós como vapor, por isso não tem de estar no cérebro. Não tem de estar no coração. Não tem de estar em lado nenhum. Porque é porosa, é fina. Não pertence ao nosso mundo concreto. A evidência emergente mostra-nos que a nossa consciência não tem fronteiras e que a nossa opinião sobre a vida depois da morte tem de ser reexaminada.

Na consciência universal, tudo é registado num sistema baseado na ausência de fisicalidade e de localização. Não podemos impor as nossas leis a esse sistema. O nosso mundo, a nossa realidade, é um instantâneo, uma série de vinhetas criadas pela consciência. É como um arquivo ou agenda que é um subgrupo da totalidade do universo. Tudo na consciência pode ser elaborado, recriado e recuperado, mas nunca perdido.

Neste plano da «existência», há informação armazenada, um registo de cada ato, cada comportamento, que existe. Esta informação está ligada pela fibra, a teia invisível que age como uma rede para entrelaçar e unir todos os seres num avassalador esquema coordenado.

Desta forma, os nossos planetas, o nosso universo, tudo o que existe no universo é consciência e a consciência está em tudo.

O QUE ACONTECE QUANDO ALGUÉM REGRESSA DE UMA EQM COM UM REFORÇO EXTRAORDINÁRIO DE CONSCIÊNCIA?

A energia e a consciência das pessoas que passam por uma EQM são permanentemente alteradas aquando do regresso — um impacto que não pode ser sobrestimado. Esta alteração afeta-lhes os poderes, o comportamento e a existência quotidiana. Antes das EQM, estes indivíduos existiam no estado de equilíbrio que associamos à vida na Terra — a sua proporção fysicalidade/consciência era estável. Contudo, voltam desequilibrados. A sua consciência aumentada é um trabalho pesado, uma forma desconhecida de ser para a maioria. Não existe um método de execução, muitas vezes não há estratégia nem plano de jogo para esta nova mistura. Estão por sua conta.

Para as pessoas que tiveram uma EQM, é como se tivessem saído da sala e, ao regressarem, se vissem numa sala diferente, numa casa diferente, num mundo diferente. Só estiveram fora por um instante, mas já não eram os mesmos e tudo mudara. A mente delas expandiu-se ao deixarem o corpo físico, até que a sua consciência se fundiu com o universo e se tornou uma e a mesma coisa.

— Não controlamos realmente este estado — diz Bob Magrisso (ver capítulo 6). — É como se fôssemos levados para lá e tivéssemos uma forte sensação de deixar o plano normal da existência. É a sensação de que fazemos parte de algo maior.

Para proporcionar algum contexto, tenha em mente que a ciência ocidental diz que as experiências relatadas pelas pessoas que tiveram uma EQM não são reais. A primeira inclinação da ciência é pôr estas experiências no seu lugar. *Na verdade, isto não aconteceu* é o julgamento servido, com uma dose de ceticismo a acompanhar. Em muitos casos, vemos a absoluta negação de que estes acontecimentos ocorreram. Ou talvez sejam alucinações induzidas por drogas ou avarias do cérebro. Mas é estranho que todos os delírios se mostrem idênticos entre as pessoas que têm estas experiências. A comunidade científica é incapaz de explicar o que se passa ou de entender de que forma o cérebro poderia causar estes efeitos secundários.

A consciência não é humana nem está viva. É feita de infinito e da ausência de tempo; de todo o espaço e de espaço nenhum. Nasceu da força de uma multiplicidade de formas, os planetas, e de alguma alquimia universal que, num lugar longínquo do universo, o Espírito pareceu sussurrar há bilhões de anos. Não foi criada em quaisquer vidas que possamos entender.

É um poder cuja intenção se aplica a tudo: um reino específico que envolve todos os sentidos — mas, ao mesmo tempo, quando lá estamos não temos sentidos. Somos capazes de responder e de assimilar tudo o que tem para oferecer, e o que tem para oferecer é tudo — cada elemento: música, espiritualidade, a capacidade de ver os nossos entes queridos, um castelo para lá da compreensão. É como mergulhar em propriedades terrenas de uma imensa proporção.

A consciência é a nossa essência. Os corpos físicos que usamos na Terra são veículos temporários para experimentarmos a vida num plano tridimensional. Quando deixamos esta Terra, existimos como pura consciência, pura essência. Podemos ligar-nos a tudo em virtude do facto de não estarmos restringidos pela fisicalidade.

A questão da consciência, a inefável alteração da nossa realidade, é única. Examiná-la através da lente de uma EQM aumenta a sua complexidade. As pessoas que passaram por estas experiências falaram do *puzzle* da realidade e de como esta era mais real do que a da nossa Terra. Isto leva à pergunta: será a nossa realidade apenas um símbolo para satisfazer o entendimento limitado que temos da nossa existência?

MAIS REAL DO QUE A PRÓPRIA REALIDADE

Quando avançamos para lá da densidade física do nosso corpo, podemos experimentar claramente a verdadeira realidade universal? Esta questão foi explorada por cientistas ao longo do tempo, e a filosofia e a literatura têm muito a dizer sobre esta interseção:

«A realidade é apenas uma ilusão, ainda que muito persistente.»

Albert Einstein

«Tudo aquilo a que chamamos real é feito de coisas que não podem ser vistas como reais.»

Niels Bohr

«Há coisas conhecidas e há coisas desconhecidas, e entre elas estão as portas da percepção.»

Aldous Huxley

«Se as portas da percepção fossem purificadas, tudo apareceria ao homem tal como é, infinito.»

William Blake

«A humanidade não suporta muita realidade.»

T. S. Eliot

«Nada existe exceto os átomos e o espaço vazio; o resto é uma opinião.»

Demócrito

«O entendimento humano é como um espelho falso que, recebendo irregularmente os raios, distorce e descolora a natureza das coisas misturando com ela a sua própria natureza.»

Francis Bacon

Cada uma destas pessoas que passaram por EQM partilhou experiências similares nas suas interações com o universo e a consciência. Nas palavras de Dan Rhema:

— Tinha sonhos muito intensos. É difícil explicar às pessoas como as minhas noites podem ser. Cheguei lá [à experiência] num único instante, mas depois disso levei muito tempo a tentar processar o que acontecera, pois ia contra tudo o que eu costumava pensar. Tive de trabalhar imenso para chegar a esta expressão: «Está tudo bem. Não faz mal eu fazer este tipo de coisa.»

— A EQM é uma coisa viva e não se limita a parar depois de a ter tido, e pronto — disse eu a Dan. — O processo continua para o resto da sua vida.

E embora para algumas pessoas isso pareça ótimo, a experiência da consciência eterna não é tão boa como se pensa. Para quem

passou por uma EQM, não há alívio — nenhum momento em que não sejam assaltados por uma consciência indesejada. Mas também dizem que a nossa realidade parece insípida em comparação.

À medida que discutia este assunto com eles, aprendi mais acerca da sua aceitação gradual deste acontecimento. Alguns estavam mais avançados no processo. Muitos inicialmente não entendiam o que lhes estava a acontecer. Alguns pediram-me ajuda e, no meu papel, pude dizer-lhes o que aprendera com outras pessoas que partilhavam da mesma experiência. E informá-los de que todas as que conheci aprenderam a ajustar-se — algumas mais do que outras — e que isso exigia tempo.

Nas minhas conversas com pessoas que passaram por experiências de quase-morte, disse-lhes que, quando entram nessa outra realidade após as EQM, as experiências podem ser invulgares. Quando alguns destes homens e mulheres vão dormir ou fecham os olhos, podem ver rostos ou ouvir música. Estão a ligar-se a um nível diferente. Alguns disseram-me que despertam a meio da noite e têm o cuidado de não acordar os cônjuges enquanto vão para outra divisão para permitir que este processo se desenrole. Veem e ouvem como observadores de um mundo invisível.

A CONSCIÊNCIA COMO MISSÃO

O que é a «missão» e porque é preponderante na experiência de quase-morte?

Missão vem da palavra latina *mittere*, que significa «enviar». E este conceito de se ser enviado para fazer um trabalho não podia ser mais verdadeiro para as pessoas que parecem regressar após a EQM para se tornarem delegados em nome do universo.

As missões aparecem ao longo da história e encontram-se no folclore de muitas culturas. Executar uma missão exige grande fortaleza, grande esforço e a superação de vários obstáculos; o mesmo se aplica às pessoas que, na sua EQM, descobrem que o seu verdadeiro trabalho não começou até ao seu regresso.

A missão parece ser a tentativa do universo de implantar uma intenção específica na consciência de alguém que passou por uma

EQM. Quando estas pessoas regressam, não voltam apenas com uma variedade de efeitos secundários, mas também com um novo rumo. Isto vai além de uma surtida ou do desejo de encontrar o sentido da vida por que tantos de nós anseiam. É a consciência arraigada do universo e uma compulsividade que se enraizou nelas. Voltam como a luz, com capacidades ativadas que habitualmente atribuímos a poderes superiores. Acumulam-se para suscitar uma mudança na forma como o planeta funciona.

COMO É CRIADA A MISSÃO?

A certa altura após a experiência de quase-morte, as pessoas voltam à vida. Como sem dúvida reparou, pode ter-lhes sido dada uma escolha ou verem-se empurradas para o corpo. Podem dizer que regressaram porque a obra da sua vida não estava completa. Ou ter resultado de um sentimento de responsabilidade, por exemplo, não querer abandonar a família, como aconteceu com Dan Rhema (ver capítulo 6).

Pode ser dada à pessoa uma razão para regressar, por exemplo: «Não chegou a tua hora.» A alguns, falam-lhes de uma missão específica, como Lewis Brown Griggs (ver capítulo 4). Outros têm a sensação de que lhes foi atribuída uma função, mas não conseguem lembrar-se de qual é, como no caso de Mary Ann Mernaugh (ver capítulo 14). Alguns sabem que têm um trabalho pela frente, sentem a compulsão de o fazer e tornam-se um farol de luz. Pode ser uma missão concreta, como no caso de Robert Bare, que diz: «Só quero fazer o bem» (ver capítulo 10), ou o dever de levar a sonoridade da harpa aos moribundos, «algo maior do que eu, maior do que a harpa», como Marissa (ver capítulo 12). Algumas missões são visíveis e outras são incertas.

Após a EQM, a vida das pessoas muda de forma para a qual não estão preparadas. Têm de pensar, agir e viver de modo diferente. Têm de juntar tudo da maneira correta e pôr esse novo sistema em funcionamento para nos ajudar a todos. O resultado, se correr bem, torna-se a sua missão. O tema subjacente de servir a humanidade é uma constante. Tal como a compulsão com que executam o trabalho.

Para alguns, é menos um salto do que uma progressão, mas, mesmo assim, é uma exploração descarregada e guiada pelo Espírito.

O que nos diz o universo sobre a nossa Terra? Porque estão «eles» a enviar de volta baterias de consciência para iluminar o nosso planeta? O que sabe o universo sobre a Terra e o seu futuro? E será que nós, na Terra, entenderemos a mensagem? Estas questões permanecem, mesmo enquanto exploramos as respostas.

Capítulo Dezoito
TUDO É ENERGIA

«Para entender a verdadeira natureza do universo, temos de pensar em termos de energia, frequência e vibração.»

Nikola Tesla

Como viu, este trabalho levou-me em muitas direções, apresentando-me uma variedade de novas pistas ao longo do caminho.

Iniciei este estudo concentrada em resolver o enigma dos efeitos secundários da EQM. Ao começar a pesquisa, tentei mergulhar na natureza essencial do que acontece numa experiência de quase-morte, dos seus efeitos secundários e do significado que tem para todos nós. Fui mais longe, investigando os mistérios da consciência e do reino energético, a natureza da «vida que está para vir» e a força vital que existe em nós.

O conceito de energia infunde o reino da EQM. Aquilo com que as pessoas regressam resulta da entrada num espectro de mais alta frequência energética, um reino imaterial que não podemos definir e que temos dificuldade em abordar na nossa linguagem oral. Na linguagem da EQM e das leituras, este reino é, de facto, a «luz». Mas abrange também os efeitos secundários resultantes.

Inicialmente, estes efeitos secundários pareciam inexplicáveis, mas, com uma investigação bem aprofundada, adquiriram maior coerência. Um efeito aumentado e inegável resulta de se estar na «luz». Este efeito fortalece seletivamente as nossas capacidades, reforça a nossa cura, amplifica a nossa inteligência, cura o nosso físico, intensifica as nossas experiências e melhora a nossa capacidade. Como explicamos isto?

SOMOS ENERGIA

Um dos motivos pelos quais as EQM são tão poderosas deve-se ao facto de que expõem e envolvem aspetos essenciais da consciência que são praticamente opacos na realidade quotidiana em que a maioria de nós vive. Aceder a este espaço desvenda mais do que possamos imaginar.

A nossa experiência física na Terra é apenas um aspecto ínfimo da realidade bem mais vasta a que acedem as pessoas com uma EQM. Cada indicação que temos sugere que esta realidade «universal» emerge como um campo de energia conhecido por vários nomes, incluindo o Uno, a Fonte, Deus e a Consciência Cósmica, entre outros.

Embora a experiência humana limite dramaticamente a nossa capacidade de entender bem esta realidade maior, muitas fontes explicam que a nossa consciência deriva deste campo e está ligada e a interagir com ele. É uma inimaginavelmente grande, integrada e espantosamente complexa concentração de energia. A nossa consciência, sendo parte integrante, nunca morre, e a nossa essência existe junto com ela perene e eterna.

Quando morremos, a nossa consciência deixa o corpo físico que usamos na Terra, passando para este vasto reino onde ocorre a referida profunda atividade energética. Somos capazes de experimentar um conhecimento superior, de tomar parte no Todo, de existir para sempre — um conceito claramente inconsistente com o nosso entendimento atual das leis da física.

Quando temos uma EQM, a nossa essência deixa o corpo físico para viver uma espécie de evento astrofísico. A consciência volta à realidade física da Terra infundida com a experiência deste reino mais vasto. Todos os indivíduos envolvidos neste estudo regressaram com uma consciência alterada que reconfigurou a sua existência física com características e capacidades a que chamamos efeitos secundários. Não temos nenhuma categoria da ciência que descreva este fenómeno, mas pode acabar por se tornar a nova física — o estudo de uma energia e de um processo desconhecidos, gerados por uma fonte ainda não identificada que altera permanentemente a nossa energia física.

A energia do reino astral é diferente da energia na Terra — química, mecânica, nuclear, luminosa ou elétrica. Estas energias terrenas são mais densas do que a energia do plano astral, que vibra

a uma frequência demasiado alta. A densidade do plano astral é virtualmente inexistente.

O QUE É A FREQUÊNCIA?

Muitas fontes, entre elas veneráveis filósofos e académicos, afirmam que tudo o que existe vibra. Isto significaria que uma natureza essencial deste vasto reino é que pulsa a diferentes frequências.

O que é a frequência? É a velocidade básica a que qualquer coisa vibra — o número de ciclos vibratórios por segundo (medidos em Hertz, em que 20 Hz equivalem a 20 ciclos por segundo).

A nossa experiência é que os objetos na nossa realidade variam em termos de frequência de (aparentemente) zero a frequências extremamente altas, como as ondas de rádio e luz. As ondas auditivas ou sonoras vibram a frequências relativamente mais baixas (milhares de vezes por segundo); as ondas de rádio são mais altas (milhões por segundo); a luz visível é muito mais alta; e os raios X e gama vibram ainda mais rápido.

Uma vez que as diferenças no campo são sobretudo registadas nos padrões vibratórios, tudo o que experimentamos resulta, por definição, essencialmente de uma combinação de vibrações ou frequências.

Diferentes tipos de materiais (rochas, árvores e fogo, por exemplo) têm diferentes frequências basais sobre as quais são sobrepostas vibrações para produzir os extraordinários detalhes que observamos. O resultado é a chamada forma de onda, a combinação de um grande número de frequências.

Tal como tudo o que observamos, cada parte do nosso corpo físico tem uma onda característica com a sua própria frequência. Todo o corpo humano é uma forma de onda supercomplexa que inclui as várias frequências e assinaturas energéticas das partes que o compõem. Muito complexo, de facto.

Estes componentes podem ser isolados por frequência basal. Por exemplo, as nossas células vibram a uma frequência basal de 1000 Hz.

O nosso coração vibra a uma frequência basal de 100 Hz. Estima-se que o nosso corpo físico vibre a uma frequência basal de 7-10 Hz.

Está bem, poderá estar agora a pensar. Onde quer ela chegar com isto? Como é que isto se relaciona com a EQM?

Como poderá agora imaginar, os nossos órgãos e as outras grandes partes do nosso corpo são concentrações de atividade vibratória — centros energéticos — que, se forem influenciados ou alterados, podem influenciar o funcionamento do resto do organismo.

ONDAS DE LUZ E ENERGIA

Algumas pessoas que passaram por uma EQM relatam ter visto cores de luz impossíveis de descrever em termos convencionais, abrindo a clara possibilidade de haver aspetos da luz ou tipos de luz dos quais não temos qualquer conhecimento. Estas luzes e fontes quase decerto interagiriam com quem quer que lhes fosse exposto de formas que nos seriam difíceis de compreender.

Há também o consenso de que os reinos espirituais são descritos e atuam a uma frequência energética significativamente superior às produzidas pela nossa realidade. O reino espiritual é geralmente descrito como uma «luz» de brilho intenso. Mas, ao mesmo tempo, muitos admitem que entendem ou reconhecem esta luz como sendo o Uno, o Todo, o universo, «Deus», e por aí adiante. Esta «luz» do Espírito parece possuir a mais elevada das frequências.

Se seguirmos esta linha de pensamento, então porque não haveria a luz branca do Espírito — um fenómeno energético extremamente carregado — de ter um impacto significativo nas pessoas que passaram por uma EQM e deram por si nesse espaço? Podemos perguntar: tê-los-á esta luz altamente energética transformado e alterado?

PADRÕES, FREQUÊNCIA, VIBRAÇÃO: AS LIGAÇÕES

No capítulo 11, discutimos o padrão que Lynnclaire Dennis recebeu após a sua EQM. Examinámos também padrões na poesia, na música, na geometria e na matemática. De facto, o padrão é essencial aos conceitos de formas de onda resultantes das vibrações que constituem tudo o que vemos.

Ao longo da história, inúmeras pistas e dicas relativas à frequência energética têm estado mesmo à nossa frente, à espera de que as organizemos como peças de um *puzzle* gigante. Aqui, na aurora de uma nova era, este *puzzle* revela finalmente os fundamentos de uma linguagem baseada em energia, frequência e forma, que parece integrada na EQM e nos seus efeitos secundários.

Se existe tal coisa como uma linguagem universal, poderá ela ser demonstrada em padrões energéticos e vibrações? Padrões que já existem na Terra — que fazem parte da nossa vida? Será que esta linguagem já existe? Poderá outra informação ser transmitida através destes padrões? Será a frequência uma forma de criar e catalogar o mundo que nos rodeia? Claramente, este conceito cativou pensadores e cientistas ao longo dos séculos. Nikola Tesla disse: «Se quer descobrir os segredos do universo, pense em termos de energia, frequência e vibração», e Einstein resumiu-o de forma sucinta: «Tudo é energia e é só isso que existe.»

As vibrações estão em toda a parte. Estamos rodeados delas. Vivemos num oceano de vibrações. As vibrações atravessam-nos como o som viaja através do oceano.

Estamos todos ligados ao universo pelas unidades invisíveis da energia e da vibração. Podemos pensar nelas como milhões de partículas subatómicas a rebentar de energia. Todas as coisas visíveis e invisíveis do cosmos estão conetadas por uma moldura energética que existe segundo as suas próprias leis. Estas experiências ocorrem num espaço tão vasto, tão para lá das nossas fronteiras ou ferramentas, que não podemos ainda definir as suas especificidades, nem temos o vocabulário necessário para as colocar em caixas resistentes.

A capacidade de estar na luz, essa vibração superior que todas as pessoas que passaram por uma EQM descrevem como a brilhante ou intensa luz branca, a «luz do Espírito», pode levar à amplificação de propriedades terrenas. A vibração gerada por esta frequência e energia pode estender-se e restaurar o equilíbrio e elevar a nossa consciência a estados alterados. Esta energia, esta frequência

superior com que se regressa de uma EQM, pode também manifestar-se como dons, capacidades aumentadas, uma transfusão de alta frequência que nos confere talentos.

ENERGIA VIBRATÓRIA

Se é como a maioria de nós, provavelmente pergunta-se como pode elevar a sua frequência sem ter uma EQM. Métodos do dia a dia incluem a meditação, os cânticos, os tambores, as taças tibetanas e a tonificação vocal. A hipnose, uma variação do transe, pode também ser utilizada para aumentar a vibração. Algumas pessoas acreditam que a gratidão, as expressões de amor e a compaixão podem também aumentar as vibrações. Mas saiba que não aumentará a sua frequência o suficiente para ficar num estado de quase-morte. De facto, não quereria fazê-lo. Não quer morrer ou quase morrer para chegar a este estado. Sim, é possível utilizar estes métodos para elevar a sua consciência e dar outro passo em frente, mas não o derradeiro passo.

A frequência aumentada alcançada por aqueles que têm uma EQM, como captar um ténue sinal de rádio que está fora do alcance do ouvido, é que tem a capacidade de os transformar, moldar e alterar para sempre.

A PERSPETIVA DA CIÊNCIA SOBRE A ENERGIA E O ESTADO DE QUASE-MORTE

Os cientistas examinaram a energia e a manifestação energética, mas veem-na maioritariamente como colateral ao papel do cérebro no estado de quase-morte. No entanto, de acordo com um estudo da Universidade do Arizona, há provas científicas de que os aspetos elétricos da atividade cerebral se alteram através de experiências místicas e de quase-morte.¹

Embora nas experiências sobre a vida depois da morte se tenham focado no cérebro, os cientistas descuraram em grande medida o elemento-chave subjacente — o aumento da atividade elétrica registado na morte e nos estados de quase-morte presente ao longo de todas estas experiências. A ciência concentra-se no cérebro, mas ignora o facto consistente de que são os campos elétricos que são alterados, seja em humanos, em ratos ou noutros estudos científicos.

Segundo uma investigação publicada em *Proceedings of the National Academy of Sciences*, um estudo da Universidade de Michigan realizado em ratos moribundos encontrou níveis elevados de ondas cerebrais no momento da morte dos animais.

O principal autor do estudo «Electrical Signatures of Consciousness in the Dying Brain» concluiu que, no período de trinta segundos após o coração dos animais deixar de bater, se registou um aumento significativo nas ondas cerebrais de alta frequência chamadas oscilações gama (as mesmas que conferiram a Mary Ann Mernaugh uma inteligência superior e que foram referidas no seu caso no capítulo 14).² Nos ratos, este aumento inexplicável de conectividade elétrica verificou-se a níveis ainda mais altos logo após a paragem cardíaca do que quando os animais estavam acordados e bem.

Está presente uma ligação elétrica, a energia alterada que se constata na altura da morte ou da quase-morte. De acordo com uma investigação em Zurique e estudos sobre meditação, as ondas gama de alta frequência estão também associadas a experiências noéticas e à meditação. Parece ser o próprio campo elétrico o denominador comum, que sofre uma mudança na morte ou na quase-morte, e que conduz a uma alteração da energia. Este tema requer estudos adicionais.

OS EFEITOS TERAPÊUTICOS E TRANSFORMADORES DA ENERGIA E DA FREQUÊNCIA

Quando comecei a juntar frequência, vibração, padrões e energia, percebi que os efeitos secundários da EQM estão ligados à energia e às vibrações energéticas, e que a linguagem oculta da EQM é sentida através da expressão de ritmos, padrões e vibrações à medida que aquele que a vive viaja através de uma paisagem de luzes e símbolos.

As EQM são um fenómeno energético. Nos lugares para onde aqueles que as têm viajam, a energia é infinita e incomensurável. Parte da pessoa sai e é tocada por essa energia infinita. Quando regressam à Terra, essa energia está incorporada no seu ser — uma frequência diferente daquela a que estamos acostumados na Terra.

A ideia do corpo como mecanismo energético não é única e é um conceito unificador que nos liga ao universo. Essa frequência superior é transportada como um implante, ao mesmo tempo que o corpo físico continua em sintonia com a energia da Terra.

A energia liga estes efeitos secundários da EQM, que se manifestam como comportamento alterado e dons. Música — som e padrão numa escala de frequência. Arte — energia manifestada como cor e forma. Visão — uma função das ondas de luz e da frequência. Audição — uma função das ondas sonoras e da ressonância. A matemática e a geometria estão associadas aos padrões energéticos. Parece que as ondas energéticas ou a vibração estão também envolvidas nas qualidades curativas de uma EQM.

A frequência superior atingida através da reorganização da matéria ao nível basal renova propriedades na pessoa que vive a experiência. Os efeitos secundários da EQM podem parecer talentos, mas estão, na verdade, relacionados com energias de alta frequência.

O que se tenta exprimir através destes padrões?

Uma resposta é que, de alguma forma, fomos guiados no sentido de um reconhecimento subconsciente de um grande padrão baseado na frequência, no tempo e no espaço. É possível que estas expressões representem as fundações de uma linguagem que não entendemos plenamente, mas que pode ser a linguagem subjacente à estrutura do universo.

Serão as EQM o veículo que nos conduz a um salto cósmico, um elo entre a vibração energética e o universo?

Ao ponderar esta questão, percebi que completava o círculo e regressava ao ponto onde começara, ao momento em que tivera as primeiras experiências com o mundo psíquico e em que me fora dito: «Somos apenas energia e a energia tem de ir para algum lado.»

Capítulo Dezanove

UM NOVO PARADIGMA PARA EXPLICAR A EQM

«A viagem de descoberta não consiste em procurar novas paisagens, mas em ter um novo olhar.»

Marcel Proust

À medida que avançava, continuei a aprender muitas coisas. Quando dei início ao trabalho, esperava mergulhar nos vários efeitos secundários das experiências de quase-morte e satisfazer a curiosidade acerca dos seus poderes peculiares.

Mas algo aconteceu enquanto o trabalho se desenrolava: percebi que o velho paradigma para descrever o evento e os seus elementos — o túnel, a luz, os seres — abrangia apenas um nível da experiência. Compreendi que os elementos podiam ser desenvolvidos para examinar a experiência a partir de um nível mais profundo.

Os elementos permitiram aos cientistas classificar a EQM. Mas é tempo de estabelecer um entendimento mais profundo do que este fenómeno significa para além do espetáculo dos elementos. O conhecimento de que esta experiência é real exige uma maior compreensão para lá do drama relatado por aqueles que a viveram.

Com a melhor das intenções, fiz menção de catalogar os efeitos secundários da experiência de quase-morte. Mas o universo tinha outro plano em mente. Estava constantemente a empurrar-me e a pôr outras questões à minha frente, de modo a fazer-me examinar o significado mais profundo da EQM.

Consoante explorava os casos e me embrenhava no mundo da consciência para lá do nosso alcance, aprendi não só que os poderes tangíveis com que as pessoas haviam sido deixadas após a sua EQM não encaixavam facilmente no meu plano original, mas também que todas estas áreas estão interligadas. Nenhuma delas está só. Mas, por mais ligadas que estejam, podem ser avassaladoras e são mais fáceis de entender tirando cada conclusão separadamente.

1. A experiência de quase-morte é uma expressão de vibração energética.
2. «Aberta a porta» para as pessoas que passam por uma EQM, a consciência e a sua ligação ao universo estão permanentemente acessíveis e são irrestritas.
3. Após a EQM, as ligações à consciência são involuntárias. Uma parte desproporcionada da vida de quem teve a experiência é subjugada pela consciência.
4. As pessoas que passam por uma EQM ficam ligadas ao universo após a sua experiência, o que significa que estão ligadas a toda a consciência, provocando uma sensibilidade aumentada.
5. As EQM parecem ser manifestadas e provocadas pela intenção.
6. A realidade da EQM é a verdadeira consciência, e a nossa realidade na Terra é escassa.
7. Os que têm uma EQM parecem ser treinados e pré-selecionados por alguma força desconhecida para uma missão mais vasta.
8. O intuito de uma EQM parece ser elevar a consciência do nosso planeta.
9. A nossa consciência vive para sempre, é universal e controla todos os aspetos da nossa vida. O corpo físico é apenas o traje temporário que usamos na Terra.
10. A EQM altera a energia para aquele que a viveu após o seu regresso.
11. O estado vibratório superior da EQM faz com que aqueles que a viveram interajam e interfiram com o plano eletromagnético após o seu regresso.
12. Numa EQM, a recapitulação da vida é feita se houver uma figura de autoridade apropriada para a apresentar, alguém

que a pessoa possa respeitar, admirar e que lhe sirva de exemplo.

13. Os elementos da EQM não são a mensagem desta. As mensagens são transformação e ligação à consciência universal.
14. Estados alterados de consciência intencionalmente criados não são garantia de uma EQM.
15. A nossa consciência existe fora do nosso corpo depois da morte noutro estado.

Esta informação leva-nos para lá da tentativa inicial de entender a EQM há cinquenta anos. Estamos agora prontos para explorar o próximo nível.

Capítulo Vinte

O QUE APRENDERAM AS PESSOAS QUE TIVERAM UMA EQM, O QUE APRENDI E O QUE PODEMOS TODOS APRENDER À MEDIDA QUE AVANÇAMOS

«Talvez a vida seja isso... um piscar de olho e estrelas cintilantes.»

Jack Kerouac

Todas as pessoas com quem trabalhei na busca de entender a experiência de quase-morte concordam que a vida na Terra é apenas uma parte da sua espantosa jornada e que o que está do «outro lado» excede em muito os nossos mais memoráveis encontros terrenos. Todos os que passaram por uma EQM regressaram firmes na sua crença num quadro mais amplo e na vida depois da morte. Aprenderam que estamos todos ligados e todos vivemos na Terra por um curto período, e que as pressões que percebemos como insuperáveis, quando vistas da perspectiva do universo, são apenas «problemas terrenos».

Aqueles que tiveram uma EQM aprenderam também que a antiga vida já não era uma opção. À medida que este trabalho progredia, também me apercebi de que fora demasiado longe e já não podia voltar atrás. A minha antiga vida era apenas isso: a vida anterior. Aprendi que estas pessoas são inspiradoras na sua capacidade de iluminar o caminho para a humanidade. Ajudaram-me a continuar e a escrever este livro.

Aqui, procurei desvendar o sentido dos efeitos secundários das experiências de quase-morte e os subsequentes ramos nodosos que surgem e que vemos como a consciência. Embora inicialmente tivesse planeado explorar os efeitos secundários, não tardou a que o caminho se emaranhasse com o universo, um percurso que me conduziu às profundezas da consciência e à sua misteriosa órbita.

Aprendi que, entre muitas coisas, inerentes ao processo da EQM, estão padrões acerca da consciência e do seu significado, que se repetem uma e outra vez. Estas conclusões, teorias e padrões são a essência do livro e assumem uma tendência científica, senão mesmo

etérea. Aprendi que este trabalho tem implicações profundas para a nossa vida na Terra e o nosso entendimento da realidade. O que aprendi foi muito além do objetivo inicial, levando-me a um reino da grande ordem das coisas, do cosmos, do sentido da nossa vida após a vida física e da crença noutras realidades.

Na Terra, somos sobrecarregados pelos corpos físicos e pelos sentidos. Impedem-nos de subir às alturas da consciência que tão facilmente podem criar a perfeita beatitude e a perfeição. Contudo, todos temos a capacidade e o potencial de melhorar a vida. Não precisamos de esperar para provocar uma mudança. O universo está neste momento a pedi-la. Em conjunto, somos capazes de nos elevar; temos a capacidade e as ferramentas necessárias para a pôr em prática. O nosso contributo, a nível individual, é valioso. Mesmo que não consigamos alcançar as incompreensíveis alturas da EQM, podemos, ainda assim, avançar e ter impacto no universo.

Somos todos seres energéticos ligados ao universo e, através deste, uns aos outros. Podemos lançar-nos para estados de consciência mais vastos. Embora possamos não ser capazes de alcançar os níveis transformadores das EQM, é-nos possível utilizar uma iluminação intencional para nos ligarmos à humanidade e embarcar num estado de frequência superior para nos sintonizarmos com uma perspetiva mais ampla. Cada um de nós pode fazer incidir uma luz sobre o nosso planeta.

O que se tenta exprimir através destes padrões — os efeitos secundários e os poderes da EQM? Podemos logicamente perguntar se estes padrões são a forma de o universo apelar a uma nova consciência.

A mensagem da EQM incide no facto de que vivemos/existimos num universo energético/vibratório subjacente a todos os nossos padrões, atividades e ações. A EQM vai ao âmago da nossa existência na Terra e da nossa relação com o universo. A mensagem é mais clara na experiência de quase-morte quando não estamos sobrecarregados e distraídos pela esfera física.

Profetas, místicos e videntes previram um tempo em que o homem daria um salto cósmico para outro reino de consciência. Serão as EQM o veículo que nos transportará até lá?

A minha pesquisa incluiu devorar centenas de livros, artigos, *sites*, vídeos do YouTube, filmes e entrevistas. Movia-me a curiosidade sobre as questões que nos rodeiam e uma paixão por prosseguir com o trabalho. Avancei mesmo quando outros questionavam o que eu fazia. Se temos um sonho, percebi, temos de continuar. Tentei manter-me flexível e ver as oportunidades que talvez os outros não vissem.

No início da jornada, não tinha respostas perfeitas para as perguntas mais vastas, mas, à medida que progredia, percebi que talvez não exista uma resposta perfeita, só pistas para novos caminhos e passagens, novas formas de examinar a informação.

Como poderá discernir a partir do meu comentário neste livro, o meu entendimento das EQM mudou desde que iniciei o trabalho e adquiriu um significado mais profundo. Quanto mais escavava e mais histórias os outros partilhavam, mais as peças se encaixavam.

Continuei a fazer perguntas à medida que a viagem se desenrolava e a encontrar outra forma de seguir as questões — que correm como fios neste livro: *Que linhas unem o universo? Será que o que vemos numa EQM explica tudo o que existe? Qual é a natureza da energia?*

Pelo caminho, fiquei viciada. O trabalho tornou-se uma demanda de exploração dos nossos mistérios básicos. E a jornada permitiu-me descobrir partes de mim ao longo do processo. Consoante me cruzava com padrões e histórias quase idênticas, aprendi também que isto é apenas o início do desvendar desta experiência e do entendimento da complexidade da EQM.

«Encontramos a nossa vida percorrendo-a», escreveu a poetisa Maya Angelou. Bem, eu percorri a minha vida. Nunca planeei fazer isto. A viagem tornou-se não só um acompanhamento do percurso pessoal daqueles que viveram uma EQM, mas da minha viagem

também. Aprendi a aceitar os meus dons, a utilizá-los para ajudar os outros e a dizer: «É isto que eu sou.»

AS VERDADES UNIVERSAIS

Reitero a verdade universal de que tudo é energia. Estas histórias e os efeitos secundários únicos convenceram-me de que todos integramos algo bem maior do que qualquer um de nós pode contemplar ou tem a capacidade de exprimir. E aquilo de que fazemos parte é completo e infindável. Estas histórias apresentaram-me indivíduos notáveis que demonstram que tudo é possível e que as nossas capacidades humanas são parcialmente controladas por nós, mas, mais importante, por forças que nunca iremos entender. Somos todos universais.

Aprendi que não posso voltar a olhar para as coisas da mesma forma. Uma vez entrados neste reino, descobrimos que não vivemos num universo material aleatório ou banal em que nada tem grande importância. De facto, lançamos as pegadas do nosso universo através das ações e, coletivamente, somos muito importantes. Sei isso agora.

Apêndice A

TERMINOLOGIA E DEFINIÇÃO DE UMA EQM

Raymond Moody, considerado o pai da EQM, começou a investigar as experiências de quase-morte quando era um estudante de filosofia de dezoito anos na Universidade da Virgínia. Enquanto lia *A República*, de Platão, ficou intrigado com a história de Ur, um guerreiro que todos julgavam morto e que descreveu uma viagem a outro reino antes de regressar à vida.

«Senti que a questão da vida depois da morte era o buraco negro do universo pessoal», explicou Moody no seu livro de memórias, *Paranormal: My Life in Pursuit of the Afterlife*.¹

Moody criou o termo *experiência de quase-morte* para descrever a experiência pós-morte que muitos alegavam ter tido e que contavam, mas para a qual não existia qualquer investigação ou prova. O seu livro *Vida depois da Vida*, publicado em 1975, captou o interesse do público, o qual, desde então, não se cansou deste fenómeno.

De acordo com a definição de Moody, uma experiência de quase-morte — ou EQM — encaixa num dos seguintes critérios:

As experiências de alguém que foi reanimado após ter sido julgado, decretado ou declarado clinicamente morto pelos médicos.

As experiências de alguém que, no decorrer de acidente ou de ferimentos ou doença grave, esteve muito perto da morte física.

As experiências de alguém que, no momento da morte, contou isto a outras pessoas que estavam presentes, as quais, mais tarde, relataram o conteúdo da experiência de morte.

Um conjunto semelhante de experiências — um túnel de luz, a sensação de se estar fora do corpo, uma recapitulação da vida, um zumbido ou repicar, um encontro com entes queridos que faleceram, uma profunda sensação de paz — antes de regressar ao mundo físico.

Não tardaria a que outros investigadores se juntassem ao Dr. Moody na sua procura de entender melhor as experiências de quase-morte.

Oito anos após o Dr. Moody ter publicado o seu livro, o Dr. Bruce Greyson desenvolveu o trabalho de Moody. Greyson, professor na Universidade da Virgínia, elaborou uma escala de dezasseis elementos para medir a profundidade da experiência de quase-morte de um indivíduo. De acordo com a escala de Greyson, uma EQM inclui alguns dos seguintes elementos:

- Alteração no tempo.
- Uma percepção súbita.
- Uma sensação de paz.
- Uma sensação de união com o universo.
- Uma luz brilhante.
- Visões do futuro.
- Uma experiência fora-do-corpo.
- Um encontro com um ser místico.
- Ver mortos ou espíritos religiosos.
- Chegar a uma fronteira ou ponto de não retorno.

Segundo Greyson, uma classificação de pelo menos sete na sua escala qualifica a pessoa como candidata à investigação EQM.

Parece bastante definitivo e conclusivo. Certo? Mas e se a explicação para uma EQM estiver fora do alcance de medição das nossas ferramentas? Poderá haver outra forma de olhar para isto?

Na minha experiência, medir o peso da experiência de alguém através dos elementos não é assim tão simples. Afinal, esta experiência acontece num reino que não pode ser medido ou sequer detetado pela ciência. Podem então atribuir-se estatísticas a uma experiência que ocorre num plano imaterial? Pode a consciência ser pesada e sistematizada? Dito de outra forma, é possível medir a profundidade?

É verdade que os elementos proporcionam um contexto para o entendimento deste acontecimento intangível, tal como procuramos uma linguagem para descrever o fenómeno, embora não tenhamos um vocabulário adequado ao resto da experiência.

Os elementos servem o propósito de garantir um léxico visual para aceder a uma experiência que a maioria descreveu como inefável.

Mas, à medida que pensava nos elementos, dei-me conta de que, parafraseando Montoya, «não acho que signifique o que eles pensam que significa». Os elementos pareciam ser apenas um fragmento do significado total da EQM. A mensagem desta parecia abranger mais, que vivemos/existimos num universo energético subjacente a todas as nossas atividades, padrões e ações.

Conforme o trabalho sobre as EQM progredia, descobriu-se que o primeiro relatório médico sobre uma experiência de quase-morte parece ter ocorrido num texto do século XVIII escrito por um médico militar francês. *Anecdotes de Médecine* descreve alegadamente o caso de um conhecido farmacêutico de Paris que ficou temporariamente inconsciente e relatou ter visto uma «luz tão pura e brilhante que pensou que devia estar no Céu».2 Esta explicação é surpreendente porque, na altura, a maioria das pessoas confiava na religião para explicar a experiência de quase-morte.

As EQM esclarecem também o conceito de que a morte e o ato de morrer não são um fenómeno claro e linear. Embora seja verdade que, na nossa cultura, a morte é considerada o fim do corpo físico, o fim da vida, permanece a questão da vida depois da morte. Pode a vida continuar? Talvez não como a conhecemos, mas num reino mais vasto?

Poderá ser útil pensar neste reino invisível como um prisma. Pode virá-lo de todas as maneiras, mas nunca vê plenamente o seu interior. Conforme a direção em que o vira, vê outra faceta, outra característica, todas ligadas, mas todas misteriosas.

Apêndice B

METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

METODOLOGIA E PRIMEIROS PASSOS

Com o passar do tempo, as questões que me motivavam a prosseguir com este trabalho continuavam: *O que são os efeitos secundários de uma experiência de quase-morte? Como se adquirem? Quais as suas implicações? Porque regressam tantas pessoas à vida com características que lhes são completamente estranhas?* Como viu neste texto, estas dúvidas levaram-me a ir mais fundo.

Todavia, antes de entrevistar as pessoas que tinham passado por uma EQM, pensei no género de metodologia que utilizaria nesta investigação. Decidi moldá-la com base no tipo de pesquisa com que estava familiarizada e, assim, utilizar os meus talentos e dons. Escolhi a pesquisa qualitativa, em que a informação é captada de várias formas para registar a experiência e absorver o máximo possível da situação.

Já tinha começado a investigar o ramo para descobrir o conjunto do conhecimento existente, lendo os livros de Raymond Moody e de outros autores e revendo casos publicados. Utilizaria uma rigorosa metodologia qualitativa baseada em entrevistas exaustivas, questionários e estudos de caso. Encontraria os *experiencers* — o termo usado no ramo da quase-morte — e depois investigaria as situações e examinaria as correlações e associações entre estas pessoas. Quando as entrevistas e os questionários estivessem completos, faria uma leitura para desvendar informação que não fosse facilmente acessível através das entrevistas e dos questionários. Por fim, sintetizaria toda a informação para examinar correlações e associações entre as pessoas.

Acabaria por trabalhar com um universo de cerca de cinquenta indivíduos que passaram por uma EQM. Selecionei os quinze casos mais interessantes para este livro. No processo, falei com enfermeiras de hospícios, capelães e cientistas, bem como com pessoas de todo o mundo que tiveram uma experiência de quase-

morte. Coligi experiências de quase-morte, experiências fora-do-corpo e relatos de efeitos secundários.

PESQUISA DE MÉTODOS MISTOS

«A minha opinião pessoal é que, na ciência do futuro, a realidade não será “psíquica” nem “física”, mas, de algum modo, ambas e nenhuma.»

Wolfgang Pauli, físico

Decidi recorrer à pesquisa de métodos mistos, combinando a análise qualitativa e a análise psi. O objetivo da abordagem qualitativa é descrever e observar — desvendar o que aconteceu. A psi é um ramo que respeita à investigação dos fenómenos metafísicos.

Os investigadores utilizam a pesquisa de métodos mistos quando um método sozinho não é adequado. Entendia que o fenómeno EQM foge à explicação e ao exame convencional, pelo que decidi explorar e combinar arsenais para cobrir mais potencialidades.

A maioria das pessoas que passaram por uma experiência de quase-morte dir-lhe-á que é muito difícil descrever a sua EQM e que as respostas lhe escapam. Dei-me conta de que a pessoa só era capaz de responder numa entrevista ou questionário àquilo de que se lembrava da experiência. Em resultado, as respostas seriam limitadas. Mas e se houvesse outros assuntos e circunstâncias que contribuíssem para a sua experiência? Factos e situações que estavam escondidos, mas que exigiam investigação? Haveria uma forma de resolver isto? Uma abordagem era fazer as perguntas numa leitura.

COMO FUNCIONA A PSI?

Procurei determinar como podia a informação ser-nos mais útil. À medida que avançava para desenterrar as respostas, obtive resultados tão espantosos para mim como provavelmente para o leitor. Estou convencida de que o que recebi é real, razão pela qual partilhei as minhas conclusões. Porque não estou a tentar convencê-lo de nada, mas apenas a dispersar a informação, que pode enfrentar de acordo com o seu discernimento.

Embora chegue a esta pesquisa de um ângulo diferente do da maioria, penso que muitos podem, ainda assim, reconhecer uma metodologia digna de consideração num ramo que é elusivo. Por isso arregacei as mangas, pus o meu boné de pesquisa e dei início ao processo.

O QUE ENVOLVE UMA SESSÃO?

Uma leitura ou sessão psíquica consiste numa tentativa de discernir informação através de capacidades percetivas aumentadas. A informação surge-me por intermédio de um processo que envolve entrar num estado de consciência superior. Faço perguntas e «oiço» as respostas. Depois, transmito-as ao cliente, ou, neste caso, à pessoa que teve a experiência. As leituras foram todas gravadas.

É ASSIM QUE EU TRABALHO

Começo por limpar a mente. Liberto todas as sensações e tralha no meu espaço e no corpo físico. Respiro fundo algumas vezes para me purificar, à semelhança de quando se entra num estado meditativo. De facto, é numa espécie de estado meditativo que entro. Devido às minhas capacidades, consigo atingir níveis mais altos neste estado, o que me permite aceder a outra informação. Devo mencionar que, enquanto me encontro neste estado, estou também completamente presente. Posso dizer aos meus gatos que saiam da mesa da cozinha ou espreitar as notícias na CNN. É um estado de total concentração, mas estou aberta a receber informação. Oiço atentamente para poder transmitir a informação. Quando termino, sacudo as mãos, talvez beba um pouco de água, ou faço uma caminhada para limpar o sistema.

É ASSIM QUE ME SURGE

A informação surge-me em símbolos, imagens e às vezes em palavras, o que é clarividência. Oiço coisas, o que é clariaudiência. Também sou capaz de sentir e cheirar e saborear, embora estas capacidades estejam menos ativas nestas sessões, pois a informação que procuramos vem do universo, não do plano material. A capacidade de usar os sentidos físicos é, de algum modo, menos importante.

Às vezes, o *feedback* é-me dado pela pessoa para quem estou a ler ao longo das sessões. Ou ocorre depois em *e-mails* de seguimento e chamadas telefónicas. Durante as leituras, à medida que transmito informação, muitas vezes a pessoa diz «Sim, tinha-me esquecido disso» ou «Nunca entendi essa parte, por isso o que está a dizer preenche os espaços em falta.»

A informação das leituras está maioritariamente destacada em itálico, ajudando-o a identificar a informação transmitida para e através de mim. Não incluí leituras inteiras nos capítulos, editando-as antes para conter a informação pertinente. Também resume alguma informação das leituras no capítulo relevante, e usei alguma informação noutros capítulos para confirmar padrões.

Como escolhemos as perguntas para as leituras?

Foram extraídas após a pessoa que teve a experiência preencher um questionário, seguido de uma extensa entrevista. Geralmente, depois desse processo, encontrava lacunas no nosso conhecimento. Estas incluíam eventos que tinham acontecido à pessoa e que ele ou ela era incapaz de explicar ou a que não conseguia responder assinalando um quadrado. Este tipo de informação podia estar relacionado com a história pessoal, a infância e experiências anteriores, ou com alguma faceta da EQM, como a escuridão que encontrou ou os barulhos que ouviu. Não sabia decerto as respostas, mas estava disposta a ver o que podíamos descobrir através de uma leitura.

À medida que os padrões começaram a emergir, novas questões vieram à tona, e estas foram incorporadas nas leituras. As pessoas também podiam fazer perguntas nas sessões. As questões mais comuns diziam respeito à necessidade de entender melhor o significado da escuridão que encontraram ou dos seres que conheceram. Outra pergunta frequente relacionava-se com o porquê de lhes ter sido dada tanta informação, mas não se lembrarem de tudo ao regressar. A missão era também crucial para a maioria dos indivíduos que passaram por uma destas experiências.

Em termos práticos, se a pessoa fosse local, eu fazia leituras presenciais. Caso contrário, eram conduzidas via Skype. Gravei, transcrevi e mais tarde analisei todas as leituras.

Como viu, surgiram padrões acerca dos contextos e da educação das pessoas que passaram por uma EQM. Desenvolveram-se também padrões sobre a intenção e a consciência, o universo e o significado da experiência, que aprofundei nos capítulos 16 e 17.

Glossário

Aura — Subtil campo de energia emitido pelo corpo humano e que o rodeia. Diz-se que todas as coisas vivas possuem aura. A aura pode ser vista como um corpo de luz.

Canal — Alguém que é transmissor de comunicação entre o reino espiritual e o reino terreno. Pode também ser referido como «médium».

Chacras — Centros energéticos de poder espiritual no corpo, tal como explicados e descritos pelas tradições hindu e iogue. Os chacras não integram o corpo físico, mas fazem parte do subtil corpo energético.

Consciência — O estado de ser ou de consciência caracterizado por sensações, sentimentos e estados alterados de consciência para lá da nossa conscientização cognoscível.

Corpo astral — O homólogo espiritual do nosso corpo físico. Um duplo energético ligeiramente ligado ao corpo físico.

Energia — A metafísica/substância do reino espiritual que cria um tipo de força vital que é incomensurável.

Espírito — Entidade não física que governa o reino metafísico e comunica através de um canal ou médium na Terra.

Experiencer — Indivíduo que teve uma experiência de quase-morte.

Experiência fora-do-corpo — A sensação de se estar a flutuar fora do corpo e a observar-se a si mesmo de uma perspectiva externa.

Fio de prata ou fio — O fio vital que liga o mundo físico e o ser superior ou corpo mental. Um fino fio prateado que se julga ligar o corpo etérico ao corpo físico de uma pessoa.

Força vital — O poder invisível que se liga a tudo o que existe no universo, das mais pequenas moléculas ao cosmos e às galáxias.

Frequência — A pulsação a que tudo no universo ressoa.

Leitura — Tentativa de discernir informação através do uso de aptidões amplificadas do reino metafísico. Estas aptidões incluem a clarividência (visão), a clariaudiência (audição), a clarissenciência

(sensação), a claricognição (conhecimento) e a clarigustação (sabor).

Médium — Indivíduo que tem a capacidade de receber informação de espíritos na forma de pessoas falecidas. A informação é recebida em forma de percepções auditivas, visuais ou somáticas.

Metafísico — Um reino que não pode ser visto e é invisível, mas que se julga existir. Um reino que transcende a realidade material.

Místico — Pessoa que procura a reflexão numa existência espiritual.

New Age — Abordagem alternativa à medicina, cultura, espiritualidade, religião ou filosofia tradicionais. O termo desenvolveu-se nas nações ocidentais no início dos anos 1970.

Psi — Termo que se refere aos tipos de fenómenos psíquicos que não podem ser explicados por princípios físicos.

Psíquico — Pessoa com capacidades e competências aumentadas que lhe permitem aceder a informação fora da realidade normal, envolvendo a telepatia e a clarividência.

Sessões espirituais — Trocas psíquicas ou mediúnicas entre o canalizador, o Espírito e uma pessoa.

Telepatia — Comunicação para lá dos meios físicos da mente de um indivíduo para a de outro.

Vibração — O ritmo a que a energia do universo se move.

Vida depois da morte — Continuação da existência depois da morte.

Xamã — Pessoa no mundo tribal que age como intermediário entre o mundo natural e o sobrenatural. Os xamãs podem ter capacidades curativas, psíquicas, mágicas e de adivinhação.

Notas

Capítulo Quatro

1. Como citado em Pollan, «The Trip Treatment», a respeito do tema das possibilidades terapêuticas das experiências místicas.

Capítulo Oito

1. Atwater, *Children of the New Millenium*.
2. Christian, *Marital Satisfaction and Stability*.
3. Knoblach e Schmied, «Different Kinds of Near-Death Experience».
4. Perera *et al.* realizaram uma sondagem telefônica em 2005 de uma amostra representativa da população australiana, como parte do Roy Morgan Catibus Survey.

Capítulo Nove

1. www.nderf.org/NDERF/Research/number_nde_use.htm e uma estimativa baseada no inquérito de 1992.

Capítulo Onze

1. Omni Publications International, 1997.
2. «Mereon as an Archetypal Solution to the “Theory of Everything”», near-death.com

Capítulo Catorze

1. Voss, Ursula, Romain Holzmann, Allan Hobson, Walter Paulus, Judith Koppehele-Gossel, Ansgar Klimke e Michael A Nitsche, «Induction of Self Awareness in Dreams Through Frontal Low Current Stimulation of Gamma Activity», *Nature Neuroscience* 17 (2014): 810-812.

2. Borjigin, Jimo, UnCheol Lee, Tiecheng Liu, Dinesh Pal, Sean Huff, Daniel Klarr, Jennifer Sloboda, Jason Hernandez, Michael M. Wang e George A. Mashour (departamentos de fisiologia molecular e integrativa, neurologia e anestesiologia, e programa de pós-graduação em neurociência, Universidade de Michigan, Ann Arbor, Michigan; e Veterans Administration, Ann Arbor, Michigan) «Surge of Neurophysiological Coherence and Connectivity in the Dying Brain», editado por Solomon H. Snyder, The Johns Hopkins University School

of Medicine, Baltimore, Maryland. Aprovado a 9 de julho de 2013.
Recebido para análise a 2 de maio de 2013.

Capítulo Dezasseis

1. Pew, *The Significance of the Near-Death Experience*.
2. *Ibidem*.
3. Barušs, «Speculation».
4. Radin, *The Conscious Universe*.
5. Barušs, «Characteristics of Consciousness».
6. Chalmers, «Consciousness and its Place».
7. Barušs, «Speculation».
8. Fodor, «The Mind Doesn't Work».
9. Sheldrake, «Morphic Resonance and Morphic Fields».
10. Jung, *Synchronicity*.
11. Langer, *Mindfulness*.

Capítulo Dezoito

1. Britton e Bootzin, «Near-Death Experiences and the Temporal Lobe».
2. Borjigin, «Electrical Signatures of Consciousness in the Dying Brain».

Apêndice A

1. Moody, Raymond. *Paranormal: My Life in Pursuit of the Afterlife* (HarperOne, 2013).
2. Du Monchaux, Pierre-Jean (1733-1766), www.livescience.com/46993-oldest-medical-report-of-near-death-experience.html. Segundo a *Live Science News*, o relato foi escrito por volta de 1740 por Pierre-Jean du Monchaux, um médico militar francês, no seu livro *Anecdotes de Médecine*.

Bibliografia

- «A Guide to Holistic Healing, Body Frequencies», www.holisticmindbody-healing.com/brain-wave-frequency.html.
- «5 Types of Brain Waves Frequencies: Gamma, Beta, Alpha, Theta, Delta», *Mental Health Daily*, <http://mentalhealthdaily.com/2014/04/15/5-types-of-brain-waves-frequencies-gamma-beta-alphatheta-delta/>.
- Atalay, Bulent. *Math and the Mona Lisa: The Art and Science of Leonardo da Vinci* (Smithsonian Books, 2011).
- Atwater, P. M. H. *Children of the New Millennium* (Three Rivers Press, 1999).
- Bahn, Paul. *The Cambridge Illustrated History of Prehistoric Art* (Cambridge University Press, 1998).
- Bahn, P., e J. Vertut. *Journey Through the Ice Age* (Berkeley, Los Angeles, Califórnia: University of California Press, 1997).
- Barušs, Imants, PhD. «Characteristics of Consciousness in Collapse-Type Quantum Mind Theories», *Journal of Mind and Behavior* 29 (3) (2008).
- . «Contemporary Issues Concerning the Scientific Study of Consciousness», *Anthropology of Consciousness* (julho de 1992).
- . «Speculations About the Direct Effects of Intention on Physical Manifestation», *Journal of Cosmology* (2009).
- Beauregard, Mario, PhD; Gary E. Schwartz, PhD; Lisa Miller, PhD; Larry Dossey, MD; Alexander Moreira-Almeida, MD, PhD; Marilyn Schlitz, PhD; Rupert Sheldrake, PhD; e Charles Tart, PhD. «Manifesto for a Post-Materialist Science». *Explore, The Journal of Science and Healing* 10(5) setembro/outubro de 2014.
- Beauregard, Mario, PhD. *Brain Wars: The Scientific Battle Over the Existence of the Mind and the Proof that Will Change the Way We Live Our Lives* (Harper One, 2013).
- Bednarik, Robert. «The Nature of Australian Pleistocene Rock Art». Congresso IFRAO, setembro de 2010 (simpósio).
- . *Rock Art Science: The Scientific Study of Palaeoart* (Nova Deli: Aryan Books International, 2007).

- Bergland, Christopher. «Alpha Brain Waves Boost Creativity and Reduce Depression», *Psychology Today* www.psychologytoday.com/blog/theathletes-way/201504/alpha-brain-waves-boost-creativity-and-reducedepression, abril de 2015.
- Borjigin, Jimo, PhD. «Electrical Signatures of Consciousness in the Dying Brain», Proceedings of the National Academy of Sciences, The University of Michigan, agosto de 2013.
- «Brainwave Entrainment to External Rhythmic Stimuli: Interdisciplinary Research and Clinical Perspectives», Stanford Center for Computer Research in Music and Acoustics, 13 de maio de 2006.
- «Brainwaves and Consciousness», www.hirnwellen-und-bewusstsein.de/brainaves_1.html.
- Britton, Willoughby e Richard Bootzin. «Near-Death Experiences and the Temporal Lobe», Universidade do Arizona, Departamento de Psicologia, 2004.
- Bukhman, E. V., S. G. Gershman, V. D. Svet e G. N. Yakovenko. «Spectral Analysis of Acoustic Vibrations on the Surface of the Human Body», Andreev Acoustics Institute, Russian Academy of Sciences, ul. Shvernika 4, Moscovo, 117036 Russia_1993, www.zainea.com/humanvibrations.htm.
- Cahn, B. Rael e John Polich. «Meditation States and Traits: EEG, ERP, and Neuroimaging Studies», *The American Psychological Association Vol. 132, N.º 2* (2006).
- Cahn, B. Rael, Arnaud Delorme e John Polich. «Occipital Gamma Activation During Vipassana Meditation», U.S. National Library of Medicine National Institutes of Health, 2009.
- Chalmers, David. «Consciousness and its Place in Nature». In: S. Stich e F. Warfield (eds.), *The Blackwell Guide to Philosophy of Mind*, 2003.
- Christian, Sandra Rozen, MEd. *Marital Satisfaction and Stability Following a Near-Death Experience of One of the Marital Partners* (Universidade do Norte do Texas, 2005).

- «The Close Reading of Poetry», University of Victoria, British Columbia, http://web.uvic.ca/~englblog/closerreading/?page_id=122.
- Daw, Nigel. *How Vision Works: The Physiological Mechanisms Behind What We See* (Oxford University Press, 2012).
- Errede, Steven. «The Human Ear: Hearing, Sound Intensity and Loudness Levels», https://courses.physics.illinois.edu/phys406/lecture_notes/p406pom_lecture_notes/p406pom_lect.5.pdf. Departamento de Física, Universidade de Illinois em Urbana-Champaign, Illinois, 2002-2015.
- «Everything in Life is Vibration», *Altered States*, <http://altered-states.net/barry/newsletter463>.
- Fodor, Jerry. *The Mind Doesn't Work That Way: The Scope and Limits of Computational Psychology* (Cambridge, Mass.: MIT Press, 2000).
- Foster, K. R. «Thermal and Nonthermal Mechanisms of Interaction of Radio-Frequency Energy With Biological Systems», *IEEE Transactions on Plasma Science* Vol. 28, N.º 1 (fevereiro de 2000).
- Fraccaso, Cheryl. «Electromagnetic Aftereffects of Near Death Experiences», *Journal of Transpersonal Research* (2012).
- Freeman, Lyn, PhD. *Mosby's Complementary & Alternative Medicine: A Research-Based Approach* (Elsevier Health Sciences, 2008).
- Gilmore, Grover C. «Age Effects in Coding Tasks: Componential Analysis and Test of the Sensory Deficit Hypotesis», *Psychology and Aging* (2006).
- Goodman, R. e M. Blank. «Insights Into Electromagnetic Interaction Mechanisms», *Journal of Cellular Physiology* (2002).
- Greyson, Bruce, Janice Miner-Holden e Debbie James. *The Handbook of Near-Death Experiences: Thirty Years of Investigation* (Praeger, 2009).
- Guthrie, Russell Dale. *The Nature of Paleolithic Art* (University of Chicago Press, 2005).

«The Harp», Iowa State University,
www.music.iastate.edu/antiqua/harp.htm.

«The Harp Blog», www.celticharper.com/harpblog/.

«Harp Therapy at the Bedside», *Harp Therapy Journal*,
www.harptherapyjournal.com/.

Henderson, Tom. «The Anatomy of the Eye», The Physics Classroom, julho de 2011.

Henshilwood, C. S., *et al.* «Emergence of Modern Human Behaviour: Middle Stone Age Engravings from Sout Africa», *Science* 295 (5558).

«How Do We Hear», National Institute of Health, National Institute on Deafness and Other Communication, abril de 2014.

«How Hearing Works», Hearing Health Foundation (Nova Iorque, Nova Iorque) <http://hearinghealthfoundation.org/how-hearing-works>.

«How the Power of Frequency Can Heal Disease», *Conscious Life News*, dezembro de 2012, <http://consciouslifeneeds.com/power-frequency-heal-diseases/1144786>.

«How Vision Works», *Brain Fitness News* (Posit Science, São Francisco, Califórnia), www.brainhq.com/brain-resources/brain-facts-myths/how-vision-works.

«How We Hear», Universidade da Carolina do Sul,
www.sc.edu/ehs/modules/Noise/hearing.htm.

«How We See», NIH National Eye Institute, National Institute of Health, Information Office (Bethesda, Maryland),
<https://nei.nih.gov/healthyeyes/howweseesee>.

Hrushovski, Benjamin. «The Meaning of Sound Patterns in Poetry: An Interaction Theory. Hyperphysics.phy-astr.gsu.edu/hbase/mod3/html.

Inan, Omar. «Interactions of Electromagnetic Waves With Biological Tissues», Stanford University, 2005.

Jung, Carl. *Synchronicity: An Acausal Connecting Principle* (1952).

Knoblauch, H. e I. Schmied. «Different Kinds of Near-Death Experience: A Report on a Survey of Near-Death Experiences in

Germany», *Journal of Near-Death Studies* 20(1) (2001): 15-29.

Kotsos, Tania. «Brain Waves and the Deeper States of Consciousness», www.mind-your-reality.com/brain_waves.html.

Langer, Ellen. *Mindfulness* (Da Capo Lifelong Books, 2014).

Liou, Stephanie. «Meditation and HD», Stanford University, 2010.

Livio, Mario. *The Golden Ratio: The Story of PHI, the Worlds Most Astonishing Number* (Broadway Books, 2008).

Long, Jeffrey e Paul Perry. *Evidence of the Afterlife: The Science of Near-Death Experiences* (HarperCollins Publishers, 2009).

Mackintosh, Nicholas. *IQ and Human Intelligence* (Oxford University Press, 2011).

«Magic Sounds of Peru's Ancient Chavín de Huántar», *Popular Archeology* (fevereiro de 2012).

Massoudian Nouri, Farnoosh, MEd, LPC-S, «Electromagnetic Aftereffects of Near Death Experiences», Universidade do Norte do Texas, 2008.

«Meet Your Brainwaves — Introducing Alpha, Beta, Theta, Delta and Gamma», www.finer minds.com/mind-power/brain-waves/.

Moody, Raymond, MD, PhD. *Life After Life* (HarperCollins, 1975).

Muzzolini, A. «New Data in Saharan Rock Art 1995-1999». In P. Bahn e A. Fossati, *Rock Art Studies: News of the World* (Oxbow Books, 2003).

Nave, C. R. «The Interaction of Radiation with Matter/HyperPhysics», Universidade do Estado da Geórgia, Departamento de Física e Astronomia, 2014.

«New Age Music», Sam Houston State University School of Music, Huntsville, Texas.

Oghalai, John S., MD. «Hearing and Hair Cells», Departamento de Otorrinolaringologia e Ciências da Comunicação, Baylor College of Medicine, Houston, Texas, dezembro de 1997.

Pappas, Stephanie. «Sound Illusions: Eerie Echoes May Have Inspired Prehistoric Cave Art», *Live Science* (outubro de 2014).

Petroff, PhD, Emily. «Cosmic Radio Burst Caught Red-Handed», Swindburne University of Technology, janeiro de 2015.

- Pew, Alan. «The Significance of the Near-Death Experience in Western Cultural Traditions», Universidade do Estado da Califórnia, 1999.
- «The Poet as Shaman: Language, Nature, and Art in Transformation». *The Waters of Hermes: A Journal of Poetry, Imagination and Traditional Wisdom Vol. 4* (2004), www.academia.edu/3171431/The_Poet_as_Shaman_Language_Nature_and_Art_in_Transformation_.
- Pollan, Michael, «The Trip Treatment», *The New Yorker* (1 de fevereiro de 2015).
- Press, Lily Ann Cascio, «From Iconography to Opacity: The Harp's Mythological Origins And Modern Neglect», Haverford College, 23 de abril de 2009.
- Radin, Dean, *The Conscious Universe: The Scientific Truth of Psychic Phenomena* (HarperCollins, 2010).
- Reimer, David. *Count Like an Egyptian: A Hands-on Introduction to Ancient Mathematics* (Princeton University Press, 2014).
- Ring, Kenneth, PhD. *Heading Toward Omega: In Search of the Meaning of the Near-Death Experience* (Harper Perennial, 1986).
- Ring, Kenneth, PhD, B. S. Rosing e J. Christopher. «The Omega Project: An Empirical Study of the NDE-Prone Personality», *Journal of Near Death Studies* (1980).
- Rogers, Buck. «The Bizarre Electromagnetic Aftereffects of Near Death Experiences», *Waking Times* (novembro de 2014).
- «Roman Jakobson: Language and Poetry», Duke University Press, *Poetics Today Vol. 2, N.º 1a*, (outono de 1980).
- Rubik, Beverly, PhD. «Measurment of the Human Biofield and other Energetic Instruments», Foundation for Alternative and Integrative Medicine.
- Schwan, H. P. «Dielectric Properties of Biological Tissue and Biophysical Mechanisms of Electromagnetic-Field Interaction», Departamento de Bioengenharia/D3, Universidade da Pensilvânia, julho de 2009.

- Sheehy Hoover, Joanne. «Making Prehistoric Music», Serviço Nacional de Parques, Programa de Arqueologia do Departamento do Interior dos EUA, inverno de 2004-2005.
- Sheldrake, Rupert. «Morphic Resonance and Morphic Fields: An Introduction», fevereiro de 2005, www.sheldrake.org/articles&papers/papers/morphic/morphic_intro.html.
- Sheldrake, Rupert. *The Presence of the Past: Morphic Resonance and the Memory of Nature* (Park Street Press, 2012).
- Skinner, Stephen. *Sacred Geometry Deciphering the Code* (Sterling, 2009).
- «Sound Devices Used in Poetry», Santa Monica College, http://homepage.smc.edu/meeks_christopher/SOUND%20DEVICE%20USED%20IN%20POETRY.htm.
- Steiner, Rudolf. *The Fourth Dimension (Sacred Geometry, Alchemy and Mathematics)* (Anthroposophic Press, 2001).
- White, Randall. *Prehistoric Art. The Symbolic Journey of Humankind*. (Nova Iorque: Harry N. Abrams, 2003).
- Whitley, David. *Introduction to Rock Art Research* (Walnut Creek, Calif., Left Coast Press, 2005).
- Williams, Brian. «A Glimpse into the Meditating Brain», Universidade do Novo México, 2009.
- Wise, Anna. *The High-Performance Mind* (Tarcher, 1997).
- Valladas, H., et al. «Evolution of Prehistoric Cave Art», *Nature* 413 (2001): 479.